

Coração Apaixonado

Um policial.

Uma psicopata.

A obsessão de um homem pela mulher que destruiu sua vida.



CHELSEA CAIN

Autora de CORAÇÃO FERIDO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CHELSEA CAIN

*Coração
Apixonado*

Tradução
Angela Pessoa



Copyright © 2008 by Verite, Inc.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORIA OBJETIVA LTDA. Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original

Sweetheart

Capa

Pronto Design sobre design original de David Baldeosingh Rotstein

Imagens de capa

Alexey Tkachenko/iStochphoto

dandanian/iStochphoto

Revisão

Diogo Henriques

Regiane Winarski

Lilia Zanetti

Conversão para e-book

Abreu's System



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C136c

Cain, Chelsea

Coração apaixonado [recurso eletrônico] / Chelsea Cain ; tradução Angela Pessoa. - Rio de Janeiro :
Objetiva, 2012.

recurso digital (Gretchen Lowell, 2)

Tradução de: *Sweetheart*

Formato: e-Pub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Sequência de: *Coração ferido*

Continua com: *Coração maligno*

305p. ISBN 978-85-8105-058-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. I. Pessoa, Angela. II. Título. . III. Série.

11-8273. CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

*Para a Village Books, em Bellingham, Washington,
por me receber quando criança
e permitir que eu me sentasse por horas lendo livros
em todas aquelas noites frias de inverno.
São vocês os culpados disto.*

Forest Park era lindo no verão. Mal se via o céu cinzento de Portland para além do teto de choupos, abetos e bordos que filtravam a luz, até convertê-la em um verde-claro trêmulo. Uma leve brisa acariciava as folhas. Ipomeias e heras escalavam os troncos das árvores recobertos de musgo e sufocavam as amoras silvestres e samambaias, uma profusão de trepadeiras rastejantes que se amontoava até a altura da cintura de cada um dos lados do caminho apertado e sujo. O riacho sussurrava e se agitava, pássaros cantavam. Tudo era adorável, como se saído das páginas de *Walden, ou A vida nos bosques*, a não ser pelo cadáver.

A mulher estava morta fazia algum tempo. Seu crânio estava exposto; o couro cabeludo havia sido repuxado para trás, um tufo de cabelos vermelhos separado do alto da testa por vários centímetros. Animais haviam devorado o rosto, expondo os olhos e o cérebro às forças da putrefação. O nariz desaparecera, revelando a fenda ossuda triangular embaixo dele; as cavidades oculares eram taças de gordura pegajosa, parecendo sabão. A pele do pescoço e das orelhas achava-se empolada e grossa, repuxada para trás em tiras que emolduravam aquela horrível caveira, a boca aberta como um esqueleto de Dia das Bruxas.

— Você está aí?

Archie tornou a prestar atenção no celular, que mantinha colado ao ouvido.

— Estou.

— Quer que eu te espere para jantar?

Ele olhou de relance para a mulher morta, sua mente já trabalhando no caso. Podia ser uma overdose. Podia ser assassinato. Ela podia ter caído da roda de um 747. Archie vira essa última hipótese em um episódio de *Law & Order*.

— Acho que não — disse ao telefone.

Percebeu a preocupação familiar na voz de Debbie. Ele vinha se saindo bem. Reduzira o consumo de analgésicos, ganhara um pouco de peso. Mas tanto ele quanto Debbie sabiam que tudo aquilo era muito frágil. Na maioria das vezes, ele fingia. Fingia que vivia, que respirava, que trabalhava; fingia que ficaria bem. Isso parecia ajudar as pessoas que amava. O que não era pouca coisa. Podia fazer ao menos isso por elas.

— Vê se come alguma coisa — disse ela com um suspiro.

— Vou beliscar alguma coisa com o Henry.

Archie desligou o celular e o deixou cair dentro do bolso do casaco. Seus dedos tocaram a caixa de comprimidos de metal, também em seu bolso, e demoraram-se ali um instante. Mais de dois anos e meio haviam se passado desde o seu suplício. Só retornara da licença médica havia poucos meses. Tempo suficiente para capturar seu segundo *serial killer*. Estava pensando em mandar fazer cartões profissionais com os dizeres: ESPECIALISTA NA CAPTURA DE SERIAL KILLERS. Talvez gravados em relevo. Sua cabeça doía e ele instintivamente abriu a tampa da caixa de comprimidos, então relaxou os dedos, retirou a mão de dentro do bolso e passou-a pelos cabelos. Não. Não naquele instante.

Agachou-se ao lado de Lorenzo Robbins, que estava sentado sobre os calcanhares a alguns centímetros do corpo, as tranças rastafári escondidas sob o capuz do casaco branco impermeável. Os seixos do leito do riacho estavam escorregadios do musgo.

— Era sua mulher? — perguntou Robbins.

Archie retirou do outro bolso um pequeno caderno de notas e uma caneta. Um clarão explodiu quando o fotógrafo criminalista bateu uma foto atrás deles.

— Minha ex-mulher.

— Vocês ainda são próximos?

Archie desenhou a silhueta da mulher em seu caderno de notas. Sinalizou as árvores próximas, o riacho mais abaixo.

— Moramos juntos.

— Ah.

O flash espocou novamente.

— É uma longa história — disse Archie, esfregando os olhos com uma das mãos.

Robbins usou um par de fórceps para erguer o couro cabeludo solto da mulher, a fim de dar uma espiada por baixo dele. Quando o fez, dezenas de formigas negras percorreram o crânio apressadas e penetraram no tecido em decomposição no interior da cavidade nasal.

— Passaram cachorros por aqui.

— Selvagens? — perguntou Archie, virando-se para examinar a densa floresta circundante. Forest Park possuía 20 quilômetros quadrados e era o maior parque florestal urbano do país. Alguns de seus trechos eram isolados; outros, apinhados. A área onde o corpo fora encontrado ficava na parte mais baixa do parque, frequentada por um fluxo constante de corredores, pedestres e ciclistas. Várias casas eram visíveis até o alto da encosta.

— Domésticos, provavelmente — disse Robbins. Ele virou-se e apontou o polegar coberto por uma luva de látex na direção do alto da encosta. — Do jeito que o corpo veio parar aqui, atrás dos arbustos, não dá pra ver lá da trilha. As pessoas passam correndo com os cachorros fora da coleira. O Sparky se enfia aqui e arranca um naco da bochecha do cadáver. — Ele olhou na direção do corpo e deu de ombros. — O dono acha que o cão achou um pássaro morto, ou o que quer que seja, e deixa ele farejar um pouco ao redor. E aí eles continuam a correr.

— Você está dizendo que ela foi devorada por *pugs*?

— Ao longo do tempo. Em algumas semanas.

Archie balançou a cabeça.

— Legal.

Robbins ergueu uma sobrancelha à medida que tornava a olhar para o caminho.

— É estranho que ninguém tenha sentido o cheiro.

— Houve um vazamento de esgoto — disse Archie. — Uma das casas no alto da encosta.

A sobrancelha ergueu-se mais alguns milímetros.

— Por duas semanas?

Archie desenhcou a pista de caminhada na página de seu caderno de notas. Estaria cerca de 12 metros acima, em seu ponto mais próximo. Então fazia a curva e se afastava em direção ao alto da encosta, penetrando mais fundo na floresta.

— As pessoas racionalizam.

— Você acha que ela era prostituta?

— Por causa dos sapatos? — A mulher ainda calçava um deles, com salto alto de resina transparente. Eles haviam encontrado o outro aninhado em musgo, sob uma samambaia, alguns metros adiante. — Talvez. Talvez fosse uma menina estilosa de 13 anos. É difícil dizer. — Archie olhou para a boca arreganhada, os dentes perfeitos e brancos contrastando com o monte de sangue e cartilagem ao redor. — Os dentes são bonitos.

— É — Robbins concordou baixinho. — Os dentes são bonitos.

Archie observava enquanto seu companheiro, Henry Sobol, descia a encosta devagar, hesitante. Henry vestia jeans preto, camiseta preta e jaqueta de couro preta, apesar do calor. Mantinha os olhos baixos, os lábios apertados em sinal de concentração, os braços estendidos em busca de equilíbrio. Com os braços esticados e a cabeça raspada, parecia um homem forte de circo. Caminhava na diagonal, tentando refazer as pegadas de Archie, mas seus pés eram maiores que os de Archie e a cada passo lançava respingos de lama e fazia pequenas pedras rolarem barranco abaixo. Acima deles, na encosta, Archie viu que várias pessoas haviam parado para observar, os rostos ansiosos. Um mendigo à procura de um local para montar acampamento encontrara o corpo e ligara para a polícia de uma loja de conveniência a alguns quarteirões do parque. Encontrara-se com o primeiro policial que respondera ao chamado e o levara até o lugar, onde o policial imediatamente perdera o equilíbrio na terra pouco firme e escorregara encosta abaixo, caindo dentro do riacho, deturpando a cena do crime e quase quebrando a perna. Seria preciso esperar pelos resultados da autópsia até para saber se o que tinham ali era mesmo um homicídio.

Henry chegou lá embaixo, piscou para Archie e então girou e acenou alegremente para o alto. Os policiais no topo da encosta voltaram ao trabalho, isolando a cena do crime e mantendo a distância o crescente grupo de caminhantes e corredores com roupas de ginástica.

Henry alisou pensativamente o bigode grisalho com o polegar e o indicador e se inclinou para a frente a fim de examinar o corpo, deixando escapar uma careta de reflexão. Então foi direto ao assunto.

— O que será que a matou? — perguntou.

Robbins enfiou uma das mãos inchadas e mosqueadas da mulher em um saco e prendeu-o com uma pinça. Trabalhou com cuidado, como se ela tivesse pegado no sono e ele não quisesse acordá-la. Os dedos achavam-se retorcidos, empolados e inchados, e a base das unhas, enegrecidas, mas a mão ainda era reconhecível, embora as impressões digitais provavelmente não pudessem ser colhidas. A outra, semicoberta de terra e musgo, fervilhava de besouros.

— Sei lá — disse Robbins.

— Ela morreu aqui? — perguntou Henry.

— É difícil dizer até sabermos o que a matou — respondeu Robbins. Ele ergueu os olhos na direção de Henry. — Você encera a cabeça ou ela sempre brilha assim mesmo?

Archie sorriu. Henry desafiara Robbins no campeonato de *softball* da polícia naquela primavera. Desde então, era sempre assim.

— Eu só perguntei — respondeu Henry.

— Pergunta depois da autópsia — resmungou Robbins.

Ele pegou mais um saco e o balançou no ar, em seguida ergueu gentilmente a outra mão da mulher a fim de fazê-la deslizar para dentro do saco. Os besouros se espalharam e Henry deu um pequeno passo para trás.

Archie fez uma anotação em seu caderno. Fazia 13 anos desde que eles haviam investigado outra garota morta naquele parque, o que os colocara no encalço da Beleza Mortal. Eles não sabiam, na ocasião, que aquilo se transformaria em uma profissão. Ou que Archie se tornaria uma de suas vítimas.

— Ei! — gritou uma voz do alto da encosta.

Henry olhou para o alto, na direção da pista, onde Claire Masland acenava, pedindo-lhes que voltassem ao topo da encosta. Henry colocou as mãos nos quadris.

— Vocês devem estar de brincadeira — disse a Archie.

Claire gesticulou novamente. Dessa vez, com todo o braço.

— Eu vou primeiro — disse Archie. Olhou de relance para trás, na direção de Henry, e acrescentou: — Assim, se você cair, não derruba nós dois.

— Ra, ra — disse Henry.

— O que você achou? — Archie perguntou a Claire quando alcançaram a trilha. Claire era baixa e angulosa, e usava cabelo bem curto. Vestia camiseta listrada e jeans. Seu distintivo dourado estava preso à cintura, junto com o celular, o revólver em um coldre de couro e um par de óculos de sol vermelhos de plástico, alegremente enganchados em um passador. Ela inclinou a cabeça na direção de um policial jovem e uniformizado, coberto de lama.

— Este é o agente Bennett — disse. — O primeiro que chegou ao local.

Bennett parecia um garoto, alto, com cara de bebê e uma ligeira papada, que pressionava irritantemente o pescoço mirrado. Andava todo encolhido.

— Sinto muito — disse ele.

— Mostre a eles — pediu Claire.

Bennett suspirou abatido e deu meia-volta. Mergulhara de cabeça no barranco; seu uniforme estava sujo de lama e ainda tinha pequenos tufos de mato grudados na camisa.

Tanto Henry quanto Archie inclinaram-se para a frente para ver melhor. Presa à omoplata de Bennett, em meio às sementes de samambaia, às partículas de musgo e à lama, havia uma pista inequívoca.

Henry olhou para Archie.

— Isso pode ser cabelo humano — disse.

— Quando vocêêê... caiu, não teve nenhum contato com o corpo? — perguntou Archie a Bennett.

A coluna de Bennett se enrijeceu.

— Não, pelo amor de Deus, senhor. Eu juro.

— Ele deve ter catado isso na descida — disse Henry.

Archie retirou do bolso uma pequena lanterna preta e acendeu-a ao longo do comprimento do fio de cabelo vermelho. Continuou a segurá-la para que Henry o examinasse. Havia uma minúscula massa de tecido na base do fio.

— É um fragmento de couro cabeludo — disse Archie.

Bennett girou rápido a cabeça, os olhos arregalados.

— Tirem isso de cima de mim — implorou. — Tirem isso, ok?

— Calma, garoto — disse Henry.

Claire, que era uns bons 30 centímetros mais baixa que Bennett, estendeu as mãos para o alto, recolheu o fio de cabelo e o deixou cair dentro de um saco de provas.

Archie chamou um técnico da perícia.

— Ponha todas as roupas dele dentro de um saco. Meias, tudo.

— Mas o que eu vou vestir? — perguntou Bennett enquanto o técnico o afastava do grupo.

Claire voltou-se para Archie e Henry. A trilha onde se encontravam possuía cerca de 90 centímetros de largura e projetava-se inquietantemente para fora da encosta. O isolamento da base posterior havia sido rompido para dar passagem às cinquentonas, a fim de que elas não precisassem voltar por um quilômetro e meio dentro da mata e acabassem perdendo os compromissos da tarde no spa. Um labrador chocolate saltava em meio à folhagem na encosta enquanto o dono, de shorts de brim, botas de caminhada e óculos de sol espelhados, passava sem nem dar bola para o movimento na base do barranco.

— E então? — perguntou Claire.

— Ferimento na cabeça — disse Archie.

— Isso aí — disse Henry.

— Talvez ela tenha caído — especulou Claire. — Que nem naquela série, *T.J. Hooker*. Bateu a cabeça em uma pedra.

— Ou talvez a pedra tenha atingido ela — disse Henry.

— Ou — disse Archie — talvez o Sparky tenha se arrastado até lá embaixo, enfiado o focinho no nosso cadáver e o fio de cabelo tenha caído da língua dele no caminho de volta até o aterro aqui em cima.

Tanto Claire quanto Henry olharam para Archie.

— Sparky? — perguntou Henry.

— Isso é muito nojento — disse Claire.

2

Susan Ward sentiu-se mal do estômago. Talvez fossem os nervos. Talvez fosse o calor. Talvez fosse a nuvem tóxica de fumaça de cigarro no bar.

— Quer outra bebida? — perguntou Quentin Parker. Parker era repórter criminalista do *Herald* desde que o mundo era mundo. Susan não sabia se ele já começara alcoólatra ou se aquilo tinha a ver com o trabalho.

— Alguma coisa com um guarda-chuva dessa vez? — perguntou ele.

Parker estava bebendo Wild Turkey. Sem gelo. A garçonete o servira antes mesmo que sentassem.

Susan ignorou o comentário irônico sobre o guarda-chuva e tirou um cigarro do maço que havia colocado sobre a mesa.

— Vou só fumar — disse ela, inspecionando o bar. Parker sugerira o local. Ficava no centro da cidade, fácil de chegar saindo do jornal. Susan nunca ouvira falar do lugar, mas Parker parecia conhecer todo mundo ali. Ele conhecia muita gente em muitos bares.

O bar era pequeno, de modo que Susan conseguia ficar de olho na porta a fim de esperar a chegada do homem que deveriam encontrar. Parker arranjara o encontro. Susan em geral trabalhava com o editor de reportagens especiais, mas aquela era uma matéria de polícia, e polícia era com Parker. Vinha tentando conseguir aquele encontro havia dois meses. Parker o marcara com um telefonema. Mas a história inteira havia sido assim. Sem a ajuda de ninguém, ela estava prestes a dizimar a carreira de um político respeitado. A maior parte do pessoal no *Herald* votara no sujeito. Susan votara nele. Teria retirado seu voto naquele instante se pudesse.

— Eu podia ter vindo sozinha — disse Susan.

— Ele não conhece você — disse Parker. — E eu gosto de ajudar. — Ele estava brincando, claro. Generosidade não era a palavra que vinha à mente

quando se pensava em Quentin Parker. Hostil? Sim. Sexista? Sim. Um texto do cacete? Sim. Bêbado? Com certeza.

Quase todo mundo o considerava um babaca.

Mas por alguma razão, desde aquele primeiro dia no jornal, havia dois anos, Parker protegia Susan. Ela não sabia por quê. Talvez ele tivesse gostado de sua língua afiada. Ou das roupas inadequadas. Ou da cor de seu cabelo, qualquer que fosse ela na ocasião. Não tinha importância. Ela se jogaria na frente de um caminhão por ele, e tinha absoluta certeza de que, a não ser que estivesse ocupado com bebida ou uma informação quente, ele faria o mesmo por ela.

Susan correu os olhos pelo bar de novo. Parker havia feito uma boa escolha. Havia pouca chance de que alguém visse os três juntos. A decoração era vagamente marítima: a roda do leme de um barco velho na parede, uma âncora pendurada acima do bar. O *barman* parecia ter uns 110 anos, e a garçonete não parecia muito mais jovem. A única coisa comestível no lugar era pipoca. O bar fedia a pipoca. Mas era escuro e decente, o que era mais do que se poderia dizer do exterior. Susan puxou sua camiseta preta. Trazia no peito os dizeres TÔ SENTINDO CHEIRO DE CASCATA em letra manuscrita, e as letras tendiam a grudar na pele quando ela suava.

A porta do bar se abriu e um retângulo de luz ofuscante invadiu a escuridão, transformando a atmosfera enfumaçada e asfíxiante do lugar em belos redemoinhos de névoa cancerígena. O estômago de Susan contraiu-se. Um homem de meia-idade entrou, vestindo terno e brincando com um BlackBerry. Era gordo, ainda que nem de longe tão gordo quanto Parker, e usava um par de óculos retangular moderno demais para ele. Susan virou-se para Parker.

— Esconda os objetos de valor — sussurrou Parker, apanhando um punhado de pipoca da tigela diante deles.

— Tem certeza de que é ele? — perguntou Susan, puxando a camiseta.

Parker soltou uma gargalhada, um riso rápido que soou como um arquejo. Ergueu a mão cheia de pipoca até a boca e começou a mastigar.

— Trinta anos cobrindo polícia — disse ele de boca cheia. — A gente conhece um monte de advogados.

— Aqui — disse Parker, indicando o caminho ao advogado com a mão engordurada de pipoca.

O advogado sentou-se. De perto, parecia dez anos mais velho.

— Parker — disse ele com um aceno de cabeça. Então olhou para Susan. Nos dois lados de seus óculos estava escrito Prada, em letras grandes. — É ela? — perguntou.

— Nossa Brenda Starr¹ — disse Parker, ainda mastigando. Ele forçou um sorriso, os dentes amarelos pequenos e brilhantes luzindo na penumbra do bar. — Essa garota me faz bem ao coração, o jeito como correu atrás do seu menino.

— Meu menino — disse o advogado — é um senador em pleno exercício do mandato.

Parker ergueu outro punhado de pipocas.

— Não por muito tempo — disse, em meio ao sorriso.

Susan deu uma tragada em seu cigarro e tateou o pequeno gravador digital que escondera no colo, para certificar-se de que estava ligado. O aparelho vibrou sob a ponta de seus dedos e ela imediatamente se sentiu mais tranquila. Atrás do advogado, um jovem usando boné de beisebol vermelho entrou no bar e se sentou sozinho.

O advogado enxugou a camada de suor brilhante em sua testa.

— Então o *Herald* vai dar a matéria?

— O senador Castle vai querer falar? — perguntou Parker. Ele ergueu a mão fechada e deixou cair algumas sementes de milho de pipoca na boca aberta.

— Ele nega tudo — disse o advogado.

Susan riu.

O advogado empurrou os óculos Prada para o alto do nariz.

— Vocês vão ter sorte se conseguirem que alguém fale na matéria — disse ele, com o rosto ficando vermelho.

Susan jurou ali mesmo que acabaria com John Castle e com os filhos da puta que o haviam protegido durante todos aqueles anos. Castle era idolatrado pelo que fizera pelo estado. Mas depois de quinta-feira, as pessoas o veriam pelo que era, um esturpador, manipulador, chantagista e impostor. Ela apagou o que restava do cigarro no cinzeiro de plástico preto sobre a mesa.

— Ele nega? — perguntou. — Ele trepou com a babá dos filhos dele e fez um esforço enorme para encobrir, inclusive subornando a mulher. — Ela puxou outro cigarro do maço e o acendeu com um isqueiro de plástico. Susan fumava apenas quando estava nervosa. Mas o advogado não sabia disso. —

Passei dois meses atrás dessa matéria — disse. — Tenho a Molly Palmer falando. Tenho entrevistas com gente que era amiga dela, e que confirmam a versão da Molly para a história. Tenho extratos bancários que provam que saiu dinheiro do seu escritório para a conta dela.

— A srta. Palmer era nossa estagiária — disse o advogado, estendendo as mãos em um gesto inocente.

— Por um trimestre — disse Susan. Deu uma tragada no cigarro, inclinou a cabeça para trás e exalou a fumaça. Não tinha pressa, pois sabia que ele estava em suas mãos. — O escritório continuou a pagá-la por cinco anos.

O canto da boca do advogado se contorceu.

— Deve ter havido algum erro administrativo — disse ele.

Susan gostaria de lhe arrancar o sorriso falso do rosto com uma cotovelada. Por que ele se dera o trabalho de aparecer? Um desmentido poderia ter sido comunicado por telefone.

— Isso é papo furado — disse ela.

O advogado levantou-se e olhou Susan de cima a baixo. Tendo a aparência que tinha, Susan estava acostumada. Mas, vindo daquele sujeito, isso a deixou meio irritada.

— Quantos anos você tem? — perguntou ele. — Vinte e cinco? — Ele deu-lhe um tapinha na cabeça. — Você acha que o povo desse estado vai permitir que uma garota de cabelo azul e com uma espécie de bandeira política derrube um senador querido, com cinco mandatos nas costas? — Ele pôs o rosto bem diante do dela, tão perto que ela sentiu o perfume de sua loção pós-barba. — Mesmo que você publique a matéria, não vai dar em nada. E você não vai publicar. Porque se o *Herald* for atrás dessa história, eu processo você. — Apontou o dedo na direção de Parker. — E você. — Ele empurrou os óculos para o alto do nariz uma última vez e afastou-se da mesa. — O senador nega todas as acusações — disse. — Fora isso, não tem nada a dizer. — Ele girou e pôs-se a caminho da porta.

— Tenho 28 anos — gritou Susan atrás dele. — E meu cabelo é Turquesa Atômica.

Parker levou seu copo de uísque à boca.

— Acho que correu tudo bem — disse.

— Sim — disse Susan. — Eles estão tremendo nas bases.

— Confia em mim — disse Parker. Ele retirou um palito de dentes de um prato sobre a mesa e cutucou um pedaço de pipoca que estava preso entre os dentes, a papada balançando.

Susan nunca o amara tanto.

Ele olhou para ela e piscou.

— Eles estão se borrando de medo — disse.

Susan achou que o rosto dele estava rubro de orgulho.

Mas talvez fosse só o uísque.

[1](#) Jornalista glamorosa, personagem de histórias em quadrinhos criada por Dale Messick em 1940. (N. da T.)

3

Archie estava parado na porta da frente, as chaves na mão. No ano e meio em que ele e Debbie estiveram separados, ela nunca pedira a chave da casa de volta, e ele nunca a devolvera. A chave permanecera em seu chaveiro o tempo todo, uma lembrança constante do que ele havia perdido. Ele estava um caco quando ela lhe pedira que fosse embora. Havia saído do hospital poucos meses antes, e ainda se achava no mais negro poço de sua recuperação. Ele não a culpava. Forçara-a a isso. Era mais fácil ficar sozinho.

Archie retirou a caixa de comprimidos do bolso, abriu-a e pegou três comprimidos brancos ovais. Segurou-os por um instante, colocou-os na boca e saboreou o já conhecido gosto amargo antes de engoli-los. Então enfiou a chave na fechadura e empurrou a porta imponente. A casa era uma construção dos anos 50, de estilo campestre e piso rebaixado, e fora restaurada pelos antigos donos. Debbie estava grávida de Sara quando a compraram. Estava muito acima das possibilidades de Archie, mas Debbie acabara de ser contratada como designer pela Nike e, assim, eles esbanjaram.

Debbie deixara aceso um abajur, que despejava um cálido semicírculo de luz no corredor escuro. Archie largou os sapatos enlameados na porta, foi até a mesa do corredor e largou as chaves ao lado do abajur. Havia uma fotografia sua, de Debbie e das crianças em um porta-retratos prateado sobre a mesa. Ele parecia feliz, mas não conseguia se lembrar de quando ou onde a foto havia sido batida.

Archie percebeu a presença de Debbie atrás dele um instante antes de ela lhe envolver a cintura com os braços.

— Oi — disse ele.

Ela apoiou o rosto sobre sua omoplata e o enlaçou.

— Foi ruim?

— Já vi coisa pior. — As palavras pairaram no ar por um minuto. Então Archie virou-se e a envolveu com os braços. Os cabelos castanhos curtos de Debbie estavam despenteados e ela usava camiseta preta e calcinha de algodão vermelha. O corpo era rijo e forte nos braços de Archie. Um corpo que ele conhecia tão bem quanto o seu próprio.

— As crianças estão bem? — perguntou ele.

Ela inclinou-se e beijou-o de leve no pescoço, logo abaixo do maxilar.

— Estão dormindo há horas — disse.

Archie levou a mão à bochecha de Debbie e examinou-lhe o rosto afetuoso e sincero, de maçãs salientes, nariz longo e afilado, salpicado de sardas. E então, um lampejo dourado, o perfume de lírios, e lá estava ela: Gretchen Lowell. Sempre no limiar de sua consciência. Archie estremeceu.

Sentiu o corpo de Debbie retesar-se sob suas mãos.

— É ela? — perguntou Debbie.

Ele pigarreou e tirou a imagem da cabeça. Afastou a mão do rosto de Debbie.

— Eu devia dormir um pouco. — Ele desejava retirar novamente os comprimidos do bolso, para tomar apenas mais um, mas não queria fazer isso na frente de Debbie. Aquilo a magoava demais.

— É difícil não vê-la? — perguntou Debbie.

Às vezes Archie perguntava-se o quanto Debbie sabia sobre seu relacionamento com Gretchen. Debbie sabia que Gretchen o assombrava. Talvez tivesse até mesmo usado a palavra “obsessão”. Mas Archie não achava que Debbie soubesse o quanto ele ultrapassara os limites.

— A gente combinou que não falaria sobre isso — disse Archie gentilmente.

Debbie fez com que Archie girasse para ficar de frente para o espelho pendurado na parede atrás da mesa.

— Olha só — disse ela, e deslizou as mãos por baixo da camisa dele, erguendo-a acima dos mamilos e mantendo-a ali. Archie hesitou, então olhou para o reflexo dos dois no espelho. Sua ex-mulher estava agarrada a ele, a cabeça apoiada no seu ombro, os olhos negros brilhando. O rosto de Archie parecia enrugado, semiescondido pela sombra do abajur. O nariz comprido, a boca assimétrica, os cabelos densos, os olhos tristes, cada uma dessas características remetia a um antepassado, fosse irlandês de cabelos escuros,

croata ou judeu. Ele permitiu-se um sorriso irônico. Deus do céu. Até seu genótipo era trágico.

Debbie correu uma das mãos até seu abdômen e tocou a longa cicatriz em cima do diafragma, onde o baço fora removido. Era sua cicatriz mais grossa, um corte feio de 15 centímetros, as marcas brancas em relevo dos pontos ainda visíveis ao redor, o que lhe conferia uma aparência particularmente frankensteiniana. O tecido cicatrizado era duro, e ele mal conseguia sentir as pontas dos dedos de Debbie roçando-o. Então ela passou para as cicatrizes menores, espalhadas pelo peito. Essas eram mais finas, o bisturi pressionado com firmeza dentro da carne mais para passar o tempo do que para infligir dor. Pareciam lâminas prateadas de grama, paralelamente dispostas, como sinais numéricos em um cartão de pontuação grotesco. Debbie passou os dedos pela protuberância levemente enrugada, que sinalizava a punhalada abaixo das costelas no lado esquerdo.

— A gente tinha um acordo — disse Archie. — Prisão perpétua em troca da localização dos corpos das vítimas. Ela fez a parte dela. Fui eu que não consegui lidar com isso. Ela não vai falar com mais ninguém, Debbie. Pensa nas duzentas pessoas que ela matou. Pensa nas famílias delas. — Ele servira-se desse discurso com frequência ao longo dos dois anos em que fora encontrar-se toda semana com Gretchen Lowell. Fazia parte da tentativa de convencer-se de que estava apenas realizando seu trabalho. Ele não acreditava mais naquilo. Perguntava-se se Debbie acreditaria.

— Cento e noventa e nove — disse Debbie. — Você era o número duzentos, Archie. E ainda está vivo.

Ela moveu a mão para o alto, para a outra cicatriz, a que começava abaixo de seu mamilo esquerdo, formava um arco por entre os pelos de seu peito e descia para voltar ao ponto de origem, formando um coração. Gretchen Lowell gravava um coração em todas as suas vítimas. Era sua assinatura. Mas as outras vítimas haviam sido cadáveres, os corações ensanguentados obscurecidos pela decomposição e uma interminável lista de torturas. Como líder da Força-Tarefa Beleza Mortal, Archie examinara os corpos e as fotos do necrotério, tendo permanecido um passo atrás por dez anos. Até que caíra na armadilha armada por Gretchen.

Ela estava infiltrada na força-tarefa havia seis semanas quando se revelou, na noite em que o drogara. Eles acharam que ela fosse uma psiquiatra oferecendo

seus conhecimentos para ajudar. Agora Archie perguntava-se se teria confiado nela com tanta rapidez se não fosse tão bonita.

A cicatriz em forma de coração era delicada, a carne nova uma tênue linha de pele clara. Era a mais bonita. Durante meses não conseguira nem olhar para ela. Agora parecia fazer parte de seu corpo, tanto quanto o coração que pulsava logo abaixo. Os dedos de Debbie a arranharam e Archie sentiu uma descarga elétrica percorrer-lhe o sistema nervoso.

Estendeu o braço e segurou a mão da mulher pelo pulso.

— Não — disse ele.

Debbie pressionou o rosto contra seu ombro.

— Ela está te matando — disse, as palavras soando baixas e abafadas pelo tecido. — Ela está nos matando.

A voz de Archie era pouco mais que um sussurro:

— Eu te amo — disse ele. Era verdade. Ele a amava e às crianças mais do que tudo. Amava-os por completo e mais um pouco. — Mas não dá para eu simplesmente esquecê-la.

Debbie olhou para o reflexo de Archie.

— Não vou permitir que ela vença.

Aquilo deixou Archie desolado. Não por ela estar preocupada com a segurança dele, mas por ela acreditar que tinha alguma chance de salvá-lo. Qualquer que fosse a porra de jogo que ele e Gretchen jogavam, era entre eles. Gretchen não se importava com Debbie porque sabia que Debbie não era uma ameaça.

— Isso não é uma disputa. — O que ele não disse foi que Gretchen já havia vencido.

Debbie olhou para ele por um minuto, sem dizer nada. E então, lenta e docemente, beijou-o na face.

— Vamos sentar um pouco — disse ela. — Assistir TV ou qualquer coisa assim.

Archie sentiu-se grato pela mudança de assunto.

— Que nem gente casada — disse ele.

Debbie sorriu.

— É.

Fingir que estava tudo normal. Archie era bom nisso.

— Vou ser o marido — disse ele. Seguiu-a até a sala de estar, justamente quando os comprimidos começaram a fazer efeito e a codeína começou a circular por seu corpo. A sensação era agradável e calorosa, repleta de promessas como um beijo.

Susan estava sentada no chão, nua diante do ventilador, e arrepios percorriam-lhe a pele sempre que o vento quente a atingia. Havia tomado um banho frio e o cabelo curto turquesa estava molhado, penteado rente à cabeça. Ela mudara o cabelo de rosa para turquesa havia apenas dois dias e seu couro cabeludo ainda ardia da tintura. Isso e o fato de que fazia 35 graus no segundo andar da casa em estilo vitoriano não a deixavam dormir. O banho ajudara. Ela tirara o cheiro de fumaça de cigarro do cabelo. Já o da pipoca cheia de manteiga de Parker, esse não saía de modo algum.

Susan olhou para o laptop branco pousado no chão ao seu lado. O rascunho final da matéria sobre Molly Palmer era para o dia seguinte. O filho da puta finalmente receberia o que merecia.

A porta do quarto se escancarou.

— Mãe! — gritou Susan.

Bliss, a mãe de Susan, pareceu surpresa. Suas longas tranças rastafári oxigenadas estavam enroladas no alto da cabeça; a túnica de algodão ondulava solta ao redor de seu corpo esbelto e musculoso, tonificado pela ioga. Ela carregava um bule de chá japonês em uma cesta de vime.

— Só vim trazer chá de menta pra você — disse ela.

Susan passou a mão pelo cabelo molhado e puxou os joelhos até o peito para esconder o corpo nu. Enquanto sua mãe tinha 50 anos com corpo de 30, Susan contava 28 com o corpo de uma garota de 15.

— Bate na porta antes. Ok? Eu não quero chá. Deve estar uns 40 graus aqui dentro.

— Vou só deixar isso aqui — disse Bliss, inclinando-se para depositar a bandeja no chão. Ergueu os olhos na direção de Susan. — Você andou comendo pipoca? — perguntou.

Susan voltara a morar com a mãe. Não era assim que descrevia a situação para quem quer que se dispusesse a escutar. Para quem escutasse, explicava que estava apenas ficando com a mãe. A palavra-chave era “ficando”, que conferia à situação um caráter temporário.

Na verdade, ela estava “ficando” em seu antigo quarto.

Aquele fora o quarto de Susan havia dez anos. Mas Bliss o transformara em sala de meditação dois minutos depois de Susan botar o pé para fora de casa, rumo à faculdade. As paredes haviam sido pintadas de tangerina, cortinas indianas adornadas com contas prateadas pendiam das janelas e esteiras de tatame cobriam o chão. Não havia cama, ou qualquer outra mobília, mas Bliss tivera a precaução de pendurar uma rede, caso viesse a necessitar de um quarto de hóspedes. Quando Susan sugeriu que poderia comprar um colchão de ar ou, talvez, um futon, Bliss explicara-lhe que um quarto da população mundial dormia em redes e que aquela era uma autêntica rede de trama tripla de Yucatan, diferente daquelas merdas de trama simples que as pessoas penduravam no quintal. Susan sabia que não adiantava discutir com Bliss. Mas não conseguia se virar sem sentir uma dor terrível na omoplata desde sua primeira noite naquela porra de rede, fosse ou não de trama tripla.

O quarto estava impregnado com o cheiro da fumaça adocicada e rançosa das varetas de incenso chinês. Ficava pior com o calor e, mesmo com as janelas abertas, o ar no segundo andar da exígua casa vitoriana era opressivo, como roupas apertadas demais. A rede proporcionava ao menos ventilação.

Susan disse a si mesma que arranjaria um apartamento assim que terminasse a reportagem sobre o relacionamento do senador com Molly Palmer. Naquele momento, a matéria vinha em primeiro lugar. Não podia perder tempo pesquisando sites de aluguel ou visitando apartamentos. A reportagem devia ter prioridade.

Susan voltou-se para o laptop e o abriu. A reportagem resplandeceu, branca, sobre a tela azul-clara. O cursor piscou. Ela começou a digitar.

Susan preferia morrer a dizer a verdade: que estava com medo de ficar sozinha. Que ainda sentia a pressão do cinto ao redor de seu pescoço. Que ainda sonhava com o Estrangulador das Escolas.

Inseriu o “nada a declarar” de Castle no segundo parágrafo da reportagem e sorriu. Não fazia muito tempo, escrevia ensaios pessoais e descrições simpáticas sobre festivais de salmão e feiras de lenhadores.

Muita coisa havia mudado nas últimas nove semanas, desde que fora encarregada de fazer um perfil do detetive Archie Sheridan à medida que este trabalhava na perseguição e captura do Estrangulador. Ela havia mudado.

Pensara em ligar para Archie dezenas de vezes nos últimos dois meses. Mas nunca o fizera. Não havia motivos para tal. O perfil fora publicado, em série. Ele enviara-lhe um bilhete gentil sobre a última reportagem a respeito do Estrangulador e lhe desejara tudo de bom. Nenhum convite para um café. Nenhum “vamos manter contato”. Ela achava que Archie tinha coisas mais importantes na cabeça.

Melhor assim. Não se apaixone por homens mais velhos e comprometidos. Era sua nova regra. E Archie Sheridan? Doze anos mais velho do que ela e apaixonado pela ex-mulher. Exatamente o seu tipo e, portanto, completamente inacessível. Além do mais, ela tinha um trabalho a fazer.

Tornou a prestar atenção na tela a sua frente.

Sua atual prioridade: expor o senador Castle como o idiota que era. O jornal se opusera a cada passo, alegando que a pauta era boato velho. Até que Susan encontrou Molly. Falava-se há anos sobre o suposto caso do senador. E vários repórteres tentaram, inclusive, localizar Molly. Molly recusara-se a conversar com todos. Mas ela e Susan tinham algo em comum. As merdas que aconteceram com ambas na infância as tornaram burras com relação aos homens.

No caso de Susan, as consequências haviam sido péssimos namorados, drogas — a se julgar que maconha era droga, o que ninguém em Portland, Oregon, fazia — e o pior tipo de exibicionismo, o jornalismo confessional. Molly acabara se saindo pior que Susan em todos os departamentos.

Talvez, pensou Susan, as duas pudessem ajudar uma à outra a sair do atoleiro.

Ou, ao menos, lidar com a situação de maneira menos estereotipada.

Susan estendeu a mão, pegou a caneca de chá que a mãe deixara e tocou a cerâmica com os lábios. Mas o chá ainda estava quente demais para beber.

Às primeiras horas da manhã, Susan ouviu o toque do telefone fixo. Sua mãe possuía o mesmo telefone de quando Susan era criança, um aparelho vermelho com disco rotativo pendurado na parede da cozinha, cujo fio estava tão

enroscado que só era possível afastar o fone da base alguns centímetros. Possuía uma campainha alta, da qual Bliss gostava, pois conseguia ouvi-la quando estava no quintal remexendo o monte de esterco ou ordenhando a cabra. Por que Bliss se importava se ia ou não ouvir, Susan não sabia, já que sua mãe quase nunca atendia ao telefone. De modo que Susan surpreendeu-se quando o telefone parou de tocar depois de alguns toques.

Ela rolou — uma manobra complicada que fez a rede balançar perigosamente — e em poucos minutos tornou a dormir, sob efeito do balanço.

Não sabia ao certo quanto tempo se passara, mas sentiu a presença da mãe a seu lado. Contorceu-se e tentou cobrir a cabeça com o cobertor. Dava para ouvir o caminhão de lixo reciclável lá fora, portanto deviam ser sete da manhã. Um saco plástico de garrafas e potes de vidro se espatifou contra o grosso fundo de metal do caminhão. Era um ruído horrível e alto, parecido com alguém quebrando o para-brisa de um carro. Susan nunca se acostumara com ele.

— Bate na porta antes — disse ela à mãe. — Está lembrada?

Bliss pressionou delicadamente o braço de Susan. A rede balançou. Alguma coisa no toque fez Susan perceber que algo estava errado. Era firme demais, preciso demais. Ela se apoiou nos cotovelos, enfiando os dedos nas tramas da rede como suporte. Bliss trazia o rosto contraído. Alguém morrera.

O coração de Susan bateu forte contra o peito. Quem? Susan pensou no repórter da editoria de Cidade com quem saíra algumas vezes havia dois meses.

— Derek? — perguntou.

Bliss alisou uma mecha do cabelo de Susan.

— Foi o Parker, querida — disse ela. — E o senador Castle. Eles estavam num carro. Ele derrapou e caiu da ponte Fremont hoje de manhã.

Susan saltou da rede com dificuldade e agachou-se, nua, no tatame embaixo dela.

— O quê?

Bliss sentou-se sobre os calcanhares descalços, encarando Susan, o rosto repleto de tristeza.

— Os dois estão mortos, querida.

— O quê? — disse Susan novamente, as palavras pouco mais que um sussurro.

— Ian ligou do jornal — disse Bliss baixinho. — Eles estão mortos.

Parker. Susan começou a dobrar-se sobre si mesma. Em um piscar de olhos, tinha 14 anos e estava no quarto de hospital com o pai, impotente, sozinha, furiosa. Afastou a solidão e a impotência e permitiu que a fúria se apoderasse dela.

— Ele MORREU? — perguntou. — O senador MORREU antes de publicarem minha matéria? Gastei dois meses nela. — Susan sentiu o rosto corar e uma sensação de formigamento surgir em seu peito. *Parker não*, pensou. *Por favor, Parker não*. — Dois meses.

Bliss apenas permaneceu sentada sobre os calcanhares no tatame, esperando.

Susan bufou em meio a uma avalanche de muco.

— O Parker morreu? — perguntou, em um fio de voz.

Sua mãe concordou com um aceno de cabeça.

Não fazia sentido. O que Parker estava fazendo em um carro com Castle? Era um engano. Ela ergueu os olhos na direção de Bliss.

Não era um engano.

Seu rosto contraiu-se.

— Merda.

Susan apertou os olhos um instante, tentando absorver as lágrimas quentes que ameaçavam rolar, então se levantou e começou a remexer numa caixa de papelão em um canto, para escolher uma roupa.

— O que você está fazendo? — perguntou Bliss.

Susan encontrou um longo vestido preto de algodão e contorceu-se até entrar dentro dele.

— Vou para lá.

— Para o jornal? — perguntou Bliss.

— Para a ponte. Vou descobrir o que aconteceu. — Ela retirou o celular da bolsa e começou a digitar um número.

Bliss pôs-se de pé, a túnica de algodão agitando-se à brisa do ventilador.

— Para quem você está ligando?

Susan secou uma lágrima com as costas do pulso e levou o telefone ao ouvido.

— Archie Sheridan — respondeu.

Ela tocou o cabelo, levando um cacho turquesa até o nariz. O cheiro de pipoca se fora.

Archie estava na ponte Fremont. Era a mais nova das dez pontes de Portland, uma pista de concreto em dois níveis, com quatro vias, construída nos anos 70, que se erguia em elevado arco sobre o rio Willamette, ligando as zonas leste e oeste da cidade. A maioria dos moradores de Portland teria como ponte favorita a Hawthorne, a Steel, a St. Johns. Poucos fariam menção à Fremont. Ela era deselegante, funcional, a tinta azul-clara se soltava do concreto cinza como pele descascando de uma queimadura de sol. Mas Archie sempre gostara dela. Para os que se dirigiam para oeste, era a melhor vista da cidade, uma ampla paisagem ao norte, ao sul e à frente, o deslumbrante horizonte do centro da cidade, as exuberantes encostas a oeste, o Forest Park, o rio serpenteando preguiçosamente rumo ao norte, tudo isso recoberto por um brilho rosado. Portland às vezes era tão linda que Archie achava que ia ter um ataque do coração só de olhar para ela.

— Feio, não é? — disse uma voz atrás dele.

Archie se virou e deu de cara com Raul Sanchez. Sanchez era um sujeito atarracado, com barba grisalha bem-cuidada, braços fortes e um rosto que parecia talhado em madeira. Usava um boné de beisebol azul-escuro onde se lia FBI em grandes letras brancas, e um impermeável com FBI em pequenas letras brancas no peito e em letras brancas grandes nas costas.

— Espera aí — disse Archie. — Você é do FBI?

Sanchez sorriu.

— Eles gostam que a gente se identifique — disse, o sotaque mexicano envolvendo delicadamente as consoantes. — Para que os civis não nos confundam com os babacas da CIA. — Ele veio para o lado de Archie. Atrás deles, na ponte a essa altura fechada, havia veículos de emergência suficientes

para encher um estacionamento, as luzes brilhando em vermelho, branco, azul e laranja.

— Olha pra isso — disse Sanchez, apontando com o queixo as luzes vermelhas piscando nas torres de celulares, que pareciam velas de aniversário erguendo-se das encostas a oeste, e os altos guindastes que sinalizavam o *boom* de condomínios e construções mistas. — Daqui a dez anos vai parecer Los Angeles. — Ele lançou a Archie um sorriso malicioso. — Os californianos estão invadindo o nosso território. Você sabe que eles são preguiçosos, né? Não aparam nem os próprios gramados.

— É o que eu ouvi falar — declarou Archie.

Sanchez enfiou as mãos nos bolsos e equilibrou-se sobre os saltos de suas botas de caubói.

— Já fazia tempo que não caía um carro da ponte — disse. As luzes coloridas dos veículos de emergência refletiam no cimento atrás dele, e ele parecia estar na pista de dança de uma boate.

— Dois em dez anos — disse Archie. — Um suicídio na Marquam. Um que derrapou na Morrison.

Sanchez olhou para o céu claro da manhã.

— Aquilo não foi derrapagem — disse.

Archie também olhou para o alto. Um enxame de helicópteros da mídia pairava sobre suas cabeças, como corvos rodeando algum bicho morrendo na mata.

— Não — concordou. Sabia o que Sanchez estava pensando. Cair com um carro de uma ponte era mais difícil do que parecia. Era preciso superar várias dezenas de barreiras da engenharia de segurança: uma proteção de cimento de um metro, uma cerca de arame. Era preciso dar muito azar. Ou tentar muito.

Claire surgiu ao seu lado. Usava jeans e uma camiseta com a foto de um buldogue. Seu cabelo curto estava enfiado em um boné de pescador.

— Susan Ward está aqui — informou. — Ela disse que ligou para você.

Archie se virou e olhou para o lado leste da ponte, onde a legião crescente de repórteres era contida pela fita de isolamento e um grupo de policiais de motocicleta.

— O carro já foi içado? — perguntou Archie a Claire.

— Já vai ser — disse ela. — Os mergulhadores precisam primeiro soltá-lo de todo o lixo que vem se acumulando lá embaixo esses anos todos.

— Ah, o cristalino Willamette — disse Sanchez.

Aquilo estava um caos. Susan nunca vira nada assim, a não ser, talvez, pela Feira Agrícola do Oregon, nos arredores de Eugene. A feira equivalia a uns 1.100 quilômetros quadrados de hippies, malabaristas de fogo e barracas de falafel; aqui, acotovelavam-se policiais, repórteres e curiosos. Mas a agitação das pessoas era a mesma. Como se aquele lugar fosse especial.

Susan havia estacionado a sete quarteirões do acesso à ponte na rua Kerby e viera caminhando. Estava usando a credencial do *Herald* em um cordão ao redor do pescoço e havia passado por três diferentes postos de controle da polícia. Era desconcertante estar a pé na ponte. Ao contrário da maioria das outras pontes em Portland, a Fremont era proibida para pedestres, a não ser uma vez por ano, quando a cidade permitia que alguns milhares de moradores a cruzassem de bicicleta. Susan, que invariavelmente se esquecia do dia da Travessia da Ponte e acabava presa no trânsito, agora entendia a atração. Havia algo de sobrenatural em estar tão acima da cidade. E aí ela pensou nos longos segundos em que o carro do senador havia estado em queda livre e seus punhos se contraíram. Parker estava morto. Agora ela tinha de se adiantar. Tinha de fazer uma coisa que contrariava todos os seus instintos jornalísticos: arriscar sua exclusiva.

Precisava contar a Archie Sheridan o que sabia.

Abriu caminho por entre as equipes de TV, todas querendo uma tomada ao vivo com a impressionante frota de veículos de emergência ao fundo. Claire a reconheceu e disse que localizaria Archie. Mas havia tanta gente que, assim que Claire se meteu no meio de todos aqueles uniformes, Susan a perdeu imediatamente de vista. Então esperou, observando os policiais, entreouvindo os outros repórteres, colhendo o máximo de informação que podia. Não conseguiu ouvir muito. Havia coisas demais acontecendo. E então ela se deu conta: não havia marcas de derrapagem. Havia gente demais, carros demais; se houvesse marcas de derrapagem, eles as teriam isolado. Estariam cercadas pela equipe de peritos. Nenhuma marca de derrapagem. Nenhuma freada.

Foi nesse instante que ela avistou Archie e endireitou-se. Ele surgiu de trás de uma van da polícia, as mãos enfiadas nos bolsos do casaco esporte, os ombros arqueados para proteger-se do frio nevoento da manhã. Seu cabelo era

um espesso emaranhado castanho, mas quando ele se aproximou, Susan observou uns poucos fios brancos que não estavam lá da última vez que o vira, dois meses antes.

— Sinto muito — disse Archie quando a alcançou. — Sei que você e o Parker eram chegados.

Susan sentiu o choro subindo pela garganta, mas engoliu as lágrimas.

— O que aconteceu? — perguntou.

Archie ergueu a fita de isolamento e Susan passou por baixo dela e seguiu Archie enquanto ele falava.

— Foi mais ou menos às cinco da manhã — explicou ele. — O carro estava indo rápido e deu uma guinada para fora no alto da ponte. — Ele apontou para o local onde faltava um grande pedaço da proteção de cimento da ponte, a barra de reforço à vista como um osso em uma fratura exposta. Uma seção de três metros da cerca de arame estava rompida e perigosamente suspensa para fora da beirada. — Dois motoristas pararam e ligaram para a emergência. A equipe de busca e resgate chegou lá embaixo em sete minutos. — Os dois pararam na borda e olharam para baixo, para a lancha da polícia e os barcos da equipe de resgate, que flutuavam no rio; um arco-íris de gasolina cintilava na superfície da água, marcando o local onde o carro afundara. — Mas os dois estavam mortos — continuou Archie. — O senador e o Parker. Retiraram os corpos há mais ou menos uma hora. — Ele virou-se e olhou para Susan, erguendo uma das sobrancelhas. — O carro era do Parker, Susan. Você sabe o que um repórter de Polícia do *Herald* estava fazendo com o dia já quase nascendo, dirigindo por aí com o principal senador do estado a tiracolo?

O estômago de Susan doía. Por que Parker não lhe contara que iria se encontrar com Castle? Nenhuma marca de derrapagem. Deus do céu.

— Susan — disse Archie, com um leve tom de advertência na voz. — Você precisa me contar agora.

Susan olhou de relance para os policiais e os repórteres à sua volta, nenhum dos quais parecia estar fazendo nada.

— Em algum lugar mais reservado — disse ela.

Archie ergueu as sobrancelhas, fez um gesto para que ela o seguisse e, depois de passar por dois carros-patrolha e duas vans da polícia, levou-a até um Crown Victoria azul-escuro, onde seu parceiro, Henry Sobol, ocupava o

assento do motorista e rabiscava em um bloco de notas. A porta do motorista estava aberta e Archie inclinou-se e declarou:

— Preciso do carro.

Henry ergueu os olhos e sorriu ao ver Susan.

— Srta. Ward — disse ele. — Você mudou o cabelo.

— A cor se chama Turquesa Atômico — disse Susan. — Pensei em Floresta Encantada, mas me pareceu um pouco punk demais.

— Você tem razão — disse Henry, saltando do carro. Ele enganchou um dos polegares na ampla fivela turquesa e prateada de seu cinto. — Turquesa é mais profissional.

Henry não perguntou por que eles precisavam do carro.

Archie abriu a porta traseira e segurou-a para Susan enquanto ela deslizava para o calor do banco azul-marinho de vinil do Crown Vic. Então entrou ao lado dela e fechou a porta.

— Ele se afogou? — perguntou Susan.

— É o que parece — disse Archie em tom gentil. — O carro afundou rápido. Trancas elétricas. Eles não conseguiram sair.

Susan pegou um tufo de cabelo azulado e começou a torcê-lo até ficar parecendo uma corda apertada.

— Preciso que esse assunto fique entre nós.

Archie olhou para ela por um momento.

— Não posso prometer isso. O caso não é meu. É do FBI. Não é nem do FBI local. Se você me contar alguma coisa que eu considere relevante para o caso, vou ser obrigado a comunicar.

Susan soltou tudo de um só fôlego.

— O senador Castle teve um caso com a babá dos filhos dele. Dez anos atrás. A garota tinha 14 anos. Ele conspirou para encobrir o caso.

— Quatorze? — perguntou Archie. — Achei que ela fosse mais velha do que isso.

Susan ficou boba.

— Você já sabia da Molly Palmer?

Archie deu de ombros.

— Eu não sabia o nome dela. Mas os rumores circulavam.

Susan sabia que houvera rumores. Houvera rumores durante anos. Mas ou ninguém acreditara neles ou ninguém quisera acreditar neles por nunca terem

sido impressos. Mas ela não sabia que a polícia sabia.

— E a polícia nunca investigou? — perguntou.

— Sempre me garantiram que não tinham fundamento — disse Archie.

Susan chutou as sandálias e dobrou as pernas sob seu corpo, ajeitando recatadamente o vestido.

— Bom, tinham fundamento. Tenho uma montanha de provas, inclusive Molly Palmer. Ela foi subornada. Subornaram uma adolescente para ficar de boca fechada. — Ela puxou o cordão com o crachá do *Herald*. — A reportagem estava programada para sair em dois dias. O Parker e eu nos encontramos ontem com o advogado do Castle para saber se ele queria falar. Ele não quis.

— Você acha que o Parker e o senador voltaram a se encontrar? — quis saber Archie.

— Não sei — disse Susan. — Talvez. Talvez o senador tenha decidido falar, no final das contas. Mas não há a menor chance de o fato de os dois estarem naquele carro não ter ligação com a história de Molly Palmer.

Archie fez que sim com a cabeça e então voltou a atenção para ela.

— Obrigado — disse. — Já ajudou bastante.

Susan sentiu seu rosto ficar cada vez mais quente.

— De nada.

Henry bateu na janela do carro, quase matando Susan de susto. Agitou os dedos na direção de Susan, em seguida apontou para Archie e então para seu relógio. Archie o viu e fez um aceno de cabeça, um gesto mínimo, quase imperceptível. Susan olhou de relance para o próprio relógio. Eram quase oito e meia.

— E Salem? — perguntou ela. Ela assistira a uma das sessões semanais de Archie e Gretchen. Aquilo ainda a atormentava.

Archie esfregou a nuca e semicerrou os olhos, como se sentisse uma dor súbita.

— Não vou mais até lá — disse ele.

Susan estava surpresa.

— Mesmo?

O rosto de Archie não registrava nenhuma emoção.

— Nós estamos dando um tempo — explicou ele. Era o tipo de coisa que alguém diria sobre uma separação provisória e não sobre uma investigação de

homicídio em andamento. *Nós estamos dando um tempo. Saindo com outras pessoas. Explorando nossas opções.*

Gretchen Lowell. A Beleza Mortal. A Rainha do Mal. Susan a encontrara apenas uma vez. Loura. Pele de porcelana. Era ainda mais bonita em pessoa do que em qualquer das fotos.

Susan tinha 16 anos quando descobriram a primeira vítima da Beleza Mortal, e Gretchen Lowell ainda a fazia se sentir como se tivesse essa idade.

Havia matérias de jornal quase todos os dias na época, a maioria delas escrita por Quentin Parker. Foi assim que Susan veio a conhecer Archie Sheridan, em uma fotografia no jornal, de pé atrás de um púlpito em uma entrevista coletiva ou estudando o aparecimento de algum novo cadáver.

— Não tenho visto ela — disse Archie. — Não a vejo desde o caso do Estrangulador das Escolas.

Um estremecimento involuntário arrepiou os pelos dos braços de Susan. Ela mudou de assunto.

— Ouvi falar que você voltou para sua família — disse.

Archie sorriu e pôs-se a procurar alguma coisa em uma das pernas da calça.

— Estamos tentando — disse ele, seu tom de voz tornando-se mais suave.

Susan sorriu.

— Isso é bom. É muito bom.

Eles permaneceram sentados por um momento, em um silêncio constrangedor. Bem, foi completamente constrangedor para Susan. Archie parecia tranquilo. Mas ela não gostava de silêncio. Fazia-a sentir-se como se pudesse deixar escapar alguma coisa da qual se arrependeria. Ou começar a chorar. Que foi exatamente o que aconteceu.

— Ai, meu Deus — disse ela, enxugando uma lágrima da bochecha e examinando-a horrorizada, como se fosse de sangue.

Archie colocou a mão sobre a dela. Nada disse. Apenas esperou enquanto ela chorava.

— Às vezes, quando estou sozinha, fico com medo — disse ela, debulhando-se em lágrimas. Procurou um lenço em sua bolsa e assoou o nariz. — Não é patético?

Archie estava completamente imóvel. Apertou a mão dela.

— Nem um pouco — disse baixinho.

Susan fechou os olhos. Às vezes gostaria de poder retroceder três meses, antes do caso que os aproximara. Então se lembrou de Archie e de tudo por que ele havia passado, e sentiu-se uma idiota.

— Sinto muito — disse ela. — Parker está me fazendo sentir pena de mim mesma.

— Não faz mal sentir medo, Susan — disse Archie. — Você vai ficar bem. Você não tem nada de patética.

Ela sorriu e balançou a cabeça algumas vezes. Ele sempre a chamava de “Susan”. Nunca de “Sue”, “Suzy” ou “Suze”. Ela gostava disso nele.

— Você achou mesmo que o Turquesa Atômico ficou bom? — perguntou.

Ela viu que Archie olhava para seu cabelo e media cuidadosamente as palavras.

— Gosto do fato de você ter tido coragem de pintá-lo — disse ele.

Ela secou as bochechas e o nariz com a palma das mãos e o antebraço e fez menção de sair do carro.

Archie a deteve, com a mão em seu braço.

— Talvez eu precise da sua ajuda com outra coisa — disse ele. — Preciso identificar um corpo. Talvez precise pedir um favor. Para conseguir alguma cobertura. Tenho medo de que a história se perca com toda essa confusão.

— A garota no parque? — perguntou Susan.

Archie ergueu uma das sobrancelhas, surpreso.

— É.

— Me fala do que você precisa — disse Susan. — Vou fazer o possível.

Ao ir embora, ela se perguntou por um instante se Archie não a estava usando, se não estava só querendo sua ajuda para cavar uma matéria, se não estava sendo ligeiramente manipulada. E então expulsou o pensamento da cabeça. Archie não era assim tão calculista.

6

Archie ficou olhando enquanto Henry ajeitava suas formas avantajadas no assento do motorista e dava partida no carro.

— Convenceu ela a cobrir o parque? — perguntou Henry, olhando de relance para o retrovisor enquanto Susan voltava até o agrupamento de repórteres.

— Convenci — disse Archie. Havia sido fácil. Sentia-se um pouco mal com aquilo. Mas se sentia ainda pior pela morta não identificada. Era algo que Debbie sempre dizia sobre ele, que se sentia mais ligado aos mortos do que aos vivos.

Archie puxou o cinto de segurança sobre o peito e o apertou.

— Sem perguntas? — indagou Henry. — Ela simplesmente concordou? — Ele se virou no banco para dar outra olhada em Susan, que era fácil de localizar, o cabelo turquesa parecendo a cabeça de um fósforo. — O que você fez? Hipnotizou a garota?

Fazia calor dentro do carro e Archie ligou o ar-condicionado.

— Você ouviu alguma coisa sobre o senador ter comido a babá dos filhos dele? — perguntou.

— Ouvi alguma coisa assim — disse Henry. — Não sabia que ela era a babá.

Archie fez uma careta. O ar-condicionado engasgou, dando sinal de vida, e uma pequena camada de sujeira presa na abertura se soltou e o aparelho começou a ranger.

— Você chegou a pensar em investigar o caso? — perguntou Archie. Ele bateu com a palma da mão no painel perto da abertura e o ruído parou.

— Achei que ela tivesse 16 anos — disse Henry. A luz de alerta achava-se sobre a capota e Henry a acionou com uma leve pancada, passou um braço por

trás do banco de Archie e começou a dar ré.

Esse era o limite estabelecido por lei para o estupro. Com 16 anos ou mais, podia-se consentir; com menos de 16, não. Era uma daquelas leis que dependiam muito do contexto.

— Quatorze — disse Archie. As circunstâncias, nesse caso, não ajudavam muito. — O Castle tinha 52 na época. Susan me disse que o *Herald* tem o serviço completo. Uma entrevista exclusiva com a mulher.

— Não há crime nisso — disse Henry. Seus olhos ainda focalizavam a retaguarda enquanto ele lentamente executava uma perfeita manobra em Y. Henry possuía carteiras de motorista de 17 estados. Antes de virar policial, ele se mudava todo ano. Certa vez, quando estavam bêbados, ele dissera a Archie que fazia isso “só para ver mais do mundo”. Archie nunca morara em outro lugar a não ser o Oregon. Por outro lado, tinha só uma ex-mulher. Henry tinha cinco.

— Na época, o crime prescrevia em três anos — continuou Henry. — Era possível estender para seis se a vítima fosse especialmente bonita. — Um policial de uniforme, com ar entediado, ergueu um pedaço da fita para deixá-los sair da área isolada na ponte. — Agora são seis anos depois que a criança conta a alguém ou faz 18 anos. O que vier primeiro.

Havia um copo de viagens de aço inox com café no painel, e ele começou a deslizar para a frente quando Henry acelerou. Archie o pegou e deu um gole no café morno. Castle era bacharel em Direito. Provavelmente havia estourado uma garrafa de champanhe no dia em que atingiu a marca dos três anos.

— A justiça, ao que parece, não era o maior medo do Castle — disse Archie. O ar-condicionado começou a ranger novamente e mais uma vez Archie bateu com a palma da mão no painel. O ruído parou.

— Pois é — disse Henry com uma risada irônica. — Quando eu trabalhava em Washington eles costumavam chamar isso de “Três Des”: desgraçado, desqualificado, divorciado. Má publicidade. Isso é o que assusta de verdade esses filhos da puta.

— Por “filhos da puta” você quer dizer os políticos? — perguntou Archie, tomando outro gole do café morno.

— É — disse Henry.

— E o que você estava fazendo em Washington? — perguntou Archie.

— Trabalhando para um filho da puta — disse Henry. — Cheguei a raspar as costeletas e tudo mais. Então vi as faturas que os empreiteiros de habitações públicas estavam entregando. Dez mil dólares por mictório. — Ele balançou a cabeça lentamente ao pensar naquilo. — Isso foi depois de eu parar de dar aulas pra crianças carentes no ensino médio e antes de ser piloto de avião lá nos cafundós do Alasca.

— Quando foi a viagem de moto pela América do Sul? — perguntou Archie.

— Depois que saí do Alasca — respondeu Henry. — Char e eu tínhamos acabado de terminar. Sabe que eu passei um mês com uma tribo quando a minha moto quebrou nas montanhas? Eles tinham lá uma folha que, quando você mascava, via uma imagem do seu futuro.

— O que você viu? — perguntou Archie.

— Um cavalo branco, uma criança segurando um pássaro e uma mulher peituda com uma espada.

Archie piscou um instante, sem dizer nada.

— Então você obviamente pensou: “vou virar policial”.

Henry abriu um largo sorriso, as pontas de seu bigode curvando-se para o alto.

— Parecia um sinal claro.

Archie só balançou a cabeça. O fechamento da ponte Fremont havia fodido com a hora do *rush*. A I-5 norte, a 405, até mesmo as vias secundárias estavam completamente paradas. Assim que atravessaram o bloqueio no final da ponte, Henry ligou a sirene para poderem seguir pelo acostamento. Tecnicamente, eles não deviam usar sirene fora de situações de emergência. Henry considerava os engarrafamentos uma emergência.

— E então, você acha que o Castle decidiu se jogar? — perguntou Henry. — Agarrou o volante? Assassinato seguido de suicídio?

— Talvez — disse Archie.

— Você vai contar pros federais? — perguntou Henry.

Archie meditou sobre o assunto.

— Vamos esperar e ver o que os peritos descobrem — respondeu. — Se não foi intencional, não há por que interferir na matéria da Susan.

Henry sorriu e colocou seus óculos de aviador.

— O quê? — perguntou Archie.

— Você é legal com ela porque ela gosta de você — disse.

— Sou legal com ela porque eu sou legal — retrucou Archie. — E ela gosta de mim porque eu sou velho...

— Um quarentão decrépito — protestou Henry, que era dez anos mais velho.

— Velho — repetiu Archie. E acrescentou: — Poderoso.

— Mandão — corrigiu Henry.

Archie fez uma tentativa:

— Dominante?

Henry assentiu, concordando com o meio-termo. Eles cruzavam o centro da cidade naquele momento, sobre a ponte Marquim, voltando para o leste. O trânsito estava melhor. O sol saía. E os montes Hood e St. Helens surgiam no horizonte. Archie sempre os achara esquisitos no verão, as imponentes estruturas rochosas estranhamente nuas.

— Sem falar em fodido e distante — disse Archie.

Ele abaixou o vidro da janela e jogou fora o resto do café.

— Bom — disse Henry. — Como é que ela iria resistir?

Archie havia acabado de cruzar a porta da frente. Passara o resto da manhã de domingo no escritório, preenchendo relatórios. O caso do Castle não era seu, mas ele estivera na cena, e isso significava trabalho com papelada. No fim das contas, Henry insistira em lhe dar uma carona até em casa.

Dava para ouvir Buddy Holly ecoando pela casa. O cheiro de bolo recém-assado impregnava o ar, e ele ouviu seu filho rindo na cozinha. Milênios atrás, aquele som o fazia sorrir; agora só o fazia parar, a mão apertada ao redor da caixa de comprimidos no bolso.

Fazia dois anos e meio desde que parara diante da casa de Gretchen Lowell. Archie pensava naquela noite com frequência, tornando a visualizar a sequência de eventos, dizendo a si mesmo para dar meia-volta e ir embora, para voltar ao carro e ir direto para casa, para sua família. Se não tivesse entrado naquela noite, tudo seria diferente.

Mas ele havia entrado. E Gretchen estava esperando.

Archie permaneceu mais um instante de costas coladas à porta e por fim gritou:

— Cheguei.

Debbie gritou em resposta:

— Estamos na cozinha.

Archie levou a pasta para o escritório, protelando. Não gostava de deixá-la ao alcance das crianças. Ninguém deveria ter de ver fotos como as que ele precisava examinar. Seu escritório era um dos quartos extras no final do corredor. Um cômodo quadrado, acarpetado, com uma escrivaninha, uma cadeira Eames falsificada e um sofá-cama para hóspedes que nunca apareciam. À primeira vista, o escritório parecia bastante inofensivo. Prateleiras de livros de patologia forense e referências criminais, algumas menções de louvor

emolduradas na parede, um computador, três arquivos apinhados de relatórios e anotações. Havia um grande armário embutido com porta de madeira sanfonada. Dentro, na parede posterior, havia uma colagem de fotografias de cada vítima da Beleza Mortal cujo caso Archie concluía. Algumas vezes ele abria a porta, acendia a luz do armário e apenas se sentava e olhava para elas. Quarenta e dois rostos. Homens. Mulheres. Crianças. Ele conhecia todos os detalhes de cada fotografia. Estavam gravados em sua consciência.

Archie sentou-se diante da escrivaninha, soltou o coldre do cinto, tirou a arma e descarregou as balas na palma da mão. Elas nunca pesavam tanto quanto ele esperava. Destrancou uma gaveta da escrivaninha com uma das chaves em seu chaveiro e colocou as balas em um esconderijo. Então destrancou outra gaveta, depositou a arma e o coldre dentro dela e trancou-a. Esse fora o acordo quando Ben nasceu. Nada de armas carregadas em casa. Até mesmo Henry tinha de guardar a arma quando vinha para jantar.

Com o canto dos olhos, Archie percebeu um rostinho no vão da porta. Quando olhou, havia sumido.

— Sara? — perguntou.

Ela introduziu novamente a cabeça no vão da porta.

— Eles estão fazendo um bolo de aniversário pra mim. Eu não posso olhar. — Ela abriu um sorriso e uniu as mãos. — Pra amanhã — disse.

Ela girou, descrevendo um pequeno círculo, dançou sem sair do lugar por um momento e, então, correu até Archie, as tranças escuras balançando. Sara corria para todo lado. Ela pôs a mão gorducha sobre a de Archie.

— Você se divertiu hoje? — perguntou.

Archie hesitou, tentando não deixar que seu rosto traísse seu estado mental.

— Eu estava no trabalho. O trabalho nem sempre é divertido.

Ela olhou para ele, olhos resplandecentes, as bochechas coradas.

— Quando eu fizer 7 anos, vou poder conhecer ela?

— Quem? — perguntou Archie.

— Gretchen Lowell.

A resposta o deixou sem fôlego. Como um soco no peito. A mão subiu para a cicatriz em um ato reflexo, como alguém faria para proteger de um golpe uma velha ferida. Ele mal conseguia falar.

— Onde você ouviu esse nome, meu amor? — perguntou por fim.

Sara, percebendo sua ansiedade, deu um passinho para trás.

— O Jacob Firebaugh deu ao Ben um livro sobre você.

O coração de Archie palpitou.

— Que livro? — Ele sabia qual era o livro. *A Última Vítima*. Um relato fuleiro dos atos de Gretchen e do sofrimento de Archie em suas mãos. Ele sabia que seus filhos acabariam por vê-lo. Mas achou que ainda tivesse tempo pela frente.

— Não sei — disse ela.

— Tinha a foto de uma mulher na capa? — perguntou ele.

Ela sorriu, exibindo duas fileiras de dentes minúsculos.

— Eu quero conhecer ela. Eu gosto dela.

Era a coisa mais triste que ele ouvira alguém dizer na vida.

— Não diz isso — pediu ele, sua voz pouco mais que um sussurro.

— Você também gosta dela, não gosta, papai? — perguntou Sara. — Você via ela o tempo todo. O Ben ouviu a mamãe e o Henry conversando.

Archie passou uma das mãos pelo rosto e esforçou-se para continuar respirando.

— Você sabe onde o Ben guarda esse livro?

Ela olhou para trás, na direção do corredor, e então sussurrou:

— Está escondido.

Ele permaneceu imóvel por um instante, recompondo-se. Então segurou com uma das mãos a parte posterior da cabeça da filha e beijou-a na testa.

— Ok — disse. Estendeu a mão e ela a segurou, enroscando os dedos em volta de seu indicador. — Vamos lá.

Archie conduziu-a para o corredor, em direção à cozinha.

Ela parou, o rosto preocupado.

— Eu não posso entrar aí, papai. Minha surpresa.

Archie olhou de relance para a cozinha. A música. O bolo.

— É claro — disse ele. — Vai pro seu quarto, tá bem?

Ela fez que sim com a cabeça, girou e correu para o quarto, voltando uma vez para espiá-lo por trás da porta do aposento.

Archie entrou na cozinha. Eles estavam decorando o bolo. Ben estava de joelhos sobre uma banquetta na ilha da cozinha. Debbie estava de pé. Usava um avental branco de *chef* por cima de uma camiseta preta e jeans, mas conseguira se sujar toda, com cobertura até no cabelo. Quando Archie entrou, ela ergueu os olhos na direção dele e sorriu.

— Você chegou bem na hora das flores de marzipã — disse.
Archie foi até o aparelho de som branco no armário ao lado da geladeira e o desligou.

— Ele tem um exemplar do livro — disse sem rodeios.
O bolo estava sobre uma bandeja, que Debbie girava, segurando a espátula com firmeza no topo do bolo.

— Que livro?
Archie deu um passo à frente, as mãos enfiadas nos bolsos.

— O livro. Jacob Firebaugh deu a ele um exemplar — Archie sequer sabia quem era Jacob Firebaugh.
Ben correu o dedo pela beirada da tigela de vidro contendo a cobertura.

— Ele disse que você é famoso.
— Não quero que você leia essa merda — explodiu Archie.
Debbie ergueu a espátula do bolo.

— Archie — advertiu em voz baixa.
Archie tirou as mãos dos bolsos e passou-as pelo cabelo.

— É muito violento. Tem fotos das cenas dos crimes. — Seu estômago queimou só de pensar em seu filho de 8 anos lendo o que ela lhe fizera. — Descrições detalhadas de tortura.

— Um vislumbre do seu mundo — disse Debbie.
Ele se aproximou da mulher. Ela cheirava a creme de manteiga.

— É completamente impróprio — disse. Archie sentiu-se trêmulo, seu corpo ansiava pelos comprimidos. — Ele mostrou o livro para a Sara.
Ben virou os olhos.

— Ela é uma tagarela.
— Vai buscar esse livro — ordenou Archie, apontando na direção do quarto de Ben. — Agora.

Ben olhou para Debbie. Era assim desde que Archie voltara para casa. Seu filho sempre olhava para a mãe antes de fazer qualquer coisa. Ela acenou com a cabeça e ele saltou da banqueta e desapareceu no corredor, ainda lambendo os dedos.

Debbie tornou a apoiar a espátula no bolo e girou a bandeja.

— Se você não conversar sobre o que aconteceu — disse ela com cuidado —, eles vão tentar encontrar respostas em outros lugares.

— Não naquele livro — disse Archie.

Debbie comprimiu os lábios.

— Eles sabem que você esteve desaparecido. Que foi ferido. Eram apenas bebês na época. — Ele ouviu a garganta dela se contrair, lutando contra as lágrimas. — Mas eles vão ter que ouvir a história toda.

Não toda.

— Por quê? — perguntou ele.

— E as suas cicatrizes? — Ela pôs a espátula de cobertura atravessada na tigela e se virou para encará-lo. — Como é que nós vamos explicar isso a eles, exatamente? Todas as idas ao presídio. Eles se lembram disso. Sabem que você ia vê-la.

— Era o meu trabalho — enfatizou Archie.

Debbie estendeu a mão pegajosa e tocou seu rosto.

— Não me vem com papo furado, Archie. Conheço você há tempo demais. — Ela o olhou nos olhos. — Você ia até lá porque precisava, porque gostava.

Archie deu um passo atrás e virou-se.

— Estou exausto. Não quero discutir isso agora — disse, abrindo um armário para pegar um copo.

— Só quero que você seja honesto conosco. Comigo.

Ele abriu a torneira e encheu o copo de água.

— Por favor, não — disse.

— Quero que seja honesto com você mesmo.

Archie levou o copo aos lábios devagar, tomou um gole e despejou o restante no ralo. Então colocou o copo na pia. Autoconsciência não era o problema. Ele sabia exatamente o quão fodido estava. Daria qualquer coisa por um pouco de negação.

— Eu *sou* honesto comigo mesmo — disse. Deus do céu, estava tão cansado daquilo. Ressentia-se dela por isso. Por dificultar tanto as coisas. Por fazê-lo se sentir tão culpado.

Ela queria a verdade? Ótimo. Que se foda.

— Eu ia até lá — disse ele devagar, pronunciando cada palavra como se estivesse em uma aula de gramática — Porque. Eu. Gostava. — Na pia havia uma forma de molho ao lado do copo, os restos de bolo flutuando na água cheia de sabão. — Era o único momento na semana em que eu de fato ainda me sentia vivo. — Ele ergueu os olhos para Debbie. — Eu ainda iria, se achasse que conseguiria segurar a barra.

Ela permaneceu ali, abraçando-se, suas sardas como estrelas escuras.

— Você não pode vê-la. Se quiser ficar conosco.

Archie sorriu.

— Tá aí — disse.

— O quê? — perguntou Debbie.

— O ultimato — respondeu Archie. — Você sabe o quanto eu gosto deles.

Ele ouviu a voz de Ben dizer “Aqui”.

Tanto Debbie quanto Archie viraram-se e viram Ben de pé na entrada da cozinha, com o denso volume nas mãos, o belo rosto de Gretchen sorrindo sedutor na capa.

Archie aproximou-se dele e tomou-lhe o livro das mãos. Inclinou-se e beijou-o no rosto.

— Obrigado — disse-lhe ao ouvido. — Desculpa por eu ter gritado. — Alisou o cabelo do filho e caminhou em direção ao corredor.

— Aonde você vai? — perguntou Debbie.

Archie deu meia-volta.

— É domingo à tarde — disse ele. — Pensei em ir ao parque.

Os olhos de Debbie estavam cheios de lágrimas.

— Você não devia dirigir.

Archie continuou andando.

— Tem um monte de coisa que eu não devia fazer.

Havia flores sobre a escrivaninha de Parker. Um vaso de violetas africanas, um buquê de tulipas amarelas e um buquê de flores cor-de-rosa carnudas que Parker teria detestado. Uma das mulheres do RH no terceiro andar o trouxera para cima.

Nenhum dos buquês estava na água. Eles iriam simplesmente permanecer ali, murchar, morrer e apodrecer. Que bem aquilo traria a quem quer que fosse, Susan não conseguia imaginar. Alguém morre e aí nós matamos uma coisa bonita?

O prédio do *Herald* ficava no centro da cidade. Fora construído havia cem anos e então sofrera uma reforma infeliz nos anos 70. Os andares haviam sido descaracterizados, divididos em cubículos e guarnecidos de luzes fluorescentes e tetos rebaixados. A mesa de Susan ficava no quinto andar. A vista era impressionante, o que era a única coisa boa que se poderia dizer do lugar. Era silencioso demais para o gosto de Susan, empresarial demais e, independentemente da temperatura no exterior, frio demais.

Os domingos no *Herald* em geral eram um deserto. Todos os chefes estavam em casa. O jornal de domingo estava impresso. O de segunda-feira era tranquilo. Um editor sênior que fosse sorteado ficava encarregado de tudo e normalmente passava o dia na mesa jogando paciência ou navegando na internet em busca de sites de fofoca e blogs. Ficavam todos coçando o saco. Ninguém conhece mais fofoca de internet do que o pessoal de jornal, quer eles admitam ou não.

Esse domingo em particular parecia dia normal. Um senador em exercício estava morto. Parker, um deles, estava morto. Eles tinham uma edição noturna para preparar, e um site que precisava de uma nova notícia a cada poucos minutos para competir com os noticiários de TV. A maior parte da redação

estava lá, os copidesques, os colunistas. Mas também havia os editores executivos, os editores assistentes, os estagiários, o pessoal do RH, as recepcionistas e um crítico de TV que planejava fazer um artigo sobre a cobertura televisiva do caso. Todos queriam participar das atividades. Quanto pior a tragédia, mais as pessoas queriam tomar parte nela. Era o que distinguia os repórteres das pessoas normais.

Susan vestiu por cima do vestido preto um moletom com capuz que guardava na gaveta de sua escrivaninha e apoiou a cabeça nas mãos. Molly Palmer sumira e não estava retornando suas ligações. Susan teclou mais uma vez o número em seu celular. Nada. Eles estavam planejando a cobertura da morte do senador para o jornal do dia seguinte. Seria um dia repleto de reuniões. A foto de Castle na primeira página. Uma enorme manchete anunciando sua morte. Esse era o tipo de jornal que as pessoas ainda compravam e Susan queria que sua reportagem entrasse.

Susan inclinou-se para trás na cadeira para ver se Ian já saíra da reunião. A porta da sala de reuniões continuava fechada. Ian estava lá havia uma hora com Howard Jenkins e um grupo de figurões do *Herald* planejando a cobertura de Castle e decidindo o destino da matéria dela. Susan achou que tivesse ganhado algum prestígio com a série sobre Archie Sheridan e o Estrangulador das Escolas. Mas fora tudo política interna. E sem Molly para confirmar sua história para os checadores de dados, o *Herald* estava protelando.

Susan teclou com raiva o número de Molly novamente. Nada.

Porra. Molly não era exatamente uma pessoa receptiva. Concordara em encontrar-se pessoalmente com Susan apenas duas vezes. E conseguir contatá-la era sempre um pé no saco. Molly desligava o telefone e esquecia-se de ligá-lo de novo durante dias.

Susan já havia feito uma corrente de cliques de metal de um metro e seis minúsculas tranças no cabelo azul. Então desenganchou os cliques e tornou a colocá-los na caixa de papelão, desfez as tranças e as fez novamente.

Ela sentia o cheiro doce como mel do pólen que se desprendia das flores sobre a escrivaninha de Parker.

A fila de TVs presas na parede acima dos copidesques transmitia ao vivo a cobertura do acidente do senador e de Parker. Susan não conseguia olhar. Queria sair do escritório. Queria encontrar Molly. Queria fazer alguma coisa.

Susan ouviu uma voz perguntar:

— Você está bem? — Ela ergueu os olhos e viu Derek Rogers. Suas sobrancelhas ruivas estavam contraídas de preocupação. Ela basicamente o evitava desde que rompera o relacionamento. Tentara explicar por que ele não era seu tipo. Ele era conservador e responsável. Ela era caótica. Ele bebia café com leite e açúcar. Ela bebia puro.

A verdade era que ele queria uma namorada. E ela não queria ser namorada de ninguém nesse momento.

— Não consigo acreditar que ele tenha morrido — disse Derek, a covinha em seu queixo se aprofundando. Então balançou a cabeça. — Que coisa estúpida de se dizer. É o que todo mundo diz, não é? — Tanto Susan quanto Derek disputavam a atenção de Parker. Era uma das poucas coisas que tinham em comum.

— Eu sei que você também gostava mesmo dele — disse ela.

— Se quiser conversar — disse Derek —, você tem meu telefone.

Por que ele tinha de ser tão legal?

A porta da sala de reuniões se abriu e Susan empurrou a cadeira, que recuou rápido demais, quase fazendo com que caísse para trás.

Ian olhou para ela e ergueu o polegar para que ela fosse até lá.

— O dever me chama — disse ela a Derek, e levantou-se e percorreu o corredor acarpetado entre os grupos de mesas até o escritório dele. O aposento possuía uma janela, que dava apenas para a redação. Havia quadros de avisos cheios de recortes de colunas, para que ele pudesse ligar para os autores um por um e repassar cada palavra da matéria, até que o autor sentisse vontade de chorar ou de lhe dar uma facada no pescoço.

Ela já havia decidido que se demitiria se eles não publicassem a reportagem. Ou daria uma facada em Ian. O impulso que falasse mais alto. Provavelmente a facada.

Ian gesticulou para que Susan se sentasse e ela desabou sobre uma cadeira.

— Vamos publicar — disse ele. — Mas vamos ter que fazer algumas mudanças.

Susan puxou as mangas do moletom.

— Mudanças?

Ian agarrou seu curto rabo de cavalo.

— O senador era uma instituição nesse estado. Era adorado. Temos que publicar a matéria nesse contexto. Ele teve um caso com uma adolescente. E

isso foi um grande erro de julgamento.

Susan podia sentir a matéria lhe escapando. Erro de julgamento? Até ontem, era a matéria do século.

— Não foi um caso — disse ela. — A garota tinha 14 anos.

— Que seja — disse Ian. Deu um clique no mouse de seu computador e um documento do Word apareceu no monitor. — Vou tentar reformular a matéria. Vou passar as correções para você. Estamos planejando publicá-la. Mas não no caderno especial da edição de segunda-feira. Não nos parece apropriado.

Apropriado?

— O Parker era o meu editor — disse Susan.

Ela observou enquanto Ian destacava uma frase em sua reportagem e a deletava.

— Sei que isso é difícil pra você — disse ele.

— O Parker era o meu editor — disse Susan novamente. Atrás de Ian, presas no quadro de avisos, havia fotografias de Castle ao longo dos anos, parecendo inchado e arrogante. Alguém havia rabiscado ideias para a manchete em pedaços de papel e os pregara ao lado das fotografias. ESTADO DE LUTO POR SEU FILHO PREDILETO. SENADOR MORRE EM ACIDENTE. DEFENSOR DOS POBRES MORRE EM DESASTRE NA PONTE.

Nenhuma delas mencionava Parker. Ele teria sorte se aparecesse na abertura da reportagem.

Ian pegou o telefone e discou nove para obter uma linha externa. Susan percebeu o verdadeiro significado daquele gesto. Ele não precisava fazer uma ligação de verdade; era só o seu jeito atrapalhado de dizer que a conversa estava encerrada.

— Vamos precisar dos contatos da sua fonte — disse ele com ar distraído.
— Molly Palmer.

— Sem problema — disse Susan.

Ela voltou para sua mesa pisando forte, sentou-se na cadeira e pôs-se a girar devagar. Alguém deixara outro buquê na mesa de Parker, um punhado de cravos violeta e mosquitinhos. As flores estavam envoltas em papel de seda verde e amarradas com uma fita preta. As palavras DESCANSE EM PAZ ornamentavam a fita.

Susan retirou o celular do bolso do casaco de moletom e teclou um número.

— Tenho que sair daqui — disse ao telefone. — Você ainda quer um espaço para a sua desconhecida?

— Estou no parque agora — respondeu Archie Sheridan. — Você pode vir se encontrar comigo?

Archie sentava-se sobre o chão úmido, a alguns metros de onde uma garota havia sido assassinada. O tempo mudara — o dia de sol já era, substituído por uma triste garoa. O parque cheirava à morte. Troncos podres, galhos caídos, amoras estragadas. Archie sacudiu um pouco de terra da calça e fechou os olhos.

Fora ali que tudo começara. Archie e Henry haviam respondido a um chamado sobre uma mulher morta na parte alta do parque. Ela era apenas uma criança. Escarpelada. Queimada. Gravemente mutilada. Isso fora há 13 anos. A primeira vítima da Beleza Mortal. O primeiro homicídio de Archie.

Archie olhou para o livro pousado na terra ao seu lado. Gretchen lhe devolveu o olhar. Ele não sabia por que o trouxera, por que não o deixara no carro, por que não o jogara na lixeira do posto de gasolina mais próximo. Mas sabia de uma coisa. Esse tal de Jacob Firebaugh ia escutar e muito.

Houve um súbito ruído de folhas na encosta atrás dele. Samambaias envergando sob pés, terra deslizando, trepadeiras estalando. Archie ficou novamente de prontidão, abriu os olhos e num instante localizou a arma em seu quadril, pousando suavemente a mão sobre o coldre de couro. Virou-se e viu um menino poucos passos acima, na encosta.

O garoto talvez tivesse 12 anos, e ainda ofegava do trajeto colina abaixo, as samambaias oscilando atrás dele. Tinha aparência delicada, pele clara, cabelo escuro e a boca metálica por causa do aparelho. Usava camiseta do Oregon Ducks e shorts na altura dos joelhos, repleto de bolsos e botões de pressão; as panturrilhas eram retas e finas, como as de um pássaro. Carregava uma velha lancheira de metal do Snoopy.

— Você é detetive? — perguntou ele.

— Sou — respondeu Archie, afastando a mão da arma.

O garoto sentou-se ao lado de Archie, dobrando as pernas à indiana, a lancheira no colo.

Archie pegou o exemplar de *A Última Vítima* e transferiu-o para o outro lado, longe do menino.

— Posso ajudar? — perguntou Archie.

— Eu estou bem — respondeu o garoto.

Archie inclinou a cabeça na direção da fita de isolamento que os cercava.

— Isso é uma cena de crime.

— Eu sei — respondeu o garoto.

Os dois permaneceram em silêncio por um momento, observando o riacho passar borbulhando mais abaixo.

— Você tem filhos? — o garoto perguntou por fim.

— Dois — respondeu Archie. — De 6 e 8.

O garoto fez que sim, satisfeito.

— Quero te mostrar uma coisa.

Archie olhou para o garoto. Ele estava sozinho. Querendo atenção. Archie não tinha tempo para isso. Mas havia alguma coisa em seus olhos, uma seriedade, que foi o bastante para fazer com que concordasse. Que diabos. Examinaria rapidamente o que quer que o garoto quisesse, e então iria para casa, para sua família.

Archie se levantou.

— Não esqueça o livro — disse o garoto, apontando para *A Última Vítima*.

Archie baixou os olhos para o rosto de Gretchen, o fundo cor de rosa, as letras douradas em relevo.

— Certo — disse, curvando-se para pegá-lo.

O garoto correu para o alto da encosta. Archie deu alguns passos cuidadosos na direção do aterro coberto de lama, lembrando-se do patrulheiro que escorregara. Mas o garoto estava ficando cada vez mais ansioso e estendeu um braço impaciente. Archie enfiou o livro no cinto e segurou a mão do menino, que o conduziu encosta acima, de volta à pista principal, e começou a andar no sentido oeste, penetrando na mata. A chuva engrossou e tornou-se um insistente tamborilar na copa das árvores. As bainhas da calça de Archie estavam pretas de lama e as palmas de suas mãos cobertas de terra por tentar apoiar-se para subir a encosta. A luz desaparecia rapidamente. O garoto caminhava perfazendo um ângulo de 40 graus, movido por um objetivo, seus

pés deslocando-se a passos rápidos. Archie tinha de se esforçar para acompanhá-lo. Então o garoto parou, olhou para Archie e para cima, para o alto de outra encosta.

— Sério? — perguntou Archie.

O garoto deu alguns passos, virou-se e ofereceu a mão a Archie. Archie tornou a segurar a mão do garoto, que o conduziu encosta acima. Eles estavam mais ou menos na metade do caminho quando Archie sentiu uma pontada difusa no lado direito, abaixo da cavidade torácica. Encolheu-se, seu pé escorregou na lama e ele caiu de joelhos, comprimindo a terra com a parte inferior das pernas da calça. Demorou um minuto para recuperar o fôlego, antes de permitir que o garoto o ajudasse a levantar e tornarem a subir. Archie tentava respirar em meio à dor. Não era câimbra. Não era tão agudo. Era uma dor indistinta, mais difusa. A princípio Archie pensou que fosse o livro, enfiado em seu cinto, pressionando-lhe o estômago, mas quando moveu o livro para a esquerda, a dor continuou no lado direito. Ainda assim, retirou o livro do cinto, prendeu-o sob a axila e concentrou-se no garoto, cujos tênis verdes ensopados de lama achavam-se sempre alguns passos acima, e em poucos minutos a estranha dor diminuiu. No topo, a encosta aplainava. Estava repleta de árvores. O garoto ergueu os olhos para Archie.

— Eu coleciono ninhos — disse.

Archie parou para tentar retirar a vegetação gosmenta da calça cada vez mais úmida.

— Que bom — disse ele.

— Achei um aqui algumas semanas atrás. — O garoto golpeou o solo com a ponta do tênis. — Bem aqui.

— Maravilha — disse Archie.

— Tem alguma coisa errada com ele — disse o garoto.

— Com o ninho? — perguntou Archie.

O garoto lançou um olhar sério para Archie e depois se sentou de pernas cruzadas novamente, pousou a lancheira no colo e a abriu. Dentro dela havia um ninho. O garoto extraiu-o com cuidado e o entregou a Archie.

Archie o pegou. O sol havia baixado um pouco mais e de repente o parque ficou muito frio.

— Você encontrou isso bem aqui — disse ele em voz baixa. — Nesse lugar.

O garoto fez que sim, sério.

— Tem alguma coisa errada com ele, não tem?

— Tem — disse Archie. Pegou o celular e ligou para Henry, seu braço ainda apertado ao redor do livro. — Sou eu — disse. — Estou em Forest Park. Traga a equipe de Busca e Resgate para cá. E um cão farejador. Acho que temos outro corpo.

Entremeados aos galhos e trepadeiras recolhidos do chão da floresta, havia centenas de longos fios de cabelo louros.

Quando Archie ergueu os olhos novamente, o garoto se fora.

Susan pensou em ir para casa e botar roupas mais esportivas: botas de caminhada, uma capa de chuva, talvez uma calça de couro. Mas não queria dar a impressão de estar tentando impressionar. Então simplesmente vestiu o moletom com capuz por cima do vestido preto. Estava usando sandálias de dedo, mas tinha um par de tênis no porta-malas do carro exatamente para tais ocasiões. Bastara um par de botas caras estragadas numa cena de crime para aprender essa lição. Agora seu porta-malas continha um estoque de suprimentos: uma muda de sapatos, um casaco impermeável, blocos de notas, água, um chapéu de sol, pilhas para o gravador e absorventes, só por segurança. Uma repórter nunca sabe onde vai parar e por quanto tempo.

O trânsito estava ruim. Começara a chover, os bueiros transbordavam e havia água empoçada a cada esquina. Era sempre assim quando chovia no verão. Ainda que chovesse nove meses no ano, era sempre uma preocupação em Portland se ocorria nessa época.

Bliss achava encantador, mas também ela não dirigia. Susan ficava com vontade de matar alguém.

Ela levou quarenta minutos para cruzar o rio até o noroeste. Estava ouvindo um programa de entrevistas no rádio, e as pessoas ligavam para partilhar boas recordações do senador, o que a deixara furiosa e a fizera mudar para a estação de rock alternativo. Havia desistido de escutar isso também quando parou seu velho Saab no estacionamento, ao lado de uma viatura policial sem identificação e três carros-patrolha. Cobriu o cabelo turquesa com o capuz do moletom e saltou do carro.

Havia um policial fardado no assento do motorista de um dos carros. Vestia capa de chuva e estava escrevendo alguma coisa com o apoio de uma prancheta e a luz do teto acesa. Susan bateu na janela.

Ele ergueu os olhos. Sua capa estava molhada e ele parecia aborrecido por estar ali. Baixou a janela alguns centímetros.

— Archie Sheridan? — perguntou ela.

Ele apontou para o começo da trilha e, mais adiante, para a floresta escura. E tornou a fechar a janela.

— Obrigada — disse Susan. Pensou em pedir sua lanterna emprestada, mas ele não parecia estar de muito bom humor.

Ela calçou o tênis, enfiou as mãos nos bolsos do moletom e saiu andando. O chão, em ambos os lados do caminho que levava ao começo da trilha, já se transformara em um lamaçal, que brilhava sob as luzes do parque. Quando alcançou a entrada da mata, pensou em voltar para o carro, ir para casa, para a cama, mas então pensou em Parker, em quão longe ele iria para conseguir uma reportagem, arqueou os ombros e penetrou na escuridão.

O céu nublado filtrava a luz de forma que as árvores se cobriam de sombras e cada galho parecia um braço flexionado e raivoso. Ela não pôde deixar de pensar em Gretchen Lowell enquanto percorria a trilha de cascalho, a lama sugando seus pés. Gretchen desovara pelo menos dois corpos naquela floresta. Era por isso que estavam ali? Outra vítima da Beleza Mortal? Susan enfiou as mãos mais fundo nos bolsos e acelerou o passo.

Havia caminhado cerca de 400 metros quando os encontrou. Viu as lanternas adiante, os longos feixes de luz branca refratados pelos troncos de cedro. Os policiais, graças a Deus, eram sempre fáceis de localizar.

Também era difícil pegá-los de surpresa, e ela ainda estava a 10 metros quando um dos feixes de luz parou, voltou e pousou em seu rosto. Ela piscou com a claridade.

— Estou procurando o detetive Sheridan — anunciou.

Uma grande sombra apareceu por trás da luz e ela ouviu Henry Sobol dizer:

— Ah, porra, é você.

A lanterna foi baixada.

Susan balançou os dedos na direção de Henry.

— Oi — disse.

— Ele está ali — disse Henry, girando a lanterna para iluminar Archie, que estava sentado em um tronco caído bem ao lado da trilha. Henry retorceu os

lábios em uma careta irônica. — Estamos esperando um perito em pássaros — disse.

— Ornitólogo — gritou Archie.

Susan praticamente ouviu Henry revirar os olhos.

— Que seja — disse ele.

Ela caminhou até onde Archie estava sentado. Havia uma lanterna a seus pés, cintilando na direção da mata, de forma que conseguiu enxergá-lo o bastante para ver que ele estava ensopado e coberto de lama.

— Você tropeçou? — perguntou ela.

— Você sabe alguma coisa sobre pássaros? — perguntou ele.

Ela colocou as mãos no quadril.

— Foi por isso que você me chamou até aqui?

Ele pegou a lanterna e iluminou o ninho de pássaro que mantinha no colo.

— É cabelo humano — disse. — Louro. Há outro corpo.

Susan inclinou-se e examinou o ninho. Pareceu confusa.

— Você encontrou um ninho?

— Um garoto me entregou. Ele o encontrou no alto da encosta.

— Um garoto? — perguntou Susan, olhando em torno, para a floresta escura.

Henry aproximou-se por trás dela.

— Ele foi embora — explicou.

— Desapareceu — disse Archie.

— O garoto? — perguntou Susan.

Archie ergueu os olhos para Henry.

— Você já ligou para a equipe de Busca e Resgate?

— Por causa de cabelo em um ninho? — Henry iluminou com a lanterna o corpo de Archie coberto de lama e detritos. — Você está bem? — perguntou, baixando a voz. — A Debbie me ligou, sabe? Depois que você saiu porta afora numa nuvem de autopiedade.

— Foi mais um ataque de irritação — disse Archie.

— Ela está preocupada com você — disse Henry.

— Vocês dois deveriam fundar um clube — Archie levantou-se. — Não quero mais esperar. — Ele chamou os três policiais uniformizados que estavam de pé com suas lanternas. — Quero equipes trabalhando ombro a ombro com

lanternas. Levem o tempo que for preciso. Estamos procurando por um cadáver de mulher.

— Archie — disse Henry.

Archie apontou a lanterna direto para a encosta enlameada.

— Vamos subir até lá — disse ele. — Foi onde o garoto encontrou o ninho. Então é lá que devemos começar.

— Espera — disse Henry.

— Cansei de esperar — disse Archie.

— Não — disse Henry. — Espera. — Ele girou a lanterna e iluminou o rosto de um sujeito atrás deles.

Susan engoliu em seco.

Todos os policiais olharam para ela.

— Desculpe — disse ela.

O homem sorriu. Era barbudo, usava óculos e vestia capa de chuva com capuz.

— Alguém chamou um ornitólogo? — perguntou.

Archie acenou com a mão.

— Aqui.

O homem deu um passo à frente.

— Sou Ken Monroe. Conversamos por telefone.

Archie apertou a mão dele.

— Obrigado por ter vindo — disse.

— Imagina — ele sorriu, entusiasmado. — Normalmente a gente não recebe chamadas de emergência.

“Certamente que não”, pensou Susan.

— O que você pode me dizer a respeito disso? — perguntou Archie, iluminando mais uma vez o ninho com a lanterna.

Susan infiltrou-se a cotoveladas no grupo reunido em torno do ninho.

Monroe abaixou a cabeça de forma a ficar a apenas alguns centímetros do ninho e o examinou cuidadosamente. Depois perguntou:

— Onde você encontrou isso?

Archie indicou com a cabeça o topo da encosta.

— Lá em cima — respondeu.

— Esse é um ninho de manimbé — disse Monroe.

Susan puxou seu bloco de notas e registrou a informação.

— Você consegue dizer qual o tipo de pássaro só olhando o ninho? — perguntou. Os ninhos lhe pareciam todos iguais.

Monroe fez que sim com a cabeça.

— Consigo, claro — disse. — Vê o formato dele? Igual ao de uma taça? Dá para ver a camada externa irregular, feita de grama morta e hastes de ervas daninhas. — Ele tocou o exterior do ninho. — Tem algumas pequenas raízes e pedaços de casca de árvore. Se você olhar aqui, pode ver que é forrado com grama mais fina e cabelo.

— Estou interessado no cabelo — disse Archie.

— Alguns pássaros usam cabelo para acolchoar o ninho. Não é comum, mas não é nada do outro mundo.

— Mas como é que é isso? — perguntou Henry. — Eles pegam na lata de lixo dos barbeiros?

Monroe franziu as sobrancelhas.

— Lixo? Pouco provável. Você disse que o ninho foi encontrado aqui?

— No alto da encosta — disse Archie.

— Bom, esse cabelo veio das redondezas. Pássaros não se deslocam para tão longe atrás de material para o ninho. A maioria dos ninhos fica pronta em um ou dois dias. Não compensa voar para muito longe. — Monroe olhou para o alto da encosta. — Não, esse cabelo veio da mata. De uns trezentos metros daqui, eu diria.

Susan sentiu arrepios lhe subirem pelos braços.

— Você tem alguma ideia da idade do ninho? — perguntou Archie.

— Não mais do que um ou dois anos.

— Como você sabe? — perguntou Henry.

— É que os ninhos se desintegram — explicou Monroe. — Se não se desintegrassem, a gente estaria pisando em uns cem agora.

— Então tudo o que a gente precisa fazer é procurar em um raio de trezentos metros em todas as direções — disse Archie.

Henry gemeu.

— Isso é um campo de futebol.

— Talvez devêssemos chamar a equipe de Busca e Resgate — disse Archie.

Henry o encarou por um minuto, então puxou o telefone da presilha na cintura e começou a teclar.

— Talvez eu também peça um cão farejador — disse.

Susan viu Archie sorrir.
— Boa ideia — disse ele.

A dor latejante no abdômen de Archie havia voltado. A chuva continuava forte. Deixava a pele de todos escorregadia. Fazia os sapatos afundarem no chão. Encharcara as roupas de todos. Archie sentia a lama gelada em suas meias toda vez que dava um passo. As calças endurecidas de lama golpeavam-lhe as panturrilhas. Seu cabelo grudara na testa. Tivera ao menos a presença de espírito de esconder o livro atrás de um tronco. A última coisa que desejava era que Henry o encontrasse perambulando pela floresta com um exemplar enlameado de *A Última Vítima*.

Archie concentrou-se na pequena esfera de luz que sua lanterna lançava no solo da mata e voltou a mente para a tarefa em questão.

Era lenta. Um metro de hera e ipomeia cobria qualquer coisa à vista. Ele começou pela esquerda e então deslocou lentamente o feixe de luz sobre a superfície da folhagem, centímetro a centímetro, para a frente e depois para a direita. Henry estava a sua esquerda, um dos patrulheiros à direita. Outro patrulheiro e quatro voluntários da equipe de Busca e Resgate trabalhavam, alinhados, na direção oposta. Até mesmo o ornitólogo recebera uma lanterna. Até o momento, tinham achado um pássaro morto, parcialmente digerido pelas formigas, uma garrafa de refrigerante vazia e cocô de cachorro.

Susan também pegara uma lanterna emprestada, mas a estava segurando com os dentes, a fim de poder rabiscar furiosamente em seu bloco de notas. Archie queria que ela escrevesse uma matéria. Ele ainda não tinha pistas sobre a identidade da desconhecida, e a cobertura da imprensa local limitara-se a um único parágrafo na seção de Cidade do *Herald*. Ele precisava de matérias. E muito.

Esquerda. Frente. Direita. Então Archie ajoelhou-se na sujeira e na lama e começou a afastar a hera e as ipomeias para examinar por baixo da vegetação.

A folhagem molhada pesava e era difícil de manusear, e as mãos de Archie pareciam esfoladas e sujas, como se ele tivesse sido enterrado vivo e tivesse cavado para escapar. Ouviu Henry dizer:

— Isso é ridículo.

E era. Eles poderiam voltar pela manhã. Se tivesse um cadáver ali, poderia esperar mais 12 horas. Mas Archie precisava saber. Se tivesse uma mulher morta nos arredores, ele precisava encontrá-la. Passaria a noite inteira ali, procurando. Ao menos, era mais fácil do que voltar para casa.

Ele apontou a lanterna para o relógio. Estavam procurando fazia quase uma hora.

Um cachorro latiu. Archie ergueu os olhos e divisou uma silhueta escura na trilha e a sombra de um animal. Apontou a lanterna na direção do animal. A luz refletiu em seus olhos, duas esferas prateadas na escuridão.

— O nome dele é Cody — disse a pessoa que o conduzia. — O meu é Ellen. Quem de vocês é o Sheridan?

— Sou eu — disse Archie.

Ela adiantou-se, subindo em sua direção, o cão respeitosamente alguns passos atrás. Eles deslocaram as lanternas para iluminar o caminho da mulher, e Archie pôde vê-la melhor. Era grande, alta e ligeiramente rechonchuda, com um tronco alongado, que dominava o corpo, e passos largos e masculinos. Usava o cabelo preso atrás, em um rabo de cavalo, e vestia-se de forma apropriada para o clima, com botas de borracha de cano alto, calças de chuva amarelas e uma jaqueta acolchoada. Ah, junho em Portland.

Quando alcançou Archie, estendeu a mão e ele a apertou.

— Ok — disse ela. — É assim que vai funcionar. Vou soltar a corrente do Cody. Ele vai perambular pela área, procurando pistas. Se encontrar alguma coisa, vai se agachar assim. — Ela baixou os olhos na direção do cão e disse: — Cody, alerta. — O animal afundou, apoiou-se nos cotovelos e uivou. Ellen ergueu os olhos. — E eu faço um elogio. Aí vocês podem se aproximar e averiguar o que ele encontrou.

Archie já havia trabalhado com cães farejadores de cadáveres. Certa vez, Gretchen mutilara um homem e deixara seu coração e baço em uma caixa de sapatos amarrada com uma fita vermelha, sobre uma cama em um quarto de motel na zona norte de Portland. Presa à caixa, havia uma etiqueta de presente datilografada e endereçada ao detetive Archie Sheridan. Os empregados do

hotel ligaram para a polícia momentos depois de encontrar o pacote. Gretchen envolvera os órgãos em plástico, mas o conteúdo havia vazado e a caixa estava ensopada de sangue. Archie abriu a caixa e levou um cão para tentar localizar outras partes. Havia funcionado. O cachorro encontrou a língua do sujeito na máquina de gelo, o pênis na caixa de devolução de chaves e o resto na caçamba de lixo do restaurante vizinho.

— Presumindo que haja um cadáver — disse Henry —, quanto tempo isso vai levar?

— Alguns minutos — disse Ellen. — Ou alguns dias.

— Dias — repetiu Henry.

— Talvez mais tempo ainda — disse Ellen. Ela abaixou-se e desenganchou a coleira do cachorro. — Vai, Cody — ordenou.

O animal colou o focinho ao solo e começou a fuçar em meio à vegetação.

Susan deu um passo à frente e tirou a lanterna da boca.

— Há quanto tempo você faz parte da equipe de Busca e Resgate? — perguntou a Ellen.

— Não faço — respondeu ela.

— Ela é voluntária — disse Archie. — Não temos dinheiro para financiar uma unidade de cães farejadores de cadáver. Então pessoas como Ellen fazem alguns cursos de treinamento com seus cães e se voluntariam.

— Eu trabalho na Home Depot² — disse Ellen.

— Encontramos um corpo meio quilômetro rio abaixo há alguns dias — disse Archie. — Isso vai confundi-lo?

— Vocês removeram o cadáver? — perguntou Ellen.

— Removemos — respondeu Archie.

— Não deve ter problema — disse Ellen. — Ali — exclamou de repente. Ela virou sua lanterna na direção de Cody, que estava agachado a alguns passos de onde Archie e Henry haviam acabado de procurar. — Bom menino — disse Ellen. Aproximou-se do cão pela retaguarda, tornou a enganchar a corrente e o afagou vigorosamente.

A área que Cody estava indicando achava-se recoberta de trepadeiras. Archie aproximou-se, abaixou-se e se apoiou nos joelhos e mãos.

— Apontem as lanternas para cá — disse aos demais. Um por um, todos o rodearam; Susan, o ornitólogo, Henry, Ellen, os patrulheiros, os membros da equipe de Busca e Resgate, todos apontaram a lanterna para o ponto em que o

cão se agachara, até que dez círculos de luz amarelos uniram-se para formar um único. Archie afastou a hera e as ipomeias com as mãos. Iniciou devagar, metodicamente, tomando cuidado para não alterar nada que não devesse, e então começou a puxar as trepadeiras, arrancando-as e lançando-as para o lado. Quando havia limpado a área, tornou a ficar de joelhos.

Susan inclinou-se para a frente.

— Não há nada aí — disse.

Archie virou-se para o cão.

— Devemos cavar, garoto? — perguntou, coçando a cabeça do animal com a mão enlameada. — Está enterrado?

Cody inclinou a cabeça, olhou para Archie e então para o trecho de terra exposto.

— Vou pegar as pás — disse um dos voluntários da equipe de Busca e Resgate e, alvoroçado, dirigiu-se à trilha.

Archie olhou para o barro. Estava duro, repleto de seixos e raízes. Apanhou um seixo e o fez rolar entre os dedos. Era leve e poroso. Levou-o à língua.

— Por que você está comendo essa pedra? — perguntou Susan.

— Não é pedra — disse Archie. Pedras eram densas e não grudavam na saliva. Essa era porosa. — É osso.

Cody ganiu e puxou a corrente.

Archie ergueu os olhos na direção do animal. Quem quer que tivesse quebrado osso daquele jeito não deixaria cabelo como o que eles haviam visto no ninho. Havia outro corpo.

— Deixa ele ir — pediu a Ellen.

Ela desengatou a corrente de Cody e o animal disparou, focinho abaixado, por cerca de 10 metros encosta acima, então se agachou.

Archie pegou sua lanterna e arrastou-se atrás dele, mal notando os outros às suas costas, as lanternas oscilando na escuridão. A encosta estava repleta de samambaias quase pré-históricas de tão enormes. Ele alçou-se encosta acima agarrando punhados de folhas de samambaias, usando o conjunto de raízes como alavanca. As minúsculas sementes grudavam em suas mãos. Quando alcançou Cody, ajoelhou-se ao seu lado e o cachorro lambeu-lhe o rosto. Então o animal ganiu novamente e farejou uma samambaia enorme ao lado de um cedro torto, que brotava enviesado da encosta. Archie empurrou para o lado a folhagem da samambaia e apontou a lanterna para baixo.

— Está vendo alguma coisa? — gritou Henry às suas costas.

— Estou — respondeu Archie.

O esqueleto era parcial, mas definitivamente humano. Ele podia ver um pé, a pele restante escurecida e curtida, razão pela qual não fora destruída. Os ossos da panturrilha haviam sido removidos acima do tornozelo, de modo que o pé parecia estranho, como um sapato grotesco. Archie deslocou a lanterna para a frente, por baixo da samambaia, e avistou o que restava de uma face encolhida e curtida, os lábios enegrecidos, a pele rachada de uma bochecha, uma órbita ocular, um crânio parcialmente esmagado. E ali, ainda preso ao tecido desidratado do couro cabeludo, um emaranhado de cabelo louro.

— Aí está você — disse ele baixinho.

Susan e Henry surgiram, um de cada lado. Susan ajoelhou-se, a perna tocando a de Archie. Archie estava se acostumando a tê-la por perto.

— Três corpos a menos de 100 metros um do outro — disse ela, a caneta pressionada contra o bloco de notas. — Eles estão relacionados?

— Talvez — disse Archie. — Talvez não. — Ele ergueu os olhos na direção da mata escura. Parara de chover e as nuvens haviam se apartado, revelando um naco brilhante de lua. Ao longe, em meio às árvores na orla da mata, Archie distinguiu as luzes de uma casa. — Descubre quem mora ali — disse a Henry. — E aí descubra se eles têm um cortador de madeira.

2 Maior cadeia de lojas de material de construção dos Estados Unidos. (N. da T.)

Susan caminhava com dificuldade atrás de Henry. O médico legista aparecera logo depois dos investigadores e cerca de outra dezena de policiais. A cena do crime havia sido iluminada e isolada, e eles estavam usando peneiras para separar da terra os pedaços de osso. Não lhe permitiam ultrapassar a fita de isolamento, e Archie estava ocupado demais para conversar, portanto Susan decidira-se a seguir Henry. Não que tivesse sido convidada.

— Escuta — ela dizia para Ian no celular. — Vai dar para incluir a matéria. Chego aí em uma hora. — Ela olhou de relance para o relógio, mas estava escuro demais, então aproximou o celular do pulso e viu as horas com o auxílio da luz do aparelho. Dez da noite. As edições das periferias começavam a ser impressas às onze da noite, mas a edição matinal da área metropolitana só rodava às duas da manhã. Tinha tempo de sobra. Além disso, queria deixar Ian feliz, ao menos até que a reportagem sobre Molly Palmer e Castle fosse publicada.

Henry subiu correndo a longa escadaria de cimento que conduzia para fora do parque, ao nível da rua. Será que estava tentando se livrar dela?

Susan tornou a segurar o telefone ao ouvido.

— Estamos fazendo uma cobertura da morte do Castle — disse Ian. — Oito matérias. Posso te encaixar na primeira página da seção de Cidade, embaixo da dobra.

— Embaixo da dobra?

— Houve um incêndio perto de Sisters — disse Ian. — Essa é a manchete principal de Cidade.

Ela subia a escada de dois em dois degraus.

— Três corpos — disse, exasperada. — Como é que isso não é notícia de primeira? Quem é que está ligando para um incêndio na região central do

estado?

— Você fala como alguém que não tem uma segunda casa na região central do estado — bufou Ian. — E você não sabe se as mortes estão relacionadas — acrescentou. — E eles não são ninguém.

Insetos arremetiam contra a luz amarela dos postes que iluminavam a escada. Os insetos provavelmente gastavam todo o seu ciclo vital fazendo isso, pensou Susan. Chocando-se várias vezes contra a grade que cobria a lâmpada.

— Ninguém? — perguntou ela.

Ian parecia entediado.

— Dizem que a primeira garota era uma prostituta. As outras duas provavelmente também são. Ou sem-teto. Ninguém está nem aí, Susan. Políticos mortos vendem jornais. Prostitutas mortas não.

— O Castle era um predador sexual — lembrou Susan. Tentou fazer com que sua voz soasse firme, em sinal de determinação.

— Não vamos publicar essa matéria quando o estado inteiro está chorando a morte dele — disse Ian.

Às vezes Susan não conseguia se lembrar por que um dia trepara com Ian. (Ele a deixara segurar seu Pulitzer.)

— Você é um hipócrita, Ian — declarou.

— Aproveitando que estou com você na linha — disse Ian, ignorando-a. — Os responsáveis pela checagem dos fatos não estão conseguindo entrar em contato com Molly Palmer. Sempre cai na caixa postal. Você tem outro número para contato?

O estômago de Susan contraiu-se e ela aplicou um pouco mais de bravata à voz.

— Ela é uma *stripper*, Ian. Não carrega o telefone com ela quando está nua. — Susan tomou nota mentalmente: localizar Molly antes que seu nervosismo lhe custasse a matéria.

— Vou desligar agora — disse Ian.

A linha ficou muda. Susan colocou o telefone de volta no bolso do casaco de moletom e gemeu de frustração. Não iria mais se preocupar em fazer Ian feliz.

— Isso se chama “estilo de vida de alto risco” — disse Henry. Ele virara-se para esperar por ela no topo da escadaria.

— O quê? — perguntou Susan, subindo rápido os últimos degraus. Curvou-se por um minuto para recuperar o fôlego. Seus tênis estavam cobertos de lama. Era mais um par de sapatos que ia embora nesse trabalho...

— Prostitutas — disse Henry. — Viciados. Desabrigados. Eles vivem “estilos de vida de alto risco”. Então investigamos com afinco por alguns dias quando um deles é esfaqueado no pescoço com um garfo e aí seguimos em frente para cuidar de casos mais importantes, que envolvam estudantes exemplares. — Ele começou a se afastar novamente, subindo a rua. — Sabe quantos adolescentes negros membros de gangues e prostitutas acabam mortos sem mais do que uma linha de matéria no seu jornal?

— E Heather Gerber? — perguntou Susan, lutando para puxar seu bloco de notas enquanto o alcançava. Heather fora a primeira vítima de Gretchen. Uma adolescente fugitiva. Menina de rua. Prostituta. Também fora encontrada morta no parque. O *Herald* com certeza havia publicado reportagens sobre ela.

Henry enfiou as mãos nos bolsos e apressou o passo. A calçada estava molhada e seus sapatos chapinhavam na água parada conforme ele andava.

— Seu jornal não deu a menor importância a Heather Gerber até que Archie fez a conexão com os outros corpos e todos perceberam que havia um *serial killer* à solta. Ela era só mais uma ninguém. Aí Parker fez uma matéria sobre ela. Os pais adotivos da menina viram. Descobrimos que a garota estava desaparecida há um ano e eles nunca haviam dado parte. Simplesmente continuaram a descontar os cheques. Sabe quem pagou o enterro?

— Não. — A calçada era em aclive. A rua seguia paralela à orla do parque, e as casas eram contíguas à floresta. Não se podiam mais construir casas assim tão perto do parque, mas as antigas haviam escapado à proibição. As luzes na entrada revelavam grandes varandas de madeira com balanços e vasos de gerânios. O ar cheirava a amoras.

— Foi o Archie — disse Henry, acrescentando para explicar melhor: — Ela foi o primeiro homicídio dele.

— Esse caso tecnicamente ainda não foi solucionado, não é? — perguntou Susan.

— Foi a Gretchen — disse Henry. — Ela só não confessou ainda.

Uma caminhonete Subaru estacionou na rua adiante e um sujeito em trajes de corrida descarregou dois cães de grande porte e encaminhou-se ao parque para uma corrida noturna.

— Foi por isso que o Archie continuou a ir vê-la aquele tempo todo? Por que queria solucionar esse primeiro caso?

Henry permaneceu em silêncio por um momento.

— Não.

Susan perguntou-se o quanto Archie conversava com Henry a respeito de Gretchen. Vira o modo como este reagira quando Gretchen tocara o braço de Archie na sessão de interrogatório que Susan presenciara quando estava escrevendo o perfil. Henry entrara na sala no mesmo instante, afastando Gretchen de Archie, como se ela fosse algo contagioso. Susan ficara aterrorizada com ela e, ao mesmo tempo, fascinada pelo entendimento casual entre Gretchen e Archie. Havia uma intimidade no relacionamento dos dois que era, na melhor das hipóteses, inquietante.

A calçada era antiga e havia cedido em torno das raízes das árvores; Susan e Henry caminhavam com cuidado, os olhos no chão.

— Não devíamos jamais ter concordado com o acordo para redução de pena — disse Henry, quase para si mesmo. — Devíamos ter deixado que o estado de Washington a levasse a juízo. Ela estaria morta a essa altura.

— Archie solucionou mais 31 casos — disse Susan.

Henry parou. Eles estavam diante da casa, um paquiderme de tábuas marrons que parecia ter sido construído nos anos 40. Susan enxergava parcialmente o rosto de Henry à luz do poste. Ele parecia cansado, ombros arqueados, a jaqueta de couro brilhante de chuva.

— Você não conheceu ele antes — disse Henry.

Era difícil imaginar Archie muito feliz.

— O Parker escreveu um bocado sobre o caso da Beleza Mortal, não foi? — perguntou Susan.

— Centenas de matérias esses anos todos — disse Henry, dando de ombros. — Nossa Senhora, milhares, talvez.

Parker era da velha guarda. Teria usado uma máquina de escrever se deixassem. Provavelmente tinha anotações. Caixas de anotações. Seu valor seria incalculável para alguém que quisesse algum dia escrever um livro a respeito do caso Beleza Mortal. Assim que a reportagem de Molly Palmer fosse publicada, ela teria alguma influência no jornal. Talvez conseguisse negociar um período sabático.

— Você se lembra de ele ter mencionado alguma vez onde guardava as anotações? — perguntou Susan.

Henry olhou para ela por um momento, então ergueu as sobrancelhas e suspirou.

— Eu quase esqueci — disse. Puxou um distintivo do bolso e o abriu com um ruído seco. Depois iluminou o rosto de Susan com a lanterna.

Ela se encolheu, momentaneamente cega, e ergueu a mão à altura do rosto.

— Esqueceu o quê? — perguntou.

— Que você se importa mais com as reportagens do que com as pessoas — respondeu Henry e apagou a luz da lanterna. — Deixa que eu falo — disse e bateu na porta.

Eles esperaram em silêncio, enquanto Susan bufava. Não pretendera ser insensível. Importava-se, sim, com Archie. Não queria escrever nada de mau gosto. Isso já havia sido feito. Queria escrever um livro de verdade. Um livro inteligente, cativante, esclarecedor. Eram pretensões tão terríveis assim?

— Eu não queria... — ela começou a dizer.

Henry ergueu a mão.

— Para — disse ele.

A luz da varanda se acendeu, manchando de luz amarela a escuridão. A porta da frente se abriu e uma mulher idosa apareceu. O cabelo grisalho estava solto e ela usava uma camisa de lã convencional, enfeitada com totens indígenas.

— Sim? — disse ela.

Henry adiantou-se e mostrou o distintivo.

— Boa noite, senhora. Sou o detetive Sobol. Eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas. — Ele sorriu amigavelmente. — A senhora mora aqui?

— Sim, meu filho — disse ela, os olhos azul-claros vigilantes e entretidos. — Há 54 anos agora.

— A senhora notou alguma coisa estranha ultimamente? — perguntou Henry. Ele passou a mão pela calva. — Alguma atividade na floresta?

Os vincos no rosto da mulher se aprofundaram.

— Isso está relacionado à morte do senador?

— Não, senhora — disse ele. — Encontramos restos mortais na floresta.

— Que tipo de restos mortais? — perguntou ela.

Henry limpou a garganta.

— Humanos.

A mulher virou-se e ergueu a cabeça em direção ao parque. Então olhou para Susan. Susan tentou sorrir amigavelmente também.

— Esta é sua esposa? — a mulher perguntou à Henry.

Susan riu alto.

— Não, senhora — disse Henry. — Ela é repórter.

Susan ergueu o bloco de notas e acenou com a outra mão como quem dá alô.

Henry prosseguiu, alternando, nervoso, a perna de apoio.

— A senhora percebeu alguma coisa fora do normal? Ouviu alguma coisa? Sentiu algum cheiro?

“Deu por falta de algum parente?”, pensou Susan, mas nada disse.

A mulher refletiu sobre as perguntas de Henry.

— Bill está agindo de maneira estranha ultimamente.

— Seu marido? — perguntou Henry.

— Meu poodle — disse ela.

Susan viu os cantos da boca de Henry se contorcerem um instante.

— Estranha, como? — perguntou Henry.

A mulher franziu as sobrancelhas.

— Fica na frente da casinha dele. Late. Não me deixa chegar perto.

— A senhora o deixa correr solto pela floresta? — perguntou Henry.

— Ele pula a cerca algumas vezes — disse ela. — Mas sempre volta.

— Onde está Bill agora? — perguntou Henry.

Ela gesticulou para que eles a seguissem e então os guiou pelo velho caminho ladrilhado que contornava a casa. Ela usava botas de pele de carneiro e Susan percebeu que Henry a seguia de perto, para o caso de a velha escorregar nos ladrilhos molhados e irregulares. As luminárias alimentadas por energia solar que clareavam a trilha lançavam um brilho azul pálido, mas pouco faziam em termos de fornecer iluminação. A mulher, no entanto, manteve-se firme sobre os pés e não tropeçou.

Eles alcançaram um portão na cerca de cedro que limitava o quintal e a mulher o abriu; o portão deslocou-se com um suspiro enferrujado. Não havia luzes ali atrás e estava escuro. Henry tornou a acender a lanterna enquanto a mulher desaparecia na escuridão.

— Senhora? — chamou Henry.

Um refletor foi acionado, revelando um quintal recoberto de hera, e a mulher apareceu na varanda dos fundos.

— Bill — chamou ela na direção do quintal. — Eu trouxe um amigo para conhecer você.

Susan procurou o poodle pelo quintal. A hera do parque avançara por sobre a cerca e serpenteara até a metade do terreno. Parecia uma maré verde indomável. Claro que seria possível cortá-la, mas ela simplesmente continuaria a avançar devagar, alguns centímetros a cada dia, até cobrir tudo novamente. Susan ouviu um cachorro latir e percebeu que a casa do animal também se achava parcialmente recoberta de hera. Um grande poodle preto postava-se no vão da porta aberta da casinhola. O cão recebera cuidados recentes, e seu pelo havia sido tosado, formando uma série de caroços e bolas, como uma estranha topiária viva.

Susan viu Henry recuar.

— O Bill é manso? — perguntou ele.

— Como um cordeiro — respondeu a mulher.

Henry balançou a cabeça, aprumou os ombros e caminhou em direção à casa do cachorro.

Bill rosnou.

Henry parou.

— Como um cordeiro? — perguntou.

— Não deixe ele intimidar você, meu filho — disse a mulher. — Você não tem gato, tem?

— Tenho três — disse Henry.

A mulher fez um muxoxo.

— O Bill não gosta de gatos — disse, em tom ameaçador.

— Susan — chamou Henry. — Uma ajudinha?

Susan nunca possuía animais de estimação. Hesitou.

— Eu não sou boa com cachorros — disse ela.

— Vem pra cá, porra — disse Henry.

Susan caminhou lentamente até o poodle.

— Oi, Bill — disse. — Bill bonzinho. — Ela esticou a mão e deixou que o cão a cheirasse. — Bill bonito.

— É melhor não mexer nele — gritou a velha da varanda.

Susan gelou; o cachorro olhou para a mão estendida e mostrou os dentes. Não rosnou. Não emitiu um único som.

— Ele provavelmente está com medo desse seu cabelo — disse Henry, enquanto tentava comprimir seu avantajado físico perto do cão, longe o bastante para apontar a lanterna e enxergar o interior da casa do animal. Henry abaixou-se, ficou de quatro e conseguiu enfiar metade do corpo na casinhola. Então recuou, sentou-se ao lado do animal e teclou um número no celular.

— Archie — disse ele, coçando o rosto. — Sou eu. Essa louca, ela perdeu um braço?

Susan ouviu a voz de Archie responder.

— Perdeu.

Henry olhou de relance por sobre os ombros para a casa do cachorro. Então olhou para Susan. O animal rosnou e encarou a ambos, desconfiado.

— Eu encontrei — disse Henry.

O nome da mulher era Trudy Schuyler. Susan recheara algumas páginas de seu bloco com informações sobre ela. O marido morrera cinco anos antes. Ela não possuía cortador de madeira. Não conhecia um garoto que se encaixasse na descrição do garoto que Archie vira na floresta. Trabalhara na polícia, aplicando multas de estacionamento, mas fazia vinte anos que se aposentara. Tinha três filhos já adultos. Os policiais haviam levado o cão sob custódia para monitorar suas excreções, temendo que a topiária peluda tivesse conseguido digerir uma ou duas pistas enquanto roía o osso radial da falecida. Pensando nisso, eles começaram a ensacar o cocô do quintal. Foi mais ou menos nessa hora que Susan zarpou.

Não havia muita coisa acontecendo no prédio do *Herald* à uma da manhã. Os repórteres oportunistas que haviam se colocado à disposição para ajudar na cobertura das mortes de Castle e Parker já estavam todos bonitinhos na cama. Até os zeladores já haviam encerrado o expediente. Um segurança deixara Susan passar pela entrada de carga e descarga. Ela pegou o elevador para o quinto andar, onde Ian já se achava reunido em seu escritório com um revisor, um editor de primeira página, um designer e um editor de imagens, todos chamados para ajudar a preparar a edição. Todos pareciam cansados e um pouco irritados. Susan estava tentando não parecer cansada e irritada. Estava tentando parecer bem-humorada. Já enchera o saco de Ian o suficiente. E encher o saco de Ian não faria com que a reportagem sobre Molly Palmer fosse publicada. Ser gentil talvez ajudasse. Era tão insano que talvez desse certo.

Os acréscimos tardios eram chamados de “chapa quente”, o que queria dizer que assim que Susan estivesse com a reportagem pronta, eles parariam as máquinas, incluiriam uma nova chapa, e então tornariam a acioná-las. No fim

das contas, ela teria uma matéria na edição sobre a morte do senador. Só não seria aquela que ela desejava.

Susan começou a caminhar para o escritório de Ian, mas Ian a avistou pela parede de vidro do escritório. Ergueu a mão para que ela parasse, então apontou para o próprio relógio e em seguida para a mesa dela.

Ela encaminhou-se obedientemente à sua mesa, jogou a bolsa aos seus pés, colocou o bloco ao lado do teclado e ligou para Molly Palmer. Nada. Susan sabia que para que Ian publicasse a matéria, esta tinha de ser consistente, várias vezes conferida, com todos os pingos nos *is*. Deixou uma mensagem de voz.

— Falando sério, Molly — disse Susan. — Você precisa retornar minhas chamadas. — Ela enroscou o fio do telefone no dedo, envolvendo a articulação com tanta força que o dedo começou a ficar vermelho. — Vai ficar tudo bem. Ele está morto. Vamos levar isso a público. — Ela pensou no caos jornalístico subsequente, que Molly certamente teria de enfrentar. “Você se importa mais com as reportagens do que com as pessoas”, Henry havia dito.

Susan mordeu o lábio.

— Se você quiser sumir por uns tempos, tudo bem — disse ao telefone. — Mas preciso que converse com algumas pessoas primeiro, ok? — Susan desembaraçou o dedo e desligou. Nem todas as luzes estavam acesas, o andar estava silencioso e quem quisesse enxergar toda a sala precisava se esforçar. Além do grupo no escritório de Ian, o único outro ser humano no andar era um cara da seção de esportes, que estava sentado, usando fones de ouvido e digitando alguma coisa na qual parecia muito pouco interessado.

Susan começou a digitar furiosamente. A desconhecida. Os dois novos corpos. A possibilidade de um *serial killer* em Forest Park. Era o tipo de história que Parker teria adorado. Pensar nele a fez parar, os dedos suspensos sobre o teclado, e ela ergueu os olhos do monitor de seu computador em direção às luzes em West Hills, para além das imensas janelas do *Herald*.

Olhou de relance para a mesa de Parker. Havia dois novos buquês de flores. Aquilo estava começando a parecer um túmulo. Susan levantou-se, foi até a sala de descanso, vasculhou nos armários da pequena cozinha, até que encontrou uma jarra de vidro, uma lata de café e três copos longos. Encheu-os de água e fez algumas viagens para carregar tudo até a escrivaninha de Parker. Fez o melhor que pôde para dispor as flores murchas nos vasos, mas os caules estavam moles e as flores caíam tristes para os lados.

As flores a fizeram pensar em Archie Sheridan, cujo quintal havia sido soterrado por arranjos florais durante os dez dias em que esteve desaparecido, e em como Debbie Sheridan certa vez lhe contara que não suportava mais o cheiro de flores. Elas a faziam pensar em morte.

Susan sentou-se na cadeira de Parker, descrevendo pequenos círculos para tentar descobrir como ele escreveria a reportagem sobre os assassinatos de Forest Park, quando seu joelho se chocou contra a gaveta de arquivos. Todas as mesas tinham uma. Eram sempre mantidas trancadas. Susan guardava sua chave debaixo de uma caneca cheia de canetas sobre sua mesa. Havia aprendido isso com Parker.

Esticou a mão e ergueu a caneca da Hooters, repleta de lápis nº 2, sobre a mesa de Parker, revelando uma minúscula chave prateada. Enfiou a chave na fechadura da gaveta e girou-a. A gaveta se abriu. Dentro, na parte da frente, havia pastas estufadas com nomes que Susan reconheceu, pois relacionavam-se a histórias que Parker cobria. Ela correu os dedos pelos arquivos até chegar a um fichário grande, preto, com três argolas, enfiado na parte posterior da gaveta. Havia uma etiqueta na lombada e, na caligrafia inclinada de Parker, as palavras “Beleza Mortal”.

Bingo.

Retirou o fichário da gaveta, trancou-a, repôs a chave no lugar e carregou o pesado arquivo até sua mesa, justamente quando Ian colocou a cabeça para fora do escritório e gritou:

— Eu gostaria de dormir um pouco esta noite.

— Está quase pronto — respondeu Susan. Fez o fichário deslizar para o chão ao lado de sua bolsa, pousando um dos pés sobre ele, em um gesto protetor. Seu rosto estava corado de excitação, mas estava escuro e Susan não achava que Ian fosse perceber.

Archie ainda não sabia ao certo se concordara em permitir que Sarah Rosenberg o tratasse porque precisava de ajuda ou porque queria uma desculpa para se sentar na sala onde Gretchen Lowell o havia drogado e aprisionado.

Esse era seu ritual matinal de segunda-feira. Domingos na penitenciária estadual com a Beleza Mortal nunca mais, mas toda segunda ele passava uma hora sentado diante da grande escrivaninha de Gretchen. Em uma de suas cadeiras listradas com excesso de estofamento. Observou o relógio de pêndulo, que ainda marcava três e meia. Olhou pela janela por entre as pesadas cortinas de veludo verde, para as cerejeiras repletas de folhas.

Só que nada daquilo pertencia a Gretchen. Sob nome falso, ela havia alugado a casa de uma psicóloga que estava passando uma temporada na Itália. Fora o último local em que a polícia havia conseguido rastrear Archie. Mas a essa altura, Gretchen já o havia levado para outra casa. A psicóloga, a dra. Sarah Rosenberg, e sua família voltaram; o carpete, no qual Archie derramara seu café drogado, havia sido substituído.

— Hoje quero falar sobre Gretchen Lowell — disse Rosenberg.

Era a quarta sessão dos dois. Foi a primeira vez que ela mencionou Gretchen. Archie admirava-lhe o tato. Tomou um vagaroso gole de café no copo de papel que segurava no braço da cadeira.

— Ok — disse ele. Sentia-se aquecido e confortável. Alto o bastante apenas para relaxar, mas não o suficiente para que Rosenberg percebesse.

Rosenberg sorriu. Ela era magra, com o cabelo preto cacheado puxado para trás em um rabo de cavalo, talvez um pouco mais velha do que Archie, embora ele provavelmente parecesse o mais velho para quem tentasse adivinhar. Ele gostava dela. Era melhor do que o psiquiatra do departamento que o atendera

por seis meses. De qualquer forma, por alguma razão, Archie sempre se sentia mais à vontade falando com mulheres.

— Quero falar sobre as seis semanas em que você a conheceu antes que ela revelasse quem era — disse Rosenberg.

Esse era um assunto que o departamento não gostava de discutir, o fato de Gretchen ter se infiltrado na investigação por tanto tempo antes de dar-se a conhecer. Não os fazia parecer exatamente perspicazes. Archie suspirou e olhou para além de Rosenberg, pela janela.

— Ela simplesmente apareceu um dia — declarou. — Disse que era psiquiatra. Coordenou algumas sessões de aconselhamento grupais. Eu também dialogava com ela sobre o perfil. — Ele esfregou a nuca e sorriu. O cheiro de café fluía do copo. Ele levava o café porque, quando não o fazia, por vezes achava que ainda podia sentir o cheiro de lírios. — Ela parecia ter uma certa intuição — disse.

Rosenberg estava sentada na outra cadeira listrada, onde Gretchen costumava sentar-se. Cruzou as pernas e se inclinou para a frente.

— Como o quê? — perguntou.

Um esquilo agarrou-se a uma das cerejeiras, fazendo as folhas ondularem. Archie tomou outro gole de café e pousou o copo sobre o braço da cadeira.

— Ela foi a primeira pessoa a sugerir que o assassino poderia ser uma mulher — disse.

Rosenberg mantinha um bloco amarelo em seu colo e escreveu algo nele. Estava usando calça preta, camisa verde de gola olímpica e meias amarelas da cor do bloco.

— E qual foi a sua reação a isso? — perguntou.

Archie percebeu que sua perna esquerda havia adquirido um balanço inquieto. Pousou o calcanhar no chão.

— Havíamos esgotado praticamente todas as outras opções — disse ele.

— Ela ofereceu consultas particulares? — perguntou Rosenberg.

— Ofereceu — respondeu Archie.

— Você foi atendido por ela? — perguntou Rosenberg.

Ele retirou devagar a caixa de comprimidos do bolso e segurou-a no colo.

— Fui.

— Só você?

— Só eu. — Se Rosenberg percebeu a caixa, nada disse.

— Sobre o que vocês dois conversavam? — perguntou ela.

— As mesmas coisas que você e eu — respondeu Archie. — Meu trabalho. — Na verdade, ele fora mais aberto com Gretchen. Dividira tudo. O estresse da investigação. A pressão que causava em seu relacionamento com Debbie. — Meu casamento.

Rosenberg ergueu uma das sobrancelhas.

— Deve ter sido bem perturbador se dar conta de que você havia compartilhado todas essas reflexões pessoais com uma assassina.

Bem perturbador. Era um modo de colocar a questão. Engraçado é que, na época, havia sido bom ter alguém com quem conversar. Pena que ela mutilava gente por prazer.

— Ela era uma boa ouvinte — disse Archie.

— Então você passou mais tempo com ela do que os outros — disse Rosenberg, a caneta apoiada no bloco.

— Passei — disse Archie. — Acho que sim.

— Onde vocês realizavam as consultas? — perguntou ela.

Archie ergueu a mão.

— Bem aqui.

Rosenberg endireitou o corpo e correu os olhos por seu consultório doméstico.

— Entendo por que ela discutia os casos com você aqui, mas isso é estranho. Que ela o tratasse na própria casa.

— Por quê? — perguntou Archie. — Você faz isso.

— Eu sou psicóloga — declarou Rosenberg. — Gretchen disse que era psiquiatra. — Ela escreveu alguma coisa no bloco, balançando a cabeça.

— Só que ela não era psiquiatra — lembrou Archie.

Rosenberg ergueu os olhos do bloco.

— Você suspeitou dela em algum momento? — perguntou.

A perna começou de novo. Archie não se deu o trabalho de pará-la. A sensação era boa, um lugar para onde escoar o nervosismo. Ergueu o copo de café, mas não bebeu.

— No instante em que a droga paralisante que ela colocou no meu café começou a fazer efeito — respondeu. Ele depositou o copo de café no chão, abriu a caixa de comprimidos em seu colo, retirou um comprimido e o engoliu.

— O que é isso? — perguntou Rosenberg.

— Altoid. Pastilha para o hálito — respondeu Archie.

Rosenberg sorriu.

— Acho que isso não é para engolir.

Archie retribuiu o sorriso.

— Eu estava com fome.

Rosenberg inclinou-se para a frente, e então descruzou e tornou a cruzar as pernas.

— Eu não posso ajudá-lo se você não for honesto comigo — disse.

Archie baixou o olhar para as mãos. De vez em quando, lhe parecia que a discreta marca de sua aliança ainda era visível.

— Eu penso nela às vezes — disse baixinho.

— Em Gretchen Lowell — disse Rosenberg.

Archie ergueu os olhos.

— Me imagino trepando com ela — disse.

Rosenberg pousou a caneta no bloco.

— Ela te aprisionou por cinco dias — disse. — Você se sentiu impotente. Talvez suas fantasias sejam uma maneira de ter poder sobre ela.

— Então é perfeitamente saudável — disse Archie.

— É compreensível — contrapôs Rosenberg. — Eu não disse que era saudável. — Ela estendeu a mão e pousou-a no braço de Archie. Usava anéis em todos os dedos. — Você quer superar isso? Largar os comprimidos? Esquecer o que aconteceu com você? Ser feliz com a sua família?

— Quero — respondeu Archie.

— Esse é o primeiro passo.

Archie esfregou a nuca.

— E quantos são?

Rosenberg sorriu.

— Um a menos.

Havia cinco Vicodin alinhados como pequenas teclas de piano sobre a escrivaninha do escritório de Archie. Archie os arrebanhou e engoliu com o resto de café frio que sobrara da consulta com Rosenberg.

A manhã já ia adiantada e eles ainda esperavam pelo relatório da perícia sobre os novos corpos. Archie deu uma olhada na matéria de Susan Ward no *Herald*. MENINO MISTERIOSO CONDUZ POLICIAIS A NOVOS CORPOS. Não conseguira sequer a primeira página. Estava na editoria de Cidade, espremida pela cobertura da morte do senador. Talvez os pais da criança misteriosa vissem a matéria e juntassem as peças. Archie queria ao menos provar para Henry que não estava ficando louco. Nesse meio-tempo, eles mantinham o poodle sob custódia. Para a possibilidade remota de que viesse a fornecer alguma prova.

Archie tocou o lado direito de seu corpo, onde o persistente espasmo voltara. O Vicodin não pareceu ajudar.

Ele abriu a gaveta de sua escrivaninha e lá estava Gretchen. Ele voltara ao tronco da árvore na noite anterior, em busca do livro. Disse a si mesmo que não desejava sujar o parque, que não queria que um dos técnicos criminalistas o encontrasse, que desejava pôr fim ao assunto tocando fogo na coisa etc. Então por que o trouxera para o escritório, limpou a lama e o colocara na gaveta da escrivaninha?

Raul Sanchez enfiou a cabeça no vão da porta e Archie imediatamente fechou a gaveta com força. Sanchez havia trocado o boné e o impermeável do FBI por um paletó marrom e gravata. Quase não dava para perceber que era uma gravata de presilha.

— Reunião com o prefeito — explicou. — Eles já estão planejando um funeral público para o Castle na beira do rio. Alto-falantes, tendas... É bufê completo. — Ele sorriu com a tirada do bufê. — Vai foder com o trânsito no centro.

— Vou tomar nota para sair da cidade no dia — disse Archie. Ver gente chorando por Castle era um pouco mais do que Archie conseguia suportar no momento.

— Você vai ao funeral do Parker? — perguntou Sanchez.

— Vou — disse Archie. O funeral de Parker era à tarde. Sem tenda nenhuma. Sem barreiras de proteção. A família devia ter movido montanhas para fazer os preparativos tão rápido. Archie tinha a impressão de saber o porquê.

Sanchez hesitou, então coçou a nuca.

— O teor de álcool no sangue dele era de 0,24%. — Ele ergueu os olhos para Archie de maneira significativa, então coçou o queixo barbado. — Achei que você gostaria de saber.

Archie fechou os olhos.

— Merda. — Eles o estavam enterrando na hora certa.

— Vamos esperar até depois do funeral — disse Sanchez. — Vamos divulgar amanhã.

— Obrigado — disse Archie.

Sanchez virou-se para sair.

— Você recebeu minha mensagem sobre o porquê de o Parker ter se encontrado com o Castle? — perguntou Archie. — A matéria da Susan Ward?

— É foda — disse Sanchez, virando-se. Ele deu de ombros. — Mas não muda o resultado do exame de sangue.

Archie suspirou e recostou-se na cadeira, os braços cruzados sobre o peito. A caixa de comprimidos pressionava-lhe a coxa. Gretchen Lowell sorria na gaveta da escrivaninha.

— Não — disse ele.

Susan brincava com o cadarço branco de seu vestido marrom. Decidira não usar preto. Era fúnebre demais. O vestido marrom era clássico, godê, de mangas curtas, com um cadarço branco e dois botões brancos grandes no peito. Ela havia prendido o cabelo turquesa na nuca. De algum modo, parecia colorido demais, irreverente para a ocasião.

Havia uma boa quantidade de pessoas na igreja, provavelmente umas duzentas. Susan reconheceu muitos rostos do jornal. Os bancos de madeira estavam lotados, e havia lugar em pé apenas na parte de trás. A chuva havia passado e o sol infiltrava-se através dos vitrais, projetando trapézios coloridos no chão de madeira.

Parker estava na frente da igreja, em uma urna de cerâmica vitrificada.

Susan estava sentada na terceira fileira. Havia chegado cedo. Ela quase nunca chegava cedo. Mas chegara uma hora antes do funeral e, depois de vinte minutos chorando dentro do carro no estacionamento, entrou e pegou um lugar na frente.

Viu Derek sentado ao fundo com outros repórteres de Polícia. Ele tentou chamar sua atenção, mas ela o evitou.

Então viu Archie Sheridan entrar com a família e sentar-se algumas fileiras atrás dela do outro lado do corredor. Ele vestia terno preto e sapatos pretos lustrosos e sentou-se com o braço em torno da ex-mulher, que usava um vestido preto sem mangas que deixava à mostra seus braços finos e bronzeados. O filho vestia terno cinza e a garotinha usava um vestido cinza de bordado inglês. Eles pareciam uma foto publicitária do que vestir em um funeral.

Susan olhou para a própria roupa. Parecia que ela trabalhava no Mr. Steak.³

O diretor-presidente do *Herald*, Howard Jenkins, fez o discurso fúnebre. Uns poucos repórteres mais antigos do jornal falaram. Não haviam sobrado muitos. A maioria dos funcionários do *Herald* com mais de 50 anos recebia propostas de demissão voluntária, a fim de que o jornal economizasse no pagamento de pensões.

Parker era uma instituição. Parker era o repórter entre os repórteres. Parker denunciava escândalos, era um herói local, o defensor dos aflitos, um campeão, joia rara, funcionário da porra do ano.

Meu Deus, tudo aquilo era uma bobajada. Susan levantou-se, espremeu-se para passar por entre quarenta joelhos, pés e bolsas, saiu o mais rápido possível porta afora, passando para o corredor, desceu a escadaria acarpetada e saiu da igreja.

A antiga igreja de pedra possuía um pátio com vista para as quadras do parque. Algumas mesas, com toalhas cor-de-rosa que se agitavam ao vento, haviam sido dispostas para a recepção pós-funeral. Havia um grande jarro prateado de café e uma tigela de vidro com ponche de fruta. Diversas bandejas de ovos recheados apodreciam ao sol. E várias garrafas de Wild Turkey alinhavam-se em cinco fileiras. Susan sorriu.

Do outro lado da rua, no parque, as pessoas passavam, caminhando. O trânsito da hora do almoço congestionava a rua. As mãos de Susan tremiam.

Archie Sheridan apareceu na porta pela qual ela acabara de escapar.

— Você está bem? — perguntou ele, baixinho.

Susan virou a cabeça, constrangida, e vasculhou a bolsa.

— Eu só estava precisando de um cigarro — disse, mostrando o maço amarelo.

Archie desceu os degraus de pedra e se apoiou no muro da igreja ao lado dela enquanto ela procurava o isqueiro.

— É oficial: o Parker estava bêbado quando caiu da ponte — disse ele. — Vai ser divulgado amanhã.

Susan segurou o isqueiro na ponta do cigarro. A chama lambeu e saltou, então se curvou à medida que ela inalava. Era evidente que aquilo viria à baila, mas mesmo assim ela ficou triste.

— É oficial que o Parker estava *sempre* bêbado — disse ela. — Você sabe disso. — Ela jogou o isqueiro de volta na bolsa. — Ele era alcoólatra.

Archie enfiou as mãos nos bolsos e encarou as pedras no chão.

— Ele tinha 0,24% de álcool no sangue, Susan.

Na igreja, o órgão começou a tocar. *When the Saints Go Marching In.*⁴ Susan sequer sabia que Parker havia sido religioso.

Ela balançou a cabeça. Aquilo era loucura. Não podiam colocar a culpa em Parker. Castle era o culpado. Ele era o predador, o babaca, o perverso; Parker era a vítima.

— E o Castle? — perguntou ela. — Ele podia ter agarrado o volante apesar disso.

— O exame toxicológico do Castle voltou limpo — disse Archie. — Não existem testes de laboratório para detectar impulsos suicidas.

A música do órgão aumentou de volume quando a porta lateral da igreja se abriu. Um poucas pessoas desceram a escada que dava para o pátio. Então mais outras. Susan as observou enquanto se aproximavam dos ovos recheados e começavam a comer, aparentemente sem nenhuma preocupação quanto ao risco de salmonela. Uma mulher na casa dos 60 aproximou-se de Archie e ele a beijou no rosto.

— Margery — disse ele. — Estou tão triste.

Era a mulher de Parker. Susan não a conhecia, mas a vira na igreja ao lado das duas filhas de 30 e poucos, e tirara suas conclusões. Parker havia dito que as filhas se pareciam com sua mulher e estava certo. As três tinham cabelos espessos, pescoço comprido, postura ereta e grandes olhos que lançavam olhares em todas as direções por trás das densas franjas. O cabelo de Margery era grisalho e o das filhas, castanho.

Margery limpou um pedaço de ovo recheado da boca.

— Foi gentil de sua parte ter vindo — disse a Archie. Ela o abraçou, erguendo primeiro a grossa trança e lançando-a atrás do ombro. Então sorriu para Susan. Seus olhos eram azul-claros como os de Parker, e a pele clara, junto com o cabelo grisalho, faziam-na parecer quase albina.

— Você é a Susan — disse ela.

— Como você sabe? — perguntou Susan. Ela estendeu a mão e tocou o cabelo turquesa. — Ah, claro.

— Quentin a tinha em alta conta.

Susan sentiu os olhos arderem.

— Eu também gostava dele — disse ela. Lançou um olhar na direção de Archie, querendo que ele lhe desse alguma indicação de que iria proteger a memória de Parker, proteger sua família das implicações do fato de Parker ser culpado.

Mas Archie olhava para além de ambas, para onde estava Debbie com as duas crianças, perto da saída do pátio.

— Preciso ir — disse.

— Está trabalhando em um caso? — perguntou Margery.

— É o aniversário da minha filha — disse Archie.

³ Cadeia americana de restaurantes especializados em carnes, extinta desde os anos 90. (N. da T.)

⁴ Famoso hino gospel, muitas vezes referido apenas como *The Saints*. (N. da T.)

Os chapéus de pirata de cartolina vieram desmontados, então Archie precisou ajeitá-los e colocá-los na cabeça de dez meninas da primeira série, prendendo-os com elásticos embaixo do queixo. Havia colares de contas, bandeiras de pirata e chocolate no formato de moedas de ouro. A maioria das garotas abriu mão do tapa-olho preto de plástico. Como Sara enfiara na cabeça que queria uma festa de aniversário com tema de pirata, Archie não fazia ideia.

As garotas estavam empenhadas em uma complicada luta de espadas de faz de conta na sala de estar, com o sofá, aparentemente, representando o navio. Debbie recebia os pais com vinho na cozinha. Ben isolara-se em seu quarto. Archie vigiava as crianças e estava de pé, os braços cruzados, apoiado contra o batente da porta, vendo as meninas piratas declararem guerra aos travesseiros.

Sara sussurrou alguma coisa no ouvido de outra pirata e então se aproximou dele correndo, chocando-se contra as suas coxas.

— Papai — disse ela, sem fôlego. — A gente precisa que você seja um pirata malvado.

Archie ajoelhou-se para ficar da mesma altura que ela.

— Suponho que todas vocês sejam piratas boazinhas.

— Isso — respondeu ela.

— E eu tenho que lutar contra vocês? — perguntou ele.

Sara se adiantou com ar preocupado e sussurrou:

— Você sabe imitar pirata?

Archie ficou de pé, pegou uma grande faca de pirata de borracha que estava decorando a mesa de lanches, colocou-a na boca, fez “Arrrrr” e investiu contra o sofá. As meninas gritaram e dispersaram, depois se juntaram à sua volta, rindo.

Então ele ouviu a voz de Debbie:

— Henry está aqui.

Ergueu os olhos, ainda rindo, e viu Henry de pé no vão da porta com Debbie.

— Você está atrasado — disse Archie, sorrindo. Então percebeu que o amigo não havia retirado o coldre do ombro. Henry conhecia as regras sobre armas na casa. De modo que aquilo só podia significar uma coisa: — E só está de passagem, pelo jeito.

Sara também viu Henry, pulou do sofá e correu até ele, lançando-lhe os braços ao redor da cintura.

— Henry! — gritou, feliz. Henry devolveu o abraço e retirou do bolso um pequeno presente mal embrulhado, que entregou a ela.

— Eu só queria deixar isso — disse ele. — Feliz aniversário.

Ela sorriu de alegria, lançou os braços em torno de seu pescoço, beijou-o e então voltou em disparada para o sofá-navio.

Henry ergueu as sobrancelhas na direção de Archie.

— Podemos conversar? — perguntou.

Archie percebeu, pela gravidade do olhar de Henry, que as notícias eram ruins. Sentira-se feliz por um minuto, pensou. Esse fora o seu erro.

Entregou a espada de borracha a Sara e livrou-se das garotas. Elas imediatamente ficaram para trás e começaram a organizar uma caminhada pela prancha.

Debbie continuava de pé à porta, ao lado de Henry, os braços cruzados. À medida que se aproximava, Archie sentiu a dor abaixo das costelas começar a latejar.

— O que está havendo? — perguntou.

Henry hesitou.

— Houve um incidente na prisão.

A dor se fora. Archie retesou ligeiramente o tronco.

— Ela está bem?

Henry se inclinou para a frente e abaixou a voz, de maneira que Archie teve de esforçar-se para ouvi-lo por sobre o riso das meninas.

— Ela está na enfermaria. Foi estuprada. Foi feio, Archie. É coisa séria.

Archie subitamente percebeu Debbie de pé ao lado deles. Ela se manteve completamente imóvel por um longo instante e então, devagar, esticou a mão e tocou o braço de Henry.

— Não — disse a Henry. — Não faz isso. Hoje não.

Henry suspirou e balançou a cabeça.

— Foi um guarda — explicou. — Precisamos que ela nos diga qual. Ela só vai contar ao Archie.

— Não — disse Debbie. Virou-se para Archie. — É a festa de aniversário da sua filha. O Henry pode cuidar disso.

Archie segurou-lhe as mãos e a olhou nos olhos — a mãe de seus filhos —, e tentou explicar:

— Ela é minha responsabilidade.

Debbie fechou os olhos. E então deixou que suas mãos se afastassem das dele e virou-se para as garotas. Bateu palmas.

— Quem quer bolo? — perguntou.

A penitenciária estadual do Oregon era um complexo de prédios em cores vivas, isolado atrás de um muro de tijolos recoberto de estuque e com arame farpado. A prisão ficava uma hora ao sul de Portland, em Salem, cercada por 9 hectares de campos verdejantes, próximos à auto-estrada. Abrigava detentos de ambos os sexos e era a única prisão de segurança máxima do estado. Archie e Henry haviam passado tanto tempo lá dentro desde a captura de Gretchen que conheciam cada corredor, cada guarda.

A enfermaria, um longo aposento sem janelas, de aproximadamente 12 x 9 metros, ficava no centro do edifício principal. As paredes de concreto haviam sido pintadas de cinza, e o chão, recoberto de linóleo decorado com respingos. Apenas o essencial. Sem quadros nas paredes para que as pessoas se sentissem melhor. O cômodo possuía quatro camas, cada uma com sua própria cortina, para maior privacidade. O fraco cheiro de suor, sangue e fezes permeava tudo.

Um enfermeiro estava sentado atrás de uma mesa alta perto da porta. Ergueu os olhos, viu os crachás temporários de Archie e Henry e tornou a olhar para o gráfico que estava examinando. Archie passou por ele e dirigiu-se ao fundo da sala, onde viu um guarda. Gretchen sempre se deslocava acompanhada de um guarda.

Ele não estava preparado para o que viu quando contornou a cortina. Gretchen achava-se amarrada à cama, pulsos e tornozelos presos por amarras de couro. Sua cabeça estava virada para o lado, os olhos fechados. Usava

camisola de hospital e tinha graves contusões visíveis nos braços finos. Hematomas. A pele inchada, escurecida pelos vasos sanguíneos rompidos. Eles a haviam encontrado no quarto desse jeito. Encolhida no chão. Um *kit* para verificação de estupro dera positivo para sêmen. Archie ficou enjoado só de pensar.

— Nos dê um minuto — disse Henry ao guarda.

O guarda balançou a cabeça devagar.

— Tenho que ficar com ela.

Henry inclinou a cabeça na direção do corpo de Gretchen, que estava de bruços.

— Ela está amarrada à cama, Andy. Nos dê um minuto.

O guarda olhou de relance para o corpo machucado de Gretchen.

— Vou esperar ao lado da porta, caso vocês precisem de alguma coisa — disse ele.

Archie contornou a cama até uma cadeira de alumínio e sentou-se. Gretchen não se moveu. Ele estendeu o braço e segurou a mão dela. Pareceu-lhe fria e frágil.

Suas pálpebras tremeram e se abriram e ela sorriu ao vê-lo.

— Então é isso que é preciso para chamar a sua atenção? — perguntou ela, com voz fraca. Uma infusão intravenosa de morfina estava presa com esparadrapo em seu braço e sua cadência era lenta e criteriosa.

— Quem fez isso com você? — Archie perguntou baixinho.

Os olhos azuis de Gretchen moveram-se na direção de Henry. Archie sabia que ela queria que Henry saísse da sala, mas não iria pedir isso a ele. Sabia que Henry não sairia.

— Me fala quem fez isso — pediu Archie novamente.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Isso seria uma violação das normas de comportamento da prisão.

— Ah, puta que o pariu — disse Henry.

Archie lançou um olhar na direção de Henry.

— Deixe que eu me preocupe com isso — disse a Gretchen.

— Você está preocupado comigo? — perguntou ela, analisando-o. — Que gentil, querido. Mas seu trabalho não é me proteger. — Ela baixou a voz, simulando um tom conspirador. — É proteger as pessoas de mim.

— Não interprete mal o meu interesse — disse Archie. — Você está sob custódia do estado. Eu sou um empregado do estado. Até que tenhamos localizado todas as pessoas que você matou, o seu bem-estar é do interesse do estado.

— Tão romântico — disse ela com um suspiro. Virou a cabeça na direção de Henry. Transformara em arte a atitude de ignorá-lo. Ela nunca reagia a nada que ele dizia, e mantinha conversas inteiras com Archie como se Henry não estivesse sequer presente. — Diga-me uma coisa, querido — disse olhando para Henry, mas falando com Archie. — Você consegue sentir que não tem mais baço? Ainda dói?

— Não mais — respondeu Archie.

— Eu penso nisso — disse Gretchen, sonhadora. — Nas minhas mãos dentro de você. Você era tão quente e pegajoso. Eu ainda sinto seu cheiro, o cheiro do seu sangue. Você se lembra?

Archie passou a mão pelo rosto.

— Eu perdi a consciência — ele lembrou, calmamente.

Ela sorriu.

— Eu me arrependo disso. Eu queria te manter acordado. Queria que você se lembrasse. Fui a única a entrar fundo assim em você.

— Você e a equipe de cirurgiões de emergência no Emanuel.

— É verdade. — Ela riu e o esforço a fez contrair-se de dor.

— Eles me disseram que o sujeito quebrou quatro costelas suas — disse Archie. Suas próprias costelas ainda doíam de vez em quando, no local onde Gretchen havia enfiado um prego em sua caixa torácica.

— Todas as vezes que eu respiro, penso em você.

— Diga quem foi — pediu ele.

— Você voltou a morar com ela, não voltou?

A pergunta pegou Archie de surpresa. Debbie referia-se a Gretchen com frequência como se ela fosse sua amante. Mas Archie às vezes sentia que era o contrário. Como se, por ter voltado a morar com sua ex-mulher, estivesse traindo Gretchen.

Provavelmente valeria a pena discutir isso na terapia.

Gretchen estava esperando que ele respondesse. Os belos olhos cintilaram. Ela parecia magoada. Era tudo atuação, claro. Tudo que Gretchen fazia era atuação.

— Voltei — disse Archie.

Ela lançou-lhe um olhar preguiçoso e perverso e suspirou:

— Mas você ainda não trepou com ela.

Archie parou de respirar.

— Já chega — disse Henry.

Archie ouviu a porta da enfermaria se abrir, escutou vozes masculinas e o som de passos contra o linóleo.

— Archie — avisou Henry.

Archie viu a mesma coisa que Henry — a mão dele e de Gretchen entrelaçadas. Mas ainda não conseguia se mover. Viu Gretchen sorrir com doçura para Henry. Era um sorriso que Archie conhecia. Queria dizer: Vá se foder. E ainda assim Archie não se moveu.

A voz de Henry era um sussurro áspero:

— Cacete! Archie!

Foi como se um interruptor tivesse sido acionado. Archie puxou a mão e afastou a cadeira alguns centímetros, entrelaçando os dedos atrás da nuca justo quando o diretor da prisão e dois guardas entraram.

— Senhores — disse o diretor. — Aconteceu uma coisa que vocês deveriam ver.

Henry esperou até que Archie e os outros tivessem passado pela cortina ao sair da sala. Então se afastou da parede contra a qual estivera apoiado e deu um passo em direção à cama.

— Engraçado... — disse ele a Gretchen. — Ele desceu a porrada em você. Mas, por alguma razão, nem encostou no seu rosto.

Ela lhe devolveu um olhar sem expressão, como se ele fosse transparente para ela. Não era só com Henry. Ela não tinha tempo para ninguém além de Archie.

— Você acha que isso vai trazê-lo de volta para cá? — perguntou Henry. — Que ele vai ficar à sua disposição de novo? Você está errada. Ele não vai se deixar enganar.

Ela só piscou.

Ele virou-se e deu um passo para alcançar os outros.

— Henry — disse ela.

Ele congelou ao som da voz dela dizendo seu nome. E tornou a virar-se. Ela inclinou a cabeça e ergueu uma sobrancelha.

— Vai ser interessante ver qual de nós dois o conhece melhor — disse ela.

Deus do céu, como era presunçosa. Henry passara anos se culpando. Por não ter suspeitado de Gretchen logo no início. Por não ter encontrado Archie mais rápido. Por ter endossado o acordo insano para redução da pena que despachara seu amigo, semana após semana, para as garras dela. Ele já conhecia Archie antes. Sabia o quanto ele havia mudado. O acordo não valia isso. Não importava quantos cadáveres ela apresentasse. Gretchen Lowell era a garota-propaganda da pena de morte. Ele se inclinou para a frente.

— Quem quer que tenha feito isso com você — disse ele sem rodeios — merece uma porra de uma medalha.

Archie apareceu por trás da cortina.

— Você vem?

Henry se endireitou, desconcertado.

— Estou indo — disse. Afastou a cortina atrás de Archie. Com o canto dos olhos, Henry pensou ter visto Gretchen piscar para Archie, mas não podia ter certeza.

Não fazia muito tempo que o guarda estava morto. Mas estava decididamente morto. Enforcara-se no vestiário, um dos poucos locais na prisão sem câmeras de segurança. Era um aposento estreito e comprido, a essa altura lotado de gente olhando de perto, mas não muito, o corpo que pendia de um cano de esgoto no alto.

— O nome dele é B.D. Cavanaugh — disse o diretor a Archie. — Estava aqui há nove anos. Ficha limpa.

Enforcamento era o segundo método mais popular de suicídio nos EUA, depois das armas de fogo. Archie não entendia a popularidade. Era difícil demais de controlar. Claro, se a pessoa tivesse sorte, a medula espinhal se romperia e a morte seria instantânea. Mesmo na ausência de uma fratura, a obstrução das carótidas ou o colapso do nervo vago poderiam levar a uma morte relativamente tranquila. Rápida perda da consciência, seguida de trombose generalizada. Mas se a pessoa não tivesse sorte, e seu pescoço não se partisse, as carótidas continuariam a bombear até que ela morresse, de forma lenta e torturante, por estrangulamento.

O guarda não tinha tido sorte. O rosto estava congestionado e sem cor, os olhos injetados de sangue, a língua projetava-se entre lábios azuis e um fluxo de urina de odor adocicado escorria pelas calças cor de canela do uniforme e acumulava-se no local em que o dedão do pé do sujeito roçava o carpete.

— Ele é o cara que estuprou Gretchen? — perguntou Archie. O cheiro de urina mesclava-se ao perfume pungente de flores e naftalina dos desodorizantes sanitários.

— Ele tinha acesso — disse o diretor. — Estava de serviço. E olhe as mãos dele.

As pontas dos dedos do guarda estavam azuis, e seus antebraços exibiam uma teia de arranhões finos e avermelhados.

O olhar do diretor deslizou para o local onde a protuberância da ereção do guarda pressionava a calça. Ele limpou a garganta.

— Você já viu alguma coisa parecida?

— É causado pelo acúmulo de sangue na metade inferior do corpo — disse Archie em tom natural. — Os tecidos se expandem até sua capacidade máxima. Vai diminuir assim que ele estiver na horizontal.

— Então não é tesão?

— Faça uma raspagem do pênis — disse Archie. — Quero uma comparação de DNA com o material do estupro.

Archie não sabia ao certo o que esperava sentir quando confrontado com o agressor de Gretchen. Mas sentiu-se insatisfeito diante de seu cadáver suspenso. Seria porque não podia atirá-lo contra a parede? Prendê-lo? Porque não podia ser o príncipe, o salvador de Gretchen?

Archie não conseguia se livrar da sensação de responsabilidade pelo que acontecera. Gretchen não estava numa prisão feminina. Estava na ala de solitárias, que ficava na seção masculina do complexo, portanto seus guardas geralmente eram homens. Gretchen era esbelta, mas perigosa. Descobrira centenas de maneiras diferentes de matar pessoas. Mas o guarda era grande, tinha pelo menos uns 110 quilos, e, para Archie, poderia, sim, tê-la dominado.

— Ele aplicou um mata-leão — disse o diretor. — Quebrou a clavícula dela. O médico acha que ela ficou inconsciente durante a maior parte do ocorrido.

— Nossa — disse Archie.

— E aí ele vai e se mata? — disse Henry e bufou. — Tão conveniente.

Archie lançou-lhe um olhar.

— O quê? — perguntou Henry. — Você acha que ela não é capaz de armar isso?

— Ela é a vítima até que se prove o contrário.

Henry ergueu o queixo em direção ao corpo.

— Ele se divorciou recentemente? — perguntou ao diretor.

O diretor concordou com um aceno de cabeça.

— A mulher largou ele ano passado.

Henry olhou para Archie.

— Encaixa no perfil dela.

Gretchen havia usado a Internet para caçar homens solitários a quem pudesse manipular. Viajava com eles por algum tempo, fazia-os matar por ela, e então os executava. Havia feito isso pelo menos três vezes. Não estava fora de cogitação que ela de alguma forma tivesse convencido o sujeito a morrer por ela, ou por causa dela.

— Ele deixou algum bilhete? — perguntou Archie.

O diretor ergueu as sobrancelhas na direção do banheiro adjacente ao vestiário. Archie e Henry o seguiram até lá. O banheiro tinha dois chuveiros, três compartimentos, uma fileira de mictórios, uma bancada com duas pias e, acima delas, um espelho no qual alguém desenhara, com uma caneta de ponta de feltro, um coração.

Archie percebeu que, inconscientemente, havia erguido a mão para a própria cicatriz de coração no peito, a pele em relevo sob o tecido de algodão da camisa. Enfiou com força a mão no bolso, apenas para se assegurar da presença da caixa de comprimidos.

— É a assinatura dela, certo? — perguntou o diretor. — Um coração?

— Certo — disse Archie. Retirou a caixa de comprimidos do bolso, abriu-a, colocou três comprimidos na boca e os engoliu. Suas mãos tremiam. — Você precisa revezar todos os guardas dela. Foi um erro permitir que ela tivesse contato com homens. De agora em diante, só mulheres vão ser designadas para ela. — Ele estendeu a caixa de comprimidos para o diretor. — Tic Tacs — disse Archie. — Quer um?

O diretor olhou de maneira estranha para Archie e balançou a cabeça.

Archie ergueu os olhos para o próprio reflexo, emoldurado pelo coração de tinta.

— A culpa é minha — disse. — Eu devia ter prestado mais atenção. Devia ter vindo mais até aqui.

— Ela está manipulando você — disse Henry baixinho.

— Eu precisava de um tempo — disse Archie para o próprio reflexo, tentando convencer-se. — Já posso lidar com isso agora. — Virou-se para o diretor. — Vasculhe os relatórios da segurança. Reveja as fitas. Entreviste o pessoal. Quero saber se eles tinham um relacionamento.

A pele avermelhada do diretor ficou rubra quando ele percebeu onde Archie queria chegar.

— Você acha que ela estava trepando com ele esse tempo todo? —
perguntou.

Archie sentiu o estômago se contrair. Parecia um pouco enciumado.

— Reze para que não — disse ele.

A TV no escritório de Archie em casa estava ligada, sem volume. Aquele era o aparelho que ele e Debbie haviam comprado para seu primeiro apartamento, na época da faculdade. Uma Panasonic colorida de 27 polegadas. Havia parecido uma extravagância então. Agora só parecia velha e pesada. Debbie havia comprado uma TV de tela plana para a sala de estar. Mas Archie não conseguia abrir mão da TV antiga. Tinha valor sentimental.

Ele havia ligado no noticiário local na esperança de que fizessem a cobertura dos corpos no parque, mas a notícia havia sido preterida pela contínua cobertura do circo que rodeava a morte do senador. Já estavam falando até em mudar o nome do aeroporto para Castle International.

Archie perguntou-se o que Molly Palmer achava disso.

Ele retirara do armário quatro caixas de papelão de arquivos, repletas de relatórios sobre pessoas desaparecidas, e estava esvaziando o conteúdo de uma delas sobre sua escrivaninha. Havia 108 arquivos, todos de gente desaparecida no Noroeste do Pacífico entre 1994 e 2005, a época em que Gretchen estava matando. Alguns provavelmente eram fugitivos, objetos de disputa de custódia, caloteiros. Mas alguns haviam sido torturados e assassinados, e apenas Gretchen sabia quais. Archie conhecia cada fotografia, cada história. Havia se reunido com várias famílias de desaparecidos à procura de pistas, de indícios de que tais pessoas tivessem atraído a atenção fatal de Gretchen. Algo na maneira como se vestiam ou se comportavam; um lugar que frequentassem. Mas esse era o problema com Gretchen — não havia um perfil típico de vítima. Ela matava qualquer um.

Havia algo de gratificante em examinar os arquivos de novo. Ninguém os conhecia melhor do que Archie. Ele não conseguia identificar uma garota morta no parque, mas isso aqui ele conseguia fazer. Havia passado a carreira

trabalhando no caso Beleza Mortal, de um jeito ou de outro. Era bom estar de volta.

Sorriu para si mesmo. Ele iria se encontrar com Gretchen no domingo, ela lhe daria a localização de um corpo e outra família teria respostas. Mais um arquivo seria concluído. Ele e Gretchen tornariam a se acomodar em sua rotina. Esse pensamento fez com que Archie se sentisse... feliz.

Enfiou dois Vicodin na boca e levantou-se para pegar água no banheiro no outro lado do corredor, para ajudar a engoli-los. Quando abriu a porta para sair do escritório, o copo vazio na mão, ficou surpreso ao ver Henry junto a Debbie, como se os dois estivessem se preparando para entrar.

Archie congelou.

— Eu não sabia que você estava aqui — disse a Henry. Archie deu uma espiada em Debbie buscando algum tipo de explicação. Mas ela evitou o contato visual.

— Eu queria falar com a Debbie — disse Henry.

Archie girou o copo vazio nas mãos.

— O que está acontecendo? — perguntou devagar.

Henry se inclinou para a frente, olhando de relance para trás, na direção da sala de estar. As crianças estavam lá. Archie ouviu o som de um vídeo sendo reproduzido.

— Podemos conversar no seu escritório? — perguntou Henry.

Archie baixou os olhos para o copo. Sentiu os comprimidos — um duro nó em sua garganta — começarem a queimar.

— Eu estava indo pegar água — disse.

— Eu pego — disse Debbie. Deu um passo à frente e segurou o copo.

— Vocês vão se casar? — perguntou Archie.

Henry não riu. Olhou para trás, na direção da sala e das crianças, e então tornou a olhar para Archie.

— Vamos entrar no escritório — disse novamente.

— Ok — disse Archie. Voltou ao escritório, foi até a escrivaninha e se sentou. A TV mostrava cenas coloridas de Castle na juventude, quando fora eleito pela primeira vez para um cargo público. Os arquivos de pessoas desaparecidas estavam empilhados sobre a escrivaninha, ao lado da caixa vazia. Ele já tinha algumas ideias de como abordar Gretchen a respeito dos crimes

dessa vez, mas teve a sensação de que esse não era o momento para trazer isso à baila.

Henry não se sentou. Caminhou até o meio do aposento e permaneceu de pé. Passou a mão pela calva.

— Mandei transferir Gretchen — declarou.

As pílulas na garganta de Archie pareciam um punho.

— O quê?

Henry olhou Archie nos olhos.

— Dei entrada em um pedido de transferência para que Gretchen vá para Lawford.

Archie esquadrinhou o rosto de Henry em busca de explicação.

— Mas isso é no leste do Oregon.

Henry não se moveu.

— Você não vai mais poder vê-la — disse simplesmente. — Está fora da lista de visitantes. Nenhum contato. Nada de cartas entrando ou saindo. Nada de telefonemas. Nada de visitas. Ponto final.

Archie sentiu a sala desmoronar ao seu redor. Ele engoliu com força para que as pílulas descessem, sentindo o ácido queimar em seu estômago. Mas as pílulas continuaram no lugar. Ele sacudiu a cabeça.

— Você não pode fazer isso.

— Já está feito — disse Henry baixinho.

— Vou ligar para o prefeito — disse Archie. Ele tossiu e levou a mão ao esterno.

— Você está bem? — perguntou Henry.

— Só preciso de um pouco de água — disse Archie, seus olhos se enchendo de lágrimas.

— Debbie — chamou Henry. — A água? — Ele tornou a se virar para Archie, seus ombros desmoronando. Archie nunca o vira tão pesaroso. Ou resoluto. — Eu conversei com Buddy — disse ele. — Estamos de acordo nesse assunto.

O prefeito Buddy Anderson havia sido o líder da Força-Tarefa Beleza Mortal antes de Archie. Mantivera-lhe o financiamento quando fora chefe de polícia e, como prefeito, sempre se assegurara de que Archie tivesse tudo de que precisasse. Não era altruísmo. Buddy sabia o valor da boa publicidade.

— E o projeto de identificação das vítimas? — perguntou Archie. Precisavam dele. Buddy precisava dele. Ninguém conhecia os arquivos das vítimas da Beleza Mortal como Archie.

— Ela pode falar com outra pessoa — disse Henry. — Ou não. Mas não vale isso.

— Eu preciso vê-la — confessou Archie. Odiou a impressão que estava causando. De desespero. De histeria. Henry, Debbie, Buddy, todos o haviam traído. Ergueu os olhos e viu Debbie parada na porta, o copo na mão. — Por favor — implorou Archie.

Henry manteve-se firme.

— Não dá. Está feito. Ela vai ser transferida amanhã. E está em confinamento até lá. Está acabado.

Não. Henry não podia fazer isso. Archie havia sido o líder da Força-Tarefa Beleza Mortal. Eles não podiam simplesmente tirá-lo do caso. Archie se levantou, pegou o telefone em sua mesa e teclou o número da prisão, que sabia de cor. As pílulas queimavam. Archie tossiu. A TV continuou a zumbir. Concentre-se.

— Fala, Tony. Aqui é Archie Sheridan. Preciso falar com Gretchen. Estou saindo neste instante. Você pode providenciar para que ela esteja pronta?

Houve uma leve hesitação.

— Ela está em confinamento, senhor. Nada de visitas.

Archie fechou os olhos.

— Você pode levar um telefone até ela?

Outra hesitação. Archie sentiu-se mal por ele.

— Fomos instruídos a não permitir que o senhor fale com ela — disse Tony.

— Tudo bem — disse Archie e pressionou o botão END no fone. — Tudo bem. — As pílulas queimavam como azia. A dor era familiar. O desentupidor de ralos que Gretchen o fizera beber queimara-lhe o esôfago. Ele levava meses para se recuperar da cirurgia. Ficou ali parado mais um instante, com o fone na mão, e então o arremessou com toda a força contra a parede branca do escritório. O aparelho chocou-se contra a parede de gesso e caiu no chão em dois pedaços, as pilhas rolando sobre o carpete. Debbie ofegou e deixou cair o copo de água que tinha na mão. Em seguida, uma das menções de louvor emolduradas trincou e dois pedaços de vidro afiados caíram no chão. Debbie se

abaixou para recolher o copo. Havia caído sobre o tapete e não se quebrara. Olhou impotente para a poça de água que ensopava o tapete.

Naquele instante, Archie a odiou.

— Você sabia disso — disse ele, saindo de trás da escrivaninha.

Debbie ergueu os olhos assustada.

— Henry acabou de me contar.

A expressão de mágoa no rosto da mulher o arrasou. Archie sentiu as pernas perderem as forças e afundou no chão, diante da escrivaninha. Sua cabeça pendeu e ele entrelaçou as mãos atrás da nuca. E ainda assim, pensava apenas em Gretchen.

— Eu sei que eu preciso de ajuda — disse. Sentia um forte desespero, o coração acelerado, a sensação de iminente falta de ar. Sua mente buscava qualquer coisa para dizer a fim de que Henry mudasse de ideia. Não importava o quê. — Cancela a transferência — pediu. — Eu posso segurar minha onda. O que você quiser. Mas eu preciso vê-la.

A voz de Henry soou perfeitamente modulada. Era uma entonação que Archie o ouvira usar milhares de vezes com suspeitos.

— Você ficou meses sem vê-la — disse Henry. — Estava melhorando.

A cabeça de Archie latejava. Pressionou a ponte do nariz com o polegar e o indicador.

— Não — disse com um riso triste. — Não estava.

Debbie aproximou-se e se ajoelhou ao seu lado.

— Archie, estamos fazendo isso por você.

— Eu preciso dela — disse Archie, sua voz pouco mais que um sussurro, os comprimidos ainda colados à garganta. — Vocês acham que estão ajudando. Mas isso só vai piorar as coisas.

Debbie segurou o rosto de Archie com ambas as mãos.

— Eu sinto tanto a sua falta.

Ele a olhou nos olhos. As mãos dela provocaram uma sensação estranha em sua pele. Pouco familiar.

— Me deixem sozinho — disse. Ergueu os olhos na direção de Henry. — Os dois.

Debbie afastou as mãos, levantou-se e ficou atrás de Henry, a mão em seu braço.

— Archie? — disse Henry.

Archie ergueu os olhos. Atrás de Henry e Debbie, ele pôde enxergar a televisão; o carro sendo retirado do Willamette, a viúva chorosa do senador.

— Eu preciso da sua arma hoje — disse Henry. — Vou dormir no sofá. De manhã você pode pegar de volta.

— Claro — disse Archie. Ele estendeu a mão, pegou as chaves na escrivaninha, atirou-as para Henry e observou enquanto Henry contornava o móvel e destrancava a gaveta onde Archie guardava o revólver de serviço. Henry pegou a arma, abriu o tambor para se certificar de que estava vazio e então fechou a gaveta.

Henry pousou sua imensa mão sobre o ombro de Archie e a manteve ali por um instante.

— Sinto muito — disse.

Archie não sabia se ele queria dizer que sentia muito por causa de Gretchen, por pegar a arma ou por conspirar com Debbie. Não importava. Se Archie fosse se matar, não usaria a arma. Usaria os comprimidos. Gretchen saberia disso.

Archie acordou todo duro. Era a combinação do sofá-cama do escritório com a falta dos seus comprimidos matinais. Todo dia ele acordava como se estivesse resfriado. A primeira coisa que percebera fora a rigidez em suas pernas e braços, a dor nas costelas e a cabeça latejando, e então Sara, de pé ao lado da cama, vestida para a escola, de macacão vermelho e camiseta rosa.

A TV ainda estava ligada. Imagens aéreas de labaredas enchiam a tela. O noticiário dera um tempo no luto pelo senador para cobrir um incêndio florestal no centro do Oregon. Até o noticiário já tinha partido para outra.

— O Henry está fazendo ovos — disse Sara. Ele sentiu o cheiro dos ovos e, depois, do sal e da gordura emanando da cozinha. Aquilo fez seu estômago revirar.

— Você precisa levantar — disse Sara.

Archie esfregou o rosto e olhou para o relógio. Eram seis e meia da manhã.

Sara segurou a mão dele e começou a puxar.

Ele estava usando as calças de um pijama que Debbie lhe comprara no Natal havia alguns anos, sem camisa e, quando sentou, o cobertor deslizou e expôs as cicatrizes em seu peito. Sentiu o ar frio no torso, viu os olhos de Sara se arregalarem, então baixou os olhos e contemplou o próprio corpo mutilado. Soltou a mão de Sara e ergueu o cobertor até as axilas. Ele esperava que ela recuasse, mas, em vez disso, Sara se inclinou na direção dele e envolveu-lhe metade do pescoço com os braços.

— Eu também tenho cicatrizes — sussurrou. Sara puxou o cabelo para trás, revelando uma cicatriz fina como papel na linha em que se iniciava o cabelo, provocada por uma queda de trenó quando tinha 3 anos. — Está vendo? — perguntou.

Archie tocou a cicatriz na cabeça da filha. Era tão fina que seus dedos grossos mal conseguiam senti-la; nada parecida com as fendas que sulcavam sua própria pele. Quando passava a mão pela topografia das próprias cicatrizes, imaginava-se tateando a superfície de outro planeta.

Archie a beijou na testa, a cicatriz sob seus lábios.

— Vai comer seus ovos — disse. — Eu vou já já.

Só quando Sara saiu e fechou a porta atrás de si foi que Archie afastou por completo o cobertor e se sentou na beirada da cama. Ergueu a mão e tateou a cicatriz em forma de coração, seu próprio coração batendo por baixo dela. Gostava da sensação agora, e deixou os dedos deslizarem pela superfície da cicatriz por um longo momento, antes de estender a mão para pegar a calça e os comprimidos no bolso da frente.

Leu a legenda na parte inferior da TV. Dois incêndios haviam se fundido.

Archie tomou banho e fez a barba. Os comprimidos começaram a fazer efeito sob a ducha quente e, quando havia terminado de se barbear, ele sentiu o zumbido relaxante do Vicodin. Os comprimidos produziam uma espécie de rugido monótono em sua cabeça, que silenciava a culpa. Às vezes, pensava em largá-los. Mas só de manhã bem cedo. Nunca depois de já estar chapado.

Vestiu calça e camisa marrons e dirigiu-se à cozinha. As crianças haviam terminado de comer. Henry estava de pé ao lado do fogão, vestindo o avental branco de Debbie e fazendo ovos mexidos. Sua cabeça fora recentemente raspada. Estava usando uma roupa diferente da que usara na noite anterior. Ele havia planejado com antecedência e levava uma maleta para passar a noite.

Henry ergueu os olhos para Archie e sorriu.

— Você está parecendo um entregador — disse.

Sara correu de Debbie para Archie, o que fez com que a lancheira de metal se chocasse contra a coxa dele. Ben permaneceu onde estava, ao lado de Debbie.

Sara ergueu os olhos para Archie.

— Tenho teste de ortografia hoje — disse.

— Você está na primeira série — disse Archie.

— O Henry estava me fazendo perguntas — disse ela.

— Ela sabe escrever melhor do que eu — declarou Henry.

Debbie aproximou-se, colocou a mão no ombro de Sara e beijou Archie no rosto.

— Te vejo hoje à noite — anunciou. — O Henry disse que vai olhar as crianças. Nós podemos sair. Fazer alguma coisa legal.

— Claro — disse Archie.

Debbie acenou com a cabeça e pegou Sara pela mão.

— Vamos — disse. — Ben, dá um beijo no seu pai.

Ben adiantou-se, arrastando os pés, e Archie se inclinou para que o filho lhe desse um beijo de despedida.

— Eu amo você, papai — disse Sara. — A-M-U.

— O — corrigiu Archie.

E eles se foram.

Archie pegou uma xícara de café e sentou-se à mesa da cozinha. Os pratos das crianças ainda estavam ali, junto com migalhas de pão, restos de ovos e gordura.

— Minha arma? — pediu Archie.

Henry caminhou até um dos armários altos acima do fogão, estendeu o braço e pegou a arma, então foi até a mesa e depositou-a diante de Archie.

— Está descarregada — disse.

Archie conservou-a um instante nas mãos, então a fez deslizar para o coldre de couro na cintura.

— Você quer conversar mais um pouco? — perguntou Henry.

— Ela está em trânsito? — perguntou Archie.

— Está — disse Henry.

— Então não há sobre o que conversar — disse Archie. Antes que Henry pudesse responder, o celular de Archie tocou. Ele o retirou do bolso, abriu-o com um ruído seco e o segurou contra o ouvido.

— Sou eu — Archie ouviu Susan Ward dizer. — Descobri quem é a sua morta.

O necrotério de Portland ficava no porão de um prédio de estuque bege na parte norte da cidade. As paredes no interior eram pintadas de bege. O linóleo era bege. Os roupões esterilizados que Susan e Archie tinham de vestir eram bege. A sala onde eram feitas as autópsias ficava no porão. Todos os necrotérios ficavam no porão, a julgar pelo que se via na TV. Havia uma fileira de macas de aço, várias balanças e recipientes de aparência funesta e quatro grandes ralos no chão, por onde escorria o sangue limpo com jatos de mangueira no final do dia. A aproximadamente 3 metros de altura, um grupo de janelas congeladas permitia a entrada de uma estranha luz branca e alguém atulhara os peitoris de plantas de interior. Clorofitos. Seringueiras. Samambaias.

— Esse lugar cheira a removedor de esmalte — disse Susan.

— Você vai me contar quem você acha que ela é? — perguntou Archie.

Susan combinara de se encontrar com Archie no estacionamento do necrotério. Ele estava lá, esperando, quando ela chegou, 15 minutos atrasada, o que, para Susan, era cedo. Susan não viu Henry.

— Só quero ter certeza — disse ela.

O corpo estava coberto por um oleado preto, o tipo de coisa que se joga por cima de uma pilha de lenha ao ar livre. Uma perita do necrotério havia acabado de trazê-lo. Por baixo do jaleco esterilizado bege, a perita usava calças de veludo, tamancos, gola olímpica e meias de lã, embora fosse verão. Provavelmente sempre fazia frio lá embaixo. Archie acenou com a cabeça na direção da perita e ela abriu o zíper do saco e dobrou para baixo a grossa mortalha de plástico.

A mulher morta não tinha mais rosto. Archie havia avisado Susan, mas, ainda assim, ela não estava preparada para o que viu. A mandíbula da mulher

pendia frouxa, o que fazia com que os dentes estivessem ligeiramente afastados na boca sem lábios, a língua enegrecida parecendo uma fruta machucada. O sangue coagulado nas maçãs do rosto e nas órbitas oculares parecia geleia de uva. Susan não entendia como os médicos legistas conseguiam comer.

Ela olhou para baixo e percebeu que sua mão apertava o pulso de Archie. Seu coração batia acelerado e ela sentiu uma espécie de peso na garganta. Mas forçou-se a continuar olhando. À procura de alguma coisa. Alguma pista. Algo familiar.

E então encontrou.

— Ai, meu Deus — disse.

Ela sentiu o pulso de Archie se libertar e a mão dele agarrar a sua, os dedos dos dois se entrelaçando.

— Fala — disse ele.

Susan não estava chorando. Não exatamente. Eram apenas lágrimas. Escorriam-lhe pelo rosto e sobre o suéter peruano de tricô preto de sua mãe. Susan sentiu frio onde as lágrimas haviam deixado trilhas salgadas em seu pescoço. Estremeceu. Aquilo não era culpa sua, disse a si mesma. Parker. O senador. Nada daquilo. Era uma reportagem. Ela era repórter. O público tinha o direito de saber.

— É Molly Palmer — disse ela.

Archie baixou os olhos para o cadáver na superfície à sua frente. — Você está me dizendo que essa é a sua fonte na reportagem sobre o Castle? — perguntou. — Que a mulher que encontramos morta no parque na noite anterior à queda do Castle da ponte era a mesma que estava prestes a desmoralizá-lo publicamente?

Susan concordou com um aceno de cabeça.

Archie olhou para o rosto esquelético e sinistro do cadáver, a pele marmórea e inchada.

— Como você sabe? — perguntou ele.

Susan ergueu uma das mãos e puxou uma mecha de cabelo turquesa.

— Finalmente consegui fazer contato com a companheira de quarto dela ontem à noite. Ela disse que Molly tinha se mandado, tinha deixado um bilhete e ido embora sem mais nem menos. Mas primeiro ela pintou o cabelo. Ela trabalhava como *stripper*. E as loiras ganham mais gorjetas. Só que ela ia largar o emprego. — Susan soltou a mecha de cabelo, mas o cacho se manteve enroscado em torno do seu dedo. — Ela tingiu o cabelo de vermelho. A cor se chama Brilho de Canela. A companheira de quarto dela encontrou a caixa no lixo do banheiro.

Identificação da vítima com base na cor do cabelo. Archie podia imaginar a reunião na promotoria pública. Vidal Sassoon⁵ como testemunha especializada.

— Você não vai se ofender se eu conferir com os registros dentários? — perguntou. Aquilo era loucura. Um palpite. Baseado em tinta de cabelo. Mas ele podia examinar com mais detalhes. Archie pegou o celular e ligou para Lorenzo Robbins. Caiu na caixa de mensagens e ele deixou um recado especificando o que sabia sobre Molly Palmer. Ela havia frequentado o ensino

médio em Portland. Era provável que alguém tivesse um raio X arquivado. — Quando foi a última vez que você falou com ela? — Archie perguntou com delicadeza.

Susan balançou a cabeça.

— Eu não estava conseguindo entrar em contato com ela. Mas às vezes ela era assim. Eu sabia que estava nervosa com a publicação da matéria. — Ela puxou as mangas do suéter. — Ela era loura. Você disse que a mulher no parque tinha cabelo vermelho. Molly era loura.

— Molly usava drogas? — Eles não teriam os resultados dos exames toxicológicos antes de seis semanas, mas aquilo estava parecendo uma overdose.

— Usava — respondeu Susan.

Então ela tinha cabelo vermelho. Estava desaparecida. E era usuária de drogas.

— Heroína? — perguntou Archie.

— Não foi ela própria quem fez isso — disse Susan, com voz hesitante. — O Parker não estava bêbado. — Ela riu com tristeza. — O Parker estava sempre bêbado. Mas nunca tão bêbado assim. Nunca bêbado o bastante para cair de uma merda de uma ponte. — Suas mãos estavam completamente perdidas dentro das mangas do suéter a essa altura, os braços cruzados. — Ela não usava heroína de má qualidade. Ela era viciada. Devia ter um fornecedor, alguém de confiança. — Susan olhou para Archie, os olhos verde-oliva enormes. — Alguém matou ela, Archie. O Castle foi humilhado. Deve ter convencido Molly a se encontrar com ele, e então deu a ela droga contaminada ou coisa parecida, e então levou o Parker com ele quando saltou da ponte.

Merda. Isso era tudo de que Archie precisava.

— Eu preciso ver todas as suas anotações da matéria do Castle — disse. — Preciso de tudo que você tiver.

Susan sobressaltou-se e balançou a cabeça.

— Não posso fazer isso. Não posso simplesmente entregar minhas anotações para a polícia. — Ela olhou para a mulher morta, sua mente ainda abalada, os punhos enfiados nas mangas. — O Parker nunca teria feito isso.

Archie olhou para o relógio. Eram quase nove da manhã. Para chegar a Lawford, eles provavelmente transportariam Gretchen pela Interestadual 5,

então pegariam a 84 Leste. O que queria dizer que atravessariam Portland. Ele sentia a presença de Gretchen. Mais perto.

— Você veio dirigindo? — perguntou a Susan.

— Vim — respondeu ela.

— Pode me dar uma carona? — perguntou Archie. — Quero te mostrar uma coisa.

Susan não se moveu.

— Confia em mim, Susan.

Susan permaneceu em silêncio por um minuto. Archie ouviu o som de água em movimento em um cano sobre suas cabeças, como se alguém no andar de cima tivesse puxado a descarga ou aberto a mangueira para lavar um cadáver recém-chegado para a autópsia. Então Susan descruzou os braços e arregaçou as mangas até os cotovelos.

— Ok — disse ela. — Vamos.

Archie teclou um número em seu telefone. Quando Henry atendeu, disse:

— Eu vou chegar atrasado. Vou mostrar à Susan as caixas do Parker.

Eles estavam na casa de Archie. Susan já fora até lá uma vez, para entrevistar Debbie Sheridan para o perfil que estava elaborando sobre Archie e a Força-Tarefa Beleza Mortal. Susan observou enquanto Archie permanecia de pé na varanda. Ele segurou as chaves na palma da mão por um instante, olhando para elas como se fossem algo triste e precioso, antes de girar a fechadura e abrir a porta da frente.

A casa ainda cheirava ligeiramente a café da manhã. Sal e gordura. Ovos. Susan imaginou toda a família Sheridan reunida em volta da mesa da cozinha, entupindo as artérias em conjunto e olhando uns para os outros com adoração. Certa vez, quando Susan tinha dez anos, Bliss decidiu começar a fazer café da manhã. Passou o fim de semana assando granola caseira e serviu-a a Susan todas as manhãs daquela semana. Levou um mês para o intestino de Susan voltar ao normal.

— É por aqui — disse Archie, percorrendo um corredor acarpetado.

— O quê? — perguntou Susan.

— Meu escritório — disse Archie.

Ela entrou atrás dele em um cômodo amplo. Havia uma escrivaninha, estantes atulhadas de livros, uma TV antiga, fotos emolduradas e menções de louvor penduradas nas paredes, quadros de avisos cobertos de papel e um sofá-cama ainda desarrumado, da noite anterior. Ela tentou não reagir ao sofá-cama de forma perceptível. Então, Archie Sheridan não estava dormindo com a mulher. Ou ex-mulher. Ou o que fosse. Não era da sua conta. Mesmo.

Ele não deu nenhuma espécie de explicação. Não pareceu nem mesmo perceber. Aproximou-se do armário e abriu cuidadosamente as portas sanfonadas. Então puxou uma corrente, que fez a luz se acender.

Dentro, presas à parede posterior do armário, havia dezenas de fotos. Algumas eram instantâneos. Outras eram fotos do necrotério. Todas de vítimas da Beleza Mortal.

— Jesus Cristo! — exclamou ela.

Ele nada disse. Apenas se inclinou e puxou uma grande caixa de arquivo. Então outra. E outra. As caixas eram feitas de papelão reforçado branco, com tampa de papelão e orifícios ovalados nas laterais para que fosse possível carregá-las. Na extremidade de cada caixa, alguém havia escrito, com caneta hidrocor vermelha, “Beleza Mortal”. Susan reconheceu o garrancho apertado. Pertencia a Quentin Parker.

— Essas são as anotações dele — disse Archie, em tom objetivo, colocando a terceira caixa em cima da segunda com um golpe seco.

— Como você conseguiu isso? — perguntou Susan.

Archie sentou-se atrás da escrivaninha, pegou uma caneta e começou a girá-la entre os dedos.

— Ele me emprestou.

— Por quê?

— Ele entrevistou várias pessoas. Perguntei-lhe se eu poderia ver as transcrições. — Archie lançou a caneta para o alto e a agarrou. — Para ajudar no processo de identificação.

Susan olhou de relance para as caixas e então tornou a olhar para Archie.

— Ele deu as anotações dele a você?

— Ele me emprestou — disse Archie. — E agora estou emprestando a você.

Susan caminhou até a pilha de caixas e deslizou a mão sobre a tampa da que estava em cima. As anotações de Parker. Quase 13 anos de pesquisa sobre o

caso Beleza Mortal. Susan sentiu um sorriso tomar conta de seu rosto e então se deu conta do que estava fazendo. Jesus, ela era uma escrota. O Parker estava morto e ela estava saqueando seu cadáver. Ela não era melhor do que Ian e os outros. Mas não afastou a mão da caixa.

— O Parker uma vez passou um mês na cadeia porque se recusou a identificar um traficante de quem havia feito um perfil.

— Eu sei — disse Archie. A voz dele soou tão baixa que ela mal o ouviu. — Isso foi diferente. Gretchen havia sido presa. — Ele pousou a caneta na base de um pequeno porta-retratos apoiado na escrivaninha. Susan não conseguia ver a foto, mas imaginava a família dele, reunida em torno de uma árvore de Natal ou enfileirada diante de uma cerca rústica. — Eu queria que ela confessasse que matou Heather Gerber — continuou Archie. — A garota no parque, 13 anos atrás. Ela se recusou. Todo mundo estava cagando para Heather. — Ele ajustou o porta-retratos, alterando ligeiramente o ângulo. — Exceto o Parker.

— E você — disse Susan baixinho.

Archie coçou a testa, logo acima da sobrancelha. Continuou a olhar para o porta-retratos.

— A Gretchen tinha arrancado o cérebro da Heather pelo nariz, usando uma agulha de crochê. — Ele parecia cansado, a voz, sem emoção. — Não dava para perceber. A cabeça parecia a única coisa que a Gretchen não tinha mutilado. O legista me ligou tarde da noite, e eu fui até o necrotério. Ele levantou a calota craniana e embaixo, onde devia estar o cérebro, só tinha um mingau. — Ele coçou a sobrancelha de novo. — Parecia massa de bolo — disse.

— Esse foi seu primeiro homicídio, certo? — Susan sentou na beirada da escrivaninha e se inclinou, por cima do móvel, para tocar a parte interna do pulso de Archie. Era uma coisa maluca. Completamente inapropriada. Mas sentiu um súbito desejo de estender a mão. Queria estabelecer uma ligação. Sentiu o pulso dele em sua palma.

Por um momento, nenhum dos dois se moveu. Então ele girou a mão e segurou a dela. Ela sentiu o coração se acelerar e um desejo infantil de rir tão forte que quase teve medo de encará-lo. Já era constrangedor o bastante estar em seu espaço privado, onde ele dormia. Mas forçou-se a erguer os olhos e o encontrou observando-a com tanta ternura que, por um segundo, pensou que ele poderia realmente se inclinar para beijá-la. Em vez disso, ele disse:

— Preciso ver todas as suas anotações da matéria do Castle.

Ela riu. Não pôde evitar. Seus olhos ardiam com as lágrimas. Seu rosto queimava.

— Archie — disse ela.

— Susan — disse ele e intensificou o aperto em torno da mão dela. — Você não quer se envolver comigo. — Como que para provar seu argumento, Archie estendeu a mão e girou o porta-retratos sobre a mesa. A foto para a qual ele olhava todos os dias não era da família. Não havia árvore de Natal nem cerca rústica. Era a foto de colégio de uma adolescente. Susan a reconheceu. Vira seu rosto muitas vezes. Era a primeira vítima da Beleza Mortal. Heather Gerber.

— As suas anotações sobre o Castle? — perguntou Archie.

Susan avistou alguma coisa pela janela e congelou.

— O que foi? — perguntou Archie.

Havia policiais no quintal. Havia duas janelas no aposento e as cortinas bege estavam parcialmente fechadas, mas Susan pôde ver, de forma bastante clara, que havia policiais no quintal. Havia carros-patrulha na rua, as luzes acesas, as sirenes desligadas. Os policiais deslocavam-se em direção à casa. Archie virou-se na cadeira para ver o que ela estava olhando e então se levantou.

— O que está acontecendo? — perguntou ela.

A campainha tocou. Não tocou. Era mais como se alguém tivesse se encostado nela, de modo que disparava uma vez após a outra, como um carrilhão frenético e persistente, seguido dos sons do punho de alguém contra a porta.

Archie enfiou a mão no bolso para pegar o celular, que Susan se deu conta de que estava tocando. Manteve-o junto ao ouvido e atravessou a sala em largas passadas na direção do corredor. Susan continuava empoleirada sobre a escrivaninha.

— Não se mexa — disse ele.

— Não se preocupe — disse ela.

Ela ouviu a porta da frente se abrir e passos pesados se precipitarem para dentro de casa. Olhou pela janela de novo, e viu um policial fardado bem atrás do vidro. Ele acenou. Susan tornou a virar-se para a porta justamente quando Henry entrou no aposento, o rosto vermelho como beterraba, o telefone

colado ao ouvido, a arma na mão. Foi seguido por quatro policiais uniformizados.

— Que porra é essa? — perguntou Archie.

O rosto de Henry brilhava de suor. Ele não guardou a arma.

— A Gretchen Lowell escapou, faz uma meia hora — disse. — Foi vista pela última vez a 16 quilômetros daqui.

Archie tossiu uma vez, então se debruçou e vomitou no carpete creme.

[5](#) Cabeleireiro e empresário inglês. (N. da T.)

— **R**evistem a casa — gritou Henry. — O quintal. Tudo. Archie ouvia o ruído de gente se movendo pela casa. Portas se abrindo. Quartos sendo vasculhados. Aquilo não estava acontecendo. O gosto azedo de vômito em sua boca fez seu estômago revirar novamente. Ela sabia onde ele morava. A casa aparecera trocentas malditas vezes no noticiário durante seu cativeiro. Ela era capaz de encontrá-lo. Deus, devia ter ficado longe. Sentiu um toque no ombro. O contato lançou-lhe uma onda de choque ao longo dos braços e ele saltou, assustado, e abriu os olhos. Era Claire. Archie nem percebeu quando ela entrou.

A expressão no rosto dela era tranquila, controlada, mas seus olhos faiscavam, absorvendo cada detalhe do aposento. Ele viu que ela registrou o sofá-cama, as caixas de Parker sobre a Beleza Mortal, a macabra colagem das vítimas de Gretchen no armário. Ela tinha a arma na mão, uma 9 mm dupla ação. Era uma arma grande e certa e Claire a apontava para o carpete, mas seu braço estava estendido, o cotovelo ligeiramente curvado, portanto, se precisasse, poderia disparar num instante.

— A gente encontra ela — disse.

Archie afastou-se. Susan apareceu na porta com uma toalha do banheiro do corredor. Aproximou-se, o rosto rosado, ajoelhou-se e começou a limpar o vômito do carpete.

— Deixa isso — disse Archie. — Não tem importância.

Mas Susan continuou a pressionar a toalha cinza contra o carpete. Suas mãos tremiam.

— Está tudo bem — disse ela. Ele a viu olhar em volta, percebendo todas as armas, a energia frenética dos policiais na sala. Ela pressionou a toalha com

mais força contra o carpete. — Está tudo bem — disse novamente, em tom quase inaudível.

— Susan — disse Archie, mais alto. — Deixa isso.

Ela ergueu os olhos na direção dele, afastou as mãos da toalha e assentiu com um aceno de cabeça.

— E Debbie e as crianças? — perguntou Archie a Henry.

— Tenho viaturas a caminho para buscá-los agora — disse Henry.

Archie assentiu, o coração começando a desacelerar.

— O que aconteceu?

— Não fazemos a mínima ideia — respondeu Henry, o rosto corando, a mão na nuca. — Eles pararam para abastecer ao sul da 205. Ela estava toda amarrada. Dois agentes penitenciários, um homem e uma mulher, estavam indo com ela. Um balconista viu que a viatura não se afastava da bomba de abastecimento e foi verificar. Encontrou a agente morta. Gretchen e o outro agente haviam desaparecido.

Archie balançou a cabeça. Não tinha dúvidas de que ela convencera o agente a ajudá-la. De que a essa altura ele estava morto. Mesmo tendo tomado muita porrada, Gretchen era perigosa. Isso se ela estivesse tão machucada quanto parecera.

— Merda — disse Archie.

Ela havia planejado a porra toda. Eles eram uns idiotas. Eram os maiores babacas da porra do universo. Ele se sentou na beirada da escrivaninha e começou a rir baixinho.

— Isso é engraçado? — perguntou Henry, aborrecido.

— Ela planejou tudo — explicou Archie. — Ela queria ser transferida. Não entendeu? O estupro na prisão. Ela não estava me manipulando. — E apontou para Henry. Henry, que faria qualquer coisa por ele, que transferiria uma prisioneira, poria fim ao projeto de identificação se achasse que Archie estava ficando louco. — Ela estava manipulando *você*.

Henry semicerrou os olhos e Archie viu uma centelha de compreensão no olhar do amigo.

Henry passou, furioso, a mão pela calva.

— Ela sabia como você ia reagir — disse. — E sabia o que eu iria fazer.

— É claro que sabia — disse Archie.

— Já chega — disse Claire. — Precisamos te colocar sob proteção policial.

Mas Archie não se moveu.

— Como foi que ela matou a mulher? A agente penitenciária? Ela não costuma matar as pessoas depressa. O que foi que ela fez?

Claire olhou de relance para Henry.

— Cortou a garganta da mulher — respondeu Claire.

— Ela tinha uma faca? — perguntou Archie.

— Não sabemos — disse Henry.

Susan ergueu-se do local onde havia se sentado sobre o carpete. Suas mãos tinham parado de tremer e ela puxou uma mecha de cabelo turquesa.

— Sem querer ser mercenária — disse. — Mas vocês soltaram isso para a imprensa?

— Estamos deixando quieto por enquanto — disse Henry. — O prefeito tem medo de causar pânico.

— Ela vai matar alguém — disse Archie. Ele olhou de Henry para Claire, tentando fazê-los entender. — Ela gosta de matar pessoas. Não chegou a matar ninguém devagar, do jeito que ela gosta, em quase três anos. Temos que avisar as pessoas.

Claire olhou para o relógio.

— A gente precisa ir — disse a Henry.

— Não — disse Archie, balançando a cabeça, firmemente plantado na mesa. — Ela tem que me encontrar.

— Na verdade, o que tem que acontecer é o oposto disso — disse Claire.

— Vocês querem pegá-la? — perguntou Archie.

— A essa altura ela provavelmente está com um pé fora do país — disse Henry.

O telefone de Archie tocou. Ele retirou o aparelho do bolso e olhou para o visor. O identificador de chamadas indicava NÚMERO DESCONHECIDO.

— Não — disse Archie. — Não está. Alô — disse ele ao telefone.

Gretchen ronronou em resposta:

— Oi, querido.

O alívio varreu-o como uma onda, lavando a ansiedade, a náusea, o medo. Ele deslizou da escrivaninha para o chão. Seus dedos estavam frios ao redor do aparelho, mas sentia o corpo quente, a nuca subitamente molhada de suor. E então ele percebeu que não estava com medo dela.

Estava com medo de nunca mais vê-la.

— É bom ter notícias suas — disse ele.

Archie tentou se afastar de todos na sala, concentrar-se apenas no telefone pressionado contra a lateral de seu rosto, apenas em Gretchen. Estava ciente da mão de Claire em seu ombro. Viu Susan Ward abrir o bloco de notas e apontar a caneta na direção dele. Via Henry ao telefone, ordenando que rastreassem o celular. Seriam necessários dois minutos para rastrear a chamada, se ela estivesse ligando de uma linha fixa e não fosse necessário recorrer a empresas de telefonia móvel. Archie olhou para o relógio e começou a contar.

Eram 10h46 da manhã.

— Você já está sob proteção da polícia? — perguntou Gretchen.

Archie engoliu com dificuldade.

— Gretchen, você precisa se entregar.

Ele quase conseguiu ouvi-la sorrir ao telefone.

— Você vai sentir a minha falta, não vai? Como eu senti a sua. — A voz dela soou fria. — Todos aqueles domingos em que você ficou longe.

— Vou visitar você — disse Archie. Seu estômago queimava, sua cabeça doía. — Eu quero. Você sabe que eu quero.

— Promessas vazias.

Archie ainda podia ver Henry ao telefone. Precisava mantê-la falando. Tateou em busca da caixa de comprimidos em seu bolso, pegou quatro e os enfiou na boca. Claire lhe estendeu o copo d'água que estava sobre a escrivaninha e ele os engoliu.

— Você fingiu o estupro? — perguntou a Gretchen.

— Não — disse ela. — Só mostrei a ele aquilo que ele era capaz de fazer.

A mente de Archie voltou-se para o coração rabiscado no espelho do banheiro na prisão.

— Você matou o sujeito? — perguntou. Ele devolveu o copo de água a Claire e ela o depositou sobre a escrivaninha, ao lado da fotografia de Heather Gerber. Eram 10h47.

— Isso importa?

Era só o começo. Archie sabia. Com Gretchen livre, a carnificina estava só no começo.

— O agente penitenciário desaparecido?

— Morto. Morto. Morto.

— Se entregue — disse Archie. Ele pressionou os dedos de uma das mãos contra a têmpora direita, tentando diminuir a intensidade do sangue que pulsava contra a pele. Susan estava tomando notas, registrando tudo. Ele não se importava. — Eu faço o que você quiser — disse.

— Você sabe o que eu quero. — Ela deixou que aquilo pairasse entre os dois.

— Fala — disse ele.

— Eu quero você — disse ela. — Eu sempre quis você.

A pulsação quente sob seus dedos se acelerou. Ele pressionou com mais força.

— Não posso.

— Eu adoraria conversar o dia inteiro, querido. Mas preciso ir. Está quase na hora do intervalo da manhã.

10h48. Archie ergueu os olhos. Henry estava ao telefone, e Archie viu seu rosto corar. Eles tinham uma localização. Henry desligou, teclou outro número no celular e começou a falar.

— Aqui é o detetive Henry Sobol, do Departamento de Polícia de Portland. Vocês têm procedimentos de isolamento? Ok. Preciso que isolem a escola.

Archie tornou a prestar atenção no próprio celular.

— Gretchen — perguntou. — Onde você está?

Ele continuava a ouvir Henry falando, a voz autoritária, urgente.

— Temos motivos para crer que Ben e Sara Sheridan estejam em perigo. Você sabe quem é Gretchen Lowell? Achamos que ela pode estar aí na sua escola.

Archie sentiu-se desligado do corpo. Não sabia se eram os comprimidos fazendo efeito ou apenas o choque. Mas uma letargia tranquila alojou-se em

seu cérebro, tornando sua cabeça sombria e pesada. Nada daquilo fazia sentido. Gretchen não podia ter escapado. Isso não podia estar acontecendo.

Ele continuava a ouvir a voz de Henry.

— Ela é MUITO perigosa. Mesmo. Não se aproximem dela. Só tranquem todas as salas de aula. Ninguém chega perto de nenhuma das crianças. A polícia está a caminho. Entendido? Bom.

— Gretchen? — disse Archie novamente. A letargia estava desaparecendo, a razão tomando a dianteira. Sua mão apertava o telefone com força.

— Eu só estou interessada neles — disse ela docemente — porque eles me fazem lembrar de você. — E então ele ouviu, pelo telefone. Cinco séries de dois toques na campainha da escola. O aviso para o isolamento. Ela estava na escola dos seus filhos. Ia matá-los. Ela ia matar a última coisa que importava.

— Adeus, querido — arrulhou ela, e o aparelho ficou mudo.

Susan viu o telefone cair da mão de Archie. O aparelho era leve e quicou uma vez no carpete antes de tombar de lado, a luz azul da tela de LCD conservando-se acesa por um instante e então escurecendo. O cômodo cheirava a vômito. Ninguém além de Susan parecia perceber.

Archie ficou de pé.

Ela sabia que tinha sido Gretchen ao telefone. Ouvira Henry ligar para a escola dos filhos de Archie e juntara as peças. Mesmo sem que o resto da imprensa soubesse do caso, ela o estava acompanhando. Um mestrado em escrita criativa. Cinco anos de jornalismo impresso. E ainda assim, a única pergunta que conseguiu formular foi:

— O que está acontecendo?

Henry deu quatro passos na direção de Archie e segurou-lhe os antebraços com as mãos imensas. Os joelhos de Archie se dobraram e, por um momento, Susan teve a impressão de que Henry era a única coisa que sustinha Archie de pé.

— Já mandei viaturas para a escola — disse Henry.

— Eu preciso ir até lá — disse Archie. — Preciso ir para lá agora.

Henry pareceu hesitar e então disse:

— Tudo bem.

Susan fechou o bloco de notas e deu um passo à frente.

— Eu também — disse.

Henry nem mesmo hesitou.

— Não — disse.

Susan não ia aceitar um não como resposta. Sacudiu o bloco.

— O sigilo acabou — disse ela. — Você ordenou o isolamento de uma escola. Todos os carros de reportagem da cidade estão a caminho. Já estão transmitindo ao vivo. Eu sou a melhor chance que você tem de controlar essa história. Nesse exato momento, tudo o que vocês vão conseguir é histeria. É isso o que você quer? — perguntou ela. — Histeria?

Henry baixou a voz.

— Quero pegar ela antes que mate mais alguém — disse.

Susan abaixou o bloco e o olhou nos olhos.

— Eu posso te ajudar a fazer isso.

— Ela pode ir comigo — disse Claire.

Henry inclinou-se diante de Archie, pegou o telefone que o amigo havia deixado cair, levantou-se e o entregou a Archie. Archie o pegou, olhou para Henry e concordou com um aceno de cabeça.

Então Henry se virou para Susan. Apertou os olhos e limpou o suor da testa com as costas da mão. O cheiro de vômito invadia até o fundo da garganta de Susan.

— Não vai tomar um tiro — disse Henry.

A escola primária William Clark ficava a 2,25 quilômetros da casa. Archie medira o percurso certa vez. Ben havia insistido. Alguma coisa a ver com uma aposta com um amigo sobre quem morava mais perto. Dois vírgula vinte e cinco quilômetros. Parecia mais longe. Eram vinte minutos a pé. Oito de carro, pela manhã. Seis minutos à tarde porque o trânsito era mais leve. Com as luzes e sirenes ligadas, demorou quatro minutos. Foi o que as luzes e sirenes conseguiram ganhar: dois minutos. Cento e vinte segundos.

Podia fazer diferença.

Archie conhecia o protocolo para o isolamento de uma escola. Os alunos eram instruídos a permanecer nas salas de aula. A empurrar as mesas para o centro da sala e ficar longe das janelas. Os corredores eram evacuados. Para controlar o acesso, todas as portas eram trancadas, à exceção da porta da frente. Os professores desligavam as luzes das salas e instruíam os alunos a ficar de quatro. Mais um dia no ensino público. Tornava obsoletos os antigos exercícios de agachamento.

Archie imaginou Ben e Sara nas respectivas salas de aula, apavorados, e se odiou. Seu celular tocou e ele o abriu com um golpe seco, o coração afundando um pouco quando viu o número. Tinha esperanças de que fosse Gretchen.

Era Debbie.

— Você está em segurança? — perguntou ele.

— Estou no seu escritório — disse ela, a voz feita de aço. — Você já está na escola?

Ele espiou pela janela. Uma placa indicando área escolar advertia os motoristas a reduzirem a velocidade para 30 quilômetros por hora. Henry a estava ignorando.

— Quase.

— Protege os seus filhos, Archie — disse Debbie, engasgando com as palavras. — Mata essa mulher. — A voz dela era um sussurro desesperado. — Promete.

— Eu vou protegê-los — disse Archie.

— Mata ela! — implorou Debbie.

O carro cantou pneus até parar, subindo no meio-fio diante da escola. Oito carros-patrolha já se achavam no local, as luzes acesas, as sirenes estranhamente silenciosas.

— Já chegamos — disse Archie.

A escola, construída nos anos 90, era uma estrutura moderna de tijolo e vidro, de um único pavimento, que mais parecia um colégio técnico do que uma escola primária. Aquele era um bairro privilegiado, um refúgio para os pais que fugiam das escolas carentes de recursos de Portland. Uma alternativa segura e invejável.

Até então.

Archie fechou o telefone e puxou a arma do coldre. Henry já havia saltado do carro, o distintivo à mostra, berrando ordens e gritando com os policiais uniformizados para que entrassem na escola. Archie desativou a trava de sua arma e saiu do carro. A adrenalina fazia com que os comprimidos surtisserem efeito mais rápido e Archie sentiu o formigamento tranquilizante da codeína nos ombros e braços.

“Bem a tempo”, pensou.

Archie não se lembrava de ter posto o colete à prova de balas que estava na mala do carro, mas devia tê-lo feito porque tanto ele quanto Henry estavam usando os coletes quando se dirigiram à escola. Ele normalmente não gostava da sensação que os coletes produziam, mas dessa vez nem reparou.

No treino de isolamento de uma escola, a polícia cercava a área. Eles não entravam no prédio até que o criminoso em questão fosse localizado e a situação, avaliada. Uma escola é, por definição, um lugar com algumas centenas de reféns em potencial e ninguém queria que uma ação precipitada fizesse crianças levar tiros. É claro que, nos exercícios, presumia-se que o atirador louco fosse outra criança. Crianças são imprevisíveis. Crianças armadas, então, mais ainda. E ninguém queria ter que atirar em uma criança, mesmo uma que estivesse armada. Então era aquilo: isolar, analisar e esperar.

Os exercícios não contavam com Gretchen Lowell. Ela era previsível. Continuará a matar até que alguém a parasse.

— Nós vamos entrar — disse Archie.

— Vamos — concordou Henry.

Os policiais de Hillsboro que haviam respondido ao chamado tinham feito contato com uma mulher no escritório da administração. Ela estava com medo, mas calma. A escola achava-se silenciosa. O procedimento de isolamento estava em vigor.

Em uma placa acima das portas de entrada lia-se: EDUCAR NÃO É ENCHER UM BALDE, MAS ACENDER UMA CHAMA.

— Yeats — disse Archie.

— O quê? — perguntou Henry.

— Nada.

Eles puxaram as armas e, seguidos por seis excitados e confusos policiais do subúrbio, entraram na escola.

As portas da frente abriam-se para um amplo corredor acarpetado. Um tigre de papel machê em tamanho natural, o mascote da escola, vigiava a porta em meio a uma passada. Havia sido pintado na cor vinho, com listras laranja. Uma placa ao lado da figura dizia: NÃO SUBA EM MIM.

Archie comparecera à escola algumas centenas de vezes. Ben estava na segunda série. Sara, na primeira. As duas crianças haviam cursado o jardim de infância ali. Houvera reuniões de pais e professores, mostras de arte, festas para arrecadação de fundos, reuniões da Associação de Pais e Mestres, jogos de basquete e caronas de ida e volta.

Isso era mentira.

Debbie comparecera à escola algumas centenas de vezes. A natureza do emprego de Archie o mantinha afastado. Ele saía cedo para trabalhar e ficava até tarde, então Debbie levava as crianças. Debbie as buscava. Debbie ia às reuniões da Associação de Pais e Mestres. Archie tentava. Comparecia aos eventos que podia. Nunca havia faltado a uma reunião de pais e professores. Mas não se esforçara o bastante. Prometeu a si mesmo naquele instante que iria se esforçar mais. Se eles ainda estivessem vivos, se esforçaria mais.

— Ben está na sala 6 — Archie informou a Henry. — Por ali. — Apontou para além do tigre. — No final do corredor. Vou pegar Sara. — Ele virou-se para os policiais. — O resto de vocês, andem em dupla, ofereçam à escola o máximo de segurança que puderem.

Os policiais permaneceram imóveis por um momento, olhando uns para os outros. A única mulher entre eles limpou a garganta. Ela era jovem. Provavelmente era policial havia apenas um ou dois anos.

— O que devemos fazer se a encontrarmos? — perguntou.

— Atirem nela — disse Henry.

— Não — Archie apressou-se a dizer. — Ela é perigosa. Não a confrontem. Se a virem, entrem em contato comigo pelo rádio. — Ele tocou o *walkie-talkie* na cintura.

Henry indicou dois dos policiais, a mulher e um sujeito na casa dos 50, cuja idade denunciava uma inabalável falta de ambição.

— Vocês dois vão com ele — disse Henry. — E se a virem, atirem nela.

Eles se separaram e Archie liderou seu pequeno grupo para longe do tigre sorridente, descendo o corredor à esquerda, na direção oposta a que Henry tomou para ir à sala de Ben. Sara estava na sala 2. Não ficava longe. Era logo depois da vitrine que exibia os dioramas de cartolina representando bolas de praia, veleiros e o sol, na parede do corredor. Ainda faltavam vários dias para as férias de verão e Sara já estava implorando para ir para uma colônia de férias de equitação. Eles alcançaram a porta da sala dela. Mais adiante, Archie viu um bebedouro na parede. Uma mochila do Homem-Aranha havia sido abandonada no chão ao lado dele.

Meu Deus, que silêncio.

Archie tentou a maçaneta. Estava trancada. Bateu duas vezes com o punho na porta.

— É a polícia — disse ele, sua voz soando assustadora no silêncio. — Preciso que vocês abram a porta.

Ele detectou movimento no interior da sala e a porta se abriu. A sra. Hardy, a professora de Sara da primeira série, permaneceu no vão da porta. Ela lecionava havia trinta anos e apenas recentemente o cabelo ruivo começara a desbotar, tornando-se cinza-claro. Ela pressionava um exemplar de *Na frente do burro* contra o suéter.

Archie baixou a arma, mas manteve o dedo onde este se achava pousado, no protetor do gatilho. Seu centro de gravidade deslocara-se para a frente, para a planta dos pés. Ele estava relaxado. Havia aprendido isso. Mantenha a respiração estável. Relaxada, uma pessoa atira melhor. Havia um momento, quando dois terços da capacidade do pulmão haviam sido exalados, em que a pessoa ficava mais firme. Era chamado de “pausa respiratória natural”. Durante a respiração normal, havia uma janela de aproximadamente dois a três segundos, mas que podia se estender a oito segundos, para dar tempo à pessoa de mirar e apertar o gatilho antes que a falta de oxigênio começasse a afetar a pontaria.

Se a respiração fosse lenta o bastante. Se ela não pensasse nos filhos. Se permanecesse relaxada.

— Sou o detetive Sheridan — disse Archie, olhando para além da professora. — Minha filha, Sara, onde ela está?

— Eu sei quem é o senhor, sr. Sheridan — disse a sra. Hardy. Ela deu um passo para o lado, acendeu as luzes da classe e Archie viu as crianças sentadas

em círculo no meio da sala. Estavam petrificadas, os olhos pousados nele, os rostos pálidos.

Archie não viu Sara. Deu outro passo para dentro da sala, na direção das crianças.

— A Sara? — perguntou. O pânico contra o qual lutava emergiu. Seu coração se acelerou. Ele sentiu o calor aumentar sob a pele. A garganta contraiu-se. Ele deu outro passo em direção às crianças.

Fique calmo.

Sentiu a mão da sra. Hardy em seu cotovelo, detendo-o.

— O diretor veio e levou sua filha — disse ela. — Para mantê-la em segurança.

Archie ofegou, um suspiro de alívio estrangulado que quase o fez dobrar-se.

A sra. Hardy intensificou o aperto em seu braço.

— O senhor está assustando as crianças, sr. Sheridan — disse.

Foi então que enxergou a si. O colete à prova de balas. A arma. Os policiais na porta. Os colegas de classe de sua filha o encaravam em silêncio, alguns lábios inferiores começando a tremer. Não estavam com medo do isolamento. Ou de Gretchen Lowell.

Estavam com medo dele.

Ele abaixou a arma.

— Mais alguém esteve aqui? — perguntou à professora. — Uma mulher loura? — Archie procurou alguma outra palavra para descrevê-la, mas sem resultado. — Bonita?

— Não — respondeu ela.

Archie deu um passo atrás, em direção à porta.

— Sinto muito — disse, estupidamente.

Um garotinho com um casaco de moletom do Elmo deu um passo à frente e estendeu a mão.

— Posso segurar sua arma? — perguntou.

“Deus do céu”, pensou Archie.

— Está tudo bem — disse ele. — Tudo bem, pessoal. Sinto muito.

Os policiais saíram atrás dele, voltando ao corredor, onde Archie imediatamente arrancou o colete e o deixou cair no chão. O colete despencou sobre o carpete com um baque seco.

— O que você está fazendo? — perguntou o policial mais velho.

— Isto é uma escola — disse Archie. — Nós estamos na porra de uma escola, pelo amor de Deus.

Henry surgiu na extremidade do corredor empunhando a arma. Seus olhos se moviam rápido, varrendo o espaço; a cabeça raspada brilhava de suor.

— O diretor veio e levou o Ben — disse ele.

— A Sara também — disse Archie. — O escritório é por aqui. — Archie colocou a arma no coldre e virou-se para os policiais. — Guardem as armas. Vão de porta em porta. — Os policiais o encararam, sem entender. — Mantenham... a... calma.

O mais velho olhou para a mulher.

— Mas e se a Beleza Mortal ainda estiver aqui? — perguntou.

— Ela quer a mim — explicou Archie. — Ou aos meus filhos. — Ele passou a mão pelo cabelo. — Vão.

Archie começou a correr para o escritório do diretor, com Henry um passo atrás.

— Ela está fodendo com a gente — disse Henry enquanto corriam. — Essa coisa toda. Isso não pode ficar assim.

O pôster de um sapo na porta do escritório da administração exibia o slogan SALTE PARA O APRENDIZADO. Archie golpeou a cara do sapo três vezes com o punho fechado.

— É a polícia — disse. — Abra a porta.

A porta se abriu e a secretária apareceu, os olhos arregalados atrás dos grossos óculos.

— Ben e Sara Sheridan? — perguntou Archie.

Ela inclinou a cabeça na direção de uma porta onde se lia DIRETOR.

Archie alcançou a porta justo quando esta se abriu. Ele se encontrara com o diretor Hill só uma vez, em uma festa para arrecadação de fundos. Ele era negro e tinha lá seus quarenta e tantos anos. Tinha mestrado em educação. O conselho escolar o recrutara na Filadélfia, e todos haviam ficado entusiasmados porque ele havia jogado durante um ano em um time importante da liga de beisebol. Ele foi até a porta com um pesado taco de beisebol em uma das mãos. Seu outro braço envolvia os ombros da filha de Archie. Ben achava-se ao lado dela.

Archie caiu de joelhos e tanto Ben quanto Sara correram para ele; ele os tomou nos braços.

— O que diabos está acontecendo? — perguntou o diretor Hill, baixando a ponta do taco na direção do carpete.

Archie manteve os filhos junto a si, sentindo-lhes o cheiro do cabelo, saboreando com beijos a pele dos dois.

— Está tudo bem — disse a eles. — Está tudo bem agora. Prometo.

Com o canto dos olhos, ele viu o bastão cair sobre o carpete. Olhou para cima e viu o diretor Hill erguer ambas as mãos e dar meio passo para trás, os olhos focados em alguma coisa na retaguarda de Archie.

Archie ouviu a arma um momento antes de senti-la pressionada contra a nuca. Um único clique metálico. O som de alguém liberando a trava de segurança de uma semiautomática.

— Solte as crianças — comandou uma voz. — Agora.

O sol estava agradável.

Susan tinha consciência de que era estranho reparar nisso, dada a atual situação. Mas no Oregon era assim; chovia a maior parte do ano, então, quando o sol saía, você reparava. Gretchen Lowell estava livre. Os filhos de Archie Sheridan corriam perigo. E ela ali, curtindo o sol.

Não que ela pudesse fazer muito. A escola estava cercada de policiais. Susan contou cinco caminhões de bombeiros. Para quê? Será que eles achavam que a escola ia pegar fogo de repente?

Susan perdera Claire de vista. Ela a havia largado no carro assim que chegaram e Susan não podia se aproximar da escola sem escolta policial. Lá estava ela, a primeira repórter na cena, e não só não podia se aproximar da escola como esquecer a caneta.

Estava sentada no capô do Festiva de Claire, rabiscando anotações com um delineador em bastão da Chanel. Devia ser a mais cara ferramenta de escrita que já havia utilizado. O sol forte da manhã lançava seu brilho amarelo-gema-de-ovo. Legal, isso. Escreveu no bloco “amarelo-gema-de-ovo”. E sublinhou.

Susan deu uma olhada na direção da escola. Fazia cinco minutos que a SWAT havia entrado às pressas. Já estavam lá havia algum tempo. Cinco minutos vigiando um prédio era muita coisa. Sentiu o estômago se contrair de ansiedade. Viu um sujeito corpulento vestindo uniforme do Departamento de Polícia de Hillsboro passar do outro lado da fita de isolamento e deslizou do capô do carro com o bloco.

— Ei! — chamou. — Susan Ward. Do *Herald*. O que está acontecendo lá dentro?

O policial passou por ela apressado, sem sequer lançar o habitual olhar carregado de indiferença.

Os repórteres de TV haviam começado a chegar. Charlene Wood, do Canal 8, foi a primeira, atirando-se do banco do carona da van e marcando o lugar para sua entrada ao vivo. Era alta e magra, com pernas que pareciam as de um piano, e cabelos pretos que sempre usava repartidos de lado e encaracolados até os ombros. Todo mundo adorava Charlene. Ian dizia que ela o beijara certa vez, em uma festa de Natal da KGW, mas Susan não acreditava nele.

Um integrante da SWAT passou correndo, um *walkie-talkie* em cada mão.

— Susan Ward — gritou Susan na direção dele. — *Oregon Herald*. Você pode me dizer o que está acontecendo lá dentro?

Ele olhou direto para ela e se afastou rumo ao centro de comando que o Departamento de Polícia de Hillsboro instalara bem em frente à escola.

O telefone de Susan tocou. Ela espiou o identificador de chamadas. Era Ian. Pela quarta vez em dez minutos. Ele não iria ficar nada satisfeito.

— Conseguiu alguma coisa? — perguntou. — Precisamos de uma atualização para o site.

— A SWAT chegou — disse Susan. — Eles estão dentro da escola.

— Eu sei — disse Ian. — Charlene Wood está com eles ao vivo no Canal 8. Mais alguma coisa?

— Você está de sacanagem — disse Susan, olhando de relance para Charlene Wood, que transmitia ao vivo diante do centro de comando, as pernas de piano equilibradas sobre um par de saltos altos pretos. — Ela acabou de chegar.

— Bom, ela te furou — disse Ian. — Descubra alguma coisa. Quero atualizações na Internet a cada dez minutos. Temos uma equipe de fotógrafos a caminho.

— A cada dez minutos? — perguntou Susan.

— Você pode ligar antes. Não me faz esperar. Bem-vinda à era da informação, gata.

Alguma coisa estava acontecendo na escola. Susan desligou o telefone e se adiantou. Mais policiais corriam para dentro. O Departamento de Polícia de Portland. O Departamento de Polícia de Hillsboro. A polícia estadual. O FBI. Como haviam todos chegado tão rápido?

Susan se encostou na fina fita plástica do isolamento e tentou registrar tudo o que via. Alguns pais haviam chegado e soluçavam ao lado de uma agente da patrulha. Eles eram jovens. Da idade de Susan. Lágrimas escorriam pelo rosto

de um dos pais. Mas sua mulher era estoica, firme, o braço envolvendo os ombros do marido. Susan sentiu-se mal por eles. Suas vidas burguesas ameaçadas daquele jeito. Ela sabia que perder um filho era o pior pesadelo de qualquer pai. Não tinha como descrever, mas o medo deles era tão evidente que, por um segundo, sentiu-se satisfeita por não ter filhos. Ao menos estava livre daquele tipo de impotência.

Ouviu o burburinho das crianças antes de vê-las. As vozes flutuavam no ar como pássaros. E de repente lá estavam elas, saindo pelos fundos do prédio, em filas de meninos e meninas, animadas com todo aquele movimento. Como se só fosse outra simulação de incêndio.

Os policiais estavam evacuando os fundos da escola. Era um bom sinal, certo? Susan passou em revista a multidão em busca de algum vestígio de Archie. Nada. Vira fotos dos filhos dele e tampouco os avistou em meio à multidão.

Seu celular tocou novamente. Merda, gostaria que Ian a deixasse em paz. Ela atendeu.

Ouviu a voz de sua mãe dizer:

— Oi, querida.

— Bliss — disse Susan, irritada. — Estou trabalhando.

— Você recebeu chocolates de Archie.

— O quê? — perguntou Susan, balançando a cabeça de leve para tentar entender a declaração da mãe.

— Chocolates. Com um cartão de Archie Sheridan.

Susan não conseguiu evitar uma risada nervosa e levou a mão à boca.

— Sério?

Os pais que estivera observando gritaram. Uma única palavra: “Max”. No pátio da escola, um garotinho ergueu o rosto e correu até eles.

— Estão em uma caixa com formato de coração — disse Bliss.

O menino alcançou os pais e eles o ergueram nos braços, ambos chorando a essa altura. Normalmente, Susan estaria atenta a uma história como aquela. Pais e filho reunidos. Os leitores do *Herald* adoravam aquilo. Boas notícias. Uma família feliz. A tragédia evitada.

Mas o bloco de Susan havia caído no chão coberto de grama.

Ela tentou falar, mas um nó apertava-lhe o peito. Obrigou-se a respirar e então tentou novamente:

— Você não comeu nenhum chocolate, comeu, Bliss?

Não houve resposta.

— Mãe? — perguntou Susan.

Archie esticou os braços para fora, então dobrou os cotovelos e entrelaçou os dedos atrás da cabeça. Ben e Sara afastaram-se, tremendo, os olhos fixos em um ponto atrás dele, apavorados. Um jorro de urina escureceu o macacão vermelho de Sara. As bochechas da menina tingiram-se de vermelho.

— Desculpa, papai — murmurou ela, os olhos baixos.

— Está tudo bem — disse Archie pouco antes de ser empurrado, de bruços, para o chão. Sentiu uma mão forte esfregar a lateral de seu rosto contra o carpete e um antebraço pressionar suas omoplatas. Ele conhecia a manobra. Era uma tática ensinada na academia para subjugar um suspeito.

A SWAT de Hillsboro.

— Nós somos policiais — disse Archie.

— É, seus babacas — ele ouviu Henry dizer. — Perceberam o colete à prova de balas?

Um *walkie-talkie* estalou. Sirenes gemiam do lado de fora. Archie pensou ter ouvido ao menos um helicóptero. Se Gretchen tivesse estado lá, já fora embora havia muito.

— Merda — ele ouviu outra voz dizer.

— Olha o distintivo na corrente no meu pescoço — disse Archie. Sentiu o antebraço em suas costas se deslocar e o pescoço arder, à medida que alguém puxava a corrente na qual se achava pendurado seu distintivo. Então o antebraço e a mão se ergueram e Archie sentou-se.

Ele imediatamente engatinhou alguns passos na direção de Ben e Sara, que não correram para ele dessa vez. Sara retorceu-se nas calças molhadas e Ben puxou-a para perto de si. Archie parou de se mover em direção aos filhos. O diretor Hill ajoelhou-se atrás de Sara e a envolveu com um braço protetor. Ela retrocedeu, os olhos ainda cravados nos oficiais da SWAT.

Havia cinco deles no escritório, todos usando macacões pretos, luvas, coldres nas coxas, capuzes tipo balaclava, armas em punho. Henry acabava de se levantar de onde eles o haviam feito se ajoelhar. Pegou o distintivo pendurado em volta do próprio pescoço, por cima do colete à prova de balas, e o empurrou na direção de um dos oficiais da SWAT.

— Caral... — Henry olhou de relance para Ben e Sara e hesitou. — Caramba!

— Desculpem, senhores.

— Vocês encontraram ela? — perguntou Henry. Todos sabiam quem era “ela”.

— Não. Fechamos a maior parte da escola. Não acho que ela esteja por aqui.

Archie tornou a se virar para os filhos. Estendeu um braço para que Sara fosse até ele, mas Ben só a puxou mais para junto de si. O peito pequenino de ambos subia e descia, o som da respiração fazendo-se ouvir. Ben limpou o nariz com as costas do pulso.

— Você está assustando ela — disse.

Archie abaixou a mão e sentiu seus filhos se afastarem ainda mais de seu domínio. Gretchen nunca iria matá-los. Não enquanto pudesse usá-los para feri-lo.

— Gretchen não está aqui — disse ele baixinho.

A mulher atrás do balcão na entrada, secretária da escola, levou uma das mãos trêmulas à boca.

— Ela disse que era sua mulher.

— O quê? — perguntou Archie, virando-se.

A secretária tinha lá seus 50 anos. Usava permanente no cabelo louro e um jaleco por cima da camisa de gola olímpica, como uma criança de maternal grande demais. Era secretária da escola desde que Archie se conhecia por gente, mas ele não sabia seu nome.

— Ela disse que era sua mulher — continuou ela. — Eu sabia que você estava divorciado da mãe deles. — Ela indicou vagamente as crianças, ainda mantendo uma das mãos diante da boca. — Ela disse que era a madrasta dos dois. Que eles haviam esquecido o almoço. Pediu para fazer uma ligação daquele telefone, bem ali. Eu estava trabalhando na copiadora, por isso não consegui ouvir. E então, na confusão do isolamento, ela sumiu. — A mulher

olhou de um policial para o outro e encolheu os ombros com ar triste. — Ela estava usando uma peruca marrom curta. Eu não a reconheci. — Ela afastou a mão da boca e apontou para a extremidade do balcão, onde duas lancheiras permaneciam lado a lado, como apoio de livros.

Archie pôs-se de pé e caminhou até lá. Eram duas lancheiras de plástico. Uma era de Dora, a Exploradora. A outra, do Batman.

— Chamamos o esquadrão de bombas? — perguntou um dos oficiais da SWAT.

Archie o ignorou, estendendo a mão para a lancheira de Dora, a Exploradora, e a abriu. Quando viu o que havia no interior, suas entranhas se contraíram e ele tateou em busca da lancheira seguinte; abriu-a. Forçou-se a aguentar firme, a não deixar que seus filhos presenciassem sua reação. Já os fizera se borrarem de medo o bastante.

— O que é? — perguntou Henry.

As duas lancheiras plásticas achavam-se abertas, a carne escura e polpuda dentro delas brilhando sob as luzes fluorescentes do escritório. O sangue encharcava e escorria pelo interior colorido das lancheiras. Archie conseguia sentir o cheiro, o odor cúprico e adocicado. Sabia agora o que acontecera com o agente penitenciário desaparecido, o pobre coitado que ajudara Gretchen a escapar e que provavelmente até comprara as malditas lancheiras.

A voz de Archie estava firme.

— É um coração humano — disse baixinho. — Acho que foi cortado ao meio.

E, a julgar pelo cheiro, estava fresco.

— Mãe? — chamou Susan novamente.
 Houve uma pausa.

— Pode ser que eu tenha comido um.

Susan não conseguia respirar.

— Mãe — disse ela, o mais calmamente possível. — Você tem que vomitar.

— O quê?

— Ouve — disse Susan, subindo o tom de voz. — Os chocolates estão envenenados. Faz força pra vomitar. Vou desligar agora e ligar pra emergência.

— Ela fechou os olhos com força. — Promete.

— Mas eu não estou enjoada.

“Enjoada, mãe”, pensou Susan. Mas não disse. Abriu os olhos.

— Bliss, promete.

— Ok — concordou Bliss, hesitante.

Susan desligou e discou para a emergência.

— Acho que a minha mãe foi envenenada. — Ela vomitou o endereço de Bliss. — Ela comeu um chocolate. Acho que Gretchen Lowell me enviou chocolates envenenados.

— Certo — disse a operadora. Ela não parecia convencida.

— Eu não sou maluca. Meu nome é Susan Ward. Escrevo para o *Herald*. Por favor, envie os paramédicos.

Susan desligou e olhou em volta histericamente. Mais crianças saíam da escola a essa altura. Policiais de todas as patentes corriam. Havia acontecido alguma coisa lá dentro. O caos era generalizado.

Susan não se importou.

— Preciso de ajuda — gritou. — Alguém.

Ela passou por baixo da fita e dirigiu-se à escola.

— Volte para trás da linha — ela ouviu alguém berrar.

Susan sentiu lágrimas escorrerem-lhe pelo rosto.

— Gretchen Lowell — gritou. — Ela enviou chocolates para a minha casa. — Olhou ao redor freneticamente, em busca de alguém, qualquer pessoa, que pudesse ajudá-la. Mas todos se concentravam na escola. — Minha mãe comeu um — gritou. — Eu preciso de ajuda. — Ela procurou por Archie, Henry, alguém que conhecesse. — Preciso falar com o Archie — gritou para um patrulheiro de Hillsboro. — Cadê o Archie? — O policial olhou para ela sem entender. — Por favor — implorou Susan. Estava correndo agora. — Alguém. Me ajude.

Claire Masland apareceu. Havia chegado em um instante, saída de lugar nenhum, o braço em torno dos ombros de Susan.

— Susan? — disse ela. Segurou Susan pelos ombros justamente quando os joelhos desta começaram a se dobrar. — Fica calma. Me diz o que está acontecendo.

Susan teve de inspirar fundo antes de poder falar.

— Minha mãe acabou de ligar. Uma caixa de chocolates com formato de coração chegou à minha casa, endereçada a mim. O cartão dizia que era do Archie. Ela comeu um. Minha mãe comeu um. — Ela agarrou o ombro de Claire e a encarou séria, para que ela entendesse. — O Archie não me mandaria chocolates.

— Sua mãe está em casa? — perguntou Claire.

— Eu disse a ela pra fazer força pra vomitar — disse Susan. Isso ajudaria. Era o que sempre obrigavam as pessoas a fazer na televisão. — Mas ela nunca faz o que eu digo.

Claire levou o *walkie-talkie* à boca.

— Preciso que mandem uma viatura até... qual o endereço? — Susan informou. Claire o repetiu no *walkie-talkie*. — Mulher na casa dos 50. Possível envenenamento. — Ela virou-se para Susan. — Vamos. — Apontou para um patrulheiro branco com um afro loiro escuro. — Ô, Art Garfunkel! — Ela gritou-lhe o endereço de Bliss. — Me segue.

Elas entraram no Festiva e Claire ligou a sirene. O pátio da escola estava lotado de pais, policiais, carros de emergência e vans de imprensa, mas no que a sirene foi acionada, o caminho se abriu e Claire saiu do meio do caos. Susan discou o número fixo da mãe, mas o telefone só tocou e tocou. Talvez Bliss

estivesse ocupada vomitando. Talvez estivesse caída no chão. Susan era o alvo. Se algo acontecesse a Bliss, a culpa seria dela.

Deixou que o telefone continuasse a tocar, pressionando-o contra o ouvido, os olhos fechados, para que não conseguisse prestar atenção em mais nada. Talvez a mãe pudesse ouvi-lo, talvez soubesse que Susan estava a caminho.

— Meu Deus, que estúpida que eu sou. Achei que ele tinha me mandado chocolates — disse a Claire, escondendo o rosto. Usou as mangas para limpar as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto. Sentia a pele viscosa e fria. Queria sua mãe. Abriu os olhos e olhou para Claire, que ia cortando o trânsito rápido da 205, passando pelas concessionárias de automóveis, pelos shoppings e empresas hipotecárias. Levava a arma pousada no colo. Ela provavelmente era capaz de emassar uma parede de gesso, praticar tiro ao alvo e trocar o óleo do carro ao mesmo tempo. — Você tem alguém na sua vida? — perguntou Susan.

— Tenho — disse Claire.

Todos tinham alguém.

— Tudo que eu tenho é a minha mãe — disse Susan.

— Nós vamos chegar lá, querida — disse Claire. — Prometo.

O telefone parou de tocar. Por um segundo Susan achou que Bliss tivesse atendido, mas então uma gravação da operadora entrou na linha.

— O número desejado não está disponível... — Não diga. Ela desligou. No instante em que o fez, o celular tocou, ela o abriu e pressionou contra o ouvido, esperando ouvir a voz de Bliss do outro lado.

— Já se passaram dez minutos — disse Ian. — Conseguiu alguma coisa?

— Nada — respondeu Susan.

Archie manteve Sara junto a si enquanto saíam do escritório da Administração. Henry vinha atrás deles, com Ben nos braços. Oito integrantes da SWAT de Hillsboro os escoltavam, quatro de cada lado, armas em punho, dedos nos gatilhos, os joelhos flexionados. Archie sabia que Gretchen já tinha ido embora fazia tempo, mas ninguém queria arriscar. Eles estavam preparados para atirar. Archie ouviu vozes de crianças em uma das salas de aula. Elas estavam cantando. *Uma velha engoliu um gato. Imagine, ela engoliu um gato.* Uma das professoras tentava manter os alunos ocupados. As vozes das crianças e os passos dos policiais eram os únicos sons. Archie segurava a cabeça de Sara contra o ombro. Sentia no braço o frio das calças molhadas da filha. *Ela engoliu o gato para pegar o pássaro... Ela engoliu o pássaro para pegar a aranha . Que ziguezagueava, sacudia e rebolava dentro dela.* Então ouviu Sara, os olhos ainda fechados com força, o rosto pressionado contra sua camisa. Ela estava cantando também. *Ela engoliu a aranha para pegar a mosca.* As portas da frente se abriram, e eles saíram à luz do dia.

Veículos de emergência contornavam o perímetro da escola. Carros-patrolha, ambulâncias, caminhões de bombeiros. Atrás deles, as vans da imprensa. Dois helicópteros no alto. Os fundos do prédio haviam sido evacuados e as crianças formavam grupos na frente da escola. Muitos pais já haviam chegado, mas a maioria devia estar se inteirando do cerco naquele exato momento, na saída do trabalho, e deviam estar correndo para a escola, seus piores medos ardendo no peito. Eles chegariam, encontrariam os filhos em segurança, tomariam-nos nos braços, levariam-nos para casa, chorariam de alívio e esqueceriam o assunto.

Archie os invejava.

Jeff Heil, um detetive do esquadrão de Archie, emparelhou com Archie e os guiou em direção à rua. Heil tinha cabelo claro. Seu parceiro, Mike Flannigan, tinha cabelo escuro. Ambos possuíam compleição mediana, queixo quadrado e pele clara. Archie os chamava de “Hardy Boys”⁶.

Heil não disse nada. Apenas conduziu Archie com um leve toque no cotovelo, mantendo de tal forma o passo com ele que os dois achavam-se quase colados. Archie percebeu que Heil usava o corpo para escondê-lo e a seus filhos das câmeras de TV.

Archie ouviu o prefeito antes de vê-lo. Buddy gritava ordens para alguns patrulheiros, ordenando-lhes que fizessem a imprensa recuar. A gravata amarela golpeava a camisa social à medida que ele se deslocava na direção de Archie.

— Você está bem? — perguntou.

— Quero ver a Debbie — disse Archie.

— Ela está no carro — disse Buddy. E os conduziu através do gramado até a limusine preta com placa municipal que estava à espera. A equipe da SWAT movia-se com eles. Archie ouviu os repórteres gritando seu nome à distância. Segurou Sara com mais força e olhou para trás, para Henry e Ben. O rosto de Ben estava pálido, mas ele mantinha a cabeça erguida, os olhos focados no movimento ao redor. Archie ainda podia ouvir Sara cantando. *Mas não sei por que ela engoliu a mosca. Talvez ela morra.*

Um japonês alto abriu a porta traseira da limusine. Archie o reconheceu como um dos integrantes do destacamento de segurança do prefeito.

Debbie lançou-se para fora do carro, as mãos cobrindo a boca. Quando os viu, desatou a chorar, e suas mãos desabaram e se abriram completamente. Sara atirou-se de Archie para a mãe, mergulhando nos braços de Debbie.

Debbie caiu de joelhos e envolveu Sara com os braços, de modo que seus corpos se tocaram por inteiro. Henry afastou de seu pescoço os braços magros e cobertos de sardas de Ben e colocou o menino no chão. Debbie estendeu um braço para ele e ele afundou no abraço das duas.

Debbie ergueu os olhos para Archie. Seus olhos estavam vermelhos, o rosto pálido.

— Você pegou ela? — perguntou.

— Sinto muito — disse Archie. Debbie fechou os olhos por um momento e então carregou as crianças para o banco traseiro do carro. Archie virou-se

para Heil. — Certifique-se de que todas as minhas linhas estejam grampeadas — disse.

Heil olhou para trás, na direção de Henry.

— Fiz isso assim que soube que ela estava livre — disse Henry.

Claro que havia feito.

— Certo — disse Archie. Ele subiu no banco de trás. Sara estava no colo de Debbie e Ben no meio. Ben pegara a mão de Sara e a segurava com as suas duas. Sara observava as câmeras de TV a distância através da janela fumê.

— Temos que ir — disse Heil, entrando na frente, no banco de passageiros.

Henry inclinou-se para Archie pela porta aberta.

— Atrás de quem a Gretchen iria? — perguntou.

Archie pensou no assunto, tentando distanciar-se emocionalmente da questão.

— Da Debbie — respondeu. — Das crianças. De qualquer um que signifique alguma coisa para mim. — Ele olhou por sobre Henry, para os carros de polícia, as crianças, a escola. Não restavam muitas pessoas que ele tivesse permitido que entrassem em sua vida. Mas Gretchen o conhecia bem o suficiente para intuir quem eram elas. Ele facilitara a situação, levando uma delas para conhecê-la. Procurou Susan na multidão, o choque do cabelo azul-piscina. Mas não a viu.

— Onde ela está? — perguntou a Henry.

— Quem? — perguntou Henry.

— A Susan — disse Archie. — Ache-a. Certifique-se de que ela esteja bem.

De dentro do carro, a voz de Sara soou diminuta. *Não, não sei por que ela engoliu aquela mosca.* Ela ergueu os olhos para a mãe e sorriu, duas covinhas se formando em suas bochechas.

— Você acha a Gretchen bonita, não acha? — perguntou ela.

Debbie lançou um olhar seco na direção de Archie, então apoiou a cabeça na mão como se sentisse dor de cabeça.

— Sara — disse tranquilamente. — Fica quieta.

⁶ Detetives adolescentes, protagonistas de livros de mistério assinados por Franklin W. Dixon (pseudônimo). (N. da T.)

— Fico feliz que você esteja bem, Bliss — disse Susan, virando-se para encarar a mãe no Crown Vic de Henry. A mãe não dissera muita coisa desde que Henry as pegara no hospital. Susan e Claire haviam chegado em casa depois da ambulância. Constatou-se que os únicos ingredientes nos chocolates eram aqueles usados para se fazer chocolate. O objetivo de Gretchen havia sido aterrorizar, não matar.

— Eu gostaria que tivéssemos sabido disso antes de me fazerem uma lavagem de estômago — disse Bliss. — Com uma mangueira. No quintal. — Ela puxou um *dreadlock* oxigenado. — Na frente dos vizinhos.

Susan olhou pelo para-brisa e cruzou os braços.

— Talvez isso ensine você a não abrir a minha correspondência — disse ela.

Henry soltou um suspiro audível enquanto parava o carro diante de um prédio de tijolos centenário no distrito cultural do centro de Portland. A porta de entrada do prédio era emoldurada por colunas em estilo coríntio e um toldo verde-oliva exibia um brasão branco com as letras AC.

— Você está de sacanagem — disse Susan.

— É seguro — disse Henry, saltando do carro. Ele deu a volta e abriu a porta do passageiro para que Susan saísse.

— É o Arlington — disse Susan. — É um clube de coroas ricas.

— O prefeito é sócio — disse Henry, abrindo a porta traseira para que Bliss pudesse saltar do banco de trás.

— Acho que eu participei de um protesto contra esse lugar — disse Bliss, saindo do carro e olhando para a fachada de tijolos. — Eles ainda obrigam as mulheres a usar saias?

O rosto de Henry endureceu.

— Nós podemos controlar o acesso. Vocês vão ficar à vontade.

Susan continuava sentada no carro.

— Eu não vou ficar aqui — disse, cruzando os braços.

Henry agachou-se ao lado dela e agarrou com força a parte superior de seu braço.

— Isso não é brincadeira. Você não está achando que ela não vai matar você, está?

— Isso é uma dupla negativa — disse Susan — Você deveria manter a frase simples. “Ela vai matar você.” Direta. Assustadora.

Henry olhou furioso para ela.

— Archie está preocupado com você. Ele vai se preocupar menos se você estiver por perto. — Ele passou a mão pela cabeça raspada. — E isso faria eu me preocupar menos.

— O Archie está hospedado aqui? — perguntou Susan.

— Está — respondeu Henry.

Ela estendeu o braço e liberou o cinto de segurança dela.

— Por que você não disse antes?

Henry suspirou novamente e conduziu Susan e a mãe através das portas duplas de carvalho do clube. Os painéis de madeira e as sancas eram brancos, mas as paredes achavam-se pintadas num inapropriado tom salmão claro, que havia sido esponjado na tentativa de criar uma textura. Uma mesa ornamental, adornada com flores, encontrava-se na portaria sob uma grande luminária de bronze brilhante. Uma escadaria majestosa conduzia ao andar de cima, os degraus recobertos por um tapete azul. A magnífica lareira de outros tempos havia sido adaptada para gás e os tapetes orientais pareciam surrados. Susan ouvira falar do Arlington Club, mas essa era a primeira vez que entrava no prédio. Era um tanto decepcionante.

Olhou em torno à procura de gente poderosa e viu apenas um velho sozinho sentado no sofá diante da lareira a gás, lendo o *Wall Street Journal* sob uma pintura do monte Hood pendurada na parede em uma velha moldura dourada.

Os únicos sons eram vozes abafadas e o tinir de talheres no restaurante do andar de cima.

Um sujeito alto e esquelético surgiu atrás de uma escrivaninha no fundo da sala. Possuía cabelo escuro, usava terno e sua gravata estava presa à camisa por

um alfinete de prata. Henry mostrou-lhe seu distintivo. O sujeito fez um aceno de mão.

— Por favor, guarde isso. — Ele lançou um olhar furtivo para o velho lendo jornal. — Os sócios.

Henry fechou o distintivo e inclinou a cabeça na direção de Susan e Bliss.

— Estas são Susan Ward e sua mãe, Bliss Mountain.

Bliss inclinou-se para o funcionário.

— Meu primeiro nome era Pitt — explicou.

O empregado olhou para as pantalonas indianas de Bliss, os sapatos vermelhos de plástico e as tetas penduradas sob a camiseta manchada de vômito com os dizeres QUESTIONE TUDO.

— Elas vão ficar no sexto andar — continuou Henry.

O rosto do homem congelara em uma expressão que era um misto de desespero e boas-vindas.

— Sim, senhor. Boa tarde, senhora. Por aqui.

— Eu tenho 28 anos — disse Susan. — E sou solteira. Portanto você não precisa me chamar de “senhora”.

— Bem, veja — o rosto dele se encheu de rugas enquanto pressionava o botão do elevador —, você será “senhora” enquanto estiver hospedada conosco.

Susan estreitou os olhos na direção de Henry.

A dor no flanco de Archie havia se tornado tão constante que ele quase podia ignorá-la, como o tique-taque de um relógio. Quase. Então ele respirava e a dor aumentava, tornava-se aguda, e ele precisava fazer força para não se contrair. De modo que tomava mais comprimidos. Era irônico o fato de as mesmas substâncias químicas que provocavam a dor serem a única coisa a lhe proporcionar alguma trégua.

Eles haviam recebido uma suíte com dois quartos. Era pintada de amarelo-cocô-de-neném. Ou abóbora, segundo Debbie. Ela estava com as crianças nesse momento, pondo-as para dormir nas camas de seu novo quarto cocô-de-neném. Ela estava assustada. E mais do que isso, Archie sabia, estava furiosa.

— Você quer ver TV? — perguntou Claire. Ela chegara direto do hospital e estava sentada lá havia mais de uma hora, fingindo interesse em um livro sobre as pontes de Portland que havia encontrado no quarto.

— Você não precisa ficar aqui — disse Archie.

— Eu sou o seu destacamento de segurança — disse Claire.

Três corpos no parque. Gretchen em liberdade. E a sua equipe estava ocupada vigiando-o, em vez de estar lá fora, fazendo o seu trabalho.

— Tem um cara no corredor — disse Archie.

Claire virou outra página do livro.

— Sou mais violenta do que ele. Você sabia que a ponte Hawthorne foi construída em 1910?

Houve uma batida na porta e Claire pôs-se de pé de um salto para atender.

— Sou eu — ambos ouviram a voz de Henry. Claire abriu a porta e Henry entrou, arrastando uma mala volumosa. Ele encostou a mala na parede e esfregou o ombro.

— Você pegou tudo? — perguntou Archie. Tanto ele quanto Henry sabiam que ele estava se referindo aos comprimidos.

— Peguei algumas roupas para as crianças, para você e para Debbie. Podemos levar um de vocês até lá nos próximos dias para pegar mais. Artigos de toalete estão no bolso externo — disse Henry.

— E a Susan? — perguntou Archie.

— Já acomodei ela e a mãe — disse Henry, esfregando o ombro mais um pouco. — Foram cinco viagens para levar toda a bagulhada delas para cima.

— Quais são as últimas? — perguntou Archie.

Henry apoiou-se na parede cocô-de-neném e cruzou os braços.

— A perseguição do século. Cinco agências. Nós. A polícia estadual. O FBI. A guarda costeira. A guarda nacional.

— Quem está coordenando os federais? — perguntou Archie.

— Sanchez. — Havia algumas caixas para viagem pela metade de comida tailandesa na mesa de centro. — Pad Kee Mao? — perguntou Henry a Claire.

— Com tofu — respondeu Claire.

— Você sabe que eu gosto de frango — disse Henry.

— Eu pedi para mim — disse Claire.

— Não estou dizendo que não vou comer — declarou Henry. Ele pegou uma caixa de talharim e um par de pauzinhos usados para engolir alguns bocados. — Sanchez vai passar aqui mais tarde — disse ele, mastigando. — Está organizando as coisas em campo. Toda a imprensa tem a foto dela. Todo mundo sabe como ela é. Nós vamos pegá-la.

— E o coração? — perguntou Archie. Ele não conseguia se livrar da imagem do coração dividido nas lancheiras.

Henry limpou a gordura do bigode com a mão.

— Eles acham que é de um homem — disse.

Claire ergueu os olhos do livro.

— Como eles sabem?

— Ele tinha um pênis pequenininho — respondeu Henry.

Ninguém riu.

— Só estou tentando melhorar o clima — disse Henry.

Archie viu Claire lançar um olhar na direção de Henry.

Henry olhou para o chão e deu outra garfada na comida. Dessa vez ele engoliu antes de falar.

— Como estão as crianças? — perguntou a Archie.

Era uma pergunta que Archie não podia responder. As crianças haviam grudado em Debbie a tarde inteira. Sara nem mesmo ia ao banheiro sem ela. Mas elas mal haviam falado com ele.

Archie limpou a garganta.

— Preciso voltar ao trabalho — disse. — A Susan identificou nossa primeira vítima do parque como sendo a Molly Palmer.

Henry se inclinou para a frente, os pauzinhos equilibrados sobre a caixa de papelão para viagem.

— Deus do céu!

— Pois é — disse Archie, fechando os olhos e coçando a ponte do nariz. — Mantenham isso em segredo por enquanto.

— Quem é Molly Palmer? — perguntou Claire.

Houve outra batida na porta, três pancadas hesitantes, igualmente espaçadas.

— Agente Bennett, senhor — disse uma voz.

Henry esticou o braço, abriu a porta e a cabeça do agente Bennett apareceu. Ele não estava tão sujo quanto na ocasião em que havia escorregado pelo barranco na cena do crime de Molly Palmer, mas ainda exibia a mesma expressão ansiosa e assustada. Ele olhou para Archie.

— Susan Ward quer ver o senhor.

— Pode mandar entrar — disse Archie.

Susan entrou no quarto de Archie. Seu cabelo turquesa estava molhado e penteado para trás, enfiado atrás das orelhas, fazendo-a parecer muito mais jovem. Ela usava calças de moletom, um blusão da Universidade do Oregon e arrastava uma caixa grande.

— Você e sua mãe estão bem? — perguntou Archie.

Susan não respondeu. Apenas ergueu a caixa e a depositou sobre a mesinha de centro, diante de Archie.

— O que é isso? — perguntou Archie.

— Todas as minhas anotações e fitas sobre o Castle — disse Susan. — Alguém matou ele. Ele e o Parker. E a Molly. E provavelmente aquela loura no parque. — Ela olhou ao redor da sala, para os três policiais. — Descubram quem foi.

Eram duas da manhã e Henry e Claire haviam finalmente ido para casa. O Arlington de dia já era silencioso. À noite parecia uma cripta. Archie estava examinando o conteúdo da caixa de Susan. Havia fitas com as gravações das entrevistas dela com Molly Palmer, com pessoas que a conheceram quando adolescente, uma variedade de pessoas ligadas ao caso, incluindo a antiga e a atual equipe do senador, e até o prefeito. A matéria de Susan seria grande. E muita gente sabia que estava em andamento.

Archie ouviu uma das gravações no laptop enquanto folheava os 12 blocos que Susan incluía na caixa. Os garranchos eram quase ilegíveis e pontuados por anotações aleatórias sobre a comida encomendada certa noite ou nomes de bandas que ela desejava lembrar.

Então ele viu um nome sublinhado, seguido por um ponto de interrogação. John Bannon?

Era um nome do passado.

O que Susan sabia sobre John Bannon? E o que John Bannon sabia sobre Molly Palmer?

A porta do quarto se abriu e Debbie saiu, vestindo um roupão do Arlington Club. Ela se aproximou e sentou-se no braço do sofá ao lado de Archie.

— Você vem para a cama? — perguntou.

— Já já — respondeu Archie.

Archie viu Debbie olhar para o celular dele, ao alcance da mão sobre a mesinha de centro. O rosto dela tornou-se sombrio.

— Você está esperando alguma chamada? — perguntou ela.

A verdade era que Archie vinha espiando o telefone a cada poucos minutos, desejando que Gretchen ligasse novamente.

— Talvez — disse ele.

Debbie inclinou-se para a frente e pressionou a tecla OFF do aparelho até a luz se apagar.

— A megera que deixe uma mensagem — disse ela, atirando o celular sobre a almofada ao lado dele. Então se virou para Archie e tocou-lhe delicadamente o rosto com a mão. Cheirava a manteiga de carité. — Você precisa descansar um pouco — disse.

Archie fez que sim com a cabeça.

— Ok — disse ele. Pousou a mão na curva do quadril da mulher e beijou-a de leve, mas demoradamente, na boca. À medida que o fazia, estendeu o braço para trás, encontrou o telefone e tornou a ligá-lo. Enquanto ela o conduzia para o quarto, ele olhou para trás, sentindo-se confiante com a luz verde do aparelho brilhando na escuridão.

Archie acordou com a voz de Debbie e a mão dela em seu ombro nu. Eles haviam dormido juntos, nus, lado a lado na mesma cama. Fora bom adormecer ao lado dela, sua respiração semelhante à batida firme de um coração em seu ouvido. Parecera quase normal. A não ser pelo fato de que eles não haviam se tocado, ambos atentos em manter os braços ao lado do corpo enquanto dormiam, para evitar de roçar acidentalmente o outro.

— Buddy está aqui — disse ela.

Archie lutou para sair do torpor. O sol jorrava pela veneziana de madeira e produzia riscas de luz nas paredes cocô-de-neném.

— Que horas são? — perguntou.

— Já passa das nove.

— Jesus. — Archie não dormia até depois das oito desde que Ben nascera. Tentou lembrar-se de algum sonho, mas só lhe vinha a escuridão. Mesmo assim, não se sentia descansado. Debbie estava vestida, usando calça jeans e camiseta branca de manga comprida, que devia estar na mala que Henry fizera. Ela parecia revigorada e desperta, as sardas como um fino pó no rosto sem maquiagem.

— Vou me levantar em um minuto — disse Archie.

Debbie saiu do quarto e Archie sentou-se e colocou os pés no chão. O lado direito de seu corpo latejava a cada respiração, e ele prendeu o ar quando se levantou para ir ao banheiro. Enquanto avançava com cuidado sobre o chão

acarpetado, teve uma sensação de dormência nas mãos. Ele as ergueu para examinar e viu os dedos inchados e as unhas esbranquiçadas. Abriu o zíper da aba externa da mala, puxou uma sacola de compras repleta de frascos de remédios e procurou até encontrar o Vicodin e um diurético. O Vicodin aliviaria a dor, o diurético eliminaria o inchaço. Ele tomou quatro Vicodin e dois diuréticos. Havia reduzido a dose para dois Vicodin no início da manhã. Mas a precaução estava parecendo menos necessária.

Ele retirou o relógio, percebendo a reentrância vermelha que este produzira em seu pulso inchado, e entrou no chuveiro. Acordava algumas vezes na semana com uma ereção que traía seus sonhos com Gretchen, mas não era o caso. Naquele dia, sentia-se apenas exausto. Depois do banho, escovou os dentes, fez a barba e então vestiu a calça que usara no dia anterior e uma camisa que Henry pusera na mala. Era uma daquelas camisas sociais de Teflon, que não amassavam. Debbie lhe comprara cinco, em tons terra variados. Quando a vestiu, pareceu quase apresentável. Sem se levar em conta a cara de doente.

— Alguma coisa? — perguntou Archie no instante em que entrou na sala de estar da suíte. Buddy estava sentado no sofá ao lado de Debbie. Henry acomodara-se na poltrona adjacente. Archie ouviu o som de desenhos animados vindo do quarto de Ben e Sara. A TV na sala de estar mostrava uma silenciosa tela dividida, Gretchen de um lado, ele do outro. Então a escola de seus filhos ocupou a tela, sob o título BELEZA MORTAL CAUSA PÂNICO.

— Ainda não — respondeu Henry.

Buddy sentava-se um pouco à frente no sofá. O paletó de seu terno marrom achava-se imaculadamente dobrado e cuidadosamente pousado nas costas do sofá ao seu lado.

— O público está preocupado com você. Eles querem ver se você está bem.

Archie nunca se acostumara com isso, com a ideia de que o público queria alguma coisa dele.

— Você quer que eu solte um comunicado? — perguntou.

— Quero que você apareça na TV — disse Buddy.

Archie viu tanto Debbie quanto Henry se retesarem.

— TV? — disse Archie.

— Charlene Wood está lá embaixo. Ela só precisa de dez minutos. Acho que isso nos compraria algum grau de conforto na praça. — Buddy sempre falara como político. Mesmo quando era o chefe de Archie na força-tarefa. Era como se ele tivesse acabado de erguer os olhos de um exemplar da *República* de Platão.

Archie deu uma olhada em seu celular, que permanecia silencioso sobre a mesinha de centro, ao lado de uma bandeja de serviço de quarto com um bule de café. Ele se inclinou para a frente, tentando ignorar a dor sob as costelas, e se serviu de uma caneca de café morno. A caneca branca pesada parecia desajeitada e estranha na mão inchada, mas ninguém pareceu perceber.

— Não acho que isso seja uma boa ideia — disse Debbie.

Archie tomou um gole de café. Deixou um gosto amargo na boca, ou talvez fosse o Vicodin. Ele não queria aparecer na TV. Não queria ceder ao que certamente eram os instintos de reeleição de Buddy. Ele não queria enfurecer sua ex-mulher.

Por outro lado, se ele fizesse as coisas certo, poderia forçar Gretchen a mostrar as cartas.

— Ok — disse Archie. — Manda ela subir.

Charlene Wood sentava-se com os joelhos unidos, e cruzara os pés na altura dos tornozelos, diante de Archie e Buddy, que a essa altura se sentavam lado a lado no sofá. Buddy havia vestido o paletó. Dois jovens membros da equipe, vestindo bonés da KGW, haviam erguido uma tela de fundo atrás dos dois, para ocultar o local da filmagem dos poucos que talvez reconhecessem a Suíte dos Fundadores, no Arlington.

— Você está pronto? — perguntou Charlene. Ela parecia mais magra do que na televisão, e mais faminta.

— Sem dúvida — respondeu Buddy antes que Archie pudesse abrir a boca. Buddy havia passado base, pó de arroz e fixador e Archie o viu passar a língua pelos dentes de cima. Era um truque que Buddy lhe ensinara quando Archie assumira a liderança da força-tarefa havia vários anos, para que o lábio superior não grudasse nos dentes quando a pessoa falasse diante das câmeras. Archie achou que Buddy estivesse brincando.

— Nós vamos transmitir ao vivo — disse Charlene.

Archie baixou os olhos em direção às mãos. O inchaço havia diminuído um pouco. Mas o seu lado direito ainda latejava, apesar dos quatro Vicodin e de outros dois que acabara de tomar. Ele queria estar mais drogado. Precisava parecer doente. *Estava* doente.

Agora precisava vender essa imagem.

Charlene virou-se para a câmera, inclinou o queixo para baixo com ar pensativo e abaixou a voz.

— Obrigada, Jim. Estou aqui com o prefeito Bud Anderson e a suposta última vítima de Gretchen Lowell e seu antigo perseguidor, o detetive Archie Sheridan. — Ela virou-se para Archie, esticou a mão e tocou de leve seu joelho.

— Detetive, pode nos contar o que passou por sua cabeça quando foi informado de que a Beleza Mortal havia escapado?

Archie manteve o rosto sereno, apesar do ridículo da pergunta.

— Fiquei mal — disse Archie. — Me preocupei com a comunidade. — Ele queria fazer alguma coisa com as mãos e decidiu uni-las sobre o colo. — Gretchen é muito perigosa. Ninguém deve se aproximar dela. É importante que ela seja entregue, viva, à custódia do estado, para que possamos concluir nosso trabalho de identificar suas vítimas.

— Eu gostaria apenas de reiterar — disse Buddy — que estamos fazendo tudo que está ao nosso alcance para prender Gretchen Lowell. Nós vamos pegá-la.

Charlene estendeu a mão e tocou o joelho de Archie novamente. Debbie estava de pé atrás dela, fora do alcance da câmera, e Archie pensou tê-la visto girar os olhos.

— Como estão seus filhos depois do trauma de ontem? — perguntou Charlene.

— Estão bem — disse Archie. — Considerando as circunstâncias. Mas fico triste que isso esteja atrapalhando minha investigação do responsável pelos assassinatos em Forest Park — acrescentou, e percebeu Buddy mover-se ligeiramente ao seu lado. Ele ergueu o rosto e olhou direto para a câmera. — Se alguém souber alguma coisa a respeito de uma mulher loura desaparecida há dois ou três anos, por favor, ligue para sua polícia local.

Charlene ergueu as sobrancelhas inquisitivamente diante da mudança de assunto, mas era profissional o bastante para fazer ao menos a pergunta óbvia.

— E o primeiro corpo?

— Nós a identificamos — respondeu Archie. A dor no flanco tornara-se uma ardência. — Seu nome é Molly Palmer.

Archie havia ligado para os pais de Molly do quarto depois do banho. O pai de Molly havia atendido ao telefone.

— Para nós ela está morta há 15 anos — ele havia dito. Eles tinham outra filha, explicou o pai, uma advogada. Muito bem-sucedida. Dois filhos. Um marido que trabalhava em um banco de investimentos. Era sempre bom ter uma reserva.

Buddy se enrijeceu todo. Ele limpou a garganta com uma ligeira tosse.

— Voltando ao assunto — disse. — Eu gostaria de assegurar mais uma vez ao público que estamos fazendo todo o possível para protegê-lo.

Archie ergueu a mão até o lado latejante e pressionou-a contra o tecido da camisa. Seu estômago revirou. Ele ergueu os olhos. A câmera ainda estava filmando. Buddy continuava com suas bobagens. Archie tentou se manter firme, se apoiar na beirada da mesa de centro, para que parecesse real. Não era muito difícil. A dor e a náusea estavam lá. Era apenas questão de entregar-se a elas. Ele ergueu os olhos para a câmera novamente, esperando que Buddy fizesse uma pausa, para dar ao câmera tempo suficiente para reagir. Por fim Buddy tomou fôlego e Archie escorregou do sofá, caindo sobre os joelhos.

— Ai, meu Deus — disse Buddy.

— Continua filmando — Archie ouviu Charlene gritar.

Debbie surgiu no mesmo instante, as mãos em concha sobre seu rosto.

— Archie? — disse ela. Ela o estendeu sobre o carpete. — Archie? — disse mais uma vez. Ela se inclinou sobre ele, seu rosto pouco acima do dele, contraído.

Archie segurou a mão da ex-mulher e a apertou.

— Espere um minuto — sussurrou.

Ela inclinou a cabeça, confusa.

Henry se precipitou entre Archie e a câmera.

— A entrevista terminou — disse ele.

Archie ouviu Charlene dizer:

— Archie Sheridan desmaiou. Vamos atualizá-los assim que tivermos mais informações. Jim, de volta para você. — A câmera devia ter parado de filmar porque em seguida ela acrescentou: — Puta merda.

— Saia — disse Henry. — Agora. Todos para fora.

— Devo chamar os paramédicos? — perguntou Buddy.

— Não — respondeu Archie do carpete. — Fergus.

Henry empurrou Charlene Wood e sua equipe porta afora, deixando a tela de fundo onde estava, atrás do sofá.

Archie ouviu a porta do quarto das crianças se abrir e um momento depois Sara estava ajoelhada a seu lado.

— Papai? — disse ela.

— Eu estou bem — disse Archie. Ele ergueu a mão livre e enxugou uma lágrima na bochecha rosada e úmida de Sara. — Eu estou bem.

Sara baixou os olhos e imediatamente notou o que mais ninguém havia notado.

— O que houve com a sua mão, papai?

Archie ergueu-se e se sentou. Ben estava de pé na extremidade do sofá.

— Leva a sua irmã de volta para o quarto — disse Archie. Ben estendeu a mão e Sara olhou para o pai mais uma vez antes de se levantar, obediente, e entrar atrás de Ben no segundo quarto da suíte.

— O que está acontecendo? — perguntou Debbie, a voz desafinada.

— Shh — fez Archie. — Por favor. Todos. Quietos.

— Archie? — disse Henry.

— Só espera um pouco — disse Archie.

Ele fechou os olhos, desejando ouvir o toque.

E lá estava ele. Seu celular.

Gretchen havia assistido ao noticiário.

— Você está bem? — perguntou Gretchen.

Archie fez um aceno de mão para Henry, que imediatamente abriu seu celular para rastrear a chamada.

O coração de Archie saltava contra o peito, e ele teve de se esforçar para manter a voz no tom normal de conversa.

— Preocupada comigo? — perguntou.

— Você me pareceu inchado, querido — disse ela. — É o edema. O seu fígado está parando.

Ele abaixou os olhos para a mão livre. A palma estava vermelha; a pele dos dedos, retesada dos fluidos. Ele fechou o punho e o ocultou sob a axila.

— Quero ver você.

Ele podia ouvi-la respirando. A respiração prolongada e suave apenas fazia sua própria respiração parecer mais estrangulada.

— Em breve — disse ela.

— Então você ainda está na área? — perguntou Archie, olhando de relance para Henry para se certificar de que ele ouvira.

Ele inspirou novamente, e expirou.

— Quero ficar perto de você.

— Onde você está? — perguntou Archie.

— Onde você está?

Henry olhou para Archie e balançou a cabeça. Archie sabia o que isso significava. Gretchen estava em um celular pré-pago. Impossível de rastrear. Ela iria desligar, cuidar da sua bela vida e não havia nada que eles pudessem fazer para impedi-la.

— Gretchen — disse Archie. — Não mata mais ninguém, está bem?

— Está doendo? — perguntou ela.

A mão de Archie abriu caminho até o flanco e a ardência difusa atrás das costelas.

— Está.

Ele quase a ouviu sorrir pelo telefone.

— Bom.

A linha ficou muda e Archie permaneceu sentado com o telefone na mão, só então percebendo que o estava apertando tanto que seus dedos doíam. Ele depositou o telefone sobre a mesa e forçou os dedos dormentes a se endireitarem. Não usava a aliança de casamento havia quase dois anos, mas sua mão ainda parecia nua sem ela.

Henry, que andava de um lado para outro com as mãos entrelaçadas na nuca, parou e golpeou com o punho a parede cocô-de-neném. O som da carne golpeando o gesso fez todos na sala se virarem.

— Merda — disse Henry, recolhendo a mão e sacudindo-a. Uma fina rachadura no gesso assinalava o impacto.

Buddy estava sentado no braço da cadeira.

— Ninguém fica sabendo sobre as chamadas. — Ele olhou para um lado e outro, dirigindo-se a todos eles. — Isso não sai dessa sala.

Debbie, que estava sentada no sofá, com as mãos dobradas no colo, ergueu-se e entrou no quarto das crianças sem dizer uma palavra.

Archie tinha muito a lhe dizer, a explicar, mas teria de esperar.

A porta da suíte se escancarou e Archie e Henry se viraram. Susan Ward estava parada na entrada. Vestia preto dos pés à cabeça e o cabelo turquesa brilhava como o topo de uma chama contra o rosto corado e enfurecido.

— Você deu uma entrevista para a porra da Charlene Wood?

— Quando você identificou a desconhecida? — perguntou Buddy baixinho.

Susan parecia furiosa.

— Esse era o meu furo. Fui eu que identifiquei o corpo. Era a minha matéria. — Ela olhou para Archie sentado no chão, para Henry segurando-lhe a mão e para a rachadura na parede ao lado dele.

— O que está acontecendo? — ela perguntou.

Archie ergueu-se e se acomodou no sofá onde Debbie estivera. A almofada ainda estava quente.

— Eu precisava que isso saísse na TV — disse ele.

— Você tem certeza que era ela? — Buddy perguntou a Archie.

A boca de Susan se abriu.

— Você sabia? — perguntou, seus olhos se estreitando na direção de Buddy.

— Você sabia sobre Castle e Molly?

Ele deu de ombros, na defensiva.

— Escutei os mesmos boatos que todo mundo ao longo dos anos.

— Mas você sabia o nome dela — disse Archie baixinho.

— Foi um caso — disse Buddy a Archie. — Deus do céu, não se faça de santo. Todo esse tempo que você e Debbie estiveram juntos, você nunca pensou em trepar com outra?

A adrenalina da ligação de Gretchen estava perdendo o efeito e Archie sentiu-se enjoado novamente, o ácido do estômago subindo para a garganta.

— Molly tinha 14 anos — disse Susan.

O rosto de Buddy corou.

— Pensei que ela fosse mais velha do que isso — disse. — Dezoito.

Um telefone começou a tocar. Por uma fração de segundo Archie achou que pudesse ser Gretchen novamente, mas o toque estava errado. Ele inclinou a cabeça para trás no sofá e fechou os olhos. Sua cabeça doía. O flanco latejava. Sua pele parecia estar repleta de formigas.

— Susan a identificou. Nós comparamos com os registros dentários. É ela.

Ele olhou de relance para o segundo quarto, onde estavam Debbie e as crianças. A porta continuava fechada. Ele tornou a olhar para os outros.

O telefone ainda estava tocando.

— Alguém vai atender isso? — perguntou Archie com voz cansada.

— Isso vai esperar — respondeu Buddy, dando um tapinha na capa de couro de seu celular, presa ao cinto, e ficando de pé. — Isso é um tremendo escândalo político, meus amigos — disse. — Se souberem do caso.

— Se a garota tem 14 anos e o homem, 50, não se trata de um “caso” — disse Susan. — Perante a lei, é estupro mesmo.

Archie suspirou. Será que ele precisava explicar?

— É mais do que isso, Buddy — disse Archie. Era um motivo para assassinato.

Susan deu um minúsculo passo à frente, entrando na sala. Sua voz era pouco mais que um sussurro.

— Você acha que o Castle matou Molly?

Henry, que mantinha as articulações feridas contra a boca, baixou a mão.

— Jesus Cristo — disse.

— Não — disse Buddy. — Eu trabalhei para o homem. Ele não era capaz de cometer assassinato.

Susan mordeu o lábio.

— Ele foi capaz de comer uma menina de 14 anos e encobrir isso por 15 anos — disse ela.

— Isso é culpa sua — disse Buddy, enfiando um dedo manicurado na cara de Susan. — Se você deixasse a coisa quieta... — Ele se controlou, fechou a mão e recuou. — De qualquer forma, a matéria ainda não saiu. — Ele acenou com a cabeça um par de vezes. — Se dermos sorte, ninguém vai ligar Molly Palmer ao senador.

— Ela era a babá dos filhos dele — enfatizou Susan. — Além do mais, eu estou bem aqui. — Ela acenou. — Alô! Jornalista!

Buddy agitou a mão no ar, como se espantasse uma abelha.

— A imprensa ainda vai demorar alguns dias. — Ele virou-se para Susan.
— Até lá, segura essa matéria.

Susan contraiu o rosto, insultada.

— Você não pode me dizer para segurar uma matéria.

— Acabei de dizer. Você acha que foi ideia do *Herald* não publicar a história depois que o senador morreu?

— Isso é censura. — Susan olhou impotente para Archie. — Isso é censura oficial.

Archie inclinou-se ligeiramente para a frente, na esperança de deter a dor sinistra que aumentava sob suas costelas. Não funcionou. O toque do telefone de Buddy o estava deixando louco.

— Você está bem, Archie? — perguntou Henry.

Archie ergueu os olhos na direção de Buddy.

— Você ligou para o Fergus? — Fergus havia sido o médico de Archie a partir do primeiro momento em que o levaram para o Hospital Emanuel, depois dos dez dias com Gretchen. Ele era um dos melhores cirurgiões gerais dos EUA. E era discreto.

— A equipe dele ficou de avisá-lo para vir — respondeu Buddy.

— Pensei que você estivesse fingindo — disse Henry, contornando o sofá e se ajoelhando ao lado de Archie. — Para fazer ela ligar.

Archie olhou para trás de Henry, observando à medida que a rachadura na parede de gesso aumentava, avançando pela parede cocô-de-neném, uma fissura diminuta, com formato de coração.

— Estava meio que fingindo — disse Archie.

Fergus deslocou a mão fria ao longo da pele nua sobre a costela de Archie. A camisa de Archie estava aberta e ele estava sentado na cama. Buddy levava Debbie e as crianças para baixo, para comerem alguma coisa. Henry e Susan estavam na sala de estar.

Fergus pressionou com os dedos a pele cicatrizada de Archie.

— O seu fígado está falhando — disse Fergus.

É claro que ela estava certa.

Fergus moveu as mãos para cima e tateou os nodos linfáticos sob o maxilar de Archie. Suas mãos continuavam frias. Ele normalmente preferia gravata borboleta, mas naquele dia usava calça cáqui e uma camisa de golfe.

— Cirrose — disse Fergus. — Só vou saber a gravidade depois de fazer uns exames.

Lá estava. Havia uma feira de agricultores no sábado, no parque do outro lado da rua, e Archie ouvia o som das pessoas andando de um lado para outro e uma banda *cover* do Grateful Dead.

— Os comprimidos? — perguntou Archie.

Fergus olhou para Archie por cima dos óculos.

— Você precisa parar com eles.

— Eu sinto dor — disse Archie.

— Se você parar de tomar os comprimidos já, há uma chance de que o seu fígado consiga se recuperar — disse Fergus, tirando os óculos e esfregando as lentes na camisa. Ele levantou os óculos em direção à luz que atravessava a persiana de madeira e examinou-os. Então tornou a limpá-los. — Se continuar a tomar, vai precisar de um transplante de fígado ou vai morrer. — Ele recolocou os óculos e olhou para Archie, com a expressão séria. — E não se fazem transplantes de fígado a não ser que você esteja limpo há seis meses.

Archie começou a abotoar a camisa.

— É bem sensato da parte deles.

— Isso não é brincadeira.

Archie olhou na direção de Fergus. Sentia-se mal por ele, que o tratara desde o início. Salvara-lhe a vida. Quebrara as regras. Redigira receita após receita.

— Faz isso retroceder — disse Archie.

— Pare de tomar os comprimidos — disse Fergus. — E de beber. Continue tomando os diuréticos para o edema. Evite sal. Se você notar inchaço no abdômen, podemos inserir uma agulha na parede abdominal para remover o fluido da cavidade.

— Quanto ruins as coisas podem ficar? — perguntou Archie.

Fergus ergueu a manga da camisa de Archie, pegou um torniquete de borracha em sua maleta médica e o amarrou em torno do antebraço de Archie.

— Se você começar a vomitar sangue ou notar mudanças nas funções mentais, me telefone ou vá para a emergência.

Archie assentiu com um aceno de cabeça.

— Não posso prescrever uma medicação que eu sei que está te matando — disse Fergus, batendo de leve em uma veia no braço de Archie. — Vou passar mais algumas instruções por escrito, para que você não fique a seco. E posso lhe dar os nomes de alguns centros de tratamento. — Ele retirou uma seringa da maleta, removeu a tampa de borracha da extremidade e a introduziu no braço de Archie.

Archie observou enquanto o sangue enchia lentamente a seringa. Havia visto mais sangue nos últimos anos do que jamais pensara ser possível.

— Não quero que ninguém saiba disso.

Fergus puxou a seringa e pressionou uma bola de algodão sobre a ferida provocada pela agulha, que continuava a sangrar.

— Você vai precisar de alguém que cuide de você — disse ele.

Archie permitiu-se um sorriso irônico, mas quando Fergus ergueu os olhos, já não havia mais sorriso algum.

— Tenho uma pessoa em mente — disse Archie. Aquilo na verdade era um alívio. Porque se ele ia morrer, nada tinha a perder. Se ele ia morrer, podia capturá-la.

Susan estava parada no final do corredor, observando uma abelha se chocar contra uma janela que dava para a rua. Do lado de fora, ela via gente saindo do mercado com frutas e legumes, passeando com cachorros, andando de bicicleta, manobrando para estacionar. A abelha bateu contra o vidro de novo. O policial magricela e orelhudo da noite anterior sentava-se em uma cadeira sob uma pintura de um velho feio. Ele ergueu os olhos e sorriu.

— Ela está nisso há uma hora — disse. — A abelha. É uma janela velha. — Ele ergueu a mão e coçou uma de suas imensas orelhas. — Abelhas enxergam através de raios ultravioleta. As janelas novas têm proteção contra ultravioleta. Mas nas antigas os raios passam direto pelo vidro. A abelha não consegue vê-lo.

Susan estendeu a mão.

— Susan — disse.

— Todd Bennett — disse o policial. — Pode me chamar de Bennett — acrescentou. — Todo mundo chama.

— Você sabe um bocado sobre abelhas, Bennett — disse Susan, abrindo o celular.

— Sei um bocado sobre janelas — disse Bennett.

Susan não estava no clima para falar de vidros nem de abelhas nem de poetisas-cantoras-compositoras feministas protopunk dos anos 70. E sobre isso ela quase sempre estava no clima para falar.

Teclou um número e ramal do *Herald*.

Ian atendeu ao telefone em sua mesa.

— Artigos — disse. Sua voz fez a pele de Susan formigar. Ela podia sentir-lhe o gosto só pelo timbre meloso, sentir-lhe a pele, o sabonete que ele usava. Não vá para a cama com gente do trabalho, sua mãe lhe dissera. Na verdade,

ela havia dito “Não cague onde você dorme”, mas Susan havia entendido o que ela quis dizer.

Susan estava tentando melhorar quanto a isso. Era uma das razões por que havia terminado com Derek.

Ela afastou-se de Bennett e perguntou em voz baixa:

— Ian, quando você vai publicar a matéria sobre Castle e Molly Palmer?

Ian fez uma pausa.

— Quando for a hora certa.

A abelha se chocou contra a janela novamente.

— E isso quer dizer o quê?

— Que as pessoas ainda estão de luto — disse Ian.

Susan sentiu vontade de rir ou quem sabe de esmagar com a palma da mão o apêndice xifoide de Ian e enfiá-lo dentro do coração dele.

— Seu merda — disse ela. — Você não vai publicar a reportagem, vai?

A voz dele se tornou mais melosa.

— Seja paciente, gata.

— Não me chame de gata — disse ela. A essa altura, a abelha achava-se fora do peitoril da janela, preparando-se para nova investida. Suas asas se agitaram. — Vou levar a matéria para outro lugar. Alguém vai publicar.

— Você tem um contrato conosco — disse Ian. — Quebra o contrato e você perde o emprego. Nós somos o único jornal diário da cidade. — Ele riu e Susan decidiu que, em vez do apêndice xifoide, talvez preferisse a ponte do nariz, para cegá-lo. Assim ele viveria para lamentar o dia em que se opusera a ela. — Para quem você vai trabalhar? — continuou Ian, divertido. — O *Auto Trader*?

Ai!

— Então você vai deixar que eles abafem a história? Assim sem mais nem menos?

— Ele está morto. O que importa? Você é brilhante. A história do Castle já era. O que todo mundo quer agora é Gretchen Lowell. E você está bem no meio disso.

— Estou presa na porra do Arlington — disse Susan, mais alto do que pretendia. A abelha se chocou contra o vidro novamente. — Desiste — disse Susan. — Xô.

— O quê? — perguntou Ian.

Susan cobriu o rosto com a mão.

— Eu estava falando com uma abelha — disse ela.

— Ah — disse Ian. Ele fez um muxoxo acanhado. — Estou cobrindo a caçada ao criminoso. Criminosa. Não importa. Mas vamos criar um blog para você no site. Você pode atualizá-lo diariamente do Arlington.

— Um blog? — Até onde Susan sabia, o site do *Herald* era um deserto. Susan olhou de relance para Bennett. Ele lia um exemplar do *Portland Monthly*. A capa trazia uma foto do deserto elevado do Oregon e a manchete OS MELHORES REFÚGIOS EXÓTICOS. Talvez ele estivesse lendo um artigo sobre janelas.

Com ou sem Gretchen Lowell, Susan precisava sair dali. Ela não ia escrever um blog. Não se eles iam cancelar a matéria sobre o Castle. Ela devia pelo menos isso a Molly Palmer.

— Escuta, gata — disse Ian. Ela ouvia o tap-tap-tap familiar dele digitando em um teclado. — Eu tenho que correr. Tenho que fechar a matéria do cerco à escola.

A abelha se fora. Talvez estivesse morta. Talvez tivesse desistido e voado para algum paraíso repleto de pólen. Susan não sabia.

— Sabe quando eu disse que seu pênis era tamanho médio? — perguntou Susan. — Era mentira.

Bateu com força o celular. Sentia falta de Parker. Parker saberia o que fazer. Parker garantiria que a matéria fosse publicada. Parker a classificaria como prioridade. Soltou o telefone dentro da bolsa e voltou para o quarto, passando por Bennett. Deu para notar que ele evitou o contato visual, o que significava que entreouvira cada palavra da conversa. Ele estava sentado bem em frente à suíte de Archie, número 602, ao lado do quarto de Susan e Bliss, número 603. Archie e a família tinham uma suíte. Ela e Bliss dividiam um quarto só. Duas camas. Uma escrivaninha. Uma TV. E um banheiro sem banheira.

Susan queria um banho imediatamente. Mais do que qualquer coisa.

Abriu a porta do quarto e, no pequeno espaço entre a extremidade das camas e a parede mais afastada, encontrou a mãe de 56 anos nua, de pé com as pernas unidas, braços erguidos, palmas das mãos pegadas. A pele coberta de manchas era clara, a carne, frouxa na altura do diafragma e na parte superior dos braços. Os seios se deslocaram para o lado quando ela se abaixou e tocou os

dedos dos pés. Seus *dreadlocks* oxigenados golpearam o carpete como um feixe de cordas.

Susan fechou rápido a porta atrás de si.

— Bliss — perguntou. — O que você está fazendo?

A mãe de Susan voltou à posição de prancha, com o corpo na horizontal, os braços e dedos dos pés no chão. Seus mamilos roçaram o carpete.

— Saudações ao sol.

— Você está pelada. Você está pelada no Arlington.

Bliss estendeu o corpo na cobra ascendente, mantendo os dedos dos pés no chão e elevando o tronco, até que seus braços se esticassem e ela estivesse olhando para o alto, na direção de Susan.

— Sempre faço ioga pelada — disse. Ela voltou à cobra descendente, erguendo no ar as nádegas expostas repletas de cavidades e arqueando as costas, então levantou uma das pernas entre as mãos, dobrou o joelho e afundou na posição do guerreiro, como quem vai dar um bote, com os braços esticados acima da cabeça. — Dá uma sensação de liberdade.

A mãe de Susan havia feito uma tatuagem de hera que começava embaixo de um dos seios e serpenteava até a parte superior da coxa. Quando Susan seguiu a tatuagem com os olhos, seu queixo caiu.

— O que você fez com seus pelos pubianos?

Bliss baixou os braços em sua orgulhosa postura do guerreiro, estendendo um deles à frente, e o outro para trás.

— Eu depilei — disse Bliss. Ela estendeu a pele do abdômen, para que Susan pudesse decifrar o desenho cuidadosamente gerado no emaranhado redondo de pentelhos grisalhos. — É um símbolo da paz. Bodhi fez no salão.

— Ah, meu Deus.

Bliss ergueu os braços de novo, abaixou-se um pouco mais e fechou os olhos.

— Essa guerra é ilegal, meu amor — ela disse.

Susan girou e abriu a porta que dava para o corredor. Lá estava Henry. E Debbie. E os dois filhos de Archie. Todos se viraram e olharam para Susan. E, para além dela, claramente visível através da porta aberta, para a mãe de Susan pelada, prestes a dar o bote.

— Namastê — disse Bliss com um aceno. Deu um passo à frente e dobrou-se por inteiro, seus *dreadlocks* mais uma vez empilhando-se sobre o carpete.

Henry, Debbie, Ben e Sara ficaram estáticos por um minuto.

— Gostei da sua tatuagem — disse Ben.

— Obrigada! — disse Bliss, voltando à posição de prancha.

Susan deu um passo em direção ao corredor e fechou a porta atrás de si. Bennett continuava sentado na cadeira, o *Portland Monthly* aberto no colo. Tanto Ben quanto Sara seguravam as mãos de Debbie. Henry ergueu uma sobrancelha.

— O almoço foi bom? — perguntou Susan, tentando parecer casual.

— Experimenta a salada de salmão defumado — disse Debbie. — Está deliciosa.

O corredor estava silencioso. O único som era o ruído das páginas da revista do policial sendo folheadas rápido demais para que ele estivesse de fato lendo.

— Aonde você vai? — Henry perguntou a Susan.

Susan usava jeans apertado, camiseta preta sem manga e cinto preto. A bolsa e os sapatos eram de verniz vermelho.

— Para o trabalho — disse ela.

Henry balançou a cabeça.

— Você não pode sair. Está sob proteção policial.

— Eu tenho matérias pra escrever — disse Susan. Sua voz soou desesperada demais e ela tentou corrigir, dar um tom de maior importância. — Jornalismo. Jornalismo impresso.

— Escreve no seu quarto — disse Henry. — Onde você está segura.

Susan olhou de relance para a porta fechada que os separava de sua mãe nua e então tornou a olhar para Henry.

— Eu preciso sair daqui — disse, por entre os dentes cerrados.

Henry suspirou.

— Vou falar com o Archie.

Ótimo. Presa no Arlington. Gretchen se manda. E Susan fica trancafiada. Muito justo. Susan lançou outro olhar furtivo na direção de Bennett. Não conseguiria passar por Henry. Mas talvez passasse por aquele cara.

— Ok — disse ela.

Henry olhou para ela por um minuto, então acenou com a cabeça. Pousou uma das mãos nas costas de Debbie e a conduziu, e às duas crianças, à suíte de Archie.

— Aquilo era um símbolo da paz? — Susan ouviu Debbie perguntar a Henry enquanto eles desapareciam porta adentro.

Archie mantinha Sara apoiada na dobra de seu braço, em meio a uma fauna de animais de pelúcia na cama dela. Henry os trouxera da casa e eles estavam enfiados em todos os lugares disponíveis, uma topografia irregular de pelo sintético, patas e caudas. Archie sentia o corpo leve e relaxado dos comprimidos, e tudo que conseguia fazer era não cochilar ao lado dela.

— Lê de novo — disse ela.

Ele acabara de ler para Sara o livro do Ursinho Pooh, *Agora somos seis*.

— Está na hora de dormir — disse ele.

Ben estava na cama ao lado, lendo um livro de Lemony Snicket.

Archie deu um beijo na cabeça de Sara. O cabelo dela era da mesma cor que o da mãe. Ele adorava seu cheiro e manteve o rosto colado na cabeça da filha por um momento, cheirando-a. Mal conseguia se lembrar da última vez que Ben permitira que ele lhe desse um beijo de boa-noite.

— Amo você — disse ele. Havia momentos, como esse, em que ele era perfeita e magnificamente feliz. E ainda assim não sabia se era real. Ou se era o Vicodin.

Ele pôs os pés no chão e procurou pelos sapatos.

A mãozinha lisa de Sara agarrou seu braço.

— Fica comigo — disse ela. — Até eu dormir.

— Claro — disse Archie, feliz em prolongar o momento. Deitou na cama, cruzou os pés e tornou a passar o braço ao redor da filha. O nariz de plástico de algum bicho de pelúcia pressionava-lhe as costas.

Os olhos de Sara não se desviaram dele até ela adormecer, suas pálpebras ficando cada vez mais pesadas, até que, quando eram só uma fenda branca, ela deu-se por vencida.

Archie esperou mais alguns minutos e então se soltou dela e calçou os sapatos.

Ben colocou seu Lemony Snicket sobre a mesinha de cabeceira e virou-se, para não ter de encarar Archie.

— Boa noite, pai — disse ele para a parede.

— Boa noite — disse Archie.

Ele esperava encontrar Henry e Debbie onde os deixara, na sala principal da suíte, mas eles não estavam lá.

— Estou aqui — chamou Debbie, do quarto.

Ela apareceu no vão da porta, metida no roupão branco do Arlington, que passara a usar. Archie apostava que quando voltassem para casa, o roupão acabaria encontrando um lugar na mala dela.

— A que horas Henry foi embora? — perguntou ele, entrando no quarto e sentando na cama.

Ela entrou no banheiro e começou a escovar os dentes.

— Há uns 15 minutos — disse, a escova de dente na boca. Ela levou um pouco de água à boca com as mãos em concha, bochechou e cuspiu na pia. — Ele mandou dizer tchau.

Ele observou o reflexo dela de onde estava sentado. Ela era linda. Sara também seria linda assim quando crescesse. O cabelo castanho, as sardas, os olhos atentos. Debbie lavou a escova de dente e secou a boca com uma toalha de mão branca. Então percebeu que ele a observava e virou-se, apoiando as costas na pia.

— O que foi? — perguntou.

— Nada.

— Fico feliz que você esteja bem — ela disse baixinho.

Archie deu de ombros.

— Foi só estresse, eu acho — disse.

— Você me assustou — disse ela.

— Sinto muito — desculpou-se ele. E completou a frase na cabeça: Por tudo.

Ela lhe deu um de seus sorrisos tortos de preocupação. Debbie sobreviveria sem ele. Seria difícil. Mas ela ficaria bem. As crianças ficariam bem.

Provavelmente ficariam melhor, a longo prazo.

— Por que você está me olhando desse jeito? — perguntou Debbie.

Ele estendeu os braços em sua direção.

— Vem cá — disse ele. Talvez não fossem os comprimidos. Talvez ele estivesse de fato feliz.

Ela caminhou descalça até ele; ele estendeu a mão, desamarrou o roupão e o deixou pender aberto. Pôs-se de pé, enfiou os braços dentro do roupão e fez as mãos deslizarem pelas saliências de suas costelas, até a curva arredondada de seus quadris.

Ela respirou fundo e mordeu o lábio.

— Faz muito tempo — disse.

Archie puxou-a para si e a beijou no pescoço, aspirando seu cheiro.

— Nem me fala — disse. Ele empurrou o roupão para longe dos ombros dela e ele caiu no chão; ela se afastou do roupão e caiu nos braços dele.

Ele a conhecia. Seus seios, o esquerdo apenas um pouco maior do que o direito. A constelação de sinais em seu ventre claro. A pequena camada de gordura da gravidez na parte superior do abdômen.

Ele a beijou na boca e recuou em direção à cama, puxando-a sobre ele. Ela estava com gosto de pasta de dente de hortelã. Ela gemeu e baixou a mão para desafivelar a calça dele. Ele a impediu, segurando sua mão pelo pulso e levando-a até a boca, para que pudesse beijar seus dedos. Queria corresponder. Desejava fazer amor com ela. Ele a amava. Mas seu corpo resistia. Tinha sido assim desde Gretchen. Ele não sabia se era o trauma físico pelo que havia passado ou se só estava tão envenenado pelo tesão que sentia por Gretchen que seu corpo recusava-se a traí-la, a ficar duro para outra.

Ele faria amor com sua mulher. Faria isso uma última vez. Nem que fosse preciso trapacear um pouco. Então decidiu deixar Gretchen entrar em sua mente apenas por um momento. Fechou os olhos. E lá estava ela. Deus, como era linda, cabelos louros e pele branca leitosa, a boca aberta, desejando-o. Ele saboreou o lóbulo da orelha de Debbie, e era o lóbulo da orelha de Gretchen. Passou a mão pelo cabelo de Debbie, e era o cabelo de Gretchen. Sentiu-se instantaneamente duro. Podia sentir Gretchen desabotoando-lhe a calça, deslizando a mão para dentro de sua cueca, apoderando-se dele. Era bom. Perguntou-se por que nunca havia feito isso antes. Ela cobriu-lhe o pescoço com beijos de borboleta, como Debbie costumava fazer. Mas não era isso que

ele queria. Ele enfiou a língua dentro da boca da mulher, abaixou a cintura da própria calça, virou-a com um movimento brusco e entrou dentro dela. Ele foi bruto, e a força que usou fez ela tomar fôlego, e isso o excitou ainda mais. Ele a penetrou com tanta força e tão fundo quanto podia. Não conseguia parar. Queria fodê-la mais forte do que qualquer um jamais fizera. Qualquer dos homens que ela já tivera. Os que haviam matado por ela. Os que ela havia matado. Ele queria alcançar seu íntimo.

Ele ouviu, de algum lugar ao longe, sua mulher dizer:

— Você está me machucando.

E então ele gozou. Seu corpo inteiro tremeu, os músculos de suas costas se contraíram. Toda a raiva, o estresse e o pesar que mantinha reprimidos confundiram-se em seu rosto. E ele abriu os olhos.

— Deus do céu, Archie — disse Debbie. Ela estava tremendo, os olhos arregalados.

Archie saiu de dentro dela e rolou de cima dela, deitando na cama. Sentia na boca um leve gosto de menta.

— Desculpa — disse, com nojo de si mesmo.

Debbie permaneceu em silêncio por um longo tempo, sentada na cama. Mantinha o lençol apertado ao redor do peito, as articulações dos dedos brancas onde o segurava.

— Vai ver a sua terapeuta — disse ela por fim. — Amanhã. — Levantou-se e encaminhou-se ao banheiro, levando consigo o lençol. Ligou a torneira e olhou para o reflexo de Archie no espelho do banheiro enquanto Archie olhava para o dela. — Ou eu mesma vou arrastar você até ela.

— Você está fumando? — perguntou Susan.

O quarto achava-se às escuras. Susan havia adormecido até que o cheiro da fumaça de cigarro a arrancou de um sonho lindo e perfeito, em que ela e Archie Sheridan viviam uma aventura numa cidade que parecia muito com Atlântida. Susan permaneceu ali deitada por alguns minutos, inalando a prova incriminadora da pausa para o cigarrinho da meia-noite de sua mãe.

— Mãe? — disse ela.

Sua mãe não respondeu.

Susan estendeu a mão e acendeu o abajur na cabeceira. A luminária lançou um triângulo de luz que revelou Bliss recurvada em seu lado da cama, as costas nuas voltadas para Susan, segurando um cigarro logo abaixo da borda do colchão, a fim de esconder a ponta incandescente reveladora.

Os *dreads* louros de Bliss estavam amarrados num emaranhado que ia quase até a cintura. Ela olhou para trás, na direção de Susan.

— Só uma tragada — disse, levantando o cigarro. — Eu não estava conseguindo dormir.

Susan sentou-se.

— Não — disse ela. — Você não pode fumar aqui dentro. É quarto de não-fumantes. Você vai disparar o alarme de incêndio. Segure o cigarro fora da janela.

Bliss levou o cigarro à boca e deu uma tragada.

— As janelas não abrem — disse.

Susan jogou a cabeça para trás, frustrada.

— Mãe — gemeu.

Bliss suspirou e se esticou até o outro lado da cama para esmagar o cigarro em um copo vazio na mesa de cabeceira. Ela usava calcinha preta de algodão e

meias listradas em vermelho e laranja até o joelho.

— Você parece polícia — ela disse.

Susan olhou para seu relógio. Passava pouco das três da manhã. Essa podia ser sua chance de cair fora dali. Ela saiu da cama e arrastou-se até a porta que dava para o corredor. Usava calcinha e a camiseta TÔ SENTINDO CHEIRO DE CASCATA. Não eram exatamente roupas apropriadas para a fuga, mas aquilo era só um reconhecimento. Ela abriu apenas uma fresta na porta e espiou para fora. Bennett imediatamente ergueu os olhos da cadeira onde estava sentado e acenou.

Porra, o cara nunca ia para casa. Nem mesmo cochilava.

Susan acenou de volta, tentando não parecer muito desapontada.

— Não consigo dormir — explicou. Então voltou rapidamente para o quarto e tornou a se jogar na cama.

— Eu posso acabar demitida — disse Susan. — A garota da matéria que eu estava fazendo, Molly Palmer. Está morta. Foi o corpo dela que eles acharam sábado, no parque.

Bliss levantou os olhos, interessada.

— Como ela morreu? — perguntou.

— Não sabem — disse Susan. — Acharam que fosse overdose. Mas o senador está morto. E o Parker. Outro acidente trágico. Mas isso tem que estar relacionado. E o *Herald* não quer publicar a matéria. Ian disse que foi porque o Castle tinha acabado de morrer e eles queriam esperar alguns dias antes de atacá-lo. E agora está dizendo que não podem publicar sem a Molly para confirmar a história. — Susan prometera a Molly que tudo ficaria bem. Prometera-lhe muitas coisas. Teria dito qualquer coisa para fazê-la falar. — Acho que ele está sendo pressionado.

— Você tem as anotações? — perguntou Bliss. — As fitas da entrevista?

— Entreguei todo o material sobre a reportagem ao Archie — disse Susan.

Bliss ergueu uma sobrancelha.

— Você entregou à polícia a única prova que tinha para sustentar sua história?

Susan mordeu o lábio. Não pensara na coisa dessa maneira.

— Entreguei — respondeu.

Bliss estendeu o braço e desligou o abajur, tornando a lançar o quarto na escuridão.

— Às vezes — disse ela —, eu acho que todos aqueles protestos a que eu te levei quando era criança não serviram para nada.

— Isso tudo é mesmo necessário? — perguntou Sarah Rosenberg. Ela concordara em ver Archie à primeira hora da manhã e seu cabelo ainda estava molhado do banho, um emaranhado de cachos castanhos que deixavam manchas escuras nos ombros da camisa de gola olímpica acinzentada. Nenhuma maquiagem. Uma caneca de café repousava sobre um descanso em uma mesa lateral perto de sua cadeira listrada. A caneca tinha um grande coração vermelho e as palavras A MAIOR MÃE DO MUNDO.

Archie tomou um gole de seu café no copo de papel. Henry estava sentado do lado de fora do consultório doméstico de Rosenberg. Dois carros-patrolha achavam-se estacionados na rua. Havia um patrulheiro na varanda.

— É para o caso de você tentar me matar — disse ele. As cortinas de veludo verde estavam fechadas. Archie não podia ver as cerejeiras.

As sobancelhas de Rosenberg uniram-se em sinal de preocupação.

— Você está bem? — perguntou ela.

Não havia como fingir. Ele se olhara no espelho aquela manhã. A pele parecia parafina. Havia círculos escuros sob os olhos. Suas mãos tremiam.

— Não — respondeu Archie.

— Como está sua família? — perguntou Rosenberg.

Archie olhou de relance para o relógio de pêndulo. Ainda três e meia. Qualquer dia ele mesmo pagaria para que consertassem aquele relógio.

— Só desorientada — respondeu Archie.

Rosenberg permaneceu em silêncio por um momento. Pegou a caneca com o coração, tomou um gole e tornou a baixá-la. Chá, percebeu Archie pelo cheiro. Não café.

— Li sobre o que houve na escola — disse ela. — Deve ter sido duro pra você.

Ele não queria acreditar que Gretchen mataria seus filhos. Apavorá-los, sim. Mas seria ela realmente capaz de assassinar a própria carne e osso de Archie?

— A Gretchen matou um garotinho uma vez — disse Archie em voz baixa. — Isso chamou atenção porque ela matou poucas crianças. — A quem ele estava enganando? — Que a gente saiba. — Ele descansou o cotovelo no braço da cadeira e apoiou o queixo na mão. Rosenberg sentava-se com o pescoço e coluna eretos, observando-o. — Dez anos de idade — continuou Archie. — Ele desapareceu a caminho de casa, voltando de um parque perto de onde morava. Gretchen o fez beber desentupidor de ralos e então lhe arrancou a pele com um bisturi. — Isso ocorrera no estado de Washington. Ele havia ido de carro até lá para a autópsia. — Depois deixou o corpo, amarrado, no quintal da casa dele, para que a mãe encontrasse.

A postura de Rosenberg não mudou.

— Você testemunhou muita violência — disse ela simplesmente.

Archie tomou um gole de seu café. Demorou muito, depois dos seus dez dias com Gretchen, até que conseguisse engolir alguma coisa sem queimar o esôfago danificado.

— É difícil beber desentupidor de ralo — disse ele. — A pessoa acaba vomitando a maior parte. Pela quantidade encontrada no organismo do garoto, ela o dominou para forçar o líquido pela garganta. — Archie pegou a caixa de comprimidos. Nem tentou escondê-la. Abriu-a e jogou alguns comprimidos na mão. — Eu tive sorte — disse, pondo os comprimidos na boca. — Ela só me dava algumas colheres de chá por vez.

— Você não teve sorte, Archie — disse Rosenberg. — E você não fez nada para merecer isso.

Se bem que era esse o problema. Ele havia feito.

— Preciso pegar essa mulher — disse Archie. Ele não podia tornar sua família feliz, mas podia deixá-la em segurança.

— Como? — perguntou Rosenberg.

Archie sorriu, lembrando-se da inscrição sobre a entrada da escola de Ben e Sara.

— “Educação não é encher um balde, mas acender uma chama” — respondeu ele.

Rosenberg nada disse.

— Yeats — disse Archie.

— Eu sei quem disse isso — declarou Rosenberg. — Só não tenho certeza de como isso se aplica ao caso.

— Ela vai continuar matando — explicou Archie. Ele estava ficando cada vez mais à vontade com o plano, convencendo a si mesmo de que não era loucura. — Ela não consegue evitar. Ela queima tudo o que toca. Como você apaga um incêndio? Você o alimenta até que se consuma e apague.

— Ou corre o mais rápido que puder e liga para a emergência — disse Rosenberg.

— Ou isso — disse Archie.

Debbie Sheridan atendeu a porta em um roupão branco felpudo, com as palavras ARLINGTON CLUB bordadas em fios dourados no peito. O quarto de Susan não tinha essa coisa de roupão. Nem xampu tinha.

— Archie não está — disse Debbie.

Susan tentou esticar o pescoço para ver, atrás de Debbie, se a caixa que entregara a Archie ainda estava onde a deixara. Ouvia vozes de criança no interior do aposento.

— Eu dei a ele uma caixa de anotações e preciso dar uma olhada nela — disse Susan.

Debbie pareceu pouco impressionada com o apuro de Susan.

— Você vai ter que voltar mais tarde — disse, fechando a porta.

Susan piscou para a porta fechada, a 10 centímetros de seu nariz.

— Ok — disse. Ia voltar para o próprio quarto, mas quando tocou a maçaneta com os dedos, pensou melhor e dirigiu-se à porta da escada.

— Aonde você vai? — Ela ouviu uma voz perguntar. Bennett.

Susan virou-se para encará-lo.

— Você nunca está de folga?

— Eu me voluntariei para trabalhar em turnos dobrados — disse Bennett. Ele estava sentado na cadeira. Nem sequer parecia cansado. — Aonde você vai?

— Lá fora — disse ela.

Bennett ficou de pé, marcou cuidadosamente a página que estava lendo na revista e aproximou-se dela.

— É para você ficar aqui em cima — disse ele, os olhos se estreitando.

Susan estendeu os dedos em agonia.

— Eu preciso de um cigarro — disse.

— Mau hábito — disse Bennett.

Susan sorriu.

— Já traçaram o seu perfil? Eu podia escrever uma matéria sobre você. — Ela agitou os cílios. — Alguma coisa heroica.

— Eu tenho uma missão — disse Bennett, cruzando os braços. — Ficar sentado aqui no corredor e garantir que você e o detetive Sheridan estejam seguros.

Susan enfiou a mão no bolso, mostrou um maço de cigarros e o balançou.

— Eu podia dividir — disse.

— Eu não fumo — disse Bennett.

— Então, o que eu devo fazer? — perguntou Susan.

Bennett enfiou a mão no próprio bolso e puxou uma caixa de chiclete de aparência desgastada.

— Chiclete?

— Archie não está aqui — disse Susan a Bliss quando voltou para o quarto.

— Você demorou bastante. Onde conseguiu o chiclete?

O telefone de Susan tocou. Era do *Herald*. Ela atendeu.

— Acabei de me reunir com o editorial — disse Ian. — Eles estão entusiasmados com o blog. — Fez uma pausa dramática. — Já tenho um título: RELATOS SOB VIGILÂNCIA. Você já tem conteúdo?

— O jornal está sendo pressionado a enterrar a reportagem sobre Molly Palmer? — perguntou Susan.

Ian ficou em silêncio. Ela ouviu-o levantar-se e fechar a porta do escritório. Por fim, ele disse:

— Está.

— Você está lutando por mim? — perguntou Susan. — Nos bastidores?

— Sei que você não vai acreditar — disse Ian. — Mas estou.

Ela acreditava nele. Não que ele não fosse um babaca, mas antes de tudo era um jornalista. Depois um babaca.

— Eu vou fazer os relatos — disse Susan. — Mas quero que eles sejam impressos. Chega dessa merda de internet. E eu só estou fazendo isso porque quero que você publique a reportagem sobre o Castle.

— Tem mais gente vendo o site do que lendo o jornal — disse Ian.

— Ah — fez Susan. — Vou colocar alguma coisa na próxima meia hora.

Já estava escuro quando Susan enviou o último relato do dia. A polícia determinara que Gretchen estava tendo um caso com B.D. Cavanaugh, o guarda que havia se matado. E Gretchen havia matado a agente penitenciária e fugido com o agente. Se ele ainda estivesse vivo. Por estar isolada, Susan tinha de fazer todo o trabalho de campo pelo telefone e por e-mail. Com a mãe na cama ao lado dela, assistindo à programação diurna da TV. Bliss não tinha TV em casa por princípio, e toda vez que tinha uma por perto ficava completamente fascinada.

É claro que havia atualizações constantes nos noticiários de TV sobre a perseguição a Gretchen. Pela maneira como os informativos referiam-se ao fato, tinha-se a impressão de que eles desejavam que ela escapasse.

Susan fechou o laptop. Gretchen Lowell em liberdade. Archie Sheridan no final do corredor. Lá estava ela, no meio da maior matéria do ano. Seu blog tivera mais de um milhão de acessos. Ela deveria estar entusiasmada. Mas não conseguia tirar Molly Palmer da cabeça.

Susan fez o laptop deslizar para cima da cama. Suas pernas ainda estavam quentes em consequência do aparelho.

— Você vai acabar tendo câncer de coxa por causa dessa coisa — disse Bliss, os olhos ainda pregados nas notícias da TV.

Susan esticou-se.

— Não existe câncer de coxa — disse.

— Ainda não — disse Bliss.

Susan sentia-se rígida e tensa, e um pouco alucinada pelo confinamento.

— Preciso de um cigarro — declarou. — Você poderia distrair a enfermeira Ratched?

Bliss desviou sua atenção da tela para Susan.

— Quem? — perguntou ela.

— O policial no corredor — disse Susan.

— Como? — perguntou Bliss.

Susan enfiou seu casaco de moletom.

— Conversa com ele — respondeu ela.

O rosto de Bliss franziu de preocupação.

— O que eu devo dizer? — perguntou ela.

Susan deu de ombros.

— Pergunta alguma coisa sobre janelas — disse ela.

Charlene Wood gritava na televisão, enquanto a tela exibia imagens das vítimas da Beleza Mortal.

— Você tem certeza de que é seguro sair? — perguntou Bliss.

Susan guardou os cigarros e isqueiro no bolso do moletom.

— Fica de ouvido ligado — disse Susan, puxando o capuz. — Se a Gretchen Lowell tentar me pegar, eu grito.

Não foi sequer difícil. Bliss saiu e foi conversar com Bennett, e Susan conseguiu deslizar até a escada. Bennett estava absorto demais para perceber. Talvez o símbolo da paz tivesse despertado-lhe o interesse.

Susan estava livre e nada tinha a fazer. Não havia levado suas anotações. Ian queria que ela permanecesse no Arlington por causa do blog, e enquanto ele tivesse poder sobre a matéria de Castle, ela desejava mantê-lo feliz.

Susan acendeu um cigarro e deu uma tragada. O primeiro trago era o melhor. Todo seu corpo relaxou um pouco. Era parecido com sexo nesse sentido, sempre um alívio. Ela tentava dizer a si mesma que fumava porque gostava das pausas para fumar — aqueles pequenos intervalos forçados de solidão e meditação —, mas a verdade era que gostava da nicotina.

Os postes ornamentais do centro haviam acabado de acender e algumas gaivotas que haviam se desviado, vindas da costa, grasnavam no parque. Portland ficava a uma hora do Pacífico e Susan não entendia por que as gaivotas entravam tanto pelo continente, mas elas estavam sempre por ali, circulando perto do rio, cagando nas calçadas, vagando pelos parques. Um garoto coberto de tatuagens e piercings passou a toda de skate e as gaivotas não lhe deram a menor bola.

Fazia uns 20 graus, temperatura alta para a noite, e o tempo estava bonito. A noite no Noroeste do Pacífico era uma mescla de tons pastéis. Havia luzes acesas em alguns dos prédios do centro da cidade; eram os que trabalhavam até tarde, o pessoal da limpeza ou os casos furtivos de escritório.

Susan deu outra tragada no cigarro. Talvez estivesse errada. Talvez a segunda tragada fosse a melhor.

Molly fumava Kools. Susan se perguntou se a família com quem a moça tinha uma relação estremecida iria realizar um funeral. Se o fizessem, Susan prometeu a si mesma que levaria um maço de Kools para colocar no caixão.

— É proibido fumar aqui, senhora — disse uma voz. Susan ergueu os olhos e viu o detestável porteiro do Arlington Club caminhando em sua direção, agitando a mão como um abanador.

Susan deu uma olhada para trás para ver se ele estava falando com outra pessoa. Afinal de contas, estava do lado de fora. Em uma calçada pública. Sem incomodar absolutamente ninguém. E ela lhe dissera para não chamá-la de “senhora”.

O porteiro continuou abanando a mão.

— Senhora? — disse ele.

Susan deu outra tragada no cigarro.

— Por que não? — perguntou.

— Vai incomodar os hóspedes — disse ele, como se aquilo fosse óbvio.

Ela gesticulou, com o cigarro, na direção da escura fachada de tijolos do prédio, do toldo verde, do parque, dos carros na rua.

— Eu estou do lado de fora.

— Mas os sócios precisam passar pela senhora — disse ele, e abriu as grandes portas de vidro a título de ilustração. — Entrando e saindo.

Susan baixou os olhos para o cigarro. A cinza precisava ser batida. Mas ela estava com medo de batê-la na frente daquele cara. Ele provavelmente a faria limpá-la.

— Para onde eu devo ir?

Ele apontou para o outro lado da rua, para o parque.

Susan cedeu, atravessou rapidamente a rua e encontrou um banco de madeira que ficava de frente para o Arlington. Aquela parte do parque possuía um bebedouro público decorativo e uma parede baixa de concreto que ostentava um medalhão com o perfil de Simon Benson. Os bebedouros, popularmente chamados de Benson Bubblers, estavam espalhados por todo o centro de Portland. Rezava a lenda que Simon Benson, um barão da madeira da virada do século, havia mandado instalá-los para desencorajar seus funcionários de beber cerveja no meio da tarde. Susan não sabia se o plano havia funcionado, mas, cem anos mais tarde, havia placas por todo o parque avisando que o álcool estava proibido.

Susan bateu o cigarro nas pedras hexagonais sob seus pés. Ela fumava American Spirits. Molly estava morta. E Susan estava fumando. Precisava voltar a Molly Palmer. O blog podia esperar. Escrever um livro sobre Gretchen

podia esperar. Precisava manter-se focada. Precisava encontrar um jeito de fazer com que o *Herald* publicasse a matéria sobre Molly. Estava cada vez mais certa de que a morte de Molly não havia sido uma overdose acidental. Tinha de descobrir quem a havia matado. E descobrir quem estava tentando encobrir tudo.

Susan tinha quase certeza de que uma linha de investigação levaria à outra.

Um mendigo cabeludo aproximou-se e sentou ao seu lado, com um maço de jornais *Street Roots*. Ele fedia a sujeira e cecê, mas Susan estava determinada a não demonstrar nenhuma reação. Ele largou os jornais no espaço entre os dois no banco, cheirou o ar, fez uma careta e virou-se para Susan.

— Você se importa? — perguntou ele.

— De quê? — perguntou ela.

— De não fumar.

[Z](#) Mildred Ratched é a enfermeira tirânica do romance de Ken Kesey, *Um estranho no ninho*, bem como do filme homônimo de Milos Forman, em que é interpretada por Louise Fletcher. (N. da T)

O castor tinha quase um metro de comprimento e havia sido empalhado de pé, apoiado nas patas traseiras, a cauda uma aba do tamanho de uma placa sobre o carpete, a cabeça virada como se acabasse de perceber algum perigo com o canto dos olhos. Estava morto há uns cem anos e seu pelo estava caindo, mas havia uma centelha de medo nos olhos negros vidrados que o fazia parecer quase vivo. Archie se identificava com isso.

O castor ficava ao lado do posto do maitre no restaurante do Arlington Club. Archie sentia-se mal pelo maitre porque o restaurante era só para sócios e convidados, e ele nunca vira mais do que sete pessoas ali. Na maior parte do tempo, o maitre só folheava o livro de reservas encadernado em couro e, quando não estava fazendo isso, recolhia as minúsculas penas que caíam do faisão empalhado que ficava no console sobre a lareira e flutuavam até o carpete.

Debbie olhou de relance para a cabeça de cervo suspensa sobre a porta do salão de jantar.

— Esse lugar me dá arrepios — disse.

Havia apenas outra mesa ocupada para o jantar, e o retinir dos talheres propagava-se mais do que as vozes de seus ocupantes.

— Não vai ser por muito tempo — disse Henry. — Mais alguns dias.

Debbie olhou para Archie como se quisesse algum tipo de confirmação, um aceno de cabeça, qualquer coisa. Eles não haviam conversado sobre a noite anterior. O que ele poderia dizer? Sinto muito?

Archie olhou para seu prato.

Depois da visita a Rosenberg, ele passara algumas horas no escritório da força-tarefa, tentando ajudar a coordenar a perseguição, e o restante do dia no Arlington Club, tentando parecer normal para seus filhos. Claire estava lá em

cima com eles naquele momento, a fim de que Archie e Debbie passassem algum tempo juntos. Mas eles não podiam fazer nem isso sem Henry.

A comida estava boa. Archie deu outra mordida no salmão ao molho de coentro, ainda evitando o olhar de Debbie. Salmão era basicamente o que eles serviam. Torta de salmão. Salada de salmão. Filé de salmão. Posta de salmão. Era a época do ano na qual centenas de pescadores reuniam-se na cabeceira do escarpado rio Copper, de 480 quilômetros, no Alasca, para tentar capturar os peixes que nadavam contra a correnteza para desovar. Era quando o peixe estava rico em gordura. Quanto mais tarde eles fossem capturados, mais deteriorados e insípidos se tornavam.

O estômago de Archie se agitou e contraiu. Ele havia reduzido o consumo de comprimidos antes. Sabia como a abstinência começava. Pousou o garfo de prata e o guardanapo de tecido branco, afastou a cadeira da mesa e levantou-se.

— Vou ao banheiro — disse.

Henry também se levantou, com a intenção de acompanhá-lo.

Eles estavam preocupados demais com ele, e pouco preocupados com a captura de Gretchen. Se dependesse de Archie, o exército teria sido chamado. Mas não dependia de Archie. À exceção de seu compromisso com a psicóloga, ele passava o dia trancafiado no Arlington, evitando o contato visual com Debbie.

Archie suspirou.

— Você vai me vigiar enquanto dou uma cagada? — perguntou.

Henry olhou em torno do restaurante vazio, o banheiro visível no final do salão, então deu de ombros e sentou-se.

— Obrigado — disse Archie.

No banheiro masculino havia cabines com portas que trancavam. Elegante. Archie terminou e lavou as mãos. O sabonete líquido cheirava a lírios. Ou talvez fosse apenas sua imaginação. Sentia-se cansado da falta de sono. Seus olhos pareceram amarelos no espelho do banheiro. Ele usou uma toalha de verdade para secar as mãos e a deixou cair em um cesto de palha sob a bancada de mármore.

O garoto estava esperando do lado de fora da porta do banheiro. Na verdade não era um garoto. Tinha uns 20 anos, provavelmente. Archie viu o orifício em seu lábio, onde ele usava um piercing quando não estava trabalhando. Sua jaqueta branca de ajudante de garçom estava bem engomada

e quando ele se aproximou, Archie sentiu o cheiro desagradável de fumaça de cigarro recente.

O garoto falou com o canto da boca, como se tivesse um segredo.

— Sua amiga está atrás de você — disse. — Ela me pediu para esperar e lhe contar quando estivesse sozinho.

O garoto tinha outro piercing no topo da orelha, na cartilagem. Era um minúsculo pino prateado, perdido sob o cabelo e tão pequeno que a administração do restaurante provavelmente não havia percebido. Archie também não teria reparado se não fosse pela pequena gota de sangue que escorria pela dobra externa da orelha esquerda do garoto.

Esse tipo de piercing levava muito tempo para cicatrizar.

— Onde ela está? — perguntou Archie.

— No carro, no beco. — O garoto gesticulou na direção de uma porta de vaivém de aço atrás deles, como se aquilo não fosse nada, como se estivesse apontando a direção do shopping. — Lá atrás. Atravessando a cozinha.

Então Archie percebeu, pelo brilho malicioso nos olhos do garoto, que ele pensava que Gretchen fosse sua amante.

— Você está sangrando — disse Archie.

As sobrancelhas do garoto juntaram-se, então ele ergueu a mão esquerda e tocou a orelha, estremeando ao fazê-lo. Ele baixou a mão e a examinou, a marca de sangue evidente na ponta dos dedos.

— Nojento — disse ele.

— Você tem planos para hoje à noite? — Archie perguntou, imaginando as horas de interrogatório que o garoto iria encarar nas mãos de Henry.

— Não — respondeu ele.

Archie afastou-se em direção à porta que levava à cozinha, para longe de Henry, para longe de Debbie, para longe de tudo.

— Bom — disse Archie.

A última pessoa que Archie esperava encontrar do outro lado da porta que dava para o beco era Susan Ward. Ela ergueu os olhos de onde estava, ao lado de uma caçamba de lixo verde, arrancou o cigarro dos lábios e disse olá, como se não estivesse nem um pouco surpresa por vê-lo. Por um longo segundo, Archie ficou confuso. Então viu, mais adiante no beco, que as luzes de freio de um Jaguar prateado brilhavam na penumbra, como olhos sonolentos e sinistros.

— Você está bem? — Archie perguntou a Susan.

Susan bateu a cinza do cigarro em uma lata de tamanho comercial que antes armazenara tomates, mas agora guardava as cinzas de milhares de intervalos para fumar.

— Estou. Essa é a única porra de lugar onde dá pra fumar. — Ela gesticulou indicando a lateral da caçamba de lixo, que fedia a comida podre. — Cuidado com o mijo.

O fato de Susan estar ali era uma coincidência. Tonto de alívio, Archie tropeçou e teve de estender a mão e se agarrar na caçamba para não cair.

— Uau, bebeu demais? — perguntou Susan. Ela sorriu, batom vermelho nos dentes, e encheu novamente o pulmão de fumaça de cigarro. Havia guimbas de cigarro por todo lado no concreto abaixo, como fósforos lançados em um jogo infantil. Guimbas de cigarro eram excelentes fontes de DNA.

— Me dá um — disse Archie.

Susan hesitou.

— Sério?

Archie estendeu uma das mãos. Ela tremia de leve, mas não o suficiente para que alguém mais percebesse. Susan puxou um cigarro do maço amarelo e o deu a ele.

— Você já foi fumante? — perguntou.

Archie pegou o isqueiro de plástico preto dela, acendeu o cigarro e deu uma tragada. A fumaça queimou seus pulmões, mas ele não tossiu. Olhou de relance para o local onde o Jaguar continuava parado, mais adiante, o motor quase silencioso. Era o único carro bom que os ingleses já haviam construído.

— Não — respondeu ele. — Tentei algumas vezes. Nunca consegui. De qualquer forma, eu me lembro do primeiro. A gente sempre se lembra das primeiras vezes. Primeiro cigarro. Primeiro beijo. Primeiro cadáver no parque.

Susan ergueu as sobrancelhas.

— Ok...

Ela estava vestindo *legging* preta, botas marrons, uma camiseta de uma banda que Archie não conhecia e um casaco de moletom com capuz; o cabelo turquesa estava preso em rabos de cavalo.

— Ei — disse. — Sei que acabei de te entregar, mas eu preciso daquela caixa de anotações da matéria do Castle de volta.

Ele mal registrou o pedido dela. Archie tinha outras coisas em mente.

— Preciso ir — disse Archie.

Susan olhou para trás, na direção da porta de incêndio arranhada da cozinha.

— Cadê o Henry?

— Eles vão ficar bem — disse Archie mais para si do que para Susan. Deu alguns passos na direção do carro, então se virou, olhou para Susan, sorriu e largou o cigarro.

— Archie? — ele ouviu Susan chamar, a voz dela subindo de tom.

Ele continuou caminhando em direção ao carro. Quando o alcançou, virou-se novamente. Abriu a porta do passageiro. Susan permaneceu de pé, com as mãos no quadril, a cabeça inclinada para o lado. Entre eles, o cigarro que ele deixara cair brilhava alaranjado sobre a calçada. Archie não havia pisado nele, não o havia triturado. Não queria correr o risco de reduzir as chances de que conseguissem uma amostra do DNA dele a partir do cigarro.

Ele não deu adeus para Susan. Pareceu-lhe muito mórbido. Em vez disso, apenas lhe deu as costas e, movendo-se firme e suavemente, entrou no carro.

A náusea havia desaparecido e ele sentia-se quase aliviado, certo de que esse era o melhor plano. Além do mais, o cigarro iria ajudá-los depois.

Se eles tivessem de identificar um corpo.

O carro pôs-se instantaneamente em movimento.

Ele sentiu a mão dela na parte superior de sua coxa antes de ouvir-lhe a voz.

— Olá, querido — disse ela.

Archie olhou para ela. O cabelo louro estava amarrado na nuca, a mão esquerda no topo do volante. Ela era fascinante, assustadora e estranhamente cheia de vida. Se funcionasse, valeria a pena. Se não, bem, fazer o quê?

— Olá, Gretchen — disse ele.

O painel do Jaguar era de nogueira envernizada, tão brilhante que Archie enxergava seu próprio reflexo. Estava embaçado e ele afastou os olhos de seu rosto pálido.

— Tira as balas da arma e a bateria do celular e joga pela janela — disse Gretchen. Sua voz era límpida, doce como música.

Archie virou-se para ela. Seu coração martelava, a adrenalina pulsando em seu corpo. Era bom. Dava-lhe uma sensação gostosa de embriaguez.

— Isso é poluição — disse ele.

Gretchen sorriu docemente. Ele sentira falta de olhar para ela. Gretchen tinha 34 anos, mas de certa forma parecia a um só tempo mais nova e mais velha. A pele imaculada. As feições perfeitas. Era como olhar para uma pintura em um museu depois de tê-la visto em um cartão-postal; a imagem gravada na memória jamais faria jus ao original.

— A polícia vai achar tudo já de manhã quando sair te procurando — disse ela.

Ele pegou o celular no bolso, removeu a parte traseira e retirou a bateria azul, então tirou a arma do coldre e deixou as balas deslizarem suavemente da câmara sobre uma de suas mãos. Gretchen apertou um botão em algum lugar, a janela do lado do passageiro se abriu, ele estendeu a mão para fora da janela e deixou as balas e a bateria caírem na rua. As balas saltaram, estalando contra o cimento.

Gretchen virou à esquerda, afastando-se dos quarteirões do parque, indo na direção do rio.

— Belo carro — disse Archie.

— Eu tinha algum dinheiro guardado — disse ela. — Sob outro nome. — Ela deslocou a mão um pouco mais para cima em sua coxa. Foi apenas um

milímetro, mas pareceu mais. — Olha dentro do porta-luvas — disse ela.

Ele abriu o porta-luvas polido do carro. Dentro havia cinco frascos âmbar grandes de comprimidos controlados.

— Tira os comprimidos — disse ela. — E põe o seu telefone e a sua arma aí dentro. Tem água no porta-copos.

Archie seguiu suas instruções. De qualquer forma, a essa altura, a arma e o telefone eram inúteis. Ele pegou a garrafa de água próxima ao seu joelho esquerdo no porta-copos do automóvel e girou a tampa. Então abriu um dos frascos de comprimidos. Mesmo sob a luz fraca do carro, sabia do que se tratava, conhecia-lhes o formato e a sensação que causavam. Tirou quatro do frasco e os engoliu com água.

Ela apanhou três pílulas amarelas no porta-níqueis do carro e entregou-as a ele.

— O que é isso? — perguntou Archie. Eles estavam na alameda Bill Naito, indo em direção ao sul. O rio estava à sua esquerda. Nos anos 70, havia uma autoestrada adjacente ao rio, mas decidiram destruí-la e construir um parque que estendera o centro da cidade até a beira d'água.

— Temos um longo caminho pela frente — disse Gretchen.

Ela não queria que ele visse para onde estavam indo. Esse era um bom sinal. Se ela estivesse planejando matá-lo logo, não teria feito diferença.

— Vou acordar amarrado a uma maca? — perguntou ele.

— Não.

Archie pôs os comprimidos na língua. Eram amargos, mas não como o Vicodin. Era um sabor diferente. Ele tomou outro gole d'água para tirá-lo da boca.

— Senti sua falta, querido — disse Gretchen.

Archie sorriu e apoiou a cabeça na janela lateral, observando enquanto eles deslizavam sobre a I-5, rumo ao sul.

— Eu sei — disse ele.

— Que tipo de carro era? — perguntou Henry.
— Susan tateou em busca de outro cigarro, as mãos tremendo. Henry irrompera pela porta que dava para o beco um momento depois que o carro prateado havia desaparecido. E estava gritando com ela desde então.

— Já disse! — respondeu Susan. — Era prateado! — Ela pensou em cores, imaginando as amostras de tinta que a mãe trouxera para casa e prendera a diversas paredes durante anos, antes de se decidir. — Mas não prata azulado; nem gelo ou metálico, nem neutro. — Ela vasculhou a mente em busca de alguma outra explicação, querendo ajudar de qualquer maneira que pudesse. — Era prata com uma pitada de cinza, como aquela blusa de seda com mangas de corte francês que eu uso de vez em quando. Prata caro. Platina. — Foi quando lhe veio à cabeça. — Um pouco mais claro do que um Macbook Pro.

Henry pareceu não apreciar os esforços de Susan para ser específica. As veias em sua testa pulsavam.

— Era um carro novo?

— Como? — perguntou Susan. Ele a estava deixando nervosa. Ela olhou para seu maço de cigarros. Só sobravam dois. Merda, por que não prestava mais atenção às coisas?

Henry colocou uma das mãos em seu braço, para que ela olhasse para ele.

— Era um carro americano? Um sedã? Tinha placa? Adesivos no para-choque? Quantas lanternas traseiras?

Susan sentiu os olhos se encherem de lágrimas.

— Não sei. — Ela acendeu o cigarro. Atrás de Henry, no outro lado do beco, Susan via Debbie parada na porta da cozinha. Os dois policiais que se revezavam no andar de cima a acompanhavam. Três carros-patrolha já haviam chegado, enchendo o beco escuro de luzes intermitentes.

— Você é uma repórter, pelo amor de Deus! — disse Henry.

— Eu não entendo de carros — disse Susan. Ela inspirou com dificuldade, ao que se seguiu uma tragada no cigarro aceso. — Entendo de roupas, música e turismo agrícola.

— Turismo agrícola? — perguntou Henry.

— Fiz uma matéria sobre isso — explicou Susan.

Henry fechou os olhos.

— O que ele falou?

Eles já haviam discutido isso.

— Eu já disse, ele falou “eles vão ficar bem” e mais nada — respondeu Susan.

— Caralho — disse Henry, alto.

Susan viu quando Debbie desvencilhou-se dos outros policiais e correu na direção deles. Debbie cobria a boca com a mão, como se tentasse evitar que o choro escapasse.

— O que está acontecendo, Henry? — disse Debbie por entre a mão. — É ela?

Susan automaticamente afastou o cigarro de Debbie e então olhou de relance para ele.

— O cigarro — disse Susan. — Ele jogou o cigarro dele ali. — Ela apontou para um ponto que ficava uns três metros adiante no beco.

Debbie balançou a cabeça.

— Archie não fuma.

Susan caminhou até o local onde Archie deixara o cigarro cair, seguida por Henry e Debbie. Vasculhando o chão, Susan o encontrou rapidamente, queimado até o filtro. Ela ainda podia sentir seu cheiro.

Henry agachou-se, retirou um saco Ziploc do bolso, virou-o do avesso e recolheu o cigarro, desvirando o saco, de forma que o cigarro permanecesse no interior.

— O que está acontecendo? — perguntou Debbie.

Henry olhou para o cigarro e esfregou a testa com sua imensa mão.

— Idiota — resmungou. Ele ergueu os olhos para Debbie. — Não é você. — Ele esfregou o rosto novamente. — Archie queria que tivéssemos uma amostra de DNA. Mas nós não precisamos disso. — Ele suspirou. — Porque

temos o baço dele em um frasco com formaldeído em um arquivo de provas no centro da cidade.

Debbie começou a tremer.

— Nós éramos felizes — disse ela, para ninguém em particular. — Nos amávamos. — Ela arfou e seus ombros se projetaram para a frente, e ela baixou a mão da boca para o ombro de Henry para se firmar.

— Ah, meu Deus — disse ela. — O que eu digo a Ben e Sara?

Henry não respondeu.

— O que vai acontecer agora? — perguntou Susan.

— Vamos encontrá-lo — disse Henry simplesmente.

Um patrulheiro aproximou-se, conduzindo um jovem vestindo jaqueta branca de auxiliar de garçom.

— Esse garoto contou que uma loura pediu a ele para dizer a Sheridan para encontrá-la aqui — disse o policial.

O ajudante de garçom ergueu a mão e tocou a orelha esquerda.

— O que está rolando, irmão?

Henry, que ainda estava agachado, ergueu os olhos, cansado.

— Em que tipo de carro ela estava? — perguntou ao ajudante de garçom.

— Um Jaguar XK prateado cupê 2007 com rodas Sabre cromadas — respondeu o ajudante de garçom.

Henry virou-se para Susan.

— Vê como foi fácil? — perguntou.

Susan deu um grande gole no café frio que se achava na caneca sobre sua escrivaninha. Fora feito havia seis horas e tinha gosto de cortiça, mas ela não se importou. Inclinou a cadeira para trás. Eram quatro da manhã e o quinto andar do *Herald* estava em polvorosa. O boato era que Howard Jenkins em pessoa estava em seu escritório no andar de baixo. Até os estagiários tinham aparecido. Gretchen Lowell fugindo com Archie Sheridan? Aquela era uma notícia importante, e todo mundo queria tirar uma casquinha. Não importava que tivesse um incêndio devastando o centro do Oregon, um pequeno avião desaparecido longe da costa ou a coleção de desgraças de costume. Gretchen vendia jornais tão rápido que faria o próprio Hearst corar. O *Herald* não via tamanho movimento desde que Archie Sheridan fora sequestrado. O primeiro sequestro.

— Alguém faz mais café — disse Susan.

Ninguém nos departamentos do jornal se mexeu.

Susan amassou um pedaço de papel e atirou-o em Derek, que estava sentado a três mesas de distância, surfando na Internet.

— Ei — disse Derek, esfregando a orelha onde ela o havia acertado.

— Faz mais café — disse Susan.

Derek levantou-se e se arrastou até a sala de descanso.

Susan passara a noite inteira no *Herald*. Insistira para que lhe permitissem trabalhar, com o acordo de que voltaria para o confinamento para dormir. Gretchen Lowell estava em fuga. Susan estava convencida de que ela era a última coisa na cabeça da Beleza Mortal. Bliss havia permanecido no Arlington. Disse que ainda se sentia em perigo. Susan tinha certeza de que ela gostava era do serviço de quarto.

Susan estava sentada diante do computador. Havia gasto o L e o S do teclado e suas palmas haviam deixado manchas permanentes nos descansos para as mãos brancos do laptop. Tinha um PC no jornal, mas não o usava. Era um Pentium II. Parker, com mais tempo de serviço do que qualquer um naquele andar, possuía um Pentium III, e todos estavam só esperando o momento oportuno para tentar pegá-lo.

O *Herald* noticiara no site o desaparecimento de Archie Sheridan oito minutos antes de Charlene Wood entrar ao vivo do beco. Já era alguma coisa. Era o máximo de tempo que Susan havia passado sem atazanar Ian sobre a matéria de Castle. Em vez disso, ela havia escrito um longo relato pessoal sobre os acontecimentos no beco. Ian gostava de fazer aquela coisa do *New York Times*, em que o repórter referia-se a si mesmo na terceira pessoa, como em “Segundo o repórter, o carro em questão era prateado” ou “O repórter estava fora do prédio fumando um cigarro e testemunhou o ocorrido”.

Susan achava que aquilo a fazia soar como uma babaca. Então ignorou Ian e escreveu o artigo na primeira pessoa, mas deixou de lado a história do cigarro.

Eles haviam conseguido controlar a situação. Ela combinara com Henry de omitir a parte sobre Archie entrar no carro por vontade própria. Por enquanto. Como estava, a versão oficial dava a entender que Gretchen o levara à força de novo. O que era possível. Ela poderia ter uma arma. Susan não a vira. Aquilo não era mentir. Era só não explorar a fundo todos os cenários possíveis. E Deus sabia que a imprensa fazia isso o tempo inteiro.

Ian aproximou-se e sentou-se ao seu lado na escrivaninha. Sentou-se perto demais. Ele tinha feito isso na época em que estavam trepando e ela tinha gostado. Parecia safadeza. Ela achava que era o segredinho deles. Agora se perguntava se todos na redação sabiam. Provavelmente.

— Tem uma coletiva às seis — disse Ian. Ele estava usando jeans e uma camiseta que havia comprado na loja de lembranças do Museu de Arte Moderna. — Você quer ir?

— Quero — respondeu Susan. Será que ele estava só tentando distraí-la?

— Então vai pra casa — disse Ian.

Susan não queria ir para casa. E, com certeza, não queria ir para o Arlington.

— Estou esperando por uma fonte — disse ela.

— Vai pra casa, Susan — disse Ian gentilmente. — Descansa um pouco. Toma uma ducha. Troca de roupa. E aparece lá no Centro de Justiça às seis. — Ele pousou a mão no ombro dela. — Eu sei que o Sheridan é importante pra você — disse ele.

As costas de Susan se enrijeceram quando ela percebeu o que ele estava pensando.

— Eu não estou trepando com ele — ela apressou-se a dizer.

Ian ergueu as mãos.

— Não é da minha conta.

— Não — disse Susan. Ela balançou a cabeça. — Não transforma isso em baixaria. — Não gostava que ele pensasse em Archie dessa maneira, como se fosse só outra das suas paixões impróprias. — Ele é meu amigo. — Ela estendeu o braço sob sua escrivaninha e soltou o fio do laptop da extensão com um puxão. — Não é como foi com a gente.

Derek surgiu com uma caneca do *Herald* em cada mão. Uma delas continha um palitinho de mexer de plástico e tanto leite que parecia Nesquik. O outro café era preto. Ele entregou-lhe o preto.

— Preto e amargo, certo? — perguntou ele.

[8](#) William Randolph Hearst (1863-1951), magnata da imprensa de tendências populistas, que criou uma cadeia nacional de jornais a partir do êxito do *San Francisco Examiner* e do *New York Journal*, e não hesitava em usar o sensacionalismo para vender jornais. (N. da T.)

Susan mantinha a mão suspensa no ar, a 3 centímetros da porta do quarto de Debbie Sheridan no Arlington, pronta para bater. Bennett achava-se em sua cadeira, observando-a com ar encorajador.

Ela já quase criara coragem para consumir o ato — queria ver como estava Debbie, mas não queria parecer bisbilhoteira — quando a porta se abriu e lá estava Henry Sobol. Susan viu Debbie de relance no sofá, os olhos vermelhos, com as crianças encolhidas, uma de cada lado, antes que Henry fechasse a porta atrás de si.

— Não é um bom momento — disse ele, seu tom deixando pouca margem para discussão.

Susan passou a mão erguida pelo cabelo turquesa.

— Quais são as últimas? — perguntou.

Ela percebeu que Henry também não dormira. Estava usando as mesmas roupas da noite anterior e a cabeça raspada achava-se recoberta por uma fina penugem. A voz soou grossa e inexpressiva.

— Tem uma coletiva às seis horas — disse ele.

— Não foi culpa sua — disse Susan. Arrependeu-se das palavras assim que elas lhe escaparam da boca, mas continuou, sem jeito. — O fato de você não estar com ele. Ele teria encontrado um momento para fugir se era isso o que queria.

Os olhos azuis de Henry tornaram-se sombrios. Ele deu uma olhada para trás, para a porta fechada, e sua voz tornou-se um grunhido baixo.

— Ele não escapou. Ela o levou à força. Entendeu?

Susan deu um pequeno passo para trás.

— Entendi.

As grandes sobrancelhas de Henry se ergueram, ele deu as costas e começou a se afastar.

— Eu quero entrar — disse Susan, surpreendendo a si mesma.

Henry parou.

— O quê?

Ela lançou os ombros um pouco para trás.

— Quero entrar na investigação — disse ela. — Esse é o meu preço. — As palavras saíram antes que ela conseguisse impedir. — Eu posso ajudar. Eu saio do caminho. Só quero fazer alguma coisa.

Henry fechou os olhos por um momento.

— Não me vem com essa merda agora.

— Eu vou publicar tudo — disse Susan, ganhando confiança. — A não ser que você me permita acesso à investigação. Eu conheço o Archie. Sei muito sobre o caso da Beleza Mortal. Posso ajudar a encontrar os dois. — Naquele momento, ela ainda acreditava naquilo. Molly estava morta. A reportagem sobre Castle havia sido suspensa. Mas ela podia ajudar no caso. Podia fazer isso.

— Eu preciso ajudar a encontrar os dois. Por favor.

É claro que Susan nunca teria traído Archie. Mas ela estava apostando no fato de que Henry não correria esse risco. Ela queria que ele concordasse e, ao mesmo tempo, queria que ele pagasse para ver. Porque se concordasse, significava que não confiava nela.

— Ok — disse ele. — Você está dentro.

Susan não ia à sede da força-tarefa desde que o caso do Estrangulador das Escolas se encerrara. Ficava em um velho banco na zona leste, que a cidade comprara e entregara ao departamento como espaço extra para escritórios. O banco possuía um único pavimento e o formato de um quadrado no centro de um estacionamento. Havia um caixa automático no lado leste do prédio, onde ainda era possível sacar dinheiro.

Eles tinham melhorado um pouco o lugar: arrancado o carpete antigo, retirado a bancada dos caixas e instalado mesas e computadores de tela plana. Mas o local ainda parecia um banco. Ainda conservava o antigo cofre. O velho relógio ainda trazia os dizeres HORA DE INVESTIR NOS AMIGOS. O lugar ainda era iluminado por lâmpadas fluorescentes claras o bastante para se

contar cada espinha na cara de um assaltante de banco nas fitas de vigilância. Não muito lisonjeiro. Susan ajeitou a camiseta. Partira imediatamente com Henry, sem tempo para se trocar. Agora se arrependia de não ter tido o cuidado de vestir um sutiã.

Claire Masland estava sentada ao lado de Susan na mesa de conferência na antiga sala de descanso do banco. A sala estava lotada de policiais. Ninguém havia dormido. Eles cheiravam como um time de futebol. Susan levou um copo de papel com café à boca. Ela havia pego o café de uma garrafa térmica na bancada. Era de avelã. Que tipo de policial bebia café aromatizado?

— New Kids on the Block? — perguntou Claire.

Susan baixou os olhos para a própria camiseta.

— É irônico — disse ela.

— Ok — disse Henry. — Vamos começar. — Ele debruçou-se e desenrolou um mapa do Oregon sobre a mesa de conferência. Estava coberto com Post-its de cores diferentes.

— Os bloqueios na estrada estão marcados — disse ele. — Enviamos comunicados a todos os aeroportos, estações rodoviárias, estações de trem e portos. Divulgamos as fotos de ambos. Temos cobertura da mídia. — Ele esfregou a nuca e ergueu os olhos para o grupo. — O que é que está faltando?

Jeff Heil examinou o mapa por cima do ombro de Henry.

— Você acha que ela ainda está no estado? — perguntou, cético. O mapa mostrava só uma fatia dos estados de Washington, acima, da Califórnia, abaixo, e, à direita, a ponta do Idaho, pressionando o Oregon, a fronteira formando um vago perfil humano voltado para o Pacífico.

— Ela não foi longe da última vez — disse Claire.

— Talvez devêssemos revistar todos os porões em Gresham — disse alguém.

Henry balançou a cabeça e baixou os olhos para o mapa.

— Não pensem que eu excluí essa possibilidade — disse ele. Seus ombros subiram e desceram em uma respiração profunda. Então ele olhou em volta, até seu olhar pousar em Lorenzo Robbins, do departamento de medicina legal. Ele havia entrado enquanto Henry falava e estava de pé logo na entrada. — O que sabemos do coração? — perguntou Henry.

Robbins cruzou os braços e se inclinou para trás, apoiando o corpo contra a porta. Ele trazia várias pastas de papel manilha enfiadas sob uma das axilas.

Susan não o conhecia, mas já o havia visto por perto. Os *dreadlocks* tornavam fácil reconhecê-lo.

— É humano, de homem. Trinta e tantos. É compatível com uma amostra de DNA que recolhemos na casa do guarda responsável pelo transporte. O nome é Rick Yost.

— Você sabe dizer como ele morreu? — perguntou Henry.

— Ataque cardíaco não foi — disse Robbins.

Henry suspirou pesadamente e continuou.

— Alguma coisa sobre a bateria do celular ou a munição? — Henry perguntou a Mike Flannigan.

Susan sentiu-se mais desperta de repente. Endireitou ligeiramente as costas. O fato de terem encontrado uma bateria de celular e munição não havia sido comunicado à mídia. Ela ergueu a mão.

Henry viu a mão dela no ar e fez uma careta.

— Nós encontramos a bateria do celular de Archie e um punhado de balas na sarjeta perto do parque — explicou. — Podemos esperar com as perguntas?

Susan baixou a mão e pegou o copo de café de avelã.

— Só as digitais dele — disse Flannigan. — Ele deve ter atirado os objetos do carro.

Susan odiava café de avelã quase tanto quanto odiava café de baunilha, o que era quase tanto quanto odiava todos os cafés aromatizados. Mesmo assim tomou um gole. Só as digitais de Archie. Ele entrara no carro por vontade própria. E então descartara a bateria e a munição por vontade própria.

— Ok — disse Henry, esfregando a ponte do nariz. — Isso morre aqui por enquanto. — Ele olhou ao redor da sala, para os policiais reunidos. Parecia cansado, pensou Susan. Seus olhos azuis estavam injetados de sangue; a penugem que lhe temperava a calva era grisalha. — Vamos nos preparar para a entrevista coletiva — disse.

Ele afastou-se da mesa e todos os policiais se levantaram e começaram a sair da sala. Susan olhou para seu café. Então sentiu alguém tocar de leve em seu braço, ergueu os olhos e viu Lorenzo Robbins de pé entre Claire e ela. Ele empurrou uma pasta de papel manilha na direção de Claire.

— Isso fica com você agora? — perguntou ele. — São meus laudos sobre os corpos do parque.

Susan virou-se.

— O caso em que Archie estava trabalhando?

Robbins olhou para Claire. Claire deu de ombros.

— Vai em frente — disse ela. — Ela praticamente trabalha aqui agora.

— Era um casal — Robbins informou a Susan. — Um homem, uma mulher, os dois tinham vinte e muitos. Estão mortos há mais ou menos dois anos.

— Sei — disse Claire, instintivamente.

Susan olhou de Robbins para Claire.

— Eles estão relacionados com o assassinato de Molly ou não? — perguntou.

Claire apanhou a pasta e folheou seu conteúdo.

— Não sei. Tem muita gente louca no mundo, e o parque é um ótimo lugar para desovar um corpo.

— Então, o que você vai fazer? — perguntou Susan.

Claire fechou a pasta.

— É um caso antigo. Pode esperar alguns dias.

Susan pensou no corpo de Molly sobre a laje do necrotério.

— O assassinato de Molly não é antigo — disse ela.

Claire aproximou-se de Susan. Era mais baixa do que Susan, porém mais forte, e Susan teve de lutar contra o instinto de dar um pequeno passo atrás. A sala se esvaziara, a não ser por alguns policiais que permaneciam ao redor do mapa. Mesmo assim, Claire baixou a voz.

— Archie está lá fora com Gretchen Lowell — disse. A voz era calma, o olhar firme, mas a rigidez na postura agarrou Susan pela garganta. — Ela está com ele a noite inteira. Quantos pregos você acha que ela enfiou nele até agora?

Susan não desistiria tão facilmente.

— A morte da Molly pode estar relacionada aos assassinatos de Parker e do senador — disse.

Claire girou os olhos, frustrada.

— Eles não foram assassinados, Susan. Eles caíram da ponte. Pode ter sido suicídio. Pode ter sido um acidente. Mas não temos nenhuma prova de que tenha sido algo mais do que isso.

Susan balançou a cabeça.

— Gretchen Lowell desovou Heather Gerber lá. Algum assassino desovou um casal lá há dois anos. E agora Molly Palmer?

— Só porque você ouve som de cascos, não quer dizer que seja uma zebra.

— O que isso quer dizer? — perguntou Susan.

— Que quase sempre é um cavalo — disse Claire, as mãos estendidas. — O som de cascos. — Ela passou a mão pelo cabelo curto. — Preciso me arrumar. O Henry quer que eu esteja na coletiva.

A entrevista coletiva.

— Eu também vou — disse Susan. — Me dá um minuto. — Ela virou-se e começou a guardar o bloco, derrubando com isso o copo de café, que se espalhou pela mesa, sujando o mapa. Susan ofegou, horrorizada, e disparou para pegar alguns guardanapos na bancada ao lado do micro-ondas.

— Jesus — disse Claire. — Encontro com você lá fora. — Ela virou-se e saiu da sala.

Dois policiais que ainda rodeavam a mesa, um deles Mike Flannigan, ergueram o mapa da superfície molhada. Susan jogou os guardanapos sobre a poça de café e apressou-se a secar o café do mapa, que os dois homens haviam pousado sobre o carpete.

Ela conseguira sujar de café todo o trajeto até o centro do Oregon. Santiam Pass. Bend. Prineville. Pôs-se a dar pancadinhas com os guardanapos, tomando cuidado para não deslocar os Post-its que marcavam as barreiras nas estradas. Enquanto absorvia o café, percebeu que não havia um Post-it na interseção da I-5 com a Rodovia 22.

— Não tem barreira na 22 — disse ela.

— A 22 não dá em lugar nenhum — explicou Flannigan. — Só sobe as montanhas. — Ele tirou o mapa da mão de Susan e passou a enrolá-lo com cuidado. — Tem um incêndio lá em cima.

— Pensei que tivessem conseguido controlar o fogo — disse Susan.

— O vento mudou — disse Flannigan. — O incêndio atingiu quase 160 hectares. Não precisamos de barreira ali. O Serviço Florestal fechou a 22 hoje de manhã.

Quando Archie acordou, estava deitado de costas sobre uma cama. Estava escuro, mas a porta estava aberta e a luz entrava pelo que parecia ser um corredor. Um ventilador de teto girava, frouxo, golpeando de leve o teto à medida que funcionava. O teto e as paredes eram de cedro, como em uma cabana. Havia uma penteadeira de madeira, um antigo pôster de rodeio em uma moldura e uma janela com a veneziana fechada. Ele estava sozinho, mas sentiu cheiro de queimado. Ela estava lá, em algum lugar.

Ele havia dormido por algum tempo. Sabia disso porque seu corpo doía e sentia-se gelado e tenso. Precisava de mais comprimidos. Pousou os pés cobertos com meias sobre o tapete. Ela havia tirado seus sapatos e ele os viu lado a lado, perto da cama. Abaixou-se para calçá-los. Sua cabeça latejava e precisou parar por um momento antes de conseguir se mover. Então enfiou os pés nos sapatos, amarrou-os e endireitou o corpo. Olhou em volta à procura do frasco de comprimidos do carro, mas não o viu na penteadeira nem na mesa de cabeceira. A porta do armário era folheada em cedro. Ele o abriu e o encontrou repleto de roupas. Perguntou-se de quem eram e então percebeu que eram todas novas. Ela as comprara para ele. Ou ela estava planejando que ele passasse algum tempo ali, ou queria que ele pensasse isso. Calças de veludo. Calças bege. Camisas sociais azuis, camisas sociais brancas, suéteres e alguns paletós esportivos com ar professoral. Parecia exatamente com seu armário de casa. A previsibilidade sempre fora um de seus defeitos.

Ele virou-se, foi até a janela e abriu a veneziana. Estava anoitecendo ou eram as primeiras horas da manhã. Ele viu apenas árvores. Pinheiros. Eles não cresciam a oeste das montanhas. Ela o levara para leste, para o deserto elevado. Talvez ainda estivessem no Oregon. Talvez não.

Havia música. Clássica. Bem baixinha, mas definitivamente vinha de algum lugar da casa. Ele tornou a olhar para a janela. Poderia abri-la. Sair. Ir embora. Eles talvez estivessem a quilômetros de qualquer lugar. Mas podia fazer isso. Ainda podia desistir do plano, deixá-la. Tentar voltar para casa.

Pensou nessa possibilidade mais um momento, antes de virar-se e caminhar em direção à luz que jorrava pela porta aberta e penetrar no corredor. Havia várias portas. O corredor também era folheado em cedro. O chão achava-se coberto por um tapete cinza, do tipo industrial, mosqueado, que se colocaria em uma casa alugada ou de veraneio. A música vinha do final do corredor, onde este se alargava, tornando-se uma sala de estar.

Ele caminhou nessa direção.

Na sala de estar, um conjunto de janelas dava vista para um terraço e mais árvores. Estava um pouco mais escuro. Era noite, não manhã. Uma escadaria com corrimão de ferro forjado conduzia a um mezanino com vistas para a sala de estar. Havia um sofá de couro modulado e uma lareira com um enorme console de pedra. O fogo crepitava e chiava. Gretchen estava sentada em uma poltrona de couro ao lado da lareira, com um laptop no colo. Seus cabelos pendiam soltos, ela não usava maquiagem e o brilho do fogo fazia com que sua pele imaculada parecesse angelical.

Ela ergueu os olhos na direção dele e sorriu.

— Os comprimidos estão na cozinha — disse. Ela olhou para a esquerda; ele seguiu seu olhar até onde o chão erguia-se um degrau e viu uma cozinha que se abria para o cômodo principal. Os frascos de comprimidos estavam alinhados sobre a bancada perto da pia. Ele aproximou-se e abriu alguns armários antes de encontrar um copo. Encheu-o com água da pia e tomou quatro Vicodin. Então reconsiderou e tomou mais um.

— Você quer uma bebida? — ouviu-a perguntar.

Ele virou-se e agora a viu de pé, próxima a um bar de junco. Usava suéter de casimira cinza, calça cinza justa e meias compridas. Estava segurando uma garrafa de alguma coisa.

Aquilo não era real. Não estava acontecendo.

— Claro — disse ele.

— Serve uísque? — perguntou ela.

— Claro — respondeu ele. Archie não se moveu, as mãos atrás de si, segurando a borda da bancada.

Observou-a enquanto ela servia a bebida, pegando gelo de um balde, e então derramando o uísque por cima, sem água. O cabelo louro liso caía-lhe sobre as omoplatas, balançando delicadamente à medida que ela se movia.

Ela virou-se e ofereceu-lhe o copo, o braço estendido.

Ele permaneceu mais um instante ali parado, então se afastou da bancada, caminhou na direção dela e pegou o copo. Ao pegá-lo, seus dedos se encontraram. O contato fez a cabeça de Archie flutuar, a visão se escurecer por um momento, mas ele teve o cuidado de não hesitar, não deixar que aquilo transparecesse em seu rosto. Ergueu o copo na direção dela, em seguida bebeu o uísque em vários goles. Não era um conhecedor de uísque, mas aquele desceu fácil e tinha gosto de coisa cara. Quando acabou, devolveu o copo, agora apenas com gelo.

Ele limpou a boca com as costas da mão.

— Preciso tomar um banho — disse.

— No final do corredor — disse ela. — Segunda porta à esquerda. Você vai encontrar tudo de que precisa.

— Minha sanidade? — perguntou ele.

Ela inclinou-se para a frente como se fosse beijá-lo, mas, em vez disso, aproximou os lábios da orelha dele, o rosto a milímetros do dele. Seu perfume o fez sentir-se tonto. O hálito era quente, mas produziu-lhe um calafrio espinha abaixo.

— Já se perdeu há muito tempo, querido — sussurrou ela.

Ele havia tomado banho e vestido uma das roupas que estavam no armário. Calça de veludo bege e camisa social azul. Uma camiseta por baixo. Cueca. Meias. Tudo servira perfeitamente. Os comprimidos haviam começado a fazer efeito no banho, e as dores no corpo e no fígado haviam diminuído, sendo substituídas por um ruído branco suave e confortavelmente familiar. Não era como antes. Não havia mais euforia. Mas os comprimidos embotavam-lhe a percepção o bastante para que se sentisse quase bem.

Havia escurecido por completo lá fora quando ele retornou à sala.

Gretchen havia se deslocado para o sofá de couro. O fogo diminuía um pouco, mas ainda banhava o aposento em um cálido brilho alaranjado. Archie

sentou-se na poltrona onde Gretchen havia se sentado antes. O laptop havia desaparecido.

— Você quer outro drinque? — perguntou ela.

— Por que não? — disse Archie.

Ela pôs-se de pé e passou entre o sofá e a poltrona, roçando-lhe o braço com as pontas dos dedos quando o fez. Ele manteve os olhos fixos à frente, tentando não olhar para ela. Podia ouvi-la atrás dele, colocando gelo no copo, servindo o uísque. O líquido fazendo o gelo estalar. O gelo tilintando contra as laterais do copo. Ela voltou, entregou-lhe o copo e sentou-se no braço da poltrona dele. O corpo de Archie se retesou. Ele não conseguiu disfarçar; sua mão apertou mais forte o copo, os joelhos se enrijeceram.

Ela riu de leve e inclinou o corpo contra o dele, passando o braço pelo topo do espaldar da poltrona. Ele sentiu a casimira do suéter roçar-lhe a nuca. O copo esperava congelado em sua mão.

— Quanto mais você beber, mais rápido vai acontecer — disse ela.

Ele focalizou o copo. Era de cristal pesado, com a borda prateada. Ele tomou um gole de uísque, dessa vez devagar, deixando que o álcool lhe assentasse sobre a língua, saboreando-o.

— A falência do fígado — continuou ela. — É por isso que você está aqui, não é?

Ele sentiu o corpo relaxar um pouco, ergueu o copo diante dela e disse:

— À minha saúde.

Ela ergueu a mão livre dele e virou-a. As unhas estavam brancas, a pele, ligeiramente amarelada.

— Não vai demorar muito agora — disse baixinho.

Ele precisava de algum tempo. Dias, talvez.

— Quanto? — perguntou.

— Alguns dias, algumas semanas — respondeu ela. Estendeu o corpo diante dele, os seios contra o peito dele, o pescoço claro quase tocando seu queixo, retirou-lhe o copo da mão e se endireitou. O perfume que ela exalava era diferente do que ele guardava na lembrança. Como se fosse alguma outra flor. Rosas. Talvez ela nunca tivesse cheirado a lírios. Talvez ele tivesse apenas imaginado. Archie sorriu ante esse pensamento, enquanto ela tomava um gole do uísque no copo dele.

— Você cheira bem — disse ele.

Ela devolveu o copo e ele o pegou.

— Talvez seja mais rápido — disse ela. — Vai depender da eficiência com que você se envenenar.

Ele olhou para o copo elegante em sua mão. Não era o tipo de copo que alguém encontraria em uma casa para aluguel. Era uma casa de veraneio então. Ela a havia alugado. Ou matado a família. Seu estômago se apertou. Ele não podia pensar sobre isso naquele momento.

O copo. Se tudo desse certo, sua equipe o encontraria mais tarde. Os dois conjuntos de impressões digitais no vidro. Companheiros de bebidas.

— Você foi mesmo enfermeira de algum setor de emergência? — perguntou ele.

Gretchen inclinou a cabeça, sorriu, desabotoou o terceiro botão de baixo para cima na camisa dele e enfiou a mão por baixo do tecido, seus dedos percorrendo a camiseta, rapidamente encontrando a cicatriz onde ela o havia aberto para remover-lhe o baço. Ela ergueu uma sobrancelha.

— Você duvida da minha perícia médica?

Archie sentiu sua respiração acelerar, seu tórax se expandir. Bebeu outro gole.

— A prática leva à perfeição — disse ele.

Ela manteve a mão dentro da camisa dele e ergueu a perna direita por sobre a esquerda dele, de forma que suas coxas se tocassem.

Ele procurou alguma coisa para dizer, qualquer coisa, e lembrou-se do laptop.

— Em que você estava trabalhando mais cedo? — perguntou.

Ela não pareceu surpresa com a pergunta. Ele sabia que ela estava esperando que ele perguntasse.

— Um presente para você.

— A sua autobiografia? — perguntou ele.

— Algo do gênero. Você vai ter que esperar para ver. — Ela ergueu a mão e deslocou uma mecha de cabelo dele, arrumando-a atrás da orelha. — Você ainda pensa em mim? — sussurrou ela.

Archie mal conseguia falar.

— Penso.

Ela pôs o rosto bem em frente ao dele, os olhos cintilando à luz do fogo.

— Você acha que o Henry desconfia?

Ele sorveu o resto do uísque e apoiou o copo no braço da poltrona.

— Não — respondeu. Era estranho falar daquilo. Ele havia guardado o segredo por tanto tempo. Sentava-se diante dela na prisão, sabendo o que ela sabia e não estava dizendo. Aquilo o consumia. — Henry me considera demais para desconfiar de alguma coisa.

— Ele nunca perguntou nada sobre todas aquelas madrugadas? — disse ela sorrindo. — Como eu tinha o número do seu celular? — Ela ergueu uma sobrancelha. — Ele nunca perguntou por que você realmente foi à minha casa na noite em que o preendi?

Archie deu de ombros, cansado.

— Eu queria uma opinião psicológica sobre o último corpo.

— E se uma coisa levasse à outra... — disse ela, sua voz se extinguindo.

— Eu nunca tinha traído minha mulher — disse Archie. — Eu amava minha família. — Quantas vezes repetira isso para si mesmo nos últimos três anos? E ainda assim, não conseguia olhá-los nos olhos. Ele tinha certeza de que seu filho sabia. Não entendia como. Ninguém mais suspeitava. Mas Ben sabia que Archie os havia traído.

A respiração de Gretchen era leve como pluma sobre seu rosto.

— Você estava trabalhando demais, querido — disse ela. — Precisava de um escape. — Ela pôs a boca pouco acima de sua orelha, as palavras causando-lhe arrepios no pescoço, pegou na boca o lóbulo e o mordeu. A dor era gostosa, algo que ele sentia. Ela sugou-lhe o lóbulo da orelha por um momento e ele sentiu as batidas de seu coração se acelerarem.

— Muitos homens têm casos — disse ela.

Archie tentou sorrir.

— Só que o meu por acaso foi com a pessoa que eu deveria estar perseguindo — disse ele.

A voz de Gretchen parecia repleta de compaixão.

— O pecado quase sempre é complicado — disse ela.

Ela inclinou-se e o beijou. Suas línguas se encontraram e ele sentiu gosto de uísque. Naquele momento ela era tudo que havia, o calor de sua boca, a mão quente ainda lhe pressionando as costelas. Ela certamente podia sentir seu coração, sua pulsação, a ereção que comprimia a perna dela.

Ela afastou os lábios e recuou alguns centímetros, para que eles se olhassem nos olhos.

— Você se arrepende? — perguntou. — Da primeira noite em que foi até minha casa?

Eram duas da manhã. Ele havia saído da cena de um crime. Poderia ter ido para casa, para sua mulher, mas em vez disso, havia ido para a casa de Gretchen. Havia planejado aquilo. Pensara sobre o assunto na viagem até ali. E quando Gretchen atendera a porta de camisola, ele dera um passo para dentro e então a beijara.

Havia sido ele. Ele começara o caso.

Ele havia causado tudo.

E havia adorado cada minuto. E mais tarde, quando ela o torturara, não pôde evitar o pensamento de que merecia aquilo. Que estava recebendo o que lhe era devido, e que ao menos estaria morto e Debbie nunca saberia a verdade.

— Por que você fez aquilo? — perguntou ele.

Gretchen sorriu.

— Por amor — respondeu.

Ele não tinha certeza de que Gretchen sabia a que a pergunta se referia. O caso? A tortura? O fato de ela ter se entregado e lhe salvado a vida? Ele procurou uma resposta nos olhos azul-claros.

— Eu me arrependo — disse ele. — Gostaria de nunca ter te conhecido. — E estava falando sério. Nunca falara tão sério na vida. — Eu daria qualquer coisa para que aquilo não tivesse acontecido.

Ela inclinou a cabeça, o cabelo louro se dobrando na altura do ombro, e ele pensou ter visto um lampejo autêntico, um vislumbre de quem ela realmente era, alguma coisa triste e desesperada.

Será que ela sabia por que ele estava ali, o que estava planejando?

— Você quer trepar comigo agora? — perguntou ela.

Ele puxou seu rosto e a beijou.

— Quero — respondeu.

Susan estava sentada em seu carro, a dois quarteirões da sede da força-tarefa. Com o número de carros de reportagem que já haviam parado ao redor do antigo banco para a entrevista coletiva, ela tivera sorte de conseguir estacionar tão perto. As janelas estavam fechadas, mas ela olhou ao redor para ter certeza de que não havia outros repórteres à espreita antes de abrir o telefone e teclar um número do *Herald*.

Derek Rogers atendeu.

— Sou eu — disse ela. — Preciso que você ligue para todos os postos de gasolina ao longo da Rodovia 22, passando por Santiam Pass.

— É... como é que é? — perguntou Derek.

— Não são muitos — Susan apressou-se a dizer. A entrevista coletiva iria começar em 15 minutos. Ela abaixou o quebra-sol e vasculhou a bolsa à procura de maquiagem. — Eu já dirigi por aquela estrada. São só cidades madeireiras. Um posto a cada meia hora. — Ela parou para se besuntar de batom cor de framboesa. — Mas é necessário. Quanto um Jaguar faz por litro? Oito quilômetros? — Ela limpou o excesso de batom com um antigo recibo que encontrou na bolsa. — Ela precisa de gasolina.

A voz de Derek soou vacilante.

— Então você quer que eu ligue para todos os postos de gasolina ao longo da 22 e pergunte se eles viram Gretchen Lowell?

— Não — respondeu Susan. — Lowell, não. O carro. É disso que eles vão lembrar. Pergunte se eles viram um Jaguar prateado.

— Tem um incêndio lá em cima — disse Derek. — Eles estão evacuando as pessoas. Você acha que ela é doida o bastante para se esconder no caminho do fogo?

— Doida? Ela é uma raposa, isso sim — disse Susan.

Derek não estava convencido.

— Essas ligações vão demorar horas — disse.

Susan desfez os rabos de cavalo, pegou a escova de cabelo na bolsa e começou a escovar o cabelo.

— Eu sei — disse ela.

— Você está escovando o cabelo? — perguntou Derek.

— Posso pedir mais um favor? — perguntou ela. Uma coisa que Archie havia dito antes de se afastar no beco a estava atormentando.

Derek suspirou.

— O quê?

— Você pode buscar no banco de dados do *Herald* por casais que desapareceram mais ou menos dois anos atrás? Eles tinham vinte e poucos anos.

— O que isso tem a ver com Sheridan e Gretchen Lowell? — perguntou Derek.

— Nada — respondeu Susan.

— Você se dá conta da competição que está rolando por causa dessa história? É nacional! — Derek baixou a voz. — O Ian vai ficar putado se souber que você está trabalhando em outra coisa.

— Acho que pode ter alguma coisa a ver com o Parker — disse Susan.

Houve uma curta pausa.

— Isso vai demorar alguns minutos — disse Derek. — Ligo de volta para você.

Susan abriu a janela no lado do motorista e estava fumando um cigarro para tirar o gosto de café de avelã da boca quando Derek tornou a ligar.

— Houve uma matéria — disse ele. — Setembro de 2005. Stuart Davis e a namorada, Annabelle Nixon. Eles moravam juntos. Desapareceram. Encontraram o carro estacionado na 23. Nenhum vestígio deles desde então. A história teve alguma repercussão porque ele era assistente júnior no gabinete do senador Castle.

— Zebra — disse Susan.

— Hein? — fez Derek.

Faltavam poucos minutos para a entrevista coletiva. Susan saltou do carro e jogou o cigarro na rua.

— Me manda por e-mail tudo o que a gente tem — disse ela.

Tudo remetia ao senador Castle. Susan vasculhou a mente em busca de alguma pista vinda de sua matéria sobre Molly Palmer, alguém que tivesse agido de forma suspeita. Ela entrevistara uma centena de pessoas nos últimos meses. E, francamente, todos haviam agido de forma suspeita. Mas havia um garoto em particular, um estudante do ensino médio que conhecia um dos filhos de Castle. Talvez fosse hora de lhe fazer outra visita.

Archie estava sentado na ponta da cama de Gretchen, os pés no chão. O colchão era firme, o edredom de cetim cinza liso sob suas mãos. A abóbada da suíte principal tornava o cômodo imenso e irregular. A perspectiva lateral deixava Archie com vertigem.

Gretchen tirou a roupa. Ela o fez tranquilamente, como se fosse algo que fizessem com frequência, como se sempre tivessem sido amantes. Com as roupas impecavelmente dobradas sobre uma cadeira ao lado do armário, ela virou-se e o encarou, nua.

Archie sentiu todo o sangue do corpo correr para o sul. Ela estava machucada. Hematomas do ataque escureciam-lhe as costelas e a barriga; a clavícula esquerda estava esfolada e inchada. E ainda assim ela era linda. O cárcere no mínimo gerava tempo para um excelente regime de exercícios, e ela estava magra e forte. Mas não se conseguia aquele rosto e corpo sem a mescla genética perfeita. O DNA que desempenhara um papel em torná-la um monstro também a tornara uma beldade. Sem a mescla que lhe garantira a silhueta perfeita, quem sabe ela poderia ter sido outro tipo de pessoa? Uma pessoa boa?

O ventilador de teto girava sobre suas cabeças, lançando sombras no teto, no rosto dela, no tapete. Formas deslocavam-se na periferia da visão de Archie.

Gretchen caminhou até Archie, tomou o rosto dele nas mãos e ergueu-lhe o queixo até que ele olhasse para ela. Seus joelhos se tocaram. Ele agarrou o cetim, que escorregou sob seus dedos.

Ela abaixou o queixo e olhou para o alto, com ar provocante.

— Devo machucar você? — perguntou.

— Não — respondeu Archie.

Ela inclinou a cabeça e sorriu.

— Você quer me machucar?

Archie suspirou.

— Não.

— O que você quer? — perguntou ela.

Ele ergueu as mãos da cama e colocou-as em cada um dos lados dos quadris de Gretchen. A luz no quarto era fraca, mas ele viu arrepios lhe percorrerem a pele em consequência do toque.

— Redenção — respondeu ele. — Fora isso, distração.

— Com a distração eu posso ajudar — disse Gretchen. Ela inclinou-se e o beijou de leve na bochecha, o rosto dele ainda em suas mãos. — Sabe — disse ela —, eu sou capaz de sentir emoções humanas.

Ele desejava acreditar nela. Desejava acreditar que havia alguma coisa verdadeira entre eles, alguma maldita ligação doentia.

Puxou-a para si, ela entrelaçou as mãos atrás de seu pescoço e eles se beijaram novamente. O corpo nu nos braços dele era quase mais do que Archie conseguia suportar.

Ele limpou a garganta.

— Você tem um gosto doce — disse.

— Não sou eu — disse ela. — É você. O seu organismo não está eliminando as toxinas como deveria.

— Tira a minha roupa — pediu ele.

Ele ergueu um dos pulsos e ela desabotoou o punho da camisa. Então ele ergueu o outro e ela desabotoou o punho correspondente. Em seguida pôs-se a trabalhar nos oito botões que uniam as duas laterais da camisa. Deixou-se guiar pelo tato, jamais perdendo o contato visual com ele, apenas deslizando os dedos ao longo da banda vertical de botões, até encontrar o seguinte. Quando a camisa estava aberta, ela a fez deslizar por sobre os ombros dele, segurou-a um instante e a deixou cair sobre o tapete.

Os olhos cravados nele, ela estendeu as mãos até a virilha de Archie e tirou a camiseta embaixo do cinto. Ele ergueu os braços, ela fez a camisa deslizar por seu tronco e largou-a sobre a camisa social.

Os olhos dela imediatamente se deslocaram para o peito dele. Ele os via moverem-se percorrendo as cicatrizes, repassando o estrago que lhe causara. A pele dele era um campo minado. Mesmo enfermeiras tinham de se preparar

para a primeira vez que o viam. Gretchen não. Seus olhos brilharam de gosto. Ela o examinava como se fosse um Picasso.

— Qual delas você prefere? — perguntou, referindo-se às cicatrizes.

Archie achou que ela estivesse brincando.

— Eu teria medo de magoar uma delas se dissesse.

— Eu gosto do coração — disse Gretchen. Ela tocou a cicatriz em formato de coração, passando os dedos por suas curvas. — É um dos melhores que já fiz. Não é fácil cortar o músculo do tórax de maneira uniforme. — Ela aproximou o rosto da clavícula dele. Ele pensou que ela fosse examinar mais de perto a sua obra, mas, em vez disso, ela tocou a cicatriz com a língua.

A súbita pressão, cálida e úmida, sobre o tecido novo o fez pular.

Ela afastou a cabeça e ergueu os olhos para ele. Ele enfiou a mão na cabeleira loura, empurrou seu rosto na direção da pele nova e ela tornou a tocar a cicatriz com a língua. O cabelo dela era macio e liso na mão fechada de Archie; ele sentiu o calor da língua dela espalhar-se em ondas por seu corpo. Recostou-se na cama e ela o montou, de pernas abertas, e então percorreu, lenta e deliciosamente, a cicatriz com a boca.

Em seguida passou a língua por sobre a cicatriz vertical da remoção do baço e pela parte inferior de seu abdômen rígido, até a altura do cinto, que começou a desafivelar.

A ereção dele pulsava, exigindo alívio. Sua cabeça doía. O corpo doía. Mas ele não se sentia tão conflitado quanto achava que se sentiria. Sentira-se culpado todas as vezes que fantasiara com ela, mais culpado do que jamais se sentira durante o caso que tiveram. Havia pagado um preço emocional por cada trepada imaginária. Mas não dessa vez.

— Quero que você fique por cima — disse ele. — Para que eu possa vê-la.

Ela havia retirado o cinto e estava baixando a calça e a cueca dele, com um movimento ligeiro e hábil.

— Vou ser a última mulher com quem você vai fazer amor — disse ela enquanto o empurrava para dentro de si. Ele prendeu a respiração e fechou os olhos por um momento, perdido na sensação produzida pelo corpo dela, concentrando-se para não gozar no mesmo instante, como um adolescente. Então se permitiu olhar para ela, os quadris movendo-se para a frente, a cabeça ligeiramente inclinada para trás, o rosto relaxado de prazer. Ela era a mulher

mais bonita que ele já vira. Pôs as mãos nos quadris esguios e puxou-a para a frente, para poder penetrá-la mais fundo.

— Isso não é amor — disse ele.

Susan sentiu-se inquieta durante toda a entrevista coletiva. Aquilo parecia um hospício. Haviam montado um palanque no estacionamento, fora do banco. Tanto Henry quanto Claire falaram. Claire tinha açúcar no queixo o tempo inteiro. Eles repassaram tudo o que estavam fazendo para encontrar Archie. Imploraram por informações por parte dos cidadãos. Estavam tratando o caso como um sequestro. Ninguém mencionou o fato de Archie ter entrado no carro. Ou ter atirado a munição e a bateria do celular pela janela. Percebia-se, pelas perguntas, que metade dos repórteres ali achava que ele já estava morto. Era tudo uma farsa e todos sabiam. Eles não conseguiriam encontrá-la. Não até que ela quisesse que a encontrassem.

Susan se atrasara, tanto que não conseguira pegar uma das cadeiras dobráveis arrumadas em frente ao palanque. Em vez disso, estava de pé ao fundo, deslocando o peso de um pé para o outro, matando o tempo.

Quando a coletiva terminou, Susan correu para alcançar Henry, enquanto este voltava para o banco.

Alcançou-o justamente quando ele chegou à porta.

— Preciso que você venha comigo ao Cleveland High para convenceremos a escola a nos deixar conversar com um garoto chamado Justin Johnson — disse ela.

— Quem diabos é Justin Johnson? — perguntou Henry.

— Ele surgiu como parte da minha investigação sobre o Castle — disse Susan. — Era muito amigo de um dos filhos dele. Sabe alguma coisa sobre o relacionamento do senador com Molly. Mas alguém o assustou. Ele disse que havia sido avisado para não conversar comigo. Talvez quem quer que o tenha calado tenha algo a ver com a morte de Molly.

Henry parou e virou-se na direção dela.

— Então você quer que eu use meu distintivo para obrigar uns professores a deixar que você incomode um menor sem consentimento dos pais nem representação legal?

— Quero — respondeu ela.

— Você sabe que a escola acabou de entrar em férias? — perguntou ele.

— Ele está fazendo o curso de verão — disse ela.

Henry esfregou os olhos injetados de sangue com uma das mãos.

— O que isso tem a ver com me ajudar a encontrar o Archie?

— Tem a ver com o caso dele — disse Susan. Ela tentou soar convincente.

— Com os assassinatos do parque. Ele queria que eu concluísse os casos.

— Estou meio ocupado agora, Susan. Sabe, com essa história de *serial killer* em fuga e sequestro do meu melhor amigo.

— Você pode esperar um telefonema tanto comigo quanto aqui — disse Susan. — Ou pode ajudar Archie. — Ela se aproximou de Henry para evitar que alguém mais ouvisse. — Ele me contou. Ele tem um plano. Você mesmo disse. Então talvez isso faça parte dele. Talvez dar seguimento ao caso do parque nos ajude a encontrá-lo.

Henry sacudiu a cabeça, em desacordo.

— Isso é cascata da pior espécie.

— Antes de partir — disse Susan em tom abafado —, ele disse que eu sempre me lembraria do meu primeiro corpo no parque. Foi o que ele disse. O primeiro cigarro. O primeiro beijo. O primeiro corpo no parque. O quê? — perguntou Susan. — Você acha que ele falou em sentido metafórico? Ele queria que eu investigasse os assassinatos no parque. E todos parecem estar ligados ao Castle.

Henry ficou ali de pé, com a mão na porta, rangendo os dentes, encarando Susan.

Ela estava bastante certa de que ele não gostava dela. Mas precisava da ajuda dele e tinha uma estranha sensação de que Archie iria querer que ela a pedisse.

— Por que você não mencionou isso antes? — perguntou ele.

— Porque eu não sei se estou certa — respondeu Susan. — Mas nós não temos nada melhor, então que se foda, certo?

Ele rangeu os dentes mais um pouco.

— Eu até que me divirto intimidando adolescentes — disse por fim.

Susan forçou um sorriso, aliviada.

— É divertido, não é?

O Cleveland High estava silencioso; havia poucos carros no estacionamento. A marquise ainda exibia os dizeres, PARABÉNS, FORMANDOS.

Henry estacionou em uma vaga para visitantes no terreno em frente à imensa escola de tijolos e eles desceram do carro.

— Então você vai dizer para eles que é uma emergência, certo? — perguntou Susan. Ela imaginou uma invasão do escritório da administração, Henry mostrando seu distintivo. — Que nós precisamos conversar com ele imediatamente. Que diz respeito a um crime.

Ela ergueu os olhos. Cerca de 10 metros à frente, um garoto louro bonito, carregando uma mochila, acabava de saltar de seu BMW laranja. Os cabelos ásperos de surfista estavam presos em um minúsculo rabo de cavalo e a bermuda de brim pendia baixa da cintura. Ela estacou.

— É ele? — perguntou Henry.

Susan assentiu com a cabeça.

Henry caminhou direto para JJ.

— A moça precisa falar com você. É uma emergência. Tem a ver com um crime.

Lá se ia a entrada dramática no escritório da administração.

— Obrigada — Susan disse a Henry.

O garoto deu uma espiada em Susan, abaixou a cabeça e se encolheu.

— Porra, cara — disse ele. — Você não aceita um não como resposta, não é?

Susan deu um passo à frente.

— Quem disse a você para não falar comigo? — perguntou.

— Lê o jornal — respondeu JJ. — O Castle está morto. — Ele pendurou a mochila em um dos ombros. — Esquece disso.

O rosto de Henry corou. Ele respirou fundo e lançou os ombros para trás.

— Escuta aqui, seu playboyzinho de merda — disse a JJ, bloqueando o caminho do rapaz —, você faria bem em nem começar a me irritar hoje. Responde a pergunta da moça.

— Cara, isso é assédio.

— Você quer que eu reviste seus bolsos, Einstein? — perguntou Henry. — Porque eu estou sentindo cheiro de baseado. E quando eu sinto cheiro de baseado, começo a pisotear os direitos do cidadão para determinar a origem. Você respondeu à pergunta sobre se já foi preso por crime nas fichas de inscrição para as faculdades? Ia ser um pé no saco se você tivesse que voltar e mudar todas elas.

JJ mordeu os lábios por um minuto e então deu de ombros.

— O ex-namorado da minha mãe — disse. — Ele ainda acha que é policial porque era chefe de polícia.

Henry virou a cabeça de JJ para Susan e então de volta para JJ.

— O prefeito? — perguntou Henry.

— É — respondeu JJ dando de ombros novamente. Ele transferiu a mochila para o outro ombro. — Posso ir agora? Tenho que passar pelo equivalente a uns oito trimestres de biologia esse verão ou eles não vão deixar eu me formar.

Ele começou a se afastar, mas Susan o barrou.

— Você conhecia Stuart Davis e Annabelle Nixon? — perguntou.

— Quem? — perguntou JJ.

— Davis trabalhava para o Castle — disse Susan. — Ele desapareceu há quase dois anos. O *Herald* publicou reportagens sobre isso.

JJ ergueu a outra alça da mochila, pendurando-a em ambos os ombros, e começou a andar em direção à escola.

— Eu não vejo o Aidan Castle ou o pai dele desde que o Aidan foi mandado como calouro para a Andover. E eu não leio o *Herald* — acrescentou. — A gente assina o *New York Times*.

— Davis e Nixon? — perguntou Henry, quando JJ estava fora do alcance de sua voz.

— Os corpos no parque — disse Susan. — O legista disse que eram um homem e uma mulher. As idades batem com as de Davis e Nixon. Parece ser a idade certa.

Henry colocou as mãos na cintura.

— E quando você estava planejando contar isso?

— Eu acabei de descobrir — disse Susan.

Henry começou a voltar para o carro.

— O DNA deles está no arquivo de pessoas desaparecidas. Vou mandar averiguar. Se não for por nenhuma outra razão, serve para fechar a válvula do seu fogo jornalístico.

— Por que o prefeito pediria a JJ para não falar comigo? — perguntou Susan, alcançando-o.

— Talvez estivesse dando a ele um bom conselho — disse Henry. — Para manter a família fora da história. Para proteger o garoto de se autoincriminar. Se ele sabia de um crime e não informou, poderia pegar mal.

Susan entrou no carro. O banco de vinil já estava quente.

— Não gosto dele — disse ela.

Henry deu partida no carro e saiu do estacionamento.

— Buddy? Ele fez bastante coisa por Archie. Protegeu-o nos últimos dois anos.

Susan baixou a janela. O ar estava quente e seco. Ia ser um dia escaldante.

— É, fez um belo trabalho protegendo Archie — disse ela. Então, ao perceber o quanto seu sarcasmo era inapropriado, acrescentou: — Desculpa.

Henry parou um minuto para se recompor diante da porta de Debbie no Arlington. Seu sangue ainda pulsava por ter precisado abrir passagem através de uma dezena de repórteres para cruzar a entrada do clube. A exultação deles com a magnitude da história era palpável, os sanguessugas idiotas. Ele havia deixado Susan no carro dela, bem a tempo de receber uma ligação do Controle de Animais. Bill, o poodle, havia cagado e eles encontraram um anel de formatura de mulher. Da Benson High, turma de 1997. Ele havia dado um telefonema e confirmado as suspeitas de Susan. Anabelle Nixon se formara na Benson naquele ano. Ele passou a mão pelo chumaço de cabelos no topo da cabeça, manteve-a ali por um momento e então beliscou a ponte do nariz. Seus olhos ardiavam da falta de sono. Precisava de mais café. Seu estômago roncava e a boca parecia amarga. O dia estava a caminho de se tornar um dos mais quentes do ano. Eram dez da manhã, e sua camisa já estava manchada de suor.

Se encontrasse Archie a tempo, ele lhe daria uma surra.

— Merda — sussurrou. Então abaixou a mão, abriu e fechou os olhos com força algumas vezes e tentou parecer desperto e otimista.

Henry bateu duas vezes com as costas da mão.

— Sou eu — disse. Um patrulheiro abriu a porta. Henry não viu Bennett.

Buddy estava sentado no sofá, onde Henry o havia deixado. Um assistente sentava-se ao seu lado e eles tinham os olhos fixos no laptop pousado sobre a mesinha de centro. Buddy não podia ter dormido muito, mas de alguma forma parecia totalmente descansado.

Buddy apontou para os dois quartos.

— Finalmente estão todos dormindo — disse.

— Obrigado por ficar com eles — disse Henry, fechando a porta atrás de si.

— Alguma novidade? — perguntou Buddy.

Henry olhou para o patrulheiro e para o assistente.

— Nós podemos conversar a sós por um minuto? — perguntou a Buddy.

Buddy franziu as sobrancelhas.

— Estou preparando um comunicado à imprensa. Brian Williams está chegando.

— Vai demorar só um minuto — disse Henry.

Henry pensou ter visto uma centelha de irritação nos olhos de Buddy, que logo desapareceu. Buddy deu de ombros e disse:

— Claro, meu chapa. — Ele sorriu para o assistente. — Nos dê um minuto, está bem?

O assistente levantou-se e se encaminhou para a porta com o patrulheiro.

— Estamos no corredor, senhor — disse o assistente.

— Obrigado, Jack — disse Buddy. — Adorei o comunicado à imprensa. Verdade.

Jack quase corou.

Quando eles haviam saído, Henry dirigiu-se à janela e olhou para o parque. O ar-condicionado estava ligado, mas ele já sentia o calor batendo no vidro. Viu vários carros de reportagem estacionados em uma área de carga e descarga adiante. Anotou mentalmente para ligar e denunciá-los.

— Você namorou Beverly Overlook — disse Henry, olhando de relance para Buddy.

Buddy entrelaçou os dedos atrás da cabeça e reclinou-se no sofá.

— Meu Deus — disse ele. — Anos atrás.

— Você disse ao filho dela para não conversar com Susan Ward a respeito do caso Molly Palmer? — perguntou Henry.

— Disse. Eu não queria que eles se envolvessem nessa história complicada.

Henry nunca fora muito chegado a Buddy. Archie o conhecera melhor. Mas haviam trabalhado com ele, é claro, nos primeiros anos, quando Buddy comandava a força-tarefa. E Buddy sempre gostara de falar sobre si mesmo.

— Você trabalhava para o Castle, não trabalhava? — perguntou Henry. — Segurança?

Buddy fez que sim com a cabeça.

— É, quando eu era policial. Antes da força-tarefa. Você está voltando bastante no tempo, meu chapa.

— Você conhecia aqueles dois garotos que desapareceram? Stuart e Annabelle?

Buddy fez um gesto desdenhoso com a mão.

— Isso foi depois da minha época. Eu conhecia o Stuart. Vagamente. A teoria foi a de que ele perdeu o controle, matou a namorada e se matou. A polícia nunca encontrou os corpos. Sempre achei que ele provavelmente levou a garota para o meio do mato. Sabe como é, matou a gurria, se matou. O garoto estava sempre um pouco estressado.

Talvez não fosse uma teoria ruim, pensou Henry. Eles haviam estacionado na 23. Entraram na mata. A não ser pelo fato de que fora o corpo dele o que havia sido lançado no cortador de madeira. Então talvez tivesse sido ela. Ela o havia matado e se livrado do corpo. Então não conseguira encarar o que havia feito; matou-se ali mesmo, no bosque. Ou talvez nem mesmo fossem eles. Talvez Stuart e Annabelle tivessem simplesmente fugido juntos e ingressado nos Corpos de Paz. Talvez estivessem vivendo em uma cabana na Malásia.

— Você sabia do relacionamento do Castle com a babá dos filhos? — perguntou Henry.

— Eu não tinha uma noção exata do caso — respondeu Buddy. Disse isso sem hesitar, sem piscar, a postura firme. — Claro, ouvi boatos ao longo dos anos. Como todo mundo — acrescentou de maneira expressiva. — Mas juro a você que eu achava que ela era mais velha. Uma indiscrição. Muitos políticos pulam a cerca. Faz parte da coisa. — Ele desenrolou uma das mangas da camisa e abotoou o punho. — Você não deveria estar procurando pelo Archie? — perguntou.

Henry estava de pé diante da janela. Outro carro de reportagem se aproximou e estacionou.

— Acho que é o que estou fazendo — respondeu.

Ele tornou a olhar para Buddy, que lidava com a segunda manga da camisa.

— Quando você descobriu? — perguntou Henry. — Só por curiosidade.

— O senador Castle aumentou os gastos com educação em 30%, expandiu a assistência médica para meio milhão de crianças, renovou a forma como cuidamos dos idosos neste estado e transformou mais de 400 mil hectares em área de preservação da fauna silvestre — disse Buddy, abotoando o outro punho. Ergueu os olhos na direção de Henry. — Foi um grande senador e um grande homem. É como eu vou me lembrar dele.

Os dois se encararam por um momento. Castle havia conquistado dois de seus cinco mandatos com a menor margem na história do estado. Mas desde que morrera, todos com quem Henry topava alegavam que sempre haviam votado nele.

Henry tornou a olhar pela janela.

— Vou ficar por um tempo — disse, devagar. — Você pode ir.

Ele ouviu Buddy fechar o laptop, e então o som dos sapatos caros golpeando o carpete à medida que ele deixava a suíte. Buddy era um especulador e um sobrevivente político e Henry não tinha dúvidas de que ele prevenira o garoto para não conversar com Susan. Também tinha certeza de que Buddy não estava dizendo a verdade sobre o que sabia ou quando tomou conhecimento do fato. Henry só não sabia o que a fofoca política, ou mesmo a fofoca jurídica, tinha a ver com o fato de localizar Archie.

A porta do quarto de Archie e Debbie se abriu e ela saiu, usando uma camisola de alças e um roupão do hotel por cima dos ombros sardentos. O cabelo curto estava achatado contra um dos lados da cabeça; a costura do travesseiro marcara-lhe a bochecha.

— Alguma coisa? — perguntou ela.

— Não — respondeu Henry.

Ela caminhou até ele e deitou a cabeça em seu ombro; ele segurou-lhe a parte posterior da cabeça com uma das mãos. Ela não chorou. Seus ombros não tremeram. A respiração permaneceu estável.

— Vou chamar alguém para ficar com vocês — disse Henry. — Buddy teve que voltar ao trabalho. — Ela ergueu a cabeça. De perto, ele viu que os olhos dela estavam vermelhos. — Posso escovar os dentes? — perguntou. — Pegar um desodorante emprestado?

Ela fez que sim com a cabeça e gesticulou em direção ao quarto.

— Lá dentro.

O quarto estava frio e escuro, as cobertas puxadas. Uma depressão no travesseiro indicava o local onde Debbie estivera deitada minutos antes.

— Você pode se deitar — disse Debbie. — E descansar, se quiser.

Henry entrou rápido no banheiro, pegou a escova de dentes de Archie e inclinou-se sobre a pia.

— Preciso voltar — disse. Quando terminou de se arrumar, voltou ao quarto. As luzes estavam acesas agora e Henry percebeu que várias malas ainda

estavam no chão, não totalmente desfeitas, e, ao lado delas, havia uma caixa de papelão cheia de blocos de anotações e fichários de três furos. Debbie havia vestido calça jeans e camiseta e estava sentada na cama.

— O que é tudo isso? — perguntou Henry, apontando para a caixa.

— As anotações da Susan Ward — disse Debbie. — Sobre o Castle.

Henry olhou para a caixa novamente. Era alguma coisa. E àquela altura, qualquer coisa poderia ajudar.

— Posso levá-las? — perguntou.

— Pode queimar, se quiser — disse Debbie. — Eu não me importo.

Henry aproximou-se de onde estava Debbie e inclinou-se para pegar a caixa. Sentiu a mão dela no ombro e ergueu os olhos.

— Eu quero ajudar — disse Debbie. — Se quiser, faço uma declaração à imprensa. Qualquer coisa. Só me diz. Eu poderia implorar para que ele volte para casa.

— Acho que não iria adiantar — disse Henry.

— Ele está metido em algum tipo de missão suicida — disse ela, anunciando por fim o que pensava.

Henry virou-se, incapaz de olhar para ela. Se tivesse cuidado melhor de Archie, poderia ter impedido isso. Se o tivesse forçado à reabilitação. Interrompido as visitas a Gretchen. Mas todos haviam sido ambiciosos demais. Demorara tanto tempo. E havia tantas vítimas ainda desaparecidas.

— Eu sei — disse ele.

Archie alisou o cabelo de Gretchen com a mão. Ela estava deitada na curva de seu braço, o rosto sobre seu peito. Sentiu um imenso carinho por ela, sua respiração, o seio pressionando-lhe as costelas, a curva do quadril. Era uma ilusão pós-coito, ele sabia. Todo o seu relacionamento com Gretchen era uma longa ilusão pós-coito. Ele afastou a mão do cabelo dela. A mão estava inchada novamente, e ele cerrou o punho algumas vezes para que o sangue circulasse, antes de tornar a pousá-la na cabeleira loura. Sua respiração era firme e regular e ele se perguntou se ela estaria dormindo.

Percebeu que poderia matá-la naquele instante. Poderia pegar um travesseiro, cobrir-lhe a cabeça e sufocá-la.

Ela lutaria, mas ele poderia montá-la e usar o peso do corpo em proveito próprio, pressionar o travesseiro com força sobre o rosto dela, até ela perder a consciência, e então cobrir-lhe a boca e o nariz, até ter certeza de que estava morta.

— No que você está pensando? — perguntou ela.

Ele limpou a garganta.

— Encontramos três corpos em Forest Park — disse ele.

Ela girou e olhou para ele. Sua beleza ainda o surpreendia. Passara muito tempo contemplando-a por foto, imaginando-a, e ainda assim nunca se preparara para a realidade.

— Acho que alguém matou o senador Castle e estão tentando encobrir — disse ele.

Ela sorriu, sonolenta.

— Eu mencionei que a falência do fígado muitas vezes causa confusão mental?

— Ele teve um relacionamento impróprio com uma menina de 14 anos dez anos atrás. Susan Ward estava prestes a levar a história a público. A garota foi morta há uma semana. O corpo foi abandonado no parque. — Archie perguntou-se se deveria acrescentar a última parte. — Não muito longe de onde você deixou Heather Gerber.

O segredo do senador não a perturbou. Tampouco o nome de Heather.

— Quem se beneficia com o encobrimento? — perguntou ela.

— O agente de Castle, talvez? — perguntou Archie em tom seco.

Gretchen sentou-se e foi até a beirada da cama. Moveu-se devagar. Ela havia sido surrada e estava machucada, mas era a primeira vez que parecia realmente dolorida.

— O agente dele adoraria — disse Gretchen. — Eles cobram por hora, sabia?

— Você não se beneficiou de nenhuma das pessoas que matou — disse Archie.

Gretchen se levantou e caminhou até a penteadeira, onde dava para ver um frasco de comprimidos.

— Eu considero o assassinato emocionalmente satisfatório — disse ela. Voltou para a cama e estendeu-se ao lado dele. — Tem a ver com poder — declarou. Ela abriu o frasco e derramou cinco comprimidos sobre o peito dele. — A sensação de poder é boa. É o mesmo motivo por que as pessoas usam drogas. Você pode pregar quanto quiser a respeito da responsabilidade social, mas no fim das contas as pessoas se drogam porque gostam. A droga faz com que se sintam bem.

Gretchen arrumou os comprimidos sobre o peito de Archie em uma pequena e cuidadosa fileira, que subia e descia à medida que ele respirava.

— E o sexo? — perguntou Archie.

— O sexo tem tudo a ver com poder — disse ela. Ela prendeu um dos comprimidos entre os dentes, ofereceu-lhe e, beijando-a por um momento, ele colheu o Vicodin com os lábios.

— Engole — sussurrou ela.

Ele fez o comprimido deslizar para dentro da boca e engoliu. Queria água, mas não queria que ela o deixasse.

— O seu pai abusou mesmo de você? — perguntou Archie. Ela havia lhe contado isso no porão, e Archie quisera acreditar que era verdade. Na

realidade, eles nada sabiam sobre ela. Suas digitais não estavam no sistema. Havia diversas “Gretchen Lowells”, mas nenhuma compatível. Ela inventara o nome a certa altura. O rosto dela fora exposto em todos os jornais dos Estados Unidos e ninguém nunca apresentara informações sobre seu passado. Ela dissera que tinha 34 anos. Mas até onde Archie sabia, poderia estar mentindo a respeito disso também.

Gretchen sorriu.

— Não — disse ela. — Mas era isso que você queria, não era? — Ela deslocou a ponta dos dedos dos comprimidos para o peito dele, percorrendo-lhe o estômago até a virilha, e aninhou seus testículos com a mão. — Responsabilizar um homem por isso. — Ela roçou seu pescoço com o nariz. — Por que as mulheres matam? — sussurrou. — Deve ser por causa de um namorado, um pai, ou marido. Ela não chegaria a isso sozinha.

— Quer dizer que você é uma psicopata homicida feminista — disse Archie.

— A Betty Friedan dos *serial killers* — disse. Afastou a mão dos testículos e segurou seu pau com o polegar e o indicador, e com a mão livre lhe ofereceu outro comprimido.

— Engole — disse ela.

Ele o forçou a descer, a saliva em sua boca suficiente só para que o comprimido chegasse à garganta.

— Se ele quer derrubar a matéria — disse ela, levando a mão à boca e umedecendo a palma com a língua —, a próxima a ser perseguida vai ser Susan Ward.

Archie sentiu a respiração mudar, o calor subindo-lhe da virilha ao pescoço.

— Como você sabe que se trata de um homem? — perguntou, o comprimido ainda na garganta.

Ela fez a mão lubrificada deslizar devagar por seu pau, subindo e descendo.

— As mulheres não estão aptas para o assassinato — disse ela. — Você sabe disso.

Já era quase o momento certo para colocar seu plano em ação. Gretchen não sabia, mas não sairia daquela cabana em liberdade. E se tudo corresse conforme ele queria, ele próprio não sairia de modo algum da cabana. Não vivo, pelo menos.

Henry cuidaria de Susan.

Gretchen ofereceu-lhe os três comprimidos restantes, um a um. Então, percorreu-lhe o corpo com a boca em direção à virilha, serpenteando sobre sua pele, deslizando pelo tórax e o estômago, fazendo a ponta da língua escorregar pelo eixo do pau, contornando os bordos da cabeça, até que finalmente o pôs na boca e, devagar, provocante, chupou-lhe o pau duro, que entrava e saía de sua garganta. A respiração dele agora acelerava, o coração disparava. Ele sentiu o rosto quente, o suor doce e gelado no lábio superior. Estendeu a mão até a virilha e encontrou a cabeça dela, o cabelo louro liso sob seus dedos.

Nada tinha a perder. Se era para ser pecador, que desfrutasse então do pecado.

Emaranhou os dedos nos cabelos dela e moveu-lhe a cabeça para cima e para baixo no próprio ritmo. Observou-lhe o rosto o tempo inteiro, os olhos dela se enchendo de lágrimas, as faces coradas, a saliva brilhando nos cantos da boca à medida que ela o engolia uma vez após a outra, e quando os cabelos dela se punham no caminho, ele os afastava para enxergar os lábios dela, ver a si mesmo trepando com ela. Ele a odiava. Ele a amava. Ela fez menção de erguer a cabeça quando ele gozou, mas ele segurou firme.

— Engole — disse.

Susan levou para dentro a correspondência: um exemplar do *The Nation*, um folheto do sindicato, duas contas e um pacote de etiquetas com endereço do remetente, enviadas pela União Americana pelas Liberdades Cívicas. Largou tudo sobre a mesa depois da entrada, juntamente com as chaves. A casa da mãe era sufocante. Todas as janelas estavam fechadas. Era assim que elas a conservavam durante o dia. Era a única forma de combater o calor. Manter as janelas e cortinas fechadas até o sol baixar, então abrir tudo e rezar por uma brisa leve. Susan não sabia como os vitorianos sobreviviam.

Os olhos de Susan ardiam de exaustão. Algumas horas de sono e ela estaria pronta para voltar ao trabalho. Subiu ao quarto da mãe. Não iria dormir na rede se não precisasse. O quarto da mãe era pintado de vermelho e ela talvez possuísse o último colchão d'água da região metropolitana de Portland. Susan ligou o ventilador sobre a penteadeira de Bliss para fazer o ar circular.

Fazia anos que Susan não passava a noite em claro e havia esquecido a sensação. Na verdade, sentia enjoo. Esparramou-se pela cama de Bliss, mas o alegre movimento da água sob o plástico só a deixou mais enjoada. Permaneceu deitada por um momento, mas toda vez que se virava, ondas subiam e desciam no colchão. A essa altura estava com dor de cabeça. Era como se alguém lhe estivesse colocando um gorro de aço no crânio.

Só havia uma solução: um banho. Ela deu uma olhada no relógio. Eram quase 11 da manhã.

Levantou-se, entrou no banheiro no final do corredor do andar de cima e ligou a torneira da banheira de ferro fundido, enchendo-a de água fria e uma boa porção de gel espumante para banho de eucalipto. Havia dezenas de velas ao longo do perímetro da banheira, um sortimento de cores e aromas

diferentes, que Bliss cuidadosamente arrumara para criar a vivência do banho perfeito.

Susan acendeu um isqueiro e o aproximou de um dos pavios. Ele pegou fogo por um instante, então se apagou. Ela tentou novamente. Ele apagou. Ela tentou outra vela. Apagou. Susan permitiu-se um gemido indignado. Era bem a cara de sua mãe, comprar as velas mais baratas da importadora. Olhou por um momento para o isqueiro que trazia na mão, então deu de ombros e pousou-o ao lado de uma das velas.

Era bom tirar as roupas que ela estava vestindo havia 24 horas. Enfiou-as na cesta guatemalteca que a mãe usava como cesto de roupas sujas do banheiro. Sua cabeça agora doía para valer. Até os olhos doíam. Não era só a falta de sono, percebeu, era o estresse. Parker. Archie Sheridan. Ela precisava dar uma relaxada. Não se esforçar tanto. Daquele jeito, não ajudaria ninguém.

Ela entrou na banheira e lentamente afundou na água fria, deixando que o agradável aroma mentolado do eucalipto a invadisse. Estava examinando o esmalte das unhas dos pés, que havia descascado, quando ouviu a abelha. Ela zumbiu sobre sua cabeça e se chocou contra a pia do banheiro, o que lhe pareceu estranho, porque a casa estava fechada havia dois dias, portanto a abelha não poderia ter entrado. Estava refletindo sobre isso, a cabeça recostada nas costas da banheira, quando a abelha fez outra coisa estranha. Decolou, zumbiu em círculos, então parou, suspensa no ar, e caiu no chão.

Susan sentou na banheira e olhou para baixo. Bliss havia pintado o chão de madeira do banheiro de azul-claro e lá, no chão azul como um barco em mar aberto, estava a abelha, as pernas para o ar, morta.

Susan sentiu-se tonta. Por um momento, não conseguiu nem mesmo se lembrar do que estava fazendo ali, por que estava em casa. Archie Sheridan estava desaparecido. Ela precisava voltar para o escritório da força-tarefa. Tinha de encontrar Henry.

Onde estava sua mãe?

Baixou os olhos na direção da abelha. Havia feito uma reportagem sobre uma família de cinco pessoas, em Lake Oswego, que escapara por pouco de um vazamento de monóxido de carbono. Inodoro. Insípido. Os animais de estimação haviam caído mortos. Um *hamster* e um passarinho. A mãe fora esperta o bastante para tirar todos da casa. Mais meia hora, disseram os policiais, e toda a família teria morrido.

Susan saiu da banheira, a espuma do banho escorrendo de seu corpo nu para o chão, e imediatamente escorregou e deu de cara com a borda da pia. O choque de dor desanuviou-lhe a cabeça e ela agarrou uma toalha, envolveu o corpo, prendendo-a na altura do tórax, e arremeteu para o andar de baixo.

Saia da casa. Precisava continuar repetindo isso na cabeça, uma vez após outra. Porque, quando parava, começava a pensar em dormir. Em como seria gostoso simplesmente fechar os olhos por um segundo e então sair da casa quando acordasse. Mas ela não acordaria.

Saia da casa.

Ela perdeu a toalha. Não sabia quando. Devia tê-la deixado cair. Mas estava nua, cambaleando escada abaixo, lágrimas escorrendo pela face. Não, não eram lágrimas. Era sangue. Por ter batido na pia. Ela estava sangrando. O sangue lhe escorreu para a boca, com gosto adocicado de cobre.

Ela alcançou a porta da frente e viu alguém de pé do outro lado do vidro. Levou um minuto até conseguir reconhecê-lo sem o uniforme. Era o agente Bennett, do Arlington, o guardião deles, do destacamento de segurança que lhes fora designado.

Viera para salvá-la.

Ela estendeu a mão na direção da porta e girou a maçaneta para abri-la, mas ela não girou. Estava trancada. Ela estava trancada na casa. Acenou para Bennett, apontando para a maçaneta para indicar que estava emperrada, e para que ele a tirasse de lá.

Bennett continuou ali, parado.

Ela girou a maçaneta de novo, mas ela não se moveu. Alguma coisa estava errada. A tranca estava na posição correta. A porta deveria abrir. Ela bateu no vidro, as mãos deixando marcas molhadas na janela.

— A abelha está morta — gritou.

Bennett continuou de pé, do outro lado da porta, encarando-a, e então ergueu as chaves da casa dela. Era um dia luminoso e ensolarado e, atrás de Bennett, Susan viu o céu azul sem uma nuvem, o bambu que sua mãe havia plantado em um vaso envernizado na varanda e o rododendro favorito de Susan, enfeitado com flores escarlates.

Sentiu-se tonta. Aquilo a fez lembrar de uma vez, na faculdade, em que comera *brownies* de maconha demais e desmaiara sobre o pufe na casa de um

amigo. Dormira com o rosto apoiado na mão e acordara com a marca de seu relógio na bochecha. Ela começou a escorregar para o chão.

Tinha uma coisa que ela precisava fazer. Sair da casa.

Podia ligar para alguém. Mas o telefone estava longe demais.

Então ouviu um ruído, ergueu os olhos e viu o rosto de Bennett achatado contra o vidro, os olhos fechados. Ele permaneceu ali um instante, como um garoto pressionando o rosto contra o vidro para arrancar risadas. Depois deslizou vidro abaixo, fora do alcance da visão, e Susan ouviu o som de seu corpo batendo contra a varanda de madeira.

A porta se abriu, alguém a agarrou e começou a arrastá-la para fora da casa. Sentiu a parte posterior de seus calcanhares bater contra o batente da porta, depois contra os degraus que davam no jardim da frente. E logo estava deitada na grama. A grama era fresca e macia e ela sentiu-se feliz por poder dormir, afinal. Ergueu os olhos e viu a mãe.

— Oi, mãe — disse Susan, sonolenta.

— Eu o acertei com o Buda — disse ela.

Susan forçou-se a despertar. Respire, disse a si mesma. Seu peito se expandia, enchendo-se de oxigênio, e a cabeça clareava um pouquinho a cada respiração.

— Meu Deus, mãe — ela conseguiu dizer. — Você matou um policial. — Ela fechou os olhos. — Liga para a emergência. Liga para o Henry. Não entra na casa. Vazamento de monóxido de carbono. O Bennett. Ele me trancou lá dentro.

— Eu não tenho telefone — disse Bliss.

A mãe de Susan não era boa em resolver problemas. Aquele era exatamente o tipo de obstáculo intransponível que a deixaria paralisada por horas. Elas não tinham tanto tempo assim. Susan ergueu-se e agarrou Bliss pelas lapelas do terninho de poliéster.

— Usa o da porra do vizinho — disse Susan.

Então se dobrou novamente em direção ao gramado e desmaiou.

Quando acordou, Susan estava com uma máscara de oxigênio sobre a boca e dois paramédicos a atendiam. Uma pequena nuvem flutuava no alto. Parecia um coelho. Susan virou a cabeça e vomitou na grama.

— Desculpe — disse aos paramédicos.

Um policial uniformizado estava passando com o Buda em um enorme saco plástico. Bliss vinha atrás dele.

— Vocês vão me devolver isso, não é? — perguntou Bliss.

Henry agachou-se ao lado de Susan. Ela ouviu seus joelhos estalarem quando ele se acomodou sobre os quadris. O jeans preto se ergueu e Susan viu que suas botas de caubói possuíam a figura de uma águia em estilo indígena.

— Está se sentindo melhor? — perguntou ele.

Susan retirou a máscara de oxigênio.

— Ele está morto? — perguntou.

— Inconsciente — respondeu Henry.

Susan sentiu uma insensata onda de alívio. Sua mãe não o havia matado.

— Bliss contou o que houve? — perguntou ela. Um dos paramédicos havia tornado a colocar a máscara sobre seu rosto e as palavras saíram abafadas através do plástico.

Henry esfregou a nuca.

— Ela disse que veio para casa para dar uma conferida na cabra e encontrou você nua, batendo na porta, e o Bennett do lado de fora. — Ele olhou de relance para Bliss, que discutia com o policial que segurava o Buda, e ergueu uma sobrancelha. — Ela viu nele uma ameaça e o nocauteou.

Atrás de Henry, Susan viu outro policial entrar na casa. Lutou para se sentar.

— Acho que a casa tem um vazamento de monóxido de carbono — disse.

— Tinha — corrigiu Henry. — A fornalha no porão estava vazando. Nós desligamos.

Susan tornou a baixar o corpo. Sentiu-se tonta do movimento e ficou sentada, absorvendo o oxigênio mais um minuto. Não fazia sentido. Nada daquilo fazia sentido. Quando se sentiu bem o bastante, tornou a afastar a máscara.

— Voltei para casa para tirar um cochilo — contou a Henry —, comecei a me sentir mal e quando tentei sair de casa, o Bennett me impediu. — A pequena nuvem que lembrava um coelho havia assumido uma forma que não se parecia com absolutamente nada. — Ele pegou minhas chaves e me trancou dentro de casa.

— Você deve ter enchido o saco do cara — disse Henry, impassível.

— Isso não tem graça — disse Susan.

Henry olhou em torno do jardim, para a ambulância, para os carros-patrolha, para a polícia. Henry parecia intrigado.

— Por que o Bennett tentaria matar você? — perguntou.

— Não sei — respondeu Susan. — Mas tentou. Eu sei que tentou.

Henry balançou a cabeça.

— Pode ter sido a Gretchen — disse, olhando para trás, em direção à casa. — Quero tanto você quanto a sua mãe sob proteção em tempo integral de novo. Vai ter sempre um policial por perto. Entendeu?

Susan de repente se deu conta de que, exceto por um cobertor, estava totalmente nua.

— Preciso me vestir — disse.

— Você precisa ir para o hospital — disse Henry.

Não. Ele não iria mandá-la para o hospital. Colocá-la sob sete chaves. Não com tudo aquilo acontecendo.

— Eu preciso voltar ao trabalho — protestou ela.

Henry ergueu o dedo e tocou o nariz.

— O seu nariz está quebrado — disse ele.

Então Bliss apareceu. Susan não pôde deixar de notar o batom vermelho recém-aplicado. Quando ela olhou para Susan, estremeceu, o lábio superior se contraindo de nojo. Bliss nunca gostara da visão de sangue.

A pia. Susan devia ter quebrado o nariz na pia quando caiu.

— Está bem — disse Susan —, mas não vou a lugar nenhum sem minha bolsa.

— Vou arriscar a vida de um agente agora mesmo para ir pegar na sua casa — disse Henry.

— Obrigada — disse Susan. Virou-se para os paramédicos. — Me levem para o Emanuel — pediu.

Se tinha de ir para o hospital, queria ao menos ir para o hospital onde trabalhava o médico de Archie.

— Quantos anos você tinha quando quebrou o nariz? — perguntou Gretchen.

Gretchen correu o dedo de leve desde o topo da testa de Archie até a ponte do nariz. Ele estava deitado de costas na cama. Ela estava ao lado dele. Haviam acabado fazer sexo mais uma vez e ele se sentia estranhamente enfraquecido. Era uma nova onda agora. Diferente dos comprimidos. Os comprimidos eram suaves, como um nevoeiro brilhante. Aquilo era mais sombrio, uma obscuridade que invadia as bordas de seu campo visual.

— Dezesete — disse ele. Sabia a pergunta que vinha a seguir. — Foi em um acidente de carro.

— Alguém morreu? — perguntou ela.

Ele não falava sobre o assunto havia tanto tempo que se surpreendeu ao contar a verdade. Mas aquilo não importava mais, e o próprio fato de ela ter perguntado o fez pensar que devia saber a resposta.

— Minha mãe — respondeu Archie.

— Aha — disse ela.

— Aha?

— Você estava dirigindo — disse Gretchen.

— Não contei essa história nem para o Henry — disse Archie. Só para Debbie. Para mais ninguém, desde o início de sua vida adulta. Era seu segredinho mais sujo. Além de Gretchen.

— Foi culpa sua? — perguntou Gretchen.

— Eu não vi um sinal de “pare”.

Gretchen tocou-lhe o rosto, com ternura, foi o que ele pensou. Embora pudesse ter sido outra coisa.

— Seu pai provavelmente nunca te perdoou — disse ela.

Archie não via o pai desde que saíra de casa.

— Não — disse.

Eles ficaram em silêncio por um instante e Archie pôs-se a observar as sombras que o ventilador de teto lançava.

— Minha mãe morreu quando eu tinha 14 — disse Gretchen por fim.

Ele se perguntou se aquilo era verdade.

— Você matou ela? — perguntou Archie.

— Não — respondeu ela, se apoiando nos cotovelos e olhando para ele.

Parecia preocupada, a testa ligeiramente franzida. — Você sente medo?

Ele sabia o que ela estava querendo dizer.

— De morrer? — perguntou. — Não neste momento.

— Tudo sempre acaba bem — disse ela, segurando a mão dele. — Eles sempre parecem tranquilos. — Ela beijou-lhe as articulações dos dedos. — Você parecia.

— Pode ter alguma coisa a ver com o fim da tortura — disse Archie. Puxou a mão e se sentou, pousando os pés descalços no chão. — Vou me levantar — disse. — Tenho que ir ao banheiro. E depois preciso comer alguma coisa. — Era mentira. Mas se queria que seu plano funcionasse, precisava levar Gretchen para a sala.

— Você vai fazer o quê? — perguntou Susan. Achava-se em uma sala de exames na emergência do Emanuel, vestida em um irritante avental hospitalar verde. Retirou a máscara de oxigênio e repetiu: — Você vai fazer o quê?

— Vou realinhar o seu nariz — disse o médico. Susan estava certa de que ele tinha 80 anos de idade. Quando ele entrou pela primeira vez, ela pensou que fosse um daqueles idosos que os hospitais costumavam recrutar para trabalhar na loja de presentes.

— Com as mãos? — perguntou ela, horrorizada.

— É. — Ele estendeu os braços e, antes que ela pudesse se defender, apoderou-se do nariz dela com ambas as mãos. Houve um lampejo de dor, ela produziu um som abafado, então ele abaixou as mãos e sorriu.

— Pronto — disse. — Não foi assim tão ruim, foi?

Susan levou as mãos ao rosto.

— Ai — choramingou.

— A enfermeira vai pôr uma tala e uma atadura e você pode ir embora.

— Não preciso tomar analgésicos? — perguntou Susan.

O médico deu-lhe um tapinha na mão.

— Gelo e Advil e você vai ficar ótima. — Ele se virou para Henry, que insistira em ir até lá e estava sentado em uma cadeira ao lado da mesa de exame. — Esse é o seu marido?

— Não — disseram Henry e Susan rapidamente.

O médico saiu da sala de exame.

— Ninguém mais se casa — disse a caminho do corredor.

A enfermeira sorriu. Ela era alta, com o cabelo escuro preso atrás com grampos e feições com traços que se amarfanhavam no centro do rosto.

— Ele é da velha guarda — disse ela. — Não usa nem anestesia.

Susan tocou o nariz. O mais leve toque dos seus dedos o fazia latejar. Sua mãe havia sido levada de volta para o Arlington por dois patrulheiros. De qualquer forma, Bliss não tinha estômago para salas de emergência. Susan não sabia ao certo se os patrulheiros deveriam proteger Bliss ou mantê-la sob custódia.

A enfermeira começou a cobrir o nariz de Susan com gaze e esparadrapo.

Henry ficou de pé.

— Vou ver como o Bennett está — disse ele. — Não sai daqui.

— O dr. Fergus está trabalhando hoje? — perguntou Susan à enfermeira assim que Henry saiu.

— Está — respondeu a enfermeira. — Você conhece ele?

Susan sorriu com doçura. O movimento fez com que seu rosto inteiro doesse.

— Sou amiga da família — disse ela. — Pode pedir a ele para passar aqui e me ver?

Susan sentava-se de pernas cruzadas sobre a mesa de exames, usando máscara de oxigênio e lendo a revista *People*, quando Fergus entrou. Ele parecia igual à última vez que o vira, quando o entrevistara para o perfil de Archie Sheridan. O mesmo corte eriçado no cabelo branco. A mesma silhueta pesada. O mesmo jeitão superior. Ele concordara em participar com relutância, e só depois de Archie ter assinado um formulário de autorização.

Fergus comprimiu os olhos por um instante, sem reconhecê-la com cabelo turquesa e nariz enfaixado. Então empalideceu, o lábio superior erguendo-se.

— Ah, é você — disse ele.

Susan não lhe deu tempo para sair. Sabia que Archie tomava muitos comprimidos. E começara a pensar que ele poderia precisar de reposição. Se precisasse, poderia ser uma maneira de encontrá-lo. Ela deixou a máscara de oxigênio cair sobre o colo.

— A medicação do Archie — disse ela. — Ele tem o bastante ou vai precisar de mais?

Fergus suspirou e enfiou as mãos nos bolsos do jaleco branco.

— Não posso conversar com você sobre o meu paciente.

— Ele está em dificuldades — disse Susan.

— O detetive Sobol entrou em contato comigo — disse Fergus. — Se alguém tentar repor quaisquer dos medicamentos do Archie, Sobol vai ser notificado.

— Ah — fez Susan. Ela devia saber que Henry já havia pensado nisso.

Fergus virou-se para sair.

— Ele está doente, não está? — gritou Susan.

Fergus parou. Os ombros se ergueram e caíram. Ela achou que ele ia contar alguma coisa. Foi o modo com que ele lançou os ombros para trás, como se desejasse tirar alguma coisa do peito. Ela se inclinou para a frente, pronta para ouvir.

— Você deve colocar gelo nisso — disse ele.

Henry viu Claire na sala de espera da Emergência. Ela havia arrumado tempo, em algum momento do dia, para ir em casa se trocar, e estava vestindo uma camiseta com a foto de um urso pardo, jeans e botas de caubói vermelhas. Ele sentia-se sujo, cansado e seu couro cabeludo coçava. Uma explicação era tudo o que queria. Um vazamento acidental de monóxido de carbono. Um mal-entendido. Bennett recebendo alguns pontos e rindo da situação. Qualquer coisa que permitisse a Henry ir dormir por algumas horas.

Claire falava ao celular ao lado de um grande letreiro que dizia PROIBIDO O USO DE CELULARES. Desligou a chamada quando o viu.

— O que eles estão dizendo? — perguntou Henry.

— Ele está em cirurgia — respondeu Claire. — Ela cravou um pedaço do crânio no cérebro dele. — Ela forçou um sorriso. — Tomar aquele Buda na cabeça não é mole.

Tanto pior para a soneca de Henry.

— Ele vai sobreviver? — perguntou Henry.

— Possivelmente — disse Claire. Ela colocou as mãos nos quadris e balançou a cabeça devagar. — Foi ele.

Henry ergueu as sobrancelhas.

— O Heil acabou de ligar — disse Claire. — Nós encontramos as impressões do Bennett na fornalha. Foi ele quem afrouxou o troço.

— O troço? — perguntou Henry.

— Deve ter um nome mais bonitinho — disse Claire. — De qualquer forma, a casa, fechada daquele jeito, se encheu rápido de veneno. Algumas horas mais tarde, ela teria morrido três minutos depois de entrar pela porta da frente.

Não. Não podia ser simples. Não com Susan Ward envolvida. Henry tentou processar a informação. Por que Bennett tentaria matar Susan? Esfregou a cabeça. A falta de sono instalara-se em seu cérebro como um nevoeiro.

— Ele foi o primeiro policial na cena do crime contra Molly Palmer — teorizou Henry. — Talvez não tenha caído.

— Você acha que ele estava tentando destruir provas? — perguntou Claire.

— Digamos que ele tenha matado a Molly Palmer e tentado encobrir o fato. Isso poderia lhe dar um motivo para ir atrás da Susan.

— Por que a Susan?

— Ela estava trabalhando numa matéria que ligava a Molly Palmer ao Castle.

Os olhos de Claire se arregalaram.

— Ela era a garota de quem você falou, a garota que ele comeu?

— Acho que eu usei um nome mais bonitinho para isso — disse Henry.

Ele tinha que proteger Susan. Podia fazê-lo. Era o que Archie iria querer que fizesse. Henry a manteria segura.

Se conseguisse impedir a si próprio de matá-la.

— Me avisa se ele acordar — disse. — Estamos dando busca na casa dele?

— Acabamos de pedir os mandados — disse Claire. O telefone dela tocou e ela verificou o identificador de chamadas. — É Flannigan — disse, erguendo o aparelho até o ouvido. Flannigan havia voltado à sede da força-tarefa e estava liderando a busca por Archie. — Vou atender. — Ela estendeu a mão e tocou Henry de leve no ombro. — Podem ser boas notícias.

— Você vai gostar disso — disse Gretchen. — Desenha uma estrela.
 Eles estavam sentados no sofá da sala de estar. Gretchen havia vestido uma blusa de seda branca e pantalonas. Archie usava novamente camisa azul e calça de veludo. Ele havia acendido a lareira enquanto ela lhe preparava um sanduíche, e agora estava sentado com o sanduíche sobre um prato em seu colo. Gretchen havia encontrado um bloco e uma caneta na bolsa e nesse instante os estendia a Archie.

Ele apoiou a caneta no bloco e tentou desenhar uma estrela. Saiu errada, um dos lados menor. Parecia um triângulo. Tentou novamente. A mesma coisa aconteceu.

— Não consigo — disse ele, examinando a caneta.

— Já dá para você perceber o seu próprio declínio neurológico — disse Gretchen. Ela se levantou, deixando Archie refletir sobre o desenho torto e desajeitado. — Vai piorar — disse ela à medida que se encaminhava para o bar.

— Tentei fazer amor com a Debbie ontem, mas não consegui ficar duro — disse Archie, pousando o caderno no chão juntamente com o sanduíche. Não conseguia comer, e a urina tinha traços de sangue.

Gretchen estava preparando dois drinques no bar. Voltou ao sofá, entregou-lhe um copo e se estirou sobre as costas, colocando os pés no colo dele.

— Você tentou pensar em mim? — perguntou.

Archie examinou o uísque por um momento e então deu um gole.

— Tentei.

Gretchen sorriu.

— Ela percebeu? — perguntou.

— Percebeu — respondeu Archie.

— Ótimo — disse Gretchen. Ela moveu o pé, pressionando-o contra a virilha dele. — Talvez eu esteja carregando um filhinho nosso — disse.

— Você ligou as trompas — disse Archie. — Eu vi os relatórios médicos da prisão.

Alguma coisa lampejou nos olhos dela. Então desapareceu.

— É, mesmo com tenros 17 anos, eu sabia que não devia procriar.

Fora talvez a coisa mais responsável que ela fizera. E ainda assim, era triste, pensou Archie. Tomar essa decisão tão cedo.

— E você encontrou um médico que fizesse a cirurgia? — perguntou ele.

— O mesmo que tinha feito o aborto no mês anterior — respondeu Gretchen. Ela rolou de lado e encarou o fogo, a luz laranja refletindo em sua pele lisa. — Foi a primeira pessoa que eu matei — disse ela.

— O bebê? — perguntou Archie.

— O médico — corrigiu Gretchen.

O telefone de Susan tocou. Não deveria estar ligado e ela lutou para encontrá-lo em sua bolsa antes que a enfermeira voltasse e a impedisse. O *Herald*. Ela atendeu.

— Você está bem? — perguntou Derek. — A gente ouviu no rádio da polícia. — Ele parecia sem fôlego. — A sua mãe atirou num policial?

— Eu estou bem — disse Susan.

— Tem alguma coisa errada com o seu nariz?

Susan sentiu o rosto corar. Ótimo. Sua voz estava nasalada. Perfeito.

— Está quebrado — disse ela.

Derek fez uma pausa.

— Cara — disse devagar.

A enfermeira voltaria a qualquer minuto.

— Tenho que usar máscara de oxigênio — disse Susan, tentando sair do telefone.

— Tem um posto Texaco numa cidade chamada Mills Crossing na 22 — disse Derek. — Saindo da 5, é mais ou menos uma hora e meia depois. Sessenta e cinco pessoas. O cara com quem eu falei disse que abasteceu um Jaguar ontem à noite por volta das 11. Não se lembra do motorista, mas o carro tinha algum tipo especial de roda. Preciso achar as minhas anotações.

A boca de Susan ficou seca.

— Sabre? — perguntou baixinho.

— É — disse Derek. — O que é isso?

— Não faço ideia — respondeu Susan. — Escuta, eu tenho que ir.

— Ok. O Ian está mandando alguém. Você sabe, para entrevistar você e sua mãe.

— Manda o Ian se foder — disse Susan. Ela puxou a escova de cabelo da bolsa e pôs-se a escovar o cabelo. A máscara de oxigênio zumbia inútil sobre a mesa de exame.

— Vou tentar achar um jeito de mandar o seu recado com outras palavras — disse Derek. — Você está escovando o cabelo de novo?

Henry entrou coçando o pescoço.

— Tenho que ir — disse Susan, desligando.

— O que está havendo? — perguntou Henry.

Susan começou a abrir gavetas nos armários da sala de exame.

— Tem um Texaco na 22. Um frentista viu um Jaguar prateado com rodas Sabre ontem à noite, às 11. Bate com o intervalo de tempo.

— Mills Crossing? — perguntou Henry.

Susan parou, surpresa.

— É.

— Nós também fazemos trabalho policial. O Flannigan acabou de ligar para a Claire. Temos policiais ligando para postos de gasolina por todo o estado. Um carro como aquele, às vezes as pessoas notam.

Susan abriu outra gaveta e achou o que procurava — uma compressa fria.

— O que você vai fazer? — perguntou Susan. Ela apertou a compressa até quebrá-la e começar a gelar.

— Mandar um policial local até lá com a foto da Gretchen. — Susan fechou a bolsa e pendurou a alça no ombro. — Aonde você vai? — perguntou Henry.

Susan segurou a compressa gelada contra o rosto.

— Preciso abastecer meu carro — respondeu ela.

— Você precisa descansar e receber oxigênio — disse Henry. — Tem um incêndio lá em cima. Mills Crossing provavelmente já vai ter sido evacuada quando você chegar lá.

Susan virou-se para Henry. Seu rosto doía. Sentia vontade de vomitar. Aquilo estava começando a afetar sua boa disposição.

— O Bennett estava tentando me impedir de escrever a matéria sobre a Molly Palmer — disse ela.

Henry passou um dedo pelo lábio superior.

— Talvez.

— Ele não precisava fazer isso — disse Susan. — O *Herald* derrubou a matéria. Eu vou encontrar o Archie. Vou subir a montanha com ou sem incêndio. Você pode ficar aqui ou ir junto. — Ela cruzou o vão da porta e se virou.

— Susan — disse Henry.

— O quê? — disse ela, virando-se.

Henry sorriu.

— Você não quer passar pelo Arlington e se trocar?

Susan olhou para baixo, para o avental médico verde que estava usando.

— Certo — disse ela.

— Vamos voltar para o quarto — disse Archie. Pôs-se de pé e estendeu a mão amarelada e inchada para ela. Ela parecia vulnerável, deitada no sofá, a clavícula ferida visível sob o decote da blusa. Talvez alguma coisa ou alguém a tivesse transformado em um monstro. Ou talvez fosse só quem ela era. Archie não queria mais saber. Não importava. A escuridão estava se aproximando. Tinha de agir rápido.

Ela pegou a mão que ele estendia e levantou-se. Ele a fez contornar o sofá.

— Eu tento ser boa — disse Gretchen. — Você sabe disso, não sabe?

— Sei — respondeu Archie, gentil.

Estavam perto do corrimão agora e Archie parou para amarrar o sapato. Quando se ajoelhou, pegou as algemas que havia escondido no banheiro e então enfiado na meia. Contara com o excesso de confiança dela, partindo do pressuposto de que ela não iria revistá-lo. Era o defeito mortal de Gretchen — ela achava que o seu controle sobre ele era absoluto. Mas não era. Não totalmente.

Com um movimento rápido, ele prendeu uma ponta das algemas no delicado pulso direito de Gretchen e a outra no corrimão de ferro forjado. Ela reagiu de imediato, agitando o braço preso no ar, puxando as algemas como se estivesse amarrada no fundo do oceano, se afogando. Era instinto. Puramente animal. Archie aproveitou o momento para se afastar, pondo-se fora de alcance. Ela ergueu a cabeça na direção dele. Os lábios estavam molhados, os olhos, chamejantes. Lançou-se para a frente, as pontas dos dedos quase lhe roçando a camisa. Os olhos saltavam para um lado e outro, a mente trabalhando, procurando uma saída. As manchas vermelhas nas faces só a deixavam mais bonita.

Ela se recompôs, alisando o cabelo com a mão livre, erguendo uma sobancelha.

— Querido — disse devagar. — Esta.. é... uma... péssima... ideia.

Ele nada disse. Precisava de toda a concentração para fazer o necessário. Deixou-a e dirigiu-se ao banheiro, no final do corredor. Era um banheiro pequeno, com vaso sanitário, armário, chuveiro de fibra de vidro, todos bastante próximos. Havia uma reprodução da aquarela de um cervo na neve pendurada sobre o vaso sanitário. Luminárias grandes e redondas circundavam o espelho sobre o armário. Ele levou um minuto, as mãos agarrando a bancada, para se firmar em meio a uma onda de vertigem. Seu coração parecia estar batendo devagar demais. O flanco latejava. Ele enxugou o suor da testa, ajoelhou-se e abriu a gaveta do armário sob a pia. Enfiou a mão atrás dos rolos extras de papel higiênico e encontrou um pequeno celular e um pedaço de papel dobrado que havia escondido na primeira noite, juntamente com as algemas.

Levou o telefone e o pedaço de papel dobrado para a sala de estar, onde Gretchen havia girado o corpo em um esforço para se livrar das algemas.

— Elas são fabricadas para a polícia — disse ele. — Não vão ceder.

Ela parou de se mover e olhou para ele, o peito ofegante.

Ele ergueu o celular para que ela pudesse vê-lo e apertou a tecla ON. O aparelho deu sinal de vida com uma série de toques. Então ele dirigiu-se ao bar e o depositou sobre o balcão. Eles rastrearão o sinal. Mas poderia levar horas ou dias. Ele poderia ter ligado para Henry, mas não queria que o encontrassem cedo demais, antes que os comprimidos tivessem uma chance de fazer seu trabalho.

Enfiou a mão no bolso da calça e colocou a chave das algemas ao lado do telefone, onde Henry poderia encontrá-la.

Então derramou o conteúdo de um frasco de Vicodin sobre o bar. Os comprimidos produziram um ruído agradável enquanto deslizavam pelo granito e paravam em sua mão aberta. Então lá estava, afinal. Ele pensara tanto sobre aquilo nos últimos anos que era quase um anticlímax. Parecia familiar, natural. Vinha se matando lentamente desde que fora liberado do hospital. Agora só iria acelerar um pouco as coisas. O truque consistia em manter o ritmo, conservando no organismo a quantidade de comprimidos suficiente para matá-lo. Pôs um comprimido na boca e o deixou pousar sobre a língua,

chupando-o até que o amargor penetrasse em seus seios nasais. Queria saboreá-lo. Com os olhos bem abertos. Desejava vivenciar todas as etapas. Já que ia morrer, queria entender o processo. Gretchen lhe ensinara isso.

Ele pegou outros dois comprimidos na mão e colocou-os na boca, lambendo o pó amargo dos dedos.

— Archie — ele a ouviu dizer. — Não. Tem um incêndio na mata. Não está sentindo?

Ele aspirou o ar e então sentiu; o cheiro era o de uma fogueira queimando. Ele riu. Estavam no caminho de um incêndio florestal. Perfeito.

— Você não pode me deixar aqui — disse ela.

— Eles vão te achar — disse ele. — Se não acharem, então vamos morrer os dois.

— Você não vai vomitar, vai? — Henry perguntou a Susan.

Ela baixara o vidro da janela e apoiara a cabeça na porta do carro. Fazia uma hora que eles percorriam a Rodovia 22, atravessando florestas e ocasionais cidades com um único posto de gasolina, e Susan estava enjoada em consequência do movimento do carro. O ar estava quente e seco, e o vento que entrava pela janela aberta lhe atirava os cabelos nos olhos e deixava seus lábios secos e rachados. Cada buraco na estrada a fazia lembrar-se do nariz quebrado.

— Eu estou bem — disse com voz nasalada, engolindo um pouco de saliva quente que se acumulara no fundo de sua garganta. Ela não sabia se era o jeito que Henry dirigia ou o envenenamento por monóxido de carbono, mas apostava na primeira opção.

Eles haviam ganhado um bom tempo. Uma caravana de carros descia a montanha, mas à exceção das viaturas do Serviço Florestal e dos caminhões do Corpo de Bombeiros, muito pouco tráfego subia. Ela ainda não vira nenhum indício do incêndio.

Susan avistou uma placa verde de sinalização onde se lia MILLS CROSSING, POPULAÇÃO 52, POR FAVOR, DIRIJA COM CUIDADO, e endireitou o corpo.

— É aqui — disse. Mills Crossing consistia em um posto de gasolina, um pequeno hotel, algumas casas velhas e um “antiquário”, que vendia pratos velhos e brochuras dispostos sobre um lençol no estacionamento do hotel.

Henry ligou a seta para atravessar a estrada e entrar no posto de gasolina, mas o ritmo da linha de carros que descia se manteve firme. Por fim, ele pôs a sirene no capô, apertou um botão no painel e a sirene soou uma única vez. Os carros imediatamente se afastaram para deixá-lo passar.

— Deve ser bom — disse Susan.

— É — disse Henry.

Ele parou na beira da estrada e estacionou ao lado do posto de gasolina. Susan contou oito carros esperando para abastecer. Um só frentista cuidava das duas bombas do posto. O Oregon não tinha mais abastecimento *self-service* desde que o estado aprovara um estatuto contra isso nos anos 40. Na época, o medo do estado era que alguém acabasse explodindo a si próprio. Agora o estatuto supostamente protegia o meio ambiente, os empregos e os idosos, que poderiam desmaiar em consequência da fumaça.

Aquele cara não parecia se importar em permitir que os clientes corressem riscos.

Henry e Susan saltaram do carro e passaram entre os para-choques de dois utilitários para chegar até a bomba de gasolina. O frentista era da altura de Susan e não parecia pesar muito mais. A pele dele era bronzada e áspera. Vestia uma camiseta com os dizeres CORUJA TEM GOSTO DE FRANGO.

— Big Charlie é você? — perguntou Henry.

— Sou — respondeu o homenzinho. Levava um palito na boca, que girava de um canto para o outro à medida que ele falava. — Só dinheiro — disse ele a um sujeito em uma Kombi. — A máquina do Visa está fora do ar. — O sujeito da Kombi entregou a Big Charlie uma nota de 10 amarrotada; Big Charlie introduziu a pistola da mangueira no tanque de gasolina da Kombi e acionou uma alavanca na bomba. O mostrador do medidor da bomba começou a girar vagarosamente. Uma mulher em um Honda Element, esperando para abastecer do outro lado da bomba, tocou a buzina. Big Charlie a ignorou.

O tráfego que descia a Rodovia 22 era uma caravana de Monteros, caminhonetes Subaru e Jeeps, pontuada por caminhões de lenha ocasionais. Alguns dos utilitários puxavam lanchas. Outros transportavam três ou quatro bicicletas no bagageiro. Mas Susan observou outros carros também, que conduziam mais bagagem do que a necessária para um feriado, com sacolas para o transporte de alimentos e caixas amarradas no teto.

Susan inspecionou a fileira de carros, protegendo os olhos do sol com a mão.

Big Charlie tirou o boné de beisebol, enxugou a testa com um pano e tornou a colocar o boné.

— Eles estão evacuando as pessoas — disse. Seus olhos acinzentados desceram até o American Spirit aceso de Susan. — Algum babaca jogou um cigarro — disse ele. — Acontece todo verão.

Susan olhou de relance para o cigarro e o escondeu atrás da coxa.

— O quê? — disse ela, olhando ora para Big Charlie ora para Henry. — Não fui eu.

O frentista apontou para um aviso de PROIBIDO FUMAR preso na bomba de gasolina.

— Desculpe — disse Susan. Deu mais uma tragada rápida e esmagou o cigarro em um latão de lixo repleto de garrafas de refrigerante vazias, fraldas encharcadas de urina e outras porcarias que as pessoas acumulavam na traseira do carro quando viajavam.

Henry abriu o distintivo e mostrou-o a Big Charlie.

— Você viu um Jaguar prateado? — perguntou.

— Vi — respondeu Big Charlie. O tanque da Kombi estava cheio e ele puxou a pistola da mangueira, tornou a pendurá-la na bomba e deu um tapinha amigável no para-brisa da Kombi enquanto esta se afastava. — Belo carro. Passou ontem à noite. Enchi o tanque com gasolina aditivada.

— Você se lembra de quem estava dirigindo? — perguntou Henry.

— Uma mulher. Já falei isso para o cara que telefonou, eu me lembro mais é do carro mesmo.

— Posso mostrar uma fotografia? — perguntou Henry, estendendo uma foto do rosto de Gretchen.

Big Charlie inclinou a cabeça para o alto para poder ver a foto por sob a aba do boné.

— De repente era ela. — Ergueu os olhos para Susan. — De repente era você. O que ela fez?

— Ela é Gretchen Lowell — disse Susan.

Big Charlie recebeu a notícia com olhar inexpressivo.

— A Beleza Mortal — disse Susan.

A mulher no Honda Element tocou a buzina novamente. Big Charlie não se moveu. E não se apressou.

— Eu sou mais o John Wayne Gacy² — disse. Deu uma olhada em Susan. — Você devia pôr gelo nisso.

[2](#) *Serial killer* americano conhecido como Palhaço Assassino. (N. da T.)

Era mais fácil do que ele imaginava que seria. Talvez porque seu corpo estivesse acostumado. Talvez porque sua mente estivesse pronta para desistir. Ele já havia tomado dois frascos de comprimidos. Fizera-o metodicamente. Três comprimidos por vez. Cada dose regada com três goles de uísque. Depois de algum tempo, adquire-se um ritmo. E ele começara a gostar do sabor do uísque. Seu calor contentava-o como água em uma banheira. Desejou tê-lo apreciado mais enquanto estava vivo. Esse pensamento o fez sorrir. Provavelmente não teria podido bancar um uísque tão bom com seu salário.

— Por favor — disse Gretchen. — Para.

Os comprimidos restantes se achavam sobre o balcão. Archie os enfileirou como vagões de um trenzinho. Então os ergueu, um por um. Quando havia tomado todos os comprimidos, virou-se para Gretchen.

Ela ficou parada, encarando-o, os lábios separados, a cabeça ligeiramente inclinada. Seus olhos pareciam enormes, as córneas vermelhas de chorar. Ela parecia confusa, como uma criança que não entendia por que estava sendo punida. Seu desespero quase o fez sentir-se triste por ela.

— Desculpe — disse ele. — Questões de compromisso.

— Tira as algemas — disse ela.

Ele balançou a cabeça.

O rosto inteiro de Gretchen estava vermelho agora, lágrimas escorrendo por ambas as faces.

— Vou contar tudo para eles.

— Não, não vai — disse Archie. — Não sei por quê. — Ele esfregou os olhos, que ficavam mais pesados a cada minuto. — Mas você não vai.

— Vou contar tudo para eles — disse Gretchen, mais alto. — Isso vai arruinar sua carreira, seu casamento, sua família, o seu legado. Me solta.

— Você não pode ficar livre — disse Archie diretamente. — Vai machucar as pessoas.

— Não vou. Eu tenho controle sobre isso. Eu tenho.

Archie aproximou-se de Gretchen. Ela se aprumou, esperançosa, ajeitando os cabelos atrás da orelha e limpando a maquiagem manchada sob os olhos. Ele puxou o pedaço de papel dobrado do bolso, desdobrou-o e o estendeu junto com uma caneta.

As sobranceiras dela franziram.

— É uma confissão declarando que você matou a Heather Gerber — disse Archie. — Assina.

Ela pegou o papel e a caneta, sentou-se no chão e, usando o chão como apoio para escrever, assinou o papel e o estendeu. Ele o pegou, junto com a caneta, e dirigiu-se de novo ao bar.

— A chave — disse ela, chocalhando as algemas. — O incêndio — lembrou.

— Não — disse Archie.

— Não era esse o trato.

Archie tateou atrás do bar até achar outra garrafa de uísque, girou e afundou no chão, as costas apoiadas no bar. Abriu a garrafa e levou-a à boca. Não ia demorar muito.

Seu coração batia muito devagar de novo. Ele desabotoou a camisa e pôs a mão no peito para ver se conseguia sentir o ritmo sob a pele.

— Você vai ter que fazer um novo acordo. Dar a eles mais alguma coisa. Ou pode ter certeza que vai ser injeção letal...

— Traz a minha bolsa — disse ela.

Uma agradável escuridão o rodeava. O ar parecia manchado de tinta. Sob a cicatriz que ela gravara nele, seu coração lutava para continuar bombeando.

— Estou me sentindo esquisito — disse ele. As palavras soaram um tanto indistintas.

A 5 metros de distância, Gretchen despencou no chão, o braço suspenso, algemado ao corrimão. Até ali, até naquela situação, ele sentia desejo por ela.

Ele tentou se levantar e desmoronou sobre os joelhos, dominado por uma onda de vertigem. Ela estendeu o braço livre na direção dele, esticando os

dedos no ar. E ele engatinhou até ela, primeiro apoiado nas mãos e nos joelhos, e depois, quando sua pele ficou gelada e os músculos falharam, arrastou-se sobre os cotovelos.

Desmoronou quando a alcançou e ela colocou a cabeça dele em seu colo.

— Seu idiota de merda — disse ela.

— Eu sei — disse Archie.

Gretchen Lowell cruza as pernas e se inclina para a frente na cadeira listrada.

— Então, como é que é isso? — pergunta Archie. Sente-se deslocado na casa de Gretchen. Concordou com as sessões individuais que ela oferecera mais para ser educado. Não esperava que fossem na casa dela. Parecia um tanto impróprio.

Os olhos azuis dela se arregalam.

— Você nunca fez terapia antes? — pergunta ela.

Ele conhece Gretchen Lowell há apenas algumas semanas, desde que ela apareceu na sede da força-tarefa para oferecer sua ajuda na captura da Beleza Mortal. Ela o faz sentir-se constrangido. Permanecera sentado em seu carro por dez minutos antes de tomar coragem para entrar.

— Só a sessão de grupo que você conduziu — diz ele.

Ela sorri. Está usando saia e entrelaça os dedos em torno de um dos joelhos; a saia revela alguns centímetros da coxa.

— Bom, é fácil — diz ela. — Você me diz o que tem em mente. E nós conversamos a respeito.

Archie desloca-se inquieto na cadeira, a arma pressionando-lhe o quadril. Ele realmente tem uma coisa em mente. Algo que não contou nem mesmo a Henry.

— Estou pensando em pedir transferência — diz. — Eu gostaria de passar mais tempo com minha família. — É bom finalmente dizer isso. Dá poder à intenção. Como se ele realmente pudesse fazer isso dessa vez. Ergue os olhos na direção de Gretchen. Ela é mulher. Ele espera que ela o encoraje a escolher os filhos em lugar do trabalho. É uma das razões para ter ido até lá.

Mas ela não o faz.

— Dificulta o seu casamento? — pergunta ela. — Trabalhar tanto?
Archie avalia a pergunta. Ele sabe a resposta. Só não tem certeza do quanto quer revelar.

— Minha mulher gostaria que eu tivesse outro trabalho — responde.
Gretchen inclina-se para a frente mais um pouco. A saia sobe alguns centímetros.

— Mas você é tão bom no que faz — diz ela.

Archie ri.

— Eu tenho uma tarefa. Capturar a Beleza Mortal. O que eu não fiz.

— Acho que você está perto disso — diz ela. Estende o braço e coloca uma das mãos no braço da cadeira de Archie. Ela não o toca. Apenas à cadeira. — Não desiste agora — diz. — Você precisa se concentrar no caso.

Archie balança a cabeça.

— Preciso ficar mais em casa — diz ele. — Não quero acabar como aquelas pessoas que perdem o aniversário dos filhos. — Ele já perdera muito do crescimento deles. Era fácil justificar o trabalho até tarde da noite quando podia se convencer de que vidas dependiam disso.

— Há quanto tempo você e sua mulher estão juntos? — pergunta Gretchen.

— Desde a faculdade — responde ele.

— Com quantas mulheres você transou? — pergunta Gretchen.

Archie sente o rosto corar. Olha pela janela, para um grupo de cerejeiras plantadas no quintal.

— Só com ela — responde.

— Verdade?

Ele limpa a garganta.

— Eu tinha uma namorada no colégio que queria esperar até estar casada. Eu respeitava isso. Então conheci Debbie na faculdade. E foi isso.

— E você nunca traiu ela? — pergunta Gretchen.

— Não.

— Isso é pouco comum — diz Gretchen.

— É? — pergunta Archie.

— Ter estado só com uma pessoa a vida inteira?

Archie dá de ombros.

— Eu amo minha mulher.

— O sexo é bom? — pergunta Gretchen.

Archie sente calor. Ergue a mão e esfrega a nuca. O único som no aposento é o tique-taque do relógio de pêndulo de Gretchen.

— Eu me sinto muito estranho conversando sobre isso com você — diz ele. Gretchen assente com a cabeça em sinal de entendimento.

— Para que isso funcione — diz ela —, você precisa ser honesto comigo.

— Tudo bem — diz Archie, desviando o olhar. — O sexo é bom.

— Como você sabe? — pergunta Gretchen.

Archie sorri. Touché.

— Eu sei — responde.

Gretchen toca a cadeira novamente.

— Não tem problema fantasiar com outras pessoas — diz ela. — Não é traição. — A mão de Gretchen pousa sobre o braço da cadeira de Archie. Seus dedos são finos, de alabastro, sem ossos. As unhas estão feitas. — Você se sente atraído por outras mulheres.

Archie estende os dedos, impotente.

— Sou homem — diz.

— Você tem atração por mim? — pergunta ela. Faz uma pausa, longa o bastante para que ele comece a falar desajeitadamente, então se recosta na cadeira e sorri.

— É uma pergunta acadêmica. É útil saber do ponto de vista terapêutico.

Archie procura alguma coisa para dizer, algo verdadeiro, mas não verdadeiro demais. Sua boca de repente fica seca. O relógio insiste no tique-taque. Ele se decide por:

— Acho você muito bonita.

O rosto dela se ilumina e ela ri. Um riso agradável, uma brincadeira compartilhada.

— Deixei você constrangido — diz ela.

— Deixou — diz ele.

— Só estou perguntando sobre sua vida sexual porque o sexo é um grande alívio para o estresse. E sei que você está sob um estresse considerável.

— Eu não gosto de ter relações com a Debbie depois de ter estado em uma cena de crime — diz Archie. — Não consigo tirar as imagens da cabeça. Parece errado.

— As imagens ficam com você? — pergunta Gretchen.

Archie ergue a mão até a testa, como se fosse capaz de remover manualmente as imagens.

— Ficam.

Ele sente a força total da atenção dela.

— Algumas mais do que outras? — pergunta ela.

— Heather Gerber — responde ele. — A primeira vítima que encontramos. No parque. Ela não foi a pior, em termos de tortura. Mas o rosto. Os olhos estavam abertos. E ela olhou para mim. Parece loucura, não?

— As imagens o mantêm acordado à noite?

O celular vibra em seu bolso. Ele o apanha e abre. É uma mensagem de texto de Henry. Outra pista.

— Merda — diz, sem conseguir se conter. Ergue os olhos na direção de Gretchen, subitamente constrangido pela linguagem que usou. — Desculpa. É o Henry, preciso ir.

Levanta-se, ajustando a arma no quadril. Ela também se levanta, aproxima-se e coloca a mão em seu braço, logo acima do cotovelo.

— Quero ver você novamente — diz. — Acho que posso ajudar.

Ela cheira a lírios.

Archie não se move. Não quer renunciar à pressão de seu toque. Sente uma estranha ligação com o local, com ela. É ridículo. Ele mal a conhece. Ela é bonita, lhe dá atenção e ele está reagindo como um garoto de 17 anos.

Decide não marcar outra sessão de imediato. Vai esperar alguns dias. Para não parecer muito desesperado.

O tique-taque cessa. Ele ergue os olhos para o relógio de pêndulo. Está silencioso, os ponteiros parados, marcando 3h30.

Ele limpa a garganta.

— Seu relógio acabou de parar — diz.

Ela deixa cair a mão que estava pousada em seu braço e olha para trás, na direção do relógio.

— Que estranho — diz.

Ele dá um passo para sair e ela se vira atrás dele, a silhueta iluminada pela luz da janela, uma visão de beleza. Nada havia de errado em reparar nisso, diz Archie a si mesmo. Era apenas uma observação.

— Caso esteja com dificuldade para dormir — diz ela —, posso dar uma amostra de uma coisa que pode ajudar.

Ele sorri. Talvez não espere alguns dias para a próxima consulta. Talvez torne a ligar mais tarde. Apenas para ouvir a voz dela.

— Obrigado — diz. — Mas não gosto de tomar comprimidos.

Henry ligou a sirene por algum tempo, mas não adiantou — não havia onde parar no acostamento. Eles estavam presos no trânsito. A rodovia incrustava-se na montanha, e abetos-de-douglas de mais de 30 metros de altura formavam uma sebe de ambos os lados. Por vezes o céu mal se fazia visível. As faixas de ultrapassagem eram apenas ocasionais e ao longo de curtos trechos. Henry ligou a sirene novamente e passou disparado por 13 carros. Ainda assim, eles desciam a montanha muito lentamente. O lado positivo era que seguiam tão devagar que Susan não sentia mais enjoo. Big Charlie lhe dera um pouco de gelo para o rosto, e ela sentia-se bastante bem.

— Tira os pés do painel — disse Henry.

— Desculpa — disse Susan, enfiando os pés descalços sob o corpo. Esperava que Henry não visse as marcas dos dedos dos pés que deixara no parabrisa. — Ainda não sei por que não posso procurar por ela.

— Enviei um comunicado à Rodovia 20, à 22 e ao leste do Oregon. Você ouviu o que o cara disse. Pode ter sido ela. Pode não ter sido.

— Como um carro de polícia pode não ter ar-condicionado? — perguntou Susan. Havia comprado uma garrafa de água no posto de gasolina e desde então vinha lentamente descascando o rótulo. Naquele instante, arrancou outro pedacinho de papel e o fez girar entre os dedos.

— Está quebrado — disse Henry.

Susan virou-se para o banco de trás para ver se havia uma revista ou outra coisa qualquer com a qual pudesse se abanar. O banco de trás de seu carro era repleto de revistas. Mas o de Henry estava vazio. A não ser por uma caixa de papelão. Ela reconheceu a caligrafia na lateral.

— Essas são as minhas anotações sobre o Castle — disse Susan.

— São — disse Henry. — Eu meio que peguei emprestado.

— Eu emprestei para o Archie — disse Susan. Ela se contorceu para poder abrir a caixa. — É melhor que você não tenha tirado as coisas de ordem.

— Eu não mexi em nada — disse Henry.

Susan extraiu o caderno que estava no topo da caixa com uma das mãos, usando a outra para manter o saco de gelo contra o rosto.

— Você escreveu no caderno? — perguntou ela. O caderno estava aberto e havia um nome circulado. John Bannon.

— Eu nem abri a caixa — respondeu Henry.

O que queria dizer que Archie o fizera.

— O nome John Bannon significa alguma coisa para você? — perguntou Susan.

Henry fez o carro avançar mais alguns metros.

— Era o antigo parceiro de Buddy Anderson — disse ele. — Na época em que Buddy liderava a força-tarefa.

— Molly contou que ele era o contato dela — disse Susan. — Era o cara para quem ela ligava quando precisava de mais dinheiro. Era o lacaio do Castle.

— Bannon está morto há dez anos — disse Henry. O sujeito no carro atrás deles pôs ZZ Top a todo volume. Ele possuía um bom equipamento de som e o Crown Vic pulsava com a batida do baixo.

Outro beco sem saída.

O fã do ZZ Top aumentou o volume.

— Pelo amor de Deus — disse Henry, levando o dedão e o indicador à ponte do nariz.

— Heather Gerber — disse Susan de repente.

Henry abaixou a mão.

— O quê?

— Isso tudo tem a ver com Heather Gerber — disse Susan. — O Archie disse que a gente nunca esquece as primeiras vezes. O primeiro cigarro. O primeiro cadáver na mata. Eu achei que ele estivesse se referindo aos dois corpos que a gente achou aquela noite em Forest Park. — Susan encolheu-se diante do próprio narcisismo. — Os *meus* primeiros corpos na mata. Mas ele estava falando do primeiro corpo *dele*. O primeiro caso importante dele. Heather Gerber.

— Ok — disse Henry.

— Então talvez nós devêssemos estar procurando por ela — disse Susan. Ela rasgou outro pedaço do rótulo e o deixou cair no chão. — Se você estivesse procurando por alguém, qual seria a primeira coisa que faria?

— Pega isso — disse Henry.

Susan inclinou-se e recolheu do chão o pedaço de rótulo.

— Desculpa — disse.

— Rastrear o telefone da pessoa — disse Henry. — Essa seria a primeira coisa que eu faria.

— Você pode fazer isso, certo? — perguntou Susan. — Triangular uma posição geral usando os *pings* das torres de celulares? — O gelo estava derretendo, e começava a escorrer água gelada por seu braço.

Henry lançou-lhe um olhar surpreso.

— Olha só... — disse.

— Escrevi uma matéria sobre os excursionistas que se perderam na floresta no ano passado — disse Susan. O tempo estava ruim e a busca foi suspensa. Os corpos foram achados na manhã seguinte.

— Podemos fazer melhor do que isso. Telefones mais novos têm sinais de GPS embutido. Podemos conseguir uma localização no espaço de 50 a 100 metros.

— Tem que ser uma conta nova — disse Susan. — Que ele deve ter aberto no nome dela nos últimos dias.

— Você acha que o Archie tem um telefone no nome da Heather Gerber? Se ele tem outro celular, por que simplesmente não liga para nós?

— Não sei.

Henry abriu seu celular e apertou a tecla de discagem rápida.

— Quero ver se podemos encontrar um celular registrado no nome de Heather Anne Gerber — disse ao telefone. Houve uma pausa. — A operadora de Archie é a Verizon — disse Henry. — Comece por ela.

Henry tamborilava com os dedos no volante quente. Susan colocara novamente os pés sobre o painel, mas Henry estava deixando passar. Eles haviam percorrido apenas a distância de um carro quando o celular de Henry tocou. Ele atendeu.

Acima deles, uns 100 metros à direita, a parede de um penhasco estava escorada por uma tela de arame. Uma placa amarela advertia, DESLIZAMENTO.

— Encontrei — disse a voz de Claire. — Heather Anne Gerber. O Archie adicionou o telefone ao plano familiar. Disse que ela era a filha dele.

— Me dá o número — disse Henry, arrancando um Post-it do bloco fixado ao painel. — Rastreia o aparelho e me liga de volta.

Claire recitou os dez dígitos e Henry os anotou.

— Então? — inquiriu Susan quando ele desligou. Com a bolsa de gelo gotejante no rosto, Henry mal conseguiu entender o que ela perguntou.

Ele não respondeu. Em vez disso, discou o número do telefone que Archie registrara no nome da menina morta.

O telefone caiu direto na caixa postal.

— Sou eu — disse a voz gravada de Archie. — Vem rápido. — A caixa postal apitou.

— Puta que me pariu — disse Henry. — É melhor que você tenha uma porra de uma desculpa épica pra isso tudo. — Sua voz aumentou de volume e ele engoliu com dificuldade, virando a cabeça para esconder de Susan sua emoção. — Estou a caminho.

Ele desligou e virou-se para Susan.

— É ele — disse.

Seu celular tocou e ele colou-o ao ouvido antes mesmo que tocasse de novo.

— Tem uma estrada madeireira no Km 150 da Rodovia 20, perto de Metolius River. Estamos recebendo um sinal 3 quilômetros estrada acima. Flannigan verificou e só tem uma casa por lá.

Eles haviam acabado de passar pelo Km 61. Susan estava certa. Havia sido Gretchen. E Henry dirigira-se exatamente para o lado oposto. Mas ele não tinha tempo para se lamuriar.

— Ok — disse. — Estou indo para lá. Mande todo mundo que você puder para aquela casa.

— Você sabe que tem um incêndio lá em cima, não sabe? — perguntou Claire.

Henry ligou a sirene, guinou para a faixa de ultrapassagem que se aproximava e girou 180 graus. Adiante, uma coluna de fumaça cor de carne erguia-se ameaçadora no horizonte.

— Sei — disse ele.

Henry não havia dito dez palavras desde que saíra do telefone com Claire. Segurava o volante com tanta força que os nós de seus dedos estavam brancos. Fazia as curvas rápido, os óculos de avião refletindo a estrada. Não havia mais tráfego para bloqueá-los agora. Eles passaram o posto de Big Charlie e seguiram adiante, serpenteando através dos abetos, a sirene gemendo.

As árvores estavam ficando mais altas, o céu, um rio mirrado sobre suas cabeças. Sombras escuras manchavam a estrada. O gelo havia derretido.

Eles saíram de uma curva e viram um bloqueio do Serviço Florestal mais à frente. Foi o primeiro vislumbre que Susan teve do fogo. Uma parede de chamas alaranjadas formava uma linha ao longo da parte posterior de uma das fendas, da largura de uma árvore, que se erguiam adiante. Uma fumaça bege bloqueava completamente o céu a leste.

— Jesus — disse ela.

Henry aproximou-se do bloqueio. A pista que ia para oeste ainda estava aberta para deixar passar os fugitivos do fogo, mas a pista para o leste estava bloqueada por cavaletes. Uma enorme placa informava: **ESTRADA FECHADA DEVIDO A INCÊNDIO.**

Um guarda florestal usando rabo de cavalo aproximou-se do carro. Ele usava o chapéu de abas largas padrão e uma bandana molhada amarrada ao

redor do nariz e da boca.

— Você precisa voltar — ele disse a Henry, gesticulando em direção à base da montanha.

Henry apontou para a sirene no capô.

— Polícia de Portland — disse.

— Você veio prender o fogo? — perguntou o guarda.

— Preciso chegar a uma estrada madeireira perto de Metolius — disse Henry.

O guarda balançou a cabeça.

— O incêndio está perto demais da estrada. Está fechada. Você pode dar a volta.

— Não posso — respondeu Henry. — Preciso passar agora. Acho que Gretchen Lowell está lá em cima. Com Archie Sheridan.

O guarda ergueu o queixo e inspecionou a encosta em chamas. Por um segundo, Susan se perguntou se Henry não poderia simplesmente furar o bloqueio.

Mas ele não precisou fazer isso.

— Se o fogo alcançar o carro de vocês — disse o guarda —, fiquem dentro do veículo. Deitem no chão e cubram a cabeça e o rosto. Não respirem muito fundo e só pelo nariz. Se tiverem que sair do carro, não fujam do fogo subindo a encosta.

Susan inclinou-se para a frente, para perguntar por trás de Henry:

— Por quê?

O guarda retirou a bandana e secou a nuca com ela.

— Porque o calor sobe — respondeu —, e o fogo corre mais rápido que vocês.

Ele gesticulou na direção de outro guarda, para que este removesse os cavaletes de forma a permitir a passagem do Crown Vic.

— Agora vão — disse ele. — Se o fogo atravessar a estrada, fujam correndo.

Henry olhou para Susan. Ela sabia o que ele estava pensando.

— Não — disse ela, cruzando os braços e olhando direto para a frente. — Eu vou.

Havia flores silvestres ao longo da estrada; grandes campos rosa e violeta acarpetavam o lado norte, onde as rochas brotavam a um ângulo de 120 graus. Susan havia calçado suas botas e mantinha os pés no chão, e inclinava-se para a frente a fim de observar a fumaça, uma nuvem tão imensa que parecia uma montanha. A estrada estava assustadoramente tranquila. Eles haviam percorrido vários quilômetros e passado apenas por alguns caminhões amarelos do Serviço Florestal. Henry havia acendido os faróis e ligado a sirene, e ninguém nos caminhões olhara para eles uma segunda vez. Eles tinham outras coisas em mente. Os abetos cediam vez aos pinheiros. Pouco além da colina seguinte, Susan viu dois aviões despejando um retardador de fogo vermelho. O retardador vermelho parecia sangue vazando da barriga aberta dos aviões.

Uma corça jazia morta ao lado da estrada.

Uma placa perfurada de balas marcava PARQUE DE INVERNO.

A fumaça agora era tanta que Henry ligou os faróis.

Susan olhou de relance para seu celular. Ao longo dos últimos quilômetros, ainda havia algum sinal. Agora não apresentava sinal nenhum.

— Estou sem sinal — disse ela.

— Eu também — disse Henry.

Susan sentiu um aperto no estômago que se parecia um bocado com medo.

Começou a chover. Henry ligou os limpadores de para-brisa e as gotas de chuva sujaram o vidro. Não era chuva.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Já contei a história de como acabei casado com uma princesa *lummi* indígena? — perguntou Henry.

— Não é chuva — disse ela.

Henry acelerou.

— É cinza — disse ele.

Susan fechou rápido a janela, empenhando todo o seu braço na tarefa. A cinza caía do céu como neve, cobrindo o carro e a estrada com um fino pó acinzentado.

A estrada se curvou e abriu quando eles deixaram para trás o aclive. E iniciou sua descida, penetrando na floresta até onde a vista alcançava. Metade da mata estava em chamas, o céu alaranjado do fogo, um crepúsculo estranho e psicodélico.

— Quanto falta? — perguntou Susan. Seus olhos ardiam da fumaça, que se tornava cada vez mais espessa. Henry precisou diminuir para continuar na estrada.

— Oito quilômetros — respondeu Henry.

O fogo havia destruído a floresta ao sul da rodovia. O solo estendia-se enegrecido, os pinheiros transformados em hastes brancas, os galhos retorcidos e desnudos. A floresta ao norte, onde o fogo não havia atravessado a estrada, erguia-se intacta, com altos pinheiros e carvalhos, os prados de um verde-amarelo fantástico. E então, aqui e acolá, uma única árvore ardia como uma tocha.

— O fogo está atravessando a estrada — disse Susan. Estava ficando difícil respirar e Susan fechou as saídas de ar no painel, mas de nada adiantou.

— Eu sei — disse Henry.

Susan tossiu e levou a mão à boca, tentando filtrar a cinza com os dedos.

— O guarda disse que se o fogo atravessasse a estrada nós devíamos voltar — disse ela. Respire pelo nariz, o guarda também dissera. Mas seu nariz estava lotado de algodão.

— Tarde demais — disse Henry. Ele apontou para trás e Susan virou-se e viu que ambos os lados da estrada pegavam fogo a essa altura.

Houve uma explosão e Susan segurou-se, as mãos no painel, achando que um pneu talvez tivesse estourado. Mas o carro continuou na estrada. Sentiu-se desorientada por um momento e virou-se para Henry, buscando uma explicação, mas ele inclinava-se sobre o volante, tentando enxergar através da fumaça. Então ela entendeu: eram as árvores. As árvores estavam explodindo.

— Merda — Susan ouviu Henry dizer. E ergueu os olhos bem a tempo de ver um alce, completamente imóvel, no meio do caminho.

Henry pisou no freio com força e o carro girou.

Susan fechou os olhos à medida que a inércia do veículo a pressionava contra a porta do passageiro. Ouviu o som de metal se retorcendo quando o carro bateu no anteparo da estrada, e abriu os olhos apenas o bastante para ver centelhas alaranjadas voando quando o carro o rompeu. Eles mergulharam encosta abaixo e capotaram, e ela viu-se de ponta cabeça, as mãos pressionando o teto do automóvel. Fechou os olhos novamente. O som do teto de metal deslizando encosta abaixo, esmagando os esqueletos carbonizados das árvores era alto, como um animal uivando, e ela pensou em Parker, caindo da ponte.

Em como o tempo desacelera nos acidentes de carro, e ele devia ter tido tempo para pensar, perceber o que estava havendo, assim como ela naquele momento.

E então tudo ficou em silêncio.

Ela ainda estava viva.

Fez um inventário mental das partes de seu corpo. Pés. Pernas. Braços. Mãos. Ainda estava inteira. Abriu os olhos. A poeira formava redemoinhos no interior do carro, ferindo seus olhos e obrigando-a a tossir.

— Você está bem? — perguntou Henry.

— Acho que sim — disse Susan. — Nós batemos nele? — Não sabia por que estava tão preocupada com o alce.

— Você consegue sair? — perguntou Henry.

Ela lutou para sair do carro, soltando o cinto de segurança, caindo sobre os ombros e em seguida de lado, em posição fetal. O carro estava cheio de vidro e terra, e seu ombro doía em consequência do impacto, mas ela forçou-se a continuar em movimento. O para-brisa estava quebrado e ela se esgueirou para fora, sobre o solo enegrecido. Ainda estava quente, o carvão parecendo torrada queimada em sua boca.

Ela arrastou-se para longe do automóvel, tentando se afastar da tempestade de terra e fuligem que o choque provocara. O carro havia parado diante de uma árvore carbonizada. Rodara por completo e estava virado para a estrada, o porta-malas apoiado na árvore, o capô acompanhando a inclinação da ladeira. As rodas ainda giravam. Susan sacudiu do cabelo os galhos e cacos de vidro do para-brisa e se levantou, mas um acesso de vertigem forçou-a a agachar-se novamente, tossindo.

O nariz. Ela tocou o rosto. A atadura ainda estava no lugar. Seu rosto doía. Mas não mais que o normal.

Olhou para o alto. Eles estavam a 10 metros da estrada, vendo o lago de cima. Ela piscou contra a fumaça ofuscante. Além do lago, as encostas que o cercavam achavam-se devastadas, restos carbonizados de árvores; parecia o fim do mundo.

Ela ouviu Henry soltar-se com um ruído surdo, e em um minuto ele havia atravessado o para-brisa.

— O rádio está quebrado — disse ele. Dirigiu-se à traseira do carro. — Merda — praguejou. — O porta-malas está emperrado.

Susan desceu a ladeira quase deslizando para juntar-se a ele. O porta-malas do Crown Vic envolvera o tronco.

— Você acha? — perguntou ela.

— O kit de emergência está aí dentro — murmurou Henry. — O sinalizador, a lanterna, tudo. — Ele esfregou a testa por um minuto. — Ok — disse. — Vamos ter que sair daqui andando. — Ele começou a subir a encosta enegrecida.

— Vem — disse ele, se virando.

Susan não se mexeu.

— O guarda florestal disse para ficarmos no carro.

— O carro está de cabeça para baixo — disse Henry.

Susan cruzou os braços.

— Eu vou ficar aqui.

— Não vou deixar você sozinha — disse Henry, estendendo a mão.

— Não, sério — disse Susan. — Está tudo bem. Me deixa aqui.

— Vamos, Susan. Vai escurecer logo. Nós temos mais chance na estrada.

Susan o encarou mais um minuto, então se virou para o carro, pôs-se de quatro e enfiou metade do corpo pela janela do passageiro.

— Susan — gemeu Henry.

Ela viu o que estava procurando no banco de trás e recolheu o objeto.

— Estou pegando a minha bolsa — disse. Recuou para fora do carro e ficou de pé, parando para remover o vidro do joelho do jeans.

Henry estendeu novamente a mão e ela a agarrou.

— Nunca mais volto para o meio do mato — disse enquanto ele a arrastava encosta acima.

O alce se fora.

— Provavelmente não o acertamos — disse Susan.

— Estou cagando para o alce — disse Henry.

— Então por que você desviou? — perguntou Susan.

— Eu queria proteger o carro — respondeu Henry.

Susan ergueu uma sobrancelha e olhou ladeira abaixo, para o Crown Vic destruído.

— Ah — fez ela.

Alguma coisa chamou sua atenção do outro lado da estrada, e ela correu até lá e pegou-a.

— Ei, olha — disse, feliz. — Minha garrafa de água.

— Excelente — disse Henry.

— Quero ver o seu sarcasmo quando você estiver morrendo de sede — disse Susan, limpando a crosta de sujeira da garrafa. Retirou do bolso dois Advil e os engoliu com um gole de água da garrafa.

— Nós não vamos morrer de sede — disse Henry. Ele apontou para o marco de quilometragem adiante, que sinalizava: Km 144.

— Estamos quase lá. Temos que andar só 6 quilômetros.

— A pé? — perguntou Susan, baixando os olhos para as botas pesadas. Sua garganta doía, e a sufocante neblina cor-de-rosa não parecia estar diminuindo.

— Quando chegarmos lá, toda a cavalaria já vai ter chegado. Se já não estiverem lá.

— Então me conta a história — disse Susan.

— Que história? — perguntou Henry.

— De como você acabou casado com uma princesa *lummi* indígena.

Eles haviam saído da zona de fogo e penetrado na floresta verde de pinheiros. Uma faixa calcinada na estrada indicava a linha divisória. De um lado, ruínas queimadas, do outro, folhas de pinheiros e pinhas, flores púrpura e prados. O ar continuava pesado da fumaça, e o único som era o ocasional ruído de motor de um avião ou helicóptero do Serviço Florestal sobre suas cabeças. Nenhum carro de polícia. Nenhuma sirene.

Susan percebeu que a pele, o cabelo e as roupas de Henry estavam cobertos de cinza. Limpou o próprio rosto e a mão voltou manchada de sujeira.

A noite caía rápido nas montanhas. O sol poente parecia um poste de luz obscurecido pela neblina laranja. Metade do céu achava-se incrustada de estrelas, a outra metade, vazia, as estrelas escondidas por fuligem e partículas suspensas. Eles não dispunham de muito tempo. A pé, sem lanterna, em uma hora estariam cegos.

Os olhos de Susan estavam irritados com a fumaça e ela os esfregou, o que só fez piorar. Ela olhou para as mãos. Estavam cobertas de cinzas. Esfregou-as no jeans.

— Deve ser aqui — disse Henry, parando perto do marco que indicava o Km 150, onde uma estrada de terra serpenteava ao longo da encosta coberta de árvores.

Henry abriu o celular, um brilho azul pálido no crepúsculo violeta.

— Ainda sem serviço — disse. — A torre deve ter caído.

Susan espreitou a estrada. A fumaça tornava tudo aveludado e silencioso.

— Cadê a cavalaria? — perguntou.

Henry sacou a arma do coldre no ombro e olhou para os dois lados da rodovia, e então para a estrada de terra.

— Eles ainda não chegaram.

— Por quê? — perguntou Susan. Fazia uma hora que haviam ligado para Claire. Alguma coisa estava errada. Eles já deviam estar ali.

— O incêndio — disse Henry. — Os policiais de Sisters devem estar evacuando a cidade. O aeroporto talvez esteja fechado e os outros não conseguem passar. Sei lá. Você devia esperar aqui. Uma equipe de bombeiros vai acabar passando.

Susan balançou a cabeça.

— Não, não vai. A gente teria visto alguma a essa altura. Eles estão combatendo o fogo em algum outro lugar. Você não vai me deixar aqui sozinha.

— O fogo está indo para o norte — disse Henry.

Susan levantou os olhos para o céu.

— E se o vento mudar?

Henry girou a cabeça em ambas as direções na rodovia abandonada, então se virou e começou a subir a estrada de terra, a arma colada à coxa.

— Muito bem.

Susan pôs-se a caminhar atrás dele.

— Ok — disse.

Eles levaram meia hora para chegar até a casa. Não era difícil de achar para quem estivesse procurando. Era a única casa na estrada comprida e escura. Viram primeiro a caixa de correio. Então as luzes escondidas pelas árvores.

A casa não era muito antiga. Seguia o estilo das pousadas do noroeste, com os cômodos em madeira e uma fachada de pedra ao redor de uma grande porta dupla na entrada. O Jaguar prateado estava estacionado em frente.

— Fica aqui — disse Henry, erguendo a arma e indo em direção à casa.

Susan lutou para continuar atrás dele, as pinhas e gravetos estalando sob seus pés.

— Ah, pelo amor de Deus — disse ele, virando-se.

— Não vou ficar aqui fora sozinha — disse Susan. O céu a oeste tornara-se púrpura.

Henry a segurou por ambos os ombros.

— Preciso que você fique aqui fora para buscar ajuda, caso Archie esteja lá dentro e alguma coisa me aconteça.

Ela não sabia como faria aquilo. Andaria até Sisters? Faria sinal para um helicóptero? Mas a expressão séria no rosto de Henry a fez concordar com a

cabeça.

Henry ergueu a arma novamente e rumou em direção à casa, agachando-se ao passar pelas janelas da frente. Alcançou a varanda e deslocou-se em direção à porta.

— Você precisa de um mandado? — perguntou Susan em um sussurro.

Henry não pareceu ouvi-la. Abriu a porta e entrou na casa. Susan ficou só.

Alguns minutos se passaram. Um esquilo correu para o alto da árvore ao lado de Susan. Chegou ao topo em quatro saltos, e então parou.

A porta da casa permaneceu aberta.

Susan procurou no chão ao seu redor e recolheu o galho mais afiado que conseguiu encontrar. Em uma das mãos, levava o galho, na outra, a garrafa de água. Ela poderia ficar ali fora sozinha, ou entrar e ver o que estava acontecendo. Ambas as escolhas eram perigosas. Mas, se entrasse, ao menos não ficaria sozinha. Parker entraria. Parker não pensaria duas vezes.

Que se foda. Jogou fora a garrafa de água e seguiu Henry rumo à casa.

Havia música no interior. Susan mal conseguia ouvi-la por sobre as batidas do seu próprio coração. Um concerto clássico fluía baixinho da sala principal no fim do corredor.

Por um segundo, Susan permitiu-se acreditar que aquela talvez fosse a casa errada. Que talvez Archie não estivesse ali.

Deslizou ao longo da parede, poucos passos a cada vez, o galho empunhado à frente como uma espada. O galho era sujo e retorcido, e ela o agarrava com tanta força que sentiu medo de que ele se partisse em suas mãos.

Henry estava de pé, no final do corredor, completamente imóvel.

— O que você fez com ele? — Susan ouviu Henry perguntar.

Continuou pegada à parede, puxada por uma compulsão além de seu controle. Sequer teve consciência de estar avançando, até se perceber no início do corredor.

Uma enorme lareira surgiu à sua frente, as brasas de um fogo agonizante tremelicando em seu interior. Então Susan percebeu que não eram as brasas que tremelicavam, era o incêndio na floresta. Em ambos os lados do console de pedra da lareira, que se estendia do chão ao teto, havia janelas panorâmicas, e Susan viu a ponta das chamas vermelhas se aproximando na escuridão, uma visão de sinistro esplendor. Estavam a 1,5 quilômetro de distância, no máximo.

Susan não conseguia respirar.

Ao lado dela, Henry estava parado com a arma apontada para Gretchen Lowell. Susan não conseguia obter oxigênio o bastante nem se se concentrar. Gretchen usava pantalonas e blusa de seda branca, e seu cabelo estava preso em um coque semidesfeito, as mechas louras caindo sobre a face. Archie estava morto, a cabeça pousada no colo dela. Susan tentou respirar, mas o nariz coberto de gaze fê-la sentir como se alguém lhe cobrisse o rosto com uma das mãos. A blusa branca de Gretchen achava-se pontilhada de respingos do sangue de Archie.

Susan ofegou, produzindo um chiado úmido, como se alguém estivesse morrendo.

— Susan, sai daqui — ela ouviu Henry dizer. Os olhos de Henry continuavam fixos em Gretchen. — Se afasta dele — gritou para Gretchen.

Susan viu Gretchen erguer um dos braços, exibindo o par de alças de aço que prendia seu pulso ao corrimão.

— Não posso — disse Gretchen. Havia uma ligeira irritação em sua voz, como se ela não devesse ser incomodada com uma coisa tão óbvia.

Henry começou a avançar devagar na direção de Gretchen, a arma levantada. Susan sentiu a pressão do pânico no peito. Milhares de possibilidades lhe passaram pela cabeça. O que faria se acontecesse alguma coisa a Henry, se ficasse sozinha com Gretchen, com Archie ali, no chão? Olhou para o galho em suas mãos e então de relance ao redor, à procura de uma arma melhor, uma faca, um martelo, qualquer coisa. Observou uma bolsa branca sobre o bar, a chave, o pedaço de papel, os frascos de remédio vazios, mas nenhum objeto cortante. Então viu uma faca no bar. Largou o galho no chão, pegou a faca e a escondeu na mão. Henry havia alcançado Archie e estava ajoelhado ao lado dele, a arma apontada para a cabeça de Gretchen enquanto estendia a mão para o pescoço de Archie para sentir-lhe a pulsação.

— O que você fez com ele? — perguntou Henry em tom imperativo.

— Adivinha — disse Gretchen.

Susan pegou seu celular e o examinou. Continuava fora de serviço. Se conseguisse sobreviver, mudaria definitivamente de operadora. Olhou em volta à procura de uma linha fixa, mas não encontrou.

— As duas mãos onde eu possa ver — Henry ordenou a Gretchen. Disse isso por entre os dentes cerrados, e as palavras soaram duras e rápidas.

Gretchen ergueu a outra mão.

— O fígado dele está falindo. Eu tenho naloxone. Posso salvá-lo. Tem uma chave no bar. Me solta.

Susan olhou de relance para a pequena chave sobre o bar e de novo para Gretchen. Nesse instante é que a ficha caiu: não era o sangue de Archie que pontilhava toda a blusa de Gretchen. Era o da própria Gretchen. Ela rasgara a pele do pulso tentando lutar contra as algemas.

Talvez ele ainda estivesse vivo.

— Vai se foder — disse Henry a Gretchen.

— Ele vai morrer — disse Gretchen. Proferiu as palavras com calma, com completa convicção. — Me solta. Eu vou salvá-lo.

Susan olhou de Henry para Gretchen. Alguém faça alguma coisa.

— Você vai ajudá-lo — disse Henry, com a mesma convicção. — Ou eu te dou um tiro na cabeça.

Archie ainda estava vivo. Susan sentiu-se zozza. O nariz escorria por entre a gaze e ela o limpou. O muco saiu preto das partículas suspensas do incêndio e de sangue. Archie estava morrendo.

Gretchen olhou para Susan.

— Me solta — disse. Susan olhou de relance para as chaves de novo. A autoridade de Gretchen era tão absoluta que Susan hesitou.

— Susan, fica onde você está — disse Henry.

— Tic, tac — disse Gretchen.

Archie ia morrer. Como Parker. Como o pai dela. Estava morrendo diante deles.

Naquele momento, as costas de Archie se arquearam e ele teve uma convulsão. Susan não conseguia ver muito bem, não sabia o que estava acontecendo, mas podia ver as pernas se movendo e seu peito projetado no ar de forma horrível. Susan vira seu pai ter ataques como aquele.

— Ajuda ele — ela implorou. Estava chorando. Não conseguia evitar. Ela não queria estar ali. Não conseguia parar de tremer. Não conseguia pensar com clareza. Tudo parecia estar desandando.

— Susan, minha bolsa — disse Gretchen.

Susan não permitiria que Archie morresse. Nada mais importava. Gretchen parecia tão confiante. Havia sido enfermeira. Sabia o que fazer. Podia salvá-lo.

Já o salvara antes. Susan olhou em volta e viu a bolsa branca no bar, agarrou-a e a arremessou na direção de Gretchen.

Arrependeu-se assim que a bolsa deixou suas mãos. Mas não podia voltar atrás.

A bolsa voou pelos ares e caiu perto do joelho de Gretchen.

O movimento distraiu Henry, que tirou os olhos de Gretchen por um instante e gritou:

— Não!

Como um raio, Gretchen abriu a bolsa e apontou uma arma para a cabeça de Henry. Eles se encararam de joelhos. O cano da arma de ambos apenas a centímetros do crânio de um e outro. Gretchen forçou um sorriso, os olhos brilhantes, a saliva cintilando nos cantos da boca. O corpo de Archie jazia de bruços entre os dois, a convulsão acabada. Susan se deu conta de que ele talvez estivesse morto. Levou os dedos à garganta, horrorizada com o que fizera.

Gretchen sorriu.

— Você não devia trabalhar com amadores, Henry.

— Susan — disse Henry baixinho. — Sai daqui.

Era tarde demais. Susan não conseguia se mexer. Não porque estivesse petrificada de medo, mas porque estava tão furiosa consigo mesma que não conseguia pensar direito.

— Nem pensa nisso, pombinha. Você quer salvar a vida do Archie, não quer? A seringa está na minha bolsa. Vem cá.

Susan não conseguia reagir. Estava paralisada.

— Você pode salvar a vida do Archie se arrastar esse seu traseiro até aqui nos próximos minutos.

Susan limpou mais um pouco de muco sanguinolento sobre o lábio, então se obrigou a encontrar a força de vontade para se mexer. Enfiou a faca no bolso traseiro do jeans e deu um passo hesitante na direção de Gretchen.

— Sai daqui — disse Henry. — Vai para a estrada, tenta chegar à cidade.

Mas Susan continuou andando. Sentia a faca, pequena e afiada, pressionando-lhe a carne através do tecido, e era só isso que a compelia a se mexer. Fez um inventário mental dos alvos: os olhos azuis perfeitos de Gretchen, a jugular elegante. Era enfiar e torcer. A faca era pequena, claro. Mas seria só disso que Henry precisaria para arrancar a arma de Gretchen. Ou para meter-lhe uma bala entre os olhos.

À medida que se aproximava, Susan tinha uma visão melhor de Archie. Os olhos eram fendas brancas e a pele apresentava um tom azulado. Ela lutou contra lágrimas quentes e furiosas. Henry ainda verificava a pulsação de Archie com uma das mãos. Aquilo era bom sinal, disse a si mesma. Significava que havia uma pulsação a ser sentida.

Susan parou e caiu de joelhos diante de Gretchen. A jugular era melhor, decidiu. A margem de erro era maior.

— Boa menina — disse Gretchen. — Agora enfia a mão no bolso externo da minha bolsa. Lá dentro tem uma seringa com a agulha lacrada e um torniquete de borracha. Pega os dois já.

Susan pegou a seringa e o torniquete.

— Eu não sei usar isso — disse ela.

— Você vai aprender — disse Gretchen. — E se fizer cagada, o Archie vai morrer. E então eu vou matar o Henry. E você. Agora, amarra o torniquete ao redor do braço dele e encontra uma veia — disse Gretchen. — Está vendo alguma?

Susan ergueu a manga da camisa de Archie, amarrou o torniquete de borracha em volta do bíceps e segurou seu braço. A pele estava azulada e fria. Mas ela viu uma veia saliente na parte interna de seu cotovelo.

— Acho que sim — disse ela.

A voz de Gretchen era totalmente calma.

— Inclina a agulha para cima. Empurra para dentro. Você vai sentir um pequeno tranco quando ela penetrar na veia.

Susan posicionou a seringa, a agulha inclinada para o alto, e a enfiou no braço de Archie. Sentiu o tranco.

— Acho que peguei — disse ela.

— Ótimo — disse Gretchen. — Tem algum sangue na seringa?

Susan olhou para a seringa. Não havia nenhum sangue.

— Não — respondeu.

— Está tudo bem — disse Gretchen. — Puxe um pouco o êmbolo.

Susan puxou o êmbolo. Um filete vermelho entrou na seringa.

— Estou vendo o sangue — disse ela.

— Bom — disse Gretchen. — Isso quer dizer que você está em uma veia. Agora verifica se a agulha ainda está na posição e empurra o êmbolo.

Susan verificou a posição da agulha e empurrou o êmbolo. Conseguira. Ela ministrara a droga. Queria rir, chorar e dançar pela sala. Então viu o rosto sério de Henry, a arma ainda apontada para a cabeça de Gretchen. Susan puxou a seringa do braço de Archie. Não tinha nada que estancasse o sangramento no local da picada da agulha, então dobrou o cotovelo dele e segurou.

A cor de Archie começou imediatamente a melhorar.

— Agora, me dá a chave das algemas — disse Gretchen.

Susan levantou-se, pegou a chave e voltou. Disse a si mesma que precisava fazer o que Gretchen mandava. Gretchen ainda tinha a arma apontada para Henry. Susan enfiou a pequena chave na fechadura e girou-a. As algemas se abriram e Gretchen ficou livre. No mesmo instante, Susan enfiou a mão no bolso traseiro e, com um movimento mais rápido do que julgava possível, mergulhou a faca no tronco de Gretchen, abaixo da caixa torácica. Tinha sido mais fácil do que ela imaginara. A faca atravessou a cartilagem com uma série de solavancos, batendo no osso e deslizando para baixo das costelas, como se penetrasse em um queijo duro. Quando Susan recolheu a mão trêmula, a faca permaneceu no lugar, enterrada na blusa de seda de Gretchen até o punho, um anel vermelho escuro ao redor.

Ela não chegara nem perto da jugular.

Mas foi o bastante. Os olhos de Gretchen se arregalaram e sua boca formou um “ah”, por onde escapou um pequeno suspiro quando a faca a penetrou. Henry aproveitou a oportunidade e se lançou para a frente, segurando o cotovelo de Gretchen com o braço. Susan perdeu a arma de vista atrás do corpo de Henry quando este mergulhou atrás dela, arrancando-a da mão de Gretchen e lançando-a sobre o carpete.

Enquanto Henry lutava para recuperar a arma, Susan viu Gretchen deslizar a mão pelo flanco, os dedos se dobrando em volta da faca que Susan enterrara nela.

— A faca — Susan conseguiu dizer enquanto Gretchen a puxava, fazendo com que seu cotovelo estalasse. A lâmina prateada estava escorregadia de sangue. Gretchen ergueu a cabeça de Archie por um tufo de cabelo e pressionou-lhe a faca contra a garganta.

— Eu também prefiro facas — disse Gretchen.

Havia fumaça na casa. Apenas o bastante para suavizar a nitidez do aposento. Susan sequer tinha certeza de que Gretchen ou Henry tivessem percebido.

O vento havia mudado de direção.

Gretchen deslizou para trás no chão em uma variante do passo do caranguejo, um braço agora em torno do peito de Archie, o outro segurando a faca contra seu pescoço, arrastando-se apoiada nos cotovelos e quadris, puxando Archie como um animal o faria com sua presa em direção à porta de vidro que se abria para o terraço.

— Não — disse Henry. Ele jazia de lado sobre o carpete, os braços estendidos, a arma levantada, apontada para Gretchen.

— Já matou uma galinha, Henry? — perguntou Gretchen docemente, pressionando a faca contra a pele de Archie. — Tem quem use o bloco de madeira. Mas também dá para usar um cone de metal. — Ela sorriu. — Você amarra os pés do bicho, faz o pescoço passar pelo buraco no fundo do cone e então corta o pescoço. — Ela moveu a faca ao longo do pescoço de Archie, a lâmina virada de lado para não lhe cortar a garganta. — O segredo é romper a jugular, para causar o sangramento. Mas é preciso evitar a traqueia. — Ela piscou. — Dizem que é estressante para o animal.

— Nem mais um centímetro — disse Henry. — Você não vai escapar dessa.

— O corpo dele passou por muita coisa — disse Gretchen. — Quanto sangue você acha que ele aguenta perder?

Henry sentou-se, a arma ainda apontada para a cabeça de Gretchen. E então, lentamente, pôs-se de pé.

— Você não vai fazer isso. Ele é importante demais para você.

Susan pensou ter visto Gretchen hesitar. Suas sobrancelhas tremeram e ela segurou Archie com mais força, apertando os joelhos de cada um dos lados de seu tronco.

Henry estava certo, pensou Susan, ganhando confiança. Ela não mataria Archie. Acabara de salvá-lo. Mais uma vez. Precisava dele vivo. Henry deu um passo na direção dela, a arma levantada.

Gretchen cortou a garganta de Archie. A faca pressionou a carne, que se abriu gentilmente, como a casca de uma berinjela. O sangue escorreu do ferimento, escurecendo o pescoço e o peito de Archie.

Susan sentiu-se tonta da adrenalina, do choque e do medo. Desejava ter conservado o galho, para poder cravá-lo no olho de Gretchen. Não a teria matado. Mas provavelmente teria causado uma infecção. E na periferia de sua consciência, ela pensou ter ouvido o fraco som de sirenes.

Os olhos de Gretchen faiscaram na direção de Henry.

— Nunca pense que pode saber o que eu vou fazer — disse ela. A faca e a mão dela se achavam cobertas de sangue, a mão parecendo uma luva vermelha. Gretchen lambeu a lâmina e sorriu. — Gosto de homens com fígado doente — disse ela. — O sangue é tão doce.

Todas as veias na cabeça de Henry se projetavam. Susan pensou poder ver sua pulsação, acelerada, ameaçando romper a pele. Suas mãos apertavam a arma como se fosse o pescoço de Gretchen.

— Ainda não — advertiu Gretchen.

Archie ainda estava vivo. Estava sangrando, mas o sangue não jorrava. Ela não atingira a artéria. Ele estava pálido, mas ainda suave. Mortos não suavam, certo?

— Mantenha a ferida pressionada — Gretchen disse a Susan. — Diga a eles que ele estava com toxicidade hepática. Tomou uns quarenta comprimidos há mais ou menos três horas. — Os lábios dela estavam manchados do sangue da faca.

Ela sussurrou alguma coisa ao ouvido de Archie, beijou-o na face, deixando a marca sanguinolenta do lábio, pousou gentilmente a cabeça dele no chão e saiu pela porta que dava no terraço. Henry disparou um tiro na direção de Gretchen e se lançou atrás dela. Susan o ouviu disparar mais três tiros na direção da floresta.

Susan correu até o bar, pegou um pano de prato xadrez, correu de volta para Archie e pressionou o pano contra o ferimento no pescoço.

— Não morre — disse ela. Usou a manga de sua blusa para esfregar gentilmente o beijo sanguinolento no rosto dele. — É melhor você não morrer.

Lá fora, o som de sirenes ficou mais alto.

— Você ainda está vivo — disse Henry. — E ela escapou.
Havia um *sprinkler* diretamente acima da cama de hospital de Archie. Foi a primeira coisa que ele viu. A segunda coisa foi Henry, vigiando-o. Então Debbie, sentada em uma cadeira no outro lado da cama, com uma revista aberta no colo.

Ah, meu Deus. Debbie.

— Ela fugiu para o meio das chamas — disse Henry. — Havia muita fumaça. — Ele passou a mão pela cabeça. — Nós ainda estamos vasculhando a área. Ela pode ter sido atingida pelo fogo. Mas não vou acreditar até que encontremos um cadáver.

Archie fechou os olhos novamente e encolheu-se, deitado de lado. Sua pele queimava de suor e todo o seu corpo doía. Ele remexeu-se na cama, tentando encontrar uma posição tolerável. O movimento fez com que suas entranhas se contraíssem. Suas mãos tremiam tanto que ele as prendeu entre os joelhos. Abriu os olhos. Até mesmo a luz o incomodava.

— O que há de errado comigo? — ele perguntou com voz fraca.

— Abstinência — explicou Henry. — Te demos um antinarcótico chamado naloxone. Você teve uma overdose. O naloxone bloqueia os receptores de opiáceos. Agora, amigo, é encarar a síndrome de abstinência.

Archie vasculhou a memória em busca de alguma pista do que poderia ter acontecido e não chegou a nada. Os lençóis estavam frios e molhados de suor. Sua última lembrança era a de Gretchen, segurando-o. Uma cortina de dor fez seu corpo estremecer como se tivesse recebido um choque elétrico, e Archie encolheu-se ainda mais, assumindo posição fetal. Eles o tinham achado rápido demais. Mas não entendia como ela escapara. Então sentiu uma dor profunda na garganta, ergueu uma das mãos trêmulas e deixou os dedos percorrerem o

áspero curativo em volta do pescoço. Não sabia como aquilo havia acontecido. Mas sabia o seguinte: ela havia escapado. Fora tudo em vão.

Archie começou a rir.

— Ela usou você como refém — disse Henry. — Usou o naloxone para salvar a sua vida. E então cortou a sua garganta.

— Eu dormi com ela — disse Archie. Era metade da verdade.

A revista escorregou do colo de Debbie e caiu no chão de linóleo.

Henry inclinou-se sobre Archie e colocou uma das mãos em seu ombro.

— Nunca mais diga isso em voz alta — disse ele.

— Achei que vocês dois deviam saber — disse Archie. Engoliu com força, fazendo a garganta latejar. — Imagino que eu não possa tomar nenhum analgésico para a garganta — completou.

As mãos de Debbie eram punhos cerrados, os nós dos dedos, brancos, como se aquilo fosse tudo que pudesse fazer para não o estrangular com as próprias mãos. Ele não a culpava. Gostaria que ela tentasse. Gostaria que ela colocasse um travesseiro sobre a cabeça dele e o sufocasse. Seria a coisa mais misericordiosa a fazer.

— Não é real — disse ela. — O que quer que você pense que tem com ela.

Ele precisava se concentrar para falar. Cada músculo de seu corpo implorava por oxigênio, contraindo-se de dor. Nos últimos anos, perguntara-se como seria a abstinência.

Aquilo era pior.

— Eu pensei que poderia pegá-la — disse ele, em tom de desamparo.

Uma enfermeira vestindo um uniforme cor de pêssego surgiu. Ajustou a dose da intravenosa de Archie.

— Isso vai ajudá-lo a dormir — disse ela.

Archie assentiu com um aceno de cabeça, agradecido.

Henry beliscou-se na ponte do nariz.

— Quem sabe você não nos inclui no plano da próxima vez.

Ambos sabiam que Henry poderia tê-lo impedido.

— Você me deixou ir — disse Archie. — Você me deixou ir ao banheiro sozinho. Isso não foi do seu feitio.

Debbie virou-se e olhou para Henry.

Henry olhou de relance para Debbie e então novamente para Archie.

— Eu nunca permitiria que você se usasse como isca — disse a Archie. — Você tem sorte de estar vivo.

Sorte de estar vivo. Para quê? De que adiantara tudo aquilo?

— Você encontrou a confissão? — perguntou Archie.

— Encontrei — respondeu Henry.

Havia ao menos isso. Ele a conseguira.

— Você pode dar esse caso por encerrado — disse Henry com um grunhido. — Pode dar esse caso *específico* por encerrado. Catorze anos depois. Uma fugitiva sem família. E você encerrou o caso. Valeu a pena?

Archie fechou os olhos e sorriu. Sentia os remédios para dormir fazendo efeito em seu organismo. Era um pequeno alívio.

— Valeu — disse ele.

Archie devia ter cochilado, porque quando acordou novamente, Henry o vigiava do outro lado da cama. Debbie havia ido embora.

Archie inclinou-se e começou a vomitar. Henry pôs uma comadre de plástico cor-de-rosa a sua frente e ele vomitou dentro dela, o corpo tremendo. Quando acabou, tornou a se deitar, o peito arquejante.

Henry desapareceu dentro do banheiro com a comadre. Archie ouviu a descarga e uma torneira sendo aberta, então Henry voltou com a comadre vazia e depositou-a na bandeja ao lado da cama.

— Acabou? — perguntou Henry.

Archie não sabia do que Henry estava falando.

— Você está vomitando há uma hora — disse Henry. — Não se lembra?

Archie encolheu-se de lado.

— Não — respondeu.

— Rosenberg veio vê-lo — disse Henry. — E Fergus esteve aqui. Está lembrado?

Archie balançou a cabeça. Estava todo coberto, mas continuava com frio. Puxou os cobertores até os ombros. Seus braços e pernas tremiam. Tinha a sensação de que seus ossos doíam.

— Ele disse que se você passar 12 horas no naloxone, eles podem te dar mais analgésicos. Diminuir gradualmente a dose.

— Quanto ainda falta? — perguntou Archie.

Henry olhou para o relógio e ergueu as sobrancelhas.

— Sete horas — disse.

Archie sentiu mais ácido lhe subir à garganta, deitou de lado e ergueu os joelhos até o peito.

— Continua falando comigo.

Henry se sentou.

— A Susan estava comigo — disse Henry. — Quando nós te encontramos.

Archie se encolheu. Não desejava que Susan corresse perigo. Mas sabia, quando forneceu a pista sobre Heather Gerber, que se ela a entendesse, iria até o fim. Ela jamais permitiria que Henry seguisse a pista sozinho. Se tivesse causado a morte dela, ele não seria capaz de suportar a culpa.

— Ela está bem? — perguntou.

— Ela vai querer conversar com você — disse Henry. — Eu disse a ela que ela podia escrever sobre tudo. Se deixasse de fora alguns detalhes.

Henry continuou a contar a Archie sobre como Susan escapara do envenenamento por monóxido de carbono e sobre Bennett, que continuava em coma no andar de cima, e sobre como Susan identificara os outros corpos do parque.

Archie pensou em John Bannon e Buddy Anderson.

— Eu preciso falar com ela. Mas primeiro — disse ele, as entranhas se contraindo —, vou precisar daquela comadre de novo.

* * *

Os médicos e enfermeiras iam e vinham. Ele recebera 35 pontos no pescoço. Gretchen não acertara a traqueia nem a jugular. Continuavam a entupi-lo de naloxone.

Debbie voltou. Não levava as crianças e ele não pediu. Era melhor que elas não o vissem daquele jeito. Já haviam visto demais.

— Seu organismo já está limpo? — perguntou Debbie.

Ele fechou os olhos.

— Não — respondeu.

— O que você quer, Archie?

O que ele queria? Queria morrer. Era esse o plano.

Virou a cabeça para longe dela.

— Dormir — disse ele.

Archie viu uma silhueta na porta. Demorou um instante para perceber que era uma criança. A princípio, achou que fosse Ben. Sorriu e tentou se sentar. Queria que fosse Ben.

Mas não era Ben. Era o garoto do parque. Ele gesticulou para que o garoto entrasse, e ele o fez. Estava usando as mesmas roupas que usara na floresta, uma camiseta dos Ducks e shorts de brim.

— Oi — disse o garoto, levantando uma das mãos sem jeito.

— Você se lembra de mim? — perguntou Archie. — Da floresta?

O garoto procurou alguma coisa para fazer com os braços mirrados, cruzando-os e então enfiando as mãos nos bolsos.

— Posso pegar meu ninho de volta? — perguntou ele.

— É uma prova — explicou Archie.

— Ah — fez o garoto.

Archie começava a perceber, em meio a seu torpor, a tremenda coincidência que era o garoto estar ali. Ele fora visitar Archie?

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Archie.

O garoto deu de ombros.

— Minha mãe trabalha aqui — respondeu ele.

Archie pensou a respeito daquilo. Parecia plausível.

— Quero que meu parceiro conheça você — disse ele.

O garoto recuou.

— Sinto muito — disse. — Eu tenho que ir. — Ele abaixou a voz. — Você também devia ir. Minha mãe diz que hospitais são perigosos. — Ele percorreu com os olhos o quarto de hospital. — Você pode pegar infecções secundárias.

— Oi — disse Susan.

Archie andara sonhando. Olhou de relance para o relógio na parede. Entrara e saíra do estado de consciência ao longo da noite e da manhã. Fergus finalmente aparecera ao meio-dia e lhe dera morfina. Injetara-a através do dispositivo intravenoso, como Gretchen havia feito nos últimos dias de cativo.

— Você está acordado? — perguntou Susan.

Archie procurou ao redor, semidesperto, pelo garoto do parque.

— Onde está o garoto? — perguntou.

Susan correu os olhos pelo quarto e ergueu uma sobrancelha.

— Não estou vendo garoto nenhum — respondeu.

Archie esfregou o rosto e olhou para Susan. Henry lhe contara que ela havia quebrado o nariz, mas Archie não estava preparado para a realidade do fato. Ela exibia um curativo e os dois olhos roxos, que provavelmente haviam aparecido durante a noite.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Preciso falar com você — disse ela. — Sobre Davis e Nixon. Sobre Molly Palmer.

— Quem são mesmo Davis e Nixon? — perguntou Archie.

— Os corpos no parque — respondeu Susan, impaciente. — Henry disse que contou a você.

— Certo — disse Archie.

— A gente chega lá — disse Susan, sentando-se na cadeira, posicionando as pernas sob o corpo. — Mas primeiro você precisa saber de uma coisa. Eles fizeram um pronunciamento esta manhã. Indicaram um novo senador para cumprir o mandato do Castle. — As cores em seu rosto ficaram mais fortes. — É o prefeito. É Bud Anderson.

— Buddy? — perguntou Archie.

— Eu falei com ele — continuou Susan. — Disse que o *Herald* ia finalmente publicar a matéria sobre o Castle e que eu ia revelar que ele tinha mentido nos pronunciamentos, dizendo que desconhecia a questão da violação de menor. Isso é obstrução da justiça. Eu disse que o Henry estava reabrindo o caso Davis/Nixon e que tudo ia ser desvendado.

O cérebro de Archie estava confuso. Ele tentou acompanhar.

— O *Herald* vai publicar a matéria sobre Castle?

Susan balançou a cabeça.

— Não, eu menti.

— Por que você está me contando isso? — perguntou Archie.

— Porque o Buddy disse que vai falar — disse Susan. — Vai contar tudo. O que sabia e quando. — Ela fez uma pausa dramática. — Depois de conversar com você.

Buddy encontrava-se no quarto de Archie, afastando com os dedos as lâminas da persiana para espiar pela janela. Estava de pé ali havia uns cinco minutos.

— Senador — disse Archie.

Buddy riu.

— Ainda não — disse ele.

Archie conhecia Buddy havia quase 15 anos, comparecera aos seus dois últimos casamentos. Buddy fora visitar Debbie no hospital depois que seus dois filhos nasceram, pegara-os no colo. Fora jantar na casa de Archie. Recebera a família de Archie. Os dois tinham feito jornadas de 12 horas no caso Beleza Mortal. Buddy era das poucas pessoas que entendia o que fora aquilo, as longas noites, a obsessão, a violência, o sofrimento. Após o sequestro de Archie, Buddy arranjara a licença por invalidez e dera sinal verde ao projeto de identificação das vítimas. Archie lhe devia mais do que podia pagar.

E agora iria acusá-lo de assassinato.

— Você era o contato da Molly Palmer quando ela precisava de mais dinheiro do Castle — disse Archie. — Você usava o nome John Bannon, mas era você.

Buddy coçou o rosto e assentiu distraído.

— Eu fazia um bico de segurança para o Castle nos primeiros anos depois que saí da academia — disse ele. — Você nunca soube disso, soube? — Seu olhar se perdeu a meia distância e ele deu um ligeiro sorriso. — Sempre fui grande admirador dele. Ele fez muita coisa pela polícia.

— Você matou Nixon e Davis?

Buddy aproximou-se, sentou na cadeira ao lado da cama, pegou um copo de café de papel da bandeja que se achava no chão e arrancou a fina tampa

plástica branca. Tomou um gole de café e ajeitou o copo entre os joelhos.

— Eu fiz a faxina — disse Buddy. — Foi assassinato-suicídio. O garoto deixou um bilhete. — Ele ergueu os dedos, desenhando aspas no ar. — Tinha sido traído por políticos. Mencionava especificamente a história da Molly Palmer. — Ele balançou a cabeça. — Não sabia de porra nenhuma. Ele tinha ouvido boatos. Mas o garoto era sensível. — Buddy tomou outro gole de café e tornou a colocar o copo entre os joelhos. — Deu um tiro na cabeça dela e depois nele próprio. Bem no meio do Lower Macleay Park. — Ele olhou para o seu café e depois para Archie. — Sinto muito — disse. — Você queria café?

— Acho que não posso — disse Archie.

— Você me diz se mudar de ideia? Não é nenhum problema — disse Buddy.

— Ok — disse Archie.

— O garoto ligou para o senador primeiro — continuou Buddy. — Disse tchau e foda-se. Eu fui até lá e limpei o local. Levei o Bennett comigo. Ele trabalhou para o Castle por dois anos depois da faculdade, antes de eu o encorajar a entrar para a tropa. Éramos só nós dois, então não conseguimos levar os corpos pra longe. Eu me lembrei da Heather Gerber. — Ele sorriu e balançou a cabeça. — Não é engraçado como essas coisas ficam voltando? Nós arrastamos os corpos até lá. Tinha uma casa no alto da encosta. Estavam fazendo alguma reforma. Tinha hera por todo lado e uma empresa de limpeza tinha sido contratada; eles tinham um cortador de madeira. O cachorro latiu feito uma cadela no cio, mas o dono devia ser surdo, porque ninguém saiu da casa. Joguei o garoto no cortador, mas ele emperrou. Aí deixei a garota numa cova rasa. Destruí o bilhete. Limpei o cortador com uma mangueira. Larguei o carro do garoto a 1,5 quilômetro de distância. E fui embora.

— E a Molly Palmer? — perguntou Archie.

— Ela me contactou. Queria 10 mil pra sumir do mapa. Encontrei ela lá, no parque. Dei algum dinheiro, um pouco de heroína e deixei a natureza fazer o resto.

— Era heroína de má qualidade.

— Eu não enfiei a agulha no braço dela, Archie. Ela fez isso sozinha. Uma vez viciada, sempre viciada. Ela era um problema aos 14 anos. Morreu como um problema.

— Onde está o dinheiro? — perguntou Archie.

— O Bennett recuperou — disse Buddy. — Quando respondeu ao chamado.

Então Bennett não havia escorregado. Chegara lá primeiro, pegara o dinheiro e então caíra de propósito. Queria contaminar a cena do crime.

— Deve ter sido frustrante quando o Castle morreu. Tudo pra nada — disse Archie.

Buddy esfregou as têmporas com uma das mãos, como se sentisse um princípio de dor de cabeça.

— Eu sabia que a Susan Ward não ia desistir da reportagem. Mesmo com a morte da Molly. O Castle queria falar tudo. — Ele ergueu os olhos para Archie e deu de ombros. — Tive que acabar com ele. Ele era fraco. Tinha dado um jeito de confessar tudo ao Parker. Encomendei o serviço ao Bennett. Acho que eu não teria conseguido. O Bennett seguiu o Castle e o Parker até a ponte e atirou com uma pistola de ar no pneu dianteiro. O pneu se despedaçou quando atravessou a cerca, ninguém viu o buraco da bala. Talvez se o Parker estivesse sóbrio tivesse evitado cair da ponte, podia ao menos ter pisado no freio. Eu odiei fazer isso, mas alguém tinha que proteger a imagem dele. O Castle foi o melhor senador que esse estado já teve.

— Você matou o sujeito pra protegê-lo — disse Archie.

— Ele ia ser publicamente humilhado — disse Buddy. — Eu não podia permitir que isso acontecesse. Você entende, não entende? Quando você trabalha a vida toda no serviço público, não quer acabar desonrado. — Ele tomou um gole de café e seus olhos tornaram a se perder a meia distância. — Eu te protegi, sabia? Vi você uma vez. — Ele sorriu e tornou a olhar para Archie. — Com ela.

A boca de Archie ficou seca. Buddy sabia do caso dele com Gretchen? E nunca dissera nada. Permitira que Archie fosse vê-la na prisão, semana após semana, durante dois anos. Por quê?

— Não se preocupa — disse Buddy com uma piscadela. — Não vou contar pra ninguém. — Ele abaixou-se e pousou cuidadosamente o café no chão. Então levou a mão ao quadril, puxou uma semiautomática e deu um tiro no próprio maxilar. O ruído ecoou pelo quarto, e o corpo de Buddy deu um salto para trás e desmoronou sobre a cadeira. Um dos pés de Buddy pôs-se a sacudir, derrubando o copo de café. O copo balançou um instante, antes de tombar e derramar café sobre o linóleo.

Susan saiu do banheiro. Cobria a boca com uma das mãos. Na outra, segurava um gravador digital.

— Deus do céu, puta que pariu — disse ela.

Archie foi transferido para outro quarto enquanto os peritos raspavam o cérebro do prefeito das paredes.

Henry havia dormido seis horas. Raspara a cabeça. Vestia roupas limpas. Archie estava vivo. Os assassinatos do parque haviam sido solucionados. Ao que parecia, Bennett iria acordar para aprender a se alimentar na cadeia.

As coisas estavam melhorando.

Fergus estava no quarto com Archie, por isso Henry estava de pé no corredor. Debbie saiu do elevador e caminhou na direção dele. Seu rosto estava abatido.

— Eu soube o que aconteceu — disse ela. — Deus do céu, Henry.

— O Archie está bem — disse Henry. — Vamos poder entrar em um minuto.

Os olhos de Debbie se encheram de lágrimas.

— Eu não vou entrar — disse ela. — Não consigo mais olhar para ele. Você sabe disso, não sabe? Eu amo o Archie. De verdade. Mas não dá mais. Ele não me quer. Pra mim chega.

— Ele precisa de você — disse Henry.

Ela sorriu e tocou o rosto de Henry, os olhos ainda molhados.

— Ele precisa de você — disse ela.

Ele ficou observando enquanto ela percorria o corredor e entrava no elevador. Ela acenou uma vez enquanto as portas se fechavam.

* * *

Fergus saiu do quarto de Archie com as mãos nos bolsos e olhando para o chão. E trombou com Henry.

— Desculpe — disse Fergus.

— Como ele está? — perguntou Henry.

— Ainda não está fora de perigo — respondeu Fergus. Ele puxou o lóbulo da orelha cheio e coberto de penugem. — Você precisa reabilitá-lo e mantê-lo limpo.

— Ele está pronto — disse Henry.

Fergus colocou uma das mãos no ombro de Henry. Era um gesto desajeitado.

— Você não pode manter vivo alguém que não quer viver — disse ele.

Henry velava o sono de Archie.

Havia feito isso antes, depois do primeiro encontro de Archie com Gretchen. Daquela vez, Archie passara três semanas em coma induzido. Eles pensavam que o haviam libertado. Mas agora Henry percebia que Archie sempre fora prisioneiro dela.

— Você vai atender ao telefone? — perguntou Archie sem abrir os olhos.

Henry retirou o celular do bolso, examinou-o e tornou a guardá-lo.

— É um número desconhecido — disse.

Archie abriu os olhos.

— Atende — disse ele.

Henry apertou a tecla TALK e levou o aparelho ao ouvido.

— Alô? — disse ele.

— Olá, querido — disse Gretchen.

Henry pensou em desligar. Apenas desligar o telefone. Engano. Acabar com aquilo naquele instante. Inventar uma explicação qualquer, qualquer coisa, para o Archie. Mas não pôde. Por mais que Archie quisesse capturar Gretchen, Henry queria ainda mais.

— Como você conseguiu esse número? — perguntou ele.

Archie apoiou-se nos cotovelos.

— Põe ele na linha — disse Gretchen.

Henry a odiava. Odiava a si mesmo por não ter atirado nela quando teve a chance. Odiava Archie por entregar-se a ela. Odiava o sistema por não enfiar uma agulha no braço dela.

— Vai se foder, sua vadia — disse Henry.

— Ele vai se matar, Henry — disse Gretchen. Sua voz soou equilibrada e calma. — Ele vai fazer isso devagar, com os comprimidos. Ou vai enfiar uma arma na boca. Eu sou a única que pode impedir. Você sabe que eu estou certa.

Ele sabia que ela estava certa. Olhou para Archie. Ele mantinha a mão estendida para pegar o aparelho. Sua cor parecia boa. Ele estava alerta. Era sua melhor aparência desde que fora internado. Ao que tudo indicava, ele iria sobreviver.

Henry lhe entregou o telefone.

- **S**into muito pelo pescoço, querido — disse Gretchen.
Archie tocou o curativo na garganta.
- O que é mais uma cicatriz? — perguntou ele.
Ela fez uma pausa.
- Estou preocupada com você.
- Claro — disse Archie —, você sempre demonstrou essa preocupação pelo meu bem-estar.
- Debbie largou você? — perguntou Gretchen.
- Largou — respondeu Archie.
- Eu não quero que você morra.
Archie esfregou o rosto e suspirou.
- Talvez isso seja uma coisa que você não possa controlar. — O plano era tirá-lo dos analgésicos gradualmente. Então eles veriam se a saúde dele melhoraria. Se não melhorasse, ele precisaria de um transplante de fígado.
- Se eu souber que você morreu, vou matar a primeira pessoa que encontrar. A primeira pessoa que eu encontrar que me faça lembrar você. E então as primeiras crianças que eu encontrar que me façam lembrar seus filhos.
- Ela sabia exatamente como manipulá-lo, exatamente o que dizer. Ele ficava assombrado com isso. Ela o conhecia melhor do que ninguém.
- Você tem uma reação interessante à perda — disse ele.
- Estou falando sério, Archie.
A questão era que ele também a conhecia.
- Funciona para os dois lados, querida — disse ele. — Se eu ouvir falar de um assassinato em qualquer lugar com qualquer coisa parecida com a sua assinatura, o acordo está cancelado. Da próxima vez, eu vou usar uma arma.
- Abstinência, então? — perguntou ela.

— Abstinência — respondeu ele.
Henry inclinara-se para perto dele, tentando ouvir cada palavra.
— Eu gosto de pensar em você sendo incapaz de acabar com o seu sofrimento — disse ela.
— Eu gosto de pensar em você sendo incapaz de saciar a sua sede de sangue — disse ele.
Ela riu. Ele gostava do som da risada dela. Lembrava-lhe as estrelas de cinema dos anos 40.
— Gostei da nossa escapada romântica — flertou ela.
Archie olhou de relance para Henry. Henry ergueu as densas sobrancelhas.
— Se você se entregar — disse Archie —, eu vou te visitar todos os dias.
— Tentador — disse Gretchen. — Mas o preço é muito alto. Te vejo depois, querido.
— Te vejo depois — replicou Archie.
Archie apertou a tecla END CALL e estendeu o telefone a Henry.
— Gretchen mandou lembranças — disse Archie.

Um dos estagiários havia sido transferido para a mesa de Parker. A mulher de Parker fora até lá, arrumara todas as coisas dele em uma caixa e a levava embora. As flores haviam desaparecido. Susan havia roubado a caneca da Hooters, que agora se achava em sua mesa, repleta de canetas. Ela finalmente conseguira tirar a mãe do Arlington e levá-la de volta para casa. Bliss anunciou que tentaria entrar para o clube como sócia, mas Susan não tinha certeza de como a mãe abordaria o comitê de admissões do Arlington.

Ela ainda não recebera o Buda de volta.

Derek apareceu e sentou-se na beirada da escrivaninha de Susan. Ambos estavam sendo cogitados para o cargo de Parker, repórter de Polícia.

— Eu soube que a matéria da Molly Palmer vai ser publicada — disse ele.

Susan sorriu.

— De certa forma a confissão do prefeito mudou o clima — disse ela.

Derek estendeu a mão.

— O Parker ficaria orgulhoso — disse.

Susan segurou a mão estendida e a apertou.

— Obrigada.

Derek fez uma pausa, olhando para o chão.

— Você já se perguntou por que o Parker estava com o Castle naquela manhã?

— Acho que o Castle queria contar o lado dele da história — disse Susan.

— Acho que ele ofereceu ao Parker uma exclusiva.

— Ele ia roubar o seu furo — disse Derek.

Susan estendeu a mão e ajeitou a caneca da Hooters, de forma que a coruja olhasse para a frente.

— Eu sei — disse ela.

— Isso não te deixa puta?

Susan deu de ombros.

— Ele era um repórter.

Derek olhou para o relógio.

— Você quer tomar um drinque? — perguntou ele.

— Não — respondeu Susan.

— Café? — perguntou Derek.

— Não — respondeu Susan.

— Uma água? — perguntou Derek.

— Não — respondeu Susan. Ela inclinou a cabeça na direção de Derek.

Olhara-se no espelho àquela manhã. O curativo, os olhos roxos. Não estava nada bonita. — Eu vou transar com você, mas não vou me envolver emocionalmente.

— Ok — disse Derek.

Susan sorriu.

— Você tem uma cama? — perguntou, pensando na rede de dormir.

— Tenho — respondeu ele. — E ar-condicionado.

— Uau — disse ela.

Forest Park era lindo no verão. Uma brisa leve acariciava as folhas. O riacho sussurrava e revolvia-se, pássaros cantavam.

Archie estava sentado no chão, próximo de onde o corpo de Heather Gerber fora encontrado. Havia trabalhado incansavelmente naquele caso. Seus esforços haviam levado à identificação da assinatura da Beleza Mortal, à formação da força-tarefa. Henry pensava que era porque Heather fora o

primeiro homicídio de Archie. Mas não fora esse o motivo. Não fora nem mesmo porque Heather era prostituta, havia fugido de casa e mais ninguém além de Archie se importava com ela.

Fora pelo anel. Estava encravado na carne inchada da mão quebrada dela. Um anel Claddagh irlandês prateado,¹⁰ usado na mão direita com o coração voltado para fora, para longe do corpo, indicando que ela ainda se achava à procura do amor.

Ele levantou-se, sacudiu a sujeira da calça e caminhou para o carro. Henry estava à espera no banco do motorista, ouvindo rádio.

— Você está pronto? — perguntou Henry.

Archie ajustou o cinto de segurança enquanto Henry deixava o estacionamento do parque. Ainda sentia dores no fígado inchado e ficava exausto o tempo inteiro. Mas Fergus lhe prescrevera cinco comprimidos por dia.

— Estou — respondeu ele.

— Então — perguntou Henry. — Já se puniu o bastante por seus pecados?

Archie olhou para Henry. Henry ergueu as sobrancelhas.

— Quanto você sabe? — Archie perguntou devagar.

— Eu deixei que você fosse — disse Henry. — Aquela noite no Arlington. Imaginei que você tentaria alguma porra de um plano maluco pra pegá-la e permiti que você fosse porque achei que era a nossa melhor chance. — Ele esperou. Archie nada disse. — Você não quer me contar nada? — perguntou Henry.

Archie deu de ombros.

— Não — disse.

— Sério? — perguntou Henry.

— Eu não acredito em você — disse Archie. — Você nunca permitiria que eu usasse a mim mesmo como isca.

— Ah, permitiria — disse Henry.

— Não, não permitiria.

— Isso vindo do cara que comeu uma *serial killer*.

— Pensei que a gente não fosse conversar sobre isso.

Henry bufou.

— Então, 28 dias — disse, mudando de assunto. — É bastante tempo.

— Você vem me visitar? — perguntou Archie.

— Vou — disse Henry. — E a Debbie disse que levaria as crianças. Archie procurou as palavras para expressar o que tencionava dizer.

— Sabe, você pode convidar a Debbie para sair. Se quiser.

Henry inclinou a cabeça para trás e olhou para Archie como se ele estivesse louco.

— Por que eu faria isso? — perguntou.

Archie deu de ombros.

— Vocês dois ficariam bem juntos — disse ele.

— Eu tenho saído com a Claire nos últimos meses — disse Henry. — A gente queria te contar. Mas é contra o regulamento e a gente não tinha certeza do que você ia achar.

— Eu achava que a Claire era gay.

— Por causa do cabelo curto?

— Acho que sim — disse Archie.

— Moderna.

— Fico feliz por vocês. — Archie pensou nos cinco casamentos de Henry.

— Você não vai casar com ela, vai?

— Acho que o meu último divórcio nem saiu ainda.

— Bom. — Archie inclinou-se para a frente e testou o ar-condicionado. O aparelho acordou com um estalido. — Você consertou o ar-condicionado — disse ele.

Henry limpou a garganta.

— É outro carro.

Eles não fizeram menção a Gretchen. Archie virou-se e olhou pela janela. Estavam atravessando a ponte Fremont. Archie avistou os montes Hood e St. Helens, imensos no horizonte. A cidade parecia verde e bela.

Gretchen era esperta. Já estava longe a essa altura.

Mas Archie não estava preocupado.

Tocou o bolso da calça, onde se achava seu novo celular. O número era o mesmo.

E ele sabia que era só questão de tempo até que ela ligasse.

[10](#) O Claddagh é um anel tradicional irlandês, oferecido em sinal de amizade ou usado como anel de casamento. A tradição originou-se em Claddagh, vilarejo de pesca na Irlanda, no século

XVII, embora se acredite que os símbolos empregados no anel sejam muito mais antigos. (N. da T.)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu marido, Marc Mohan, e à nossa filha, Eliza Fantastic Mohan; vocês são tudo para mim. Agradeço também à minha super-agente, Joy Harris, e a seu braço direito, Adam Reed, da Joy Harris Literary Agency; a Nick Harris, do Rabineau Wachter Sanford & Harris Literary Agency; à minha editora, Kelley Ragland, e a seu assistente, Matt Martz; a Andrew Martin, George Witte, Sally Richardson, Matt Baldacci, Matthew Shear, Steve Troha e à talentosa equipe de marketing e vendas da SMP; a meus editores estrangeiros, especialmente Maria Rejt e Katie James, da Pan Macmillan; também a Freddy e Pilar DeMann, da DeMann Entertainment; a Karen Munday, da Portland Audubon Society; a Patricia Cain e Philip Miller, por seus conhecimentos médicos; a Chuck Palahniuk, Suzy Vitello e Diana Jordan, por me ajudarem a liberar minha depravação; a Lisa Freeman, por me ensinar a usar uma seringa hipodérmica (sei que isso vai ser útil algum dia); a Barry Johnson e meus outros amigos no *The Oregonian*; a minha bibliotecária e fornecedora de Nancy Drew na escola primária, a grande e saudosa Beti McCormick; aos nossos empreiteiros, Amy Frye e Eli Lewis, porque, depois de oito meses, eles acabaram o serviço e eu sinto saudades; e a cada leitor que tenha enviado uma carta ou e-mail, especialmente àqueles a quem nunca respondi (eu queria, juro, vocês não fazem ideia). Agradecimentos especiais a meus amigos, que me aturam apesar de eu nunca retornar seus telefonemas, não mandar e-mails e quase nunca sair de casa. Vou batizar cadáveres em homenagem a todos vocês.